



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Alissandra Hampel

“A GENTE NÃO PENSAVA NISSO...”:
Educação para a Sexualidade, Gênero e Formação Docente
na Região da Campanha/RS

Porto Alegre

2013

Alissandra Hampel

“A GENTE NÃO PENSAVA NISSO...”:
Educação para a Sexualidade, Gênero e Formação Docente
na Região da Campanha/RS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora:
Prof^a Dr^a Jane Felipe de Souza

Linha de Pesquisa: Educação,
Sexualidade e Relações de Gênero

Porto Alegre

2013

CIP - Catalogação na Publicação

Hampel, Alissandra

"A GENTE NÃO PENSAVA NISSO...": Educação para a Sexualidade, Gênero e Formação Docente na Região da Campanha/RS / Alissandra Hampel. -- 2013.
194 f.

Orientadora: Jane Felipe de Souza.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Educação para Sexualidade. 2. Gênero. 3. Formação Docente. 4. Currículo. I. Souza, Jane Felipe de, orient. II. Título.

Alissandra Hampel

**"A GENTE NÃO PENSAVA NISSO...":
Educação para Sexualidade, Gênero e Formação Docente
na Região da Campanha/RS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em 23 de setembro de 2013.

Prof^a. Dr^a. Jane Felipe de Souza — Orientadora

Prof. Dr. Fernando Seffner — UFRGS

Prof^a. Dr^a. Rosângela de Fátima Rodrigues Soares — UFRGS

Prof^a. Dr^a. Constantina Xavier Filha — UFMS

Dedico esta tese ao Lunelli, pois...

Somente quando as pessoas se conhecem e se respeitam, é que elas sabem valorizar os pequenos gestos que demonstram o quanto ser companheiro(a) é fazer parte do dia-a-dia e que ao final, o resultado é para todo(a)s.

*“Todo sistema de educação é uma
maneira política de manter ou de
modificar a apropriação dos
discursos, com os saberes e os
poderes que eles trazem consigo.”*

(Michel Foucault, 1996:45)

AGRADECIMENTOS...

Ao longo do processo de doutoramento tive a oportunidade de conviver com pessoas que foram importantes, direta ou indiretamente, para que este trabalho alcançasse os objetivos que havia proposto, principalmente os pessoais. Por vezes, um simples gesto ou uma pequena palavra, por vezes despercebida pelos/as próprios/as autores/as, foram importantes para vencer mais uma etapa nesse processo de desenvolvimento acadêmico-intelectual e de vida. Nesse universo de estímulos, gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a algumas pessoas:

O abraço terno da Professora Jane Felipe, como minha orientadora, foi um desses gestos, transmitindo confiança e estímulo. Foram muitos os momentos durante esta convivência onde aprendi mais do que teorias, exemplos e lições de que outro mundo é possível, de que uma nova vida é admissível... isto me transformou pessoal e academicamente e hoje consigo vislumbrar um outro horizonte desvencilhado das concepções pré-determinadas... meu sincero muito obrigado.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FACHED/UFRGS, aos/as professores/as com quem aprendi muito e especialmente aos/às funcionárias da secretaria, pela atenção que sempre prestaram, nomeando o funcionário Eduardo, como exemplo de cordialidade, profissionalismo e solidariedade que sempre fui tratada.

À banca examinadora composta pelas professoras Constantina Xavier Filha e Rosângela de Fátima Rodrigues Soares e pelo professor Fernando Seffner pelas significativas contribuições para a qualificação desta tese e posterior avaliação.

Agradecimento especial ao professor Fernando Seffner que marcou minha passagem por este programa já na entrevista da seleção do

doutorado, ao acreditar que eu tinha um trabalho importante e corajoso pela frente ao tentar discutir sexualidade e gênero na Região da Campanha.

Às colegas do Seminário de Orientação do PPGEDU/UFRGS, Dinah, Bianca, Lourdes, Liliane, Débora, Tatiane, Adriane, Maria do Rosário, Alessandra, Marta e Monise e ao colega Alexandre pelas conversas e sugestões que enriqueceram esta pesquisa, destacando o apoio da colega Suyan, que contribuiu, não só com este trabalho, mas marcou significativamente os rumos dos meus caminhos através do convívio e companheirismo cultivados dentro e fora do ambiente acadêmico.

Agradeço à URCAMP, campus Bagé, na figura do professor José Antonio Pegas Henriques, pela acolhida e disponibilidade para que a pesquisa fosse realizada.

À Cristiane Mello, amiga e ex-aluna, pelo assessoramento no grupo focal e por dividir comigo uma mesma curiosidade em estudar gênero e sexualidade na Região da Campanha.

Aos/as participantes do grupo focal que se disponibilizaram em compartilhar suas dúvidas e discutir seus medos e inseguranças diante de uma temática tão “frágil” e tão “forte”, ao mesmo tempo em que é tão velada no contexto onde estamos inseridos/as.

À Herotildes, minha professora no Ensino Fundamental, orientadora educacional da escola Dr. Augusto do Nascimento e Silva, em Santo Ângelo, que ousou, na década de 80, falar sobre “sexo” para uma 4ª série e que tenho certeza, despertou em mim, o interesse pelo tema, através de sua condução e pela forma tranqüila com que discutíamos nossas dúvidas: sem tabus, sem medos e sem preconceitos...

A meu companheiro João Paulo, incansável incentivador. Ao longo do processo de doutoramento nossos caminhos se cruzaram e juntos permanecemos.

Aos meus pais pelo carinho e estímulo para que seguisse sempre, por mais que, para eles, o tema da tese cause estranheza no contexto em que vivem.

Ao meu irmão, Fernando, pela cumplicidade e por fazer com que eu vivencie o verdadeiro significado da palavra irmandade. A Manu e Isa pela acolhida carinhosa.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-grandense, campus Bagé, na pessoa do diretor geral, professor Gabriel Rodrigues Bruno por todo apoio e incentivo recebido.

À Deus...

À todos/as que colaboraram para esta realização, independente do nome que tenham, do que tenham feito ou da forma que ocupem...
OBRIGADA!!

RESUMO

“A GENTE NÃO PENSAVA NISSO...”: EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE, GÊNERO E FORMAÇÃO DOCENTE NA REGIÃO DA CAMPANHA/RS

A presente tese discute e analisa a importância da inclusão de temas como gênero e sexualidade na formação de professores/as da Região da Campanha na perspectiva de uma Educação para a sexualidade, que contemple um viés mais amplo, levando em conta os aspectos culturais, sociais e históricos em relação a esses temas. A pesquisa de abordagem qualitativa, com aporte teórico nos Estudos Culturais e Estudos de Gênero, a partir da perspectiva pós-estruturalista, utilizou a técnica de grupo focal com aluno/as formando/as do Curso de Pedagogia da Universidade da Região da Campanha. Ao longo de seis encontros foram propostas discussões com o intuito de refletir e expor alguns conceitos relacionados com uma Educação para a Sexualidade e as representações expressas através de artefatos culturais como músicas e obras literárias que, de alguma forma, mostravam modos de ser e de viver de homens e mulheres nesta região do Rio Grande do Sul. Também foram pesquisados os currículos dos cursos de Pedagogia, bem como os currículos dos cursos de formação docente em nível médio da região, a fim de verificar se os mesmos possuíam disciplinas voltadas para as questões de gênero, sexualidade e diversidade. Os resultados apontaram a importância de entender as escolas como espaços fundamentais de formação e que os discursos e práticas por elas veiculados afetam modos de ser e de estar no mundo, trazendo a responsabilidade de refletir sobre tais espaços educativos, revendo suas ações, sua estrutura, seus conceitos e poderes. Diante da dificuldade do corpo docente em trabalhar questões em sala de aula no campo da sexualidade e das relações de gênero, esta tese pretende suscitar o debate e levantar subsídios para pensarmos de que forma podemos pensar um currículo de formação que atenda às demandas existentes nas escolas da Região da Campanha. A partir disso, seria interessante propor uma educação que pudesse incorporar as perspectivas que tematizam, exponham e discutam a sexualidade em sua complexidade, como uma construção social, cultural e histórica, ultrapassando assim a dimensão apenas biológica, como geralmente é tratada nos cursos de formação docente e nos diferentes níveis de ensino.

Palavras-chave: Educação para Sexualidade, Gênero, Formação docente, Currículo

ABSTRACT

“WE NEVER THOUGHT ABOUT IT...”

EDUCATION FOR SEXUALITY, GENDER, AND TEACHING EDUCATION IN THE AREA OF THE SOUTHERNMOST PLAINS OF RIO GRANDE DO SUL STATE

This paper discusses and analyses the importance of including themes like gender and sexuality in the teaching formative process of teachers in the *Região da Campanha* [The Southernmost Plains Area] within the viewpoint of education for sexuality to be overviewed under a broader bias, taking into account the cultural, social, and historical aspects related to these themes. This was a qualitative-approach research, including technical supplies from Cultural Studies and Gender Studies after a post-structuralist perspective, employing focal group techniques with undergraduate students in the Pedagogy Major of *Universidade da Região da Campanha* [Southernmost Plains Area University] . Across six meetings discussions were proposed aiming toward musing upon and exposing some concepts related to the field of Education for Sexuality and those representations expressed by means of cultural artifacts like tunes and literary works that somehow showed the ways of being and living in this area of the Rio Grande do Sul state. The curricula in the Pedagogy major was also researched, as well as those of middle-level teaching formation courses in order to spot whether those included courses focused on gender, sexuality, and diversity issues. Results pointed to the importance of understanding schools as ground spaces for the formative years and that discourses and practices carried out by them affect the ways of being and facing the world, allowing for the surfacing of the responsibility of looking upon the aforementioned educational spaces in the way of reviewing its actions, structures, concepts, and powers. After pinpointing the difficulties presented by the faculty bodies when working with sexuality and gender relations issues at class, this thesis intends to raise a debate and gather subsidies to allow for the thinking about a formative curriculum able to satisfy those demands now extant in the schools of the *Campanha* region. Departing from this it would be interesting to propose a sort of teaching that might embody those viewpoints that would bring up the thematic, exposing and discussing sexuality as a social construction and not as something exclusively biological, subjected to norms and bound to be discarded or left out of the school environment.

Keywords: Education for Sexuality, Gender, Teaching Education, Curriculum

SUMÁRIO

DOS APORTES PESSOAIS E PROFISSIONAIS	12
1 APROXIMANDO O FOCO DE PESQUISA	20
2 EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE: UMA BREVE HISTÓRIA	30
2.1 EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NO CONTEXTO BRASILEIRO	39
2.2 EDUCAÇÃO, ORIENTAÇÃO SEXUAL OU EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE	53
2.3 SOBRE SEXUALIDADES E CURRÍCULOS	64
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	74
3.1 OS CURSOS, OS PROJETOS E OS PLANOS	77
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA	81
3.3 OS TEMAS PROPOSTOS	86
3.4 REGIÃO DA CAMPANHA E A CIDADE DE BAGÉ	92
3.5 EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NO CURSO DE PEDAGOGIA DA URCAMP/BAGE.....	96
4 POLÍTICAS E PROJETOS NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE	104
4.1 OS PCNS – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS	104
4.2 PROJETOS BRASILEIROS SOBRE SEXUALIDADE: O QUE PODEMOS APRENDER COM ELES?.....	111
5 “EU NÃO SEI BEM O QUE FAZER COM ESTE ASSUNTO!”: SEXUALIDADE EM DISCURSO NO CURRÍCULO E NA FORMAÇÃO DOCENTE	126
5.1 “TEM QUE CUIDAR O QUE FALAR QUE É PARA NÃO SE COMPROMETER”	129

5.2 O TESTE DA CORDINHA, O PRATO DE FARINHA E A MASSAGEM NAS BOLINHAS: NARRATIVAS POPULARES EM TORNO DA SEXUALIDADE	131
5.3 “DEUS O LIVRE DE FALAR DESTAS COISAS...”: FALAR DE SEXO É FEIO?	135
5.4 “MENINO É MENINO E MENINA É MENINA”: DISCURSOS INSTITUINTES DE GÊNERO NA REGIÃO DA CAMPANHA	139
5.5 “O QUE TEM DE GAÚCHO MACHO DESFILANDO, QUE NÃO É MACHO...”: OS DISCURSOS EM TORNO DA HOMOSSEXUALIDADE	144
5.6 “VAI CHEGAR A TUA HORA, QUANDO TU FOR MOCINHA”: TEMPOS DE FALAR E DE VIVER A SEXUALIDADE	149
6 “EU QUERO DIZER QUE EU NÃO PENSAVA NISSO, MAS EU GOSTEI MUITO DE DISCUTIR”	154
REFERÊNCIAS	165
ANEXOS.....	178
ANEXO A: RECORTES DO REGIMENTO DA URCAMP	179
ANEXO B: RECORTE HISTÓRICO SOBRE BAGÉ.....	182
ANEXO C: GRÁFICOS EVOLUTIVOS DE MATRÍCULAS EM CURSOS DE LICENCIATURAS.....	187
APÊNDICES.....	189
APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - UNIVERSIDADE	190
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PARTICIPANTES.....	191
APÊNDICE C: CD COM AS TRANSCRIÇÕES DOS ENCONTROS	192

DOS APORTES PESSOAIS E PROFISSIONAIS

Ao começar a escrever esta tese e refletir sobre os motivos pelos quais cheguei nesta temática, sou levada a buscar no passado os fatos que interferiram nas minhas escolhas e que hoje deixam suas marcas delineando quem sou. Percebo em mim, os reflexos deixados, emitidos, impressos pelas pessoas, pelas situações e pelas instituições, que, em nome de uma “formação”, constituem e interferem na mulher, na profissional que me torno e que se refaz a cada dia. Contar um pouco da minha história faz com que, ao rememorar quem eu fui, entenda quem eu sou e quais as possibilidades e expectativas daquilo que pretendo ser. São as marcas deixadas, que sinalizam onde tudo começou...

Fecho os olhos e volto no tempo de minha infância e me vejo em uma escola de Ensino Fundamental, que na época ainda era chamada de “1º grau”, que atendia a uma clientela de classe baixa na cidade onde nasci e cresci. As imagens que mais colorem meus pensamentos são a de uma orientadora educacional¹, que no ano de 1982 ousou conversar com uma turma de crianças que freqüentavam a quarta série do Ensino Fundamental, sobre assuntos relacionados à sexualidade e métodos de anticoncepção.

As “aulas” eram desenvolvidas num período vago onde era facultativa a participação dos/as alunos/as e poucos eram os/as que ficavam... Na verdade, só ficavam as meninas e as tais lições sobre sexo, que eram discutidas a partir de um material elaborado pela Fundação Victor Civita em parceria com Johnson’s & Johnson’s, abordavam um conteúdo explicativo principalmente sobre o enfoque biológico da sexualidade e dos métodos contraceptivos. De qualquer forma, enfocando mesmo que parcialmente a temática da sexualidade, seus exemplos foram válidos em

¹ A professora Herotildes desenvolvia um trabalho como Orientadora Educacional que fugia as convenções da profissão na época, onde o Serviço de Orientação Educacional, apesar da nomenclatura “Orientação”, dedicava-se mais a um trabalho de correção e punição da indisciplina do que propriamente orientar aos/as alunos/as. Havia um caderno de registros denominado “Livro Verde”, onde todas as ocorrências eram descritas. Herotildes era o tipo que preferia conversar ao invés de reprimir, orientar ao invés de punir. Ela sempre dizia: “você tem que saber isso... isso faz parte da vida!!”

nome de uma ousadia de trazer para dentro da escola assuntos que eram vistos como não pertencentes aquele espaço.

Chegada a época da escolha do segundo grau, eu já sabia que queria fazer o curso preparatório para prestar o vestibular em Santa Maria para o curso de medicina. No entanto, argumentando sobre as dificuldades que seria cursar uma faculdade fora de minha cidade e longe do convívio (e por que não dizer do controle) familiar, meus pais me convenceram a freqüentar o curso de magistério, com um discurso de que era a melhor coisa para mim, “era uma profissão boa para a mulher...”

Minha primeira atuação como docente, por ocasião do estágio curricular obrigatório, ocorreu em uma turma de 2ª série. As impressões vivenciadas nesta época constituíram-se em um referencial valiosíssimo para mim, pois aprendi com crianças de periferia a valorizar e a entender as diferenças individuais e perceber as desigualdades sociais. A certeza que carrego é a de que estas crianças me ensinaram muitas coisas e as questões que me mobilizam hoje como foco de estudos originaram-se lá, no tempo em que eu, uma menina com pouco mais de 16 anos, deparei-me com situações um tanto embaraçosas dentro da sala de aula. Refiro-me a um episódio em que um aluno estava manipulando seus órgãos sexuais de forma muito natural e eu, fingi nada perceber, pois não tinha preparo nem informação para saber o que fazer diante daquela situação. Em momento algum do curso de formação docente, o tema da sexualidade havia sido discutido.

Terminado o magistério, era hora de dar continuidade aos estudos, assim, ingressei no curso de Pedagogia na cidade onde eu residia com minha família. Em 1992, fui residir no município de Dom Pedrito e acabei me transferindo para a Universidade da Região da Campanha - URCAMP, campus local, onde ingressei na primeira turma do Curso de Pedagogia. Estranhei muito a nova vida, os novos costumes, a cultura da região, seus hábitos e, por muitas vezes a vontade de desistir foi imensa, mas o peso de uma educação severa e rígida recebida de meus pais, fez com que mais uma vez eu me adaptasse a nova situação e me disciplinasse a cumprir com determinação uma escolha que eu própria havia feito.

Ao concluir a graduação em 1994, fui trabalhar como professora de Educação Infantil numa escola da rede particular. Sempre simpatizei muito com crianças pequenas e o trabalho em si me fascinava pelo modo como as crianças demonstravam o que estavam aprendendo, pela forma como viam e representavam seu mundo e pela imprevisibilidade de cada curiosidade, comentário ou resposta dada. Neste momento, senti na pele o despreparo para lidar com várias questões de um cotidiano escolar, especialmente aquelas que diziam respeito à sexualidade: como responder e como agir diante de cenas onde começavam a brotar em algumas crianças a curiosidade sobre o “xixi” do/a coleguinha? O que fazer diante dos olhares de curiosidade e das manipulações ou toques das crianças quando estavam no banheiro? Entendia aquelas situações relacionadas ao corpo e a sexualidade como extremamente embaraçosas para mim.

Paralelo a este período, como professora de escola de educação infantil, me inscrevi em um curso de Especialização em Psicopedagogia e em seguida fui convidada a lecionar na URCAMP de Dom Pedrito, no curso de Pedagogia, trabalhando com formação de professores/as. Assim, os questionamentos dos/as alunos/as e as situações compartilhadas nestes espaços de aprendizagem constituíram e se constituem em um dos grandes alicerces do processo de formação entre o que somos e entre o que nos tornamos no convívio com os/as outros/as.

Em seguida, deixei de ser professora de educação infantil e passei a trabalhar como orientadora educacional em uma escola de Ensino Médio onde vivi e os momentos mais prazerosos de minha profissão, ao conviver com alunos/as adolescentes, sempre curiosos/as e instigantes, sedentos/as por um espaço de discussão em torno de questões que lhes preocupam, mobilizam, surpreendem, dentre elas o tema da sexualidade.

Na escola onde trabalhei, alguns meninos assumiram sua homossexualidade e percebi o quanto esta postura dos alunos incomodava alguns/algumas professores/as e os/as deixava desacomodados/as, perplexos/as e até mesmo apavorados/as, ao se depararem com situações ou discursos aos quais não estavam acostumados/as. As reações eram muitas: alguns/mas docentes fingiam não perceber; outros/as “aceitavam”, mas ao saírem da sala de aula e se reunirem na sala de professores/as

comentavam como era difícil trabalhar com estas questões e muitas vezes acabavam emitindo opiniões preconceituosas ou até mesmo fazendo chacotas a respeito da conduta desses/as alunos/as. No entanto, havia outro grupo de professores/as que, embora em número reduzido, já conseguia perceber e aceitar as diferenças e fazer do processo pedagógico com os/as alunos/as, oportunidades de desenvolvimento de uma nova cultura de respeito e aceitação tanto do corpo como da própria sexualidade.

Em função do meu envolvimento com a formação docente, resolvi cursar o mestrado na Universidade Federal de Santa Maria onde desenvolvi uma dissertação a respeito da Formação de professores no Ensino Superior.

Nos últimos anos, quando atuei como professora de Ensino Superior², e também como coordenadora do Curso de Pedagogia procurei, sempre que possível, introduzir em cada uma das disciplinas com as quais trabalhei, alguma temática ligada à sexualidade e às relações de gênero, visto que em geral, os planos de curso não contemplam essas discussões. Pensando na necessidade de aprimorar meus conhecimentos nessas discussões decidi então cursar algumas disciplinas como aluna PEC no PPGEDU/FACED/UFRGS, na linha de pesquisa “*Educação, Sexualidade e Relações de Gênero*”. O contato com novas leituras fez com que eu redimensionasse meu referencial sobre a formação docente, buscando embasamento teórico na perspectiva dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais.

É importante salientar o quanto os Estudos de Gênero trouxeram para dentro da academia a discussão de temas que até então eram pouco explorados, por serem considerados menos importantes no cenário teórico,

² Professora na Universidade da Região da Campanha, no Campus de Dom Pedrito onde atuei por 12 anos (1996-2008) e desde 2008 até fevereiro de 2012, professora no Campus sede em Bagé. Trabalhei com as disciplinas de Fundamentos Educacionais (Sociologia e Filosofia), Metodologia da Alfabetização, Epistemologia Genética, Teoria e Prática Pedagógica, Gestão da Educação, Educação de Jovens e Adultos, Metodologia da Pesquisa e Análise Estatística, Políticas Educacionais, Estudos Monográficos, Sociologia da Educação, Supervisão de Práticas de Ensino na Educação Infantil e Metodologia da Educação Infantil, Políticas e Processos de Gestão Escolar e Estágio em Gestão Escolar. Atualmente desenvolvo as funções de Supervisora Pedagógica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-grandense e também ministro os componentes curriculares de Orientação Educacional e Metodologia da Pesquisa nos cursos de nível médio profissional e pós-médio.

tais como família, sexualidade, trabalho doméstico, como refere Guacira Louro (1997). No campo dos Estudos Culturais, o conceito de cultura deve ser entendido como “um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser” (SILVA, 2002:134). Autores/as como Stuart Hall (1997), Tomaz Tadeu da Silva (2001), Dagmar Meyer (2003) e outros/as, concebem a cultura como um espaço de luta e contestação por meio do qual os sujeitos, em seus grupos sociais específicos, cada qual com suas singularidades, vão se constituindo e produzindo sentidos. Desta forma, tanto os Estudos Culturais quanto os Estudos de Gênero trouxeram interessantes e profícuas contribuições para as pesquisas em educação, ampliando assim o debate para além dos muros escolares, focando outras instâncias culturais como objetos de investigação, bem como outros espaços além das instituições escolares.

Esta tese procura se aproximar da teorização pós-estruturalista de análise, por acreditar no potencial teórico-metodológico da referida abordagem, pois esta traz a possibilidade de trabalho com realidades e questões parciais aceitando que os materiais empíricos e as análises podem suscitar outras indagações, outros focos a serem questionados. Nesta perspectiva, não há a obrigação de procurar as causas e os porquês ou mesmo descobrir verdades que poderiam estar escondidas em algum lugar, de forma unitária, absoluta.

A partir desses referenciais, busquei discutir e analisar a importância da inclusão de temáticas como gênero e sexualidade na formação de professores/as da Região da Campanha³, na perspectiva de uma Educação para a sexualidade que contemple um viés mais amplo, levando em conta os aspectos culturais, sociais e históricos em relação a esses temas. Segundo Felipe (2007: 2) se faz necessário,

...acionar algumas discussões possíveis no campo da educação sexual na escola, uma vez que esta, especialmente após o advento da AIDS, tem

³ A Região da Campanha compreende um significativo percentual do território gaúcho e está localizada na metade sul do estado do RS, constituída por dezoito municípios, com uma população total, segundo dados preliminares do IBGE de 2010, de aproximadamente 776.214 habitantes.

discutido a sexualidade, em geral pelo viés do medo (da doença e da morte), veiculando, muitas vezes, um certo pânico moral, em nome de uma política da prevenção. Considero importante que as discussões sobre corpos, gêneros e sexualidades no campo da educação possam ir além das preocupações mais imediatas das políticas de prevenção.

Portanto, o problema de pesquisa reside em investigar de que modo as temáticas de gênero e sexualidade são pensadas e discutidas e de que forma poderíamos pensar um currículo de formação docente que atendesse as demandas existentes nas escolas da Região da Campanha?

Para discutir tais questões, constituí um grupo focal composto de onze alunas e um aluno concluintes do curso de Pedagogia da URCAMP de Bagé no ano de 2009, com o objetivo de levantar algumas situações trazidas por elas/e em relação ao tema. Foram realizados seis encontros para a discussão, de uma hora e meia cada, na sala da brinquedoteca do curso com temas propostos, de acordo com a dinâmica de cada encontro, como ficará melhor compreendido no capítulo que se refere aos aspectos teórico-metodológicos desta tese.

Portanto, tentando organizar o percurso metodológico da pesquisa, na composição de seu *corpus*, primeiramente fiz um levantamento sobre a situação dos cursos de formação docente tanto de nível médio⁴ como de nível superior em toda a região da campanha, tentando localizar em que espaços estas formações estavam ocorrendo até o ano de 2009. Foram coletados subsídios necessários para elaboração da tese através de análise documental, junto aos órgãos competentes (Secretarias de Educação, escolas e universidades da região⁵, em seus cursos de Pedagogia). Estes levantamentos iniciais foram importantes para compor um panorama da formação docente na região, porém, priorizei o trabalho realizado com o grupo focal.

⁴ Por sugestão da banca na qualificação, apenas foram utilizadas para escritura da tese, dados referentes aos cursos de formação em nível superior, e neste caso, especificamente, os dados da URCAMP e do curso de Pedagogia, desprezando os dados das escolas de formação em nível médio.

⁵ Entenda-se nesta composição a UERGS (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul), UNIPAMPA (Universidade Federal do Pampa) e URCAMP (Universidade da Região da Campanha)

A partir da constituição do grupo focal foi possível levantar as representações veiculadas sobre sexualidade e gênero no espaço de formação de professores/as, atreladas ao contexto cultural da Região da Campanha, buscando os discursos recorrentes, os silêncios, bem como suas rupturas. Neste sentido, a pesquisa justificou seu potencial de análise teórica e metodológica no universo educacional, mais especificamente na formação docente existente neste espaço geográfico, apontando algumas peculiaridades desse contexto e trazendo a possibilidade de fornecer indicadores para futuras reestruturações na formação de professores/as.

Organizando a sustentação teórica da tese, explana-se um breve histórico da educação sexual no Brasil, estabelecendo algumas distinções desse campo de estudos, e abordando a questão dos currículos dos cursos de formação de professores/as e as pedagogias da sexualidade instauradas no meio escolar. Discuto os temas da educação para a sexualidade, utilizando autores como Guacira Louro, Jeffrey Weeks, Judith Butler, Richard Parker, Jimena Furlani, Jane Felipe, Helena Alltmann, Débora Britzman, Constantina Xavier Filha e outros/as agregados na caminhada de meus estudos. Também amparam minha base de formação teórica, o conhecimento produzido ao longo dos anos pelas pesquisas realizadas dentro desta linha de pesquisa no PPGEduc⁶ da UFRGS, mais especificamente no GEERGE⁷, como as de Jane Felipe (2000), Bianca Salazar Guizzo (2004), Jimena Furlani (2005), Rosangela Soares (2005), Fernando Seffner (2003), Alexandre Toaldo Bello (2006), Ruth Sabat (2003) e de outros trabalhos desenvolvidos nesta temática.

Na seqüência, procurei fazer um mapeamento dos cursos em toda a região, verificando se existiam nos currículos, disciplinas que contemplassem esse tema, identificando de que forma acontecia a formação docente para trabalhar com o tema da sexualidade e das relações de gênero, entendidos aqui como indissociáveis.

Usarei aqui o termo educação para a sexualidade (FELIPE 2007, XAVIER FILHA, 2009), por entender que ele se pretende mais amplo,

⁶ Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷ Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero.

enfocando os aspectos históricos, sociais e culturais na construção das identidades de gênero e identidades sexuais. Problematizo também os termos “educação sexual” e “orientação sexual”, que aparecem em muitos outros textos sobre a temática da sexualidade e que são predominantes na literatura disponível.

Em tempo, a escolha do título da tese faz uma referência ao espaço geográfico onde a mesma foi elaborada e também é uma demonstração de como é difícil discutir sobre a sexualidade em determinados espaços, principalmente, os de formação, onde o espanto de um dos sujeitos, ilustra a dificuldade e a ausência destes questionamentos por parte das agências acadêmicas.

1 APROXIMANDO O FOCO DE PESQUISA

Atualmente com a proliferação dos meios de comunicação de massa e com o fácil acesso que se tem à tecnologia de um modo geral (a internet, por exemplo), percebe-se uma potencialização das sexualidades na nossa cultura, que se expressa através do crescente número de publicações que se voltam para ensinar como e de que forma devemos “viver a sexualidade”. Há uma propagação desenfreada através de programas de TV (novelas, seriados, programas de auditório), livros, filmes e tantos outros artefatos culturais que veiculam técnicas e produzem verdadeiros manuais, ditando padrões de beleza, de comportamento e de sexualidade. Percebe-se com isso, a existência de um movimento voltado para a prática sexual e para os padrões culturais ditados por ele.

Neste contexto, faz-se necessário repensar o papel da escola em relação a esses temas que permeiam a vida não só de jovens e crianças, mas de todos nós, que estamos inseridos nessa cultura. Em geral, quando esse tema é discutido na escola, o enfoque é, normalmente, pelo viés biológico onde a heterossexualidade é tida como a norma.

Muitas vezes, nas instituições escolares, as questões colocadas a respeito da sexualidade não são expostas nem discutidas profundamente. Geralmente essas questões não vão além daquilo que é visto como certo e errado, moral e imoral, adequado ou não, tornando-se alvo constante de fiscalização por parte das escolas, da família e da sociedade em geral. (FELIPE; GUIZZO, 2004:36)

Abordar temas como esses na escola não é tarefa fácil. Muitas vezes, mesmo que os/as professores/as tenham boa vontade e desejo de trabalhar determinados assuntos, não encontram apoio em seus pares, ou mesmo na coordenação pedagógica e direção da escola. Os/as professores/as sentem-se desamparados/as, pois além de apoio, lhes falta formação técnica para lidar com questões consideradas tão complexas na

nossa cultura. Os cursos de formação, em geral, não contemplam as temáticas de gênero e sexualidade na sua grade curricular e o/a professor/a, sem espaço de discussão, vai em busca de “manuais” ou de profissionais que quase sempre fogem às expectativas dos/as alunos/as, visto que o enfoque utilizado pauta-se somente na prevenção. A dimensão do desejo e do prazer é praticamente ignorada.

“Hoje tem um grupo de profissionais que vão nas escolas, são técnicas do estado, mas elas vão em qualquer escola que chamar e falam sobre sexo. Mas falam sobre os órgãos e como se cuidar para não engravidar ou não pegar doenças... e é só isso...”
(Joanna, 08/09/2009)

Entender que as escolas são espaços importantes de formação e que os discursos e práticas por elas veiculados interferem nos modos de ser e de estar no mundo, traz a responsabilidade de refletir sobre tais espaços educativos, revendo suas ações, sua estrutura, seus conceitos e poderes. A partir disso, seria interessante propor um ensino que pudesse incorporar as perspectivas que tematizem, exponham e discutam a sexualidade como uma construção social e não como algo unicamente biológico, normatizado e passível de ser deixado de lado ou de fora do meio escolar. Como afirma Guacira Louro (1997:64), “é indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem”.

Passo a narrar agora, algumas situações vividas na minha prática docente que me impeliram a aprofundar meus estudos nesta temática. Ressalto que ao longo da tese outras situações, oriundas então dos/as participantes da pesquisa, foram analisadas mais detidamente.

Situação 1:

No ano de 2005 trabalhei com um grupo de professores/as em um projeto de qualificação oferecido por um convênio entre a universidade (URCAMP), o governo do estado do RS e a UNESCO. Ao iniciar as discussões sobre diversidade cultural, lancei algumas palavras no quadro para que os/as participantes colocassem suas idéias a respeito do que estava sendo discutido. Algumas confusões se fizeram em torno dos conceitos de raça e etnia, mas a maior discrepância acontecida refere-se ao entendimento deles/as sobre o conceito de gênero: a maioria associou a uma categoria da língua portuguesa, determinado como classe gramatical, outros/as associaram ao sexo masculino e feminino, mas nenhum/a deles/as percebia gênero como uma questão cultural, construída. Ao ouvi-

los/as, senti necessidade de refletir sobre alguns eixos conceituais com os/as alunos/as que pudesse fazê-los/as perceber a importância de se trazer tais discussões para dentro da sala de aula. Mais que isso, senti a necessidade e a emergência em abrir espaços de discussão para estas questões que, naquele momento, ficavam muito claras que não faziam parte daquele meio onde todos/as eram professores/as atuantes em sala de aula.

Situação 2:

Em 2006, como supervisora de prática de ensino, fui visitar uma aluna do curso de Pedagogia. Pude presenciar o constrangimento dela ao perceber que um aluno de seis anos que sentava na última classe da sala de aula se masturbava durante a minha visita. Sem saber o que fazer, ela simplesmente ignorou a situação, mas percebi que havia ficado muito incomodada pelo que tinha acontecido. Soube depois, que quando fui embora, ela havia colocado o menino de castigo e que havia chamado a mãe da criança porque ele andava só se masturbando em sala de aula.

Situação 3:

Em outra ocasião, no ano de 2006, convidada para participar de uma festinha em comemoração ao dia da criança, compareci em uma escola de educação infantil numa classe com crianças de 4 e 5 anos. Assim que cheguei, um menino ficou me observando de maneira curiosa. Pouco depois, ele se aproximou e perguntou:

— “Ô loirinha! Quer namorar comigo?! Eu tenho um “pau” bem grande aqui oh! Quer ver?!” A reação da professora foi imediata: pegou o aluno pelo braço e o levou para a direção da escola, que mandou chamar a mãe para levá-lo embora.

Situação 4:

Fui professora de filosofia no ensino médio e ao desenvolver minhas aulas, meus/minhas alunos/as sempre tendiam a puxar assuntos relacionados às questões de sexualidade. Sempre que possível, abria espaço para estas discussões e percebia cada vez mais, a necessidade das escolas abrirem seus currículos e trabalharem as questões da sexualidade, enfatizando mais os aspectos culturais e sociais em detrimento dos preceitos normativos a respeito de métodos de prevenção das DSTs e gravidez precoce. Na fala de um aluno, no ano de 2005, a curiosidade expressa pelas questões do corpo, do prazer: - “Gostaríamos de poder conversar com todos os professores abertamente... porque em casa não se pode falar sobre isso e aqui, tem alguns professores que não querem falar, tem medo, vergonha e alguns até se irritam com isso...”

Poderia acrescentar aqui várias outras situações vivenciadas também nos cursos universitários onde atuei, ressaltando que as pessoas têm necessidades ou desejos de falar sobre tais temáticas. Diante de tais

fatos coube questionar o que teriam em comum as situações descritas anteriormente?

Acredito que elas indiquem, talvez, a dificuldade que muitos/as dos/as professores/as tem diante das situações que envolvem sexualidade e gênero e a necessidade de discutirmos a formação docente. Para tanto, algumas questões de pesquisa serviram como eixos norteadores para as discussões aqui propostas para análise:

- a) O que pensam os/as futuros/as professores/as sobre educação para a sexualidade na escola?
- b) Quais as representações a respeito da sexualidade que perpassam o contexto de formação dos/as docentes?
- c) Como os cursos de formação, através de seus currículos e práticas, estão apresentando a temática da sexualidade e das relações de gênero?
- d) De que forma os cursos de formação docente auxiliam os/as professores/as na veiculação de suas representações e de suas práticas?

Considerando o exposto, a partir da atuação que tive como docente nos cursos de formação de professores/as em nível de graduação e as que ainda tenho em projetos de extensão que visam a formação continuada dos/as mesmos/as, tenho tentado provocar algumas discussões através das disciplinas que ministro. Cada vez mais, parece-me imprescindível a necessidade urgente de uma mudança curricular nos cursos que formam professores/as, independente do nível em que irão atuar. As situações citadas anteriormente nos mostram que falar de sexualidade e tudo o que este tema suscita ainda causa muita estranheza e mal estar para muitos/as docentes

A escola, muitas vezes, propõe determinados padrões nitidamente estabelecidos e dicotômicos entre o feminino e o masculino, como mundos separados. Apesar de muitas reestruturações curriculares estarem acontecendo, pouquíssimas oportunidades de inserção desta temática nos currículos é percebida, mesmo que a educação para a sexualidade seja

objeto de intensos debates no interior de alguns movimentos sociais brasileiros, nos últimos trinta anos. A partir da crítica aos modelos prescritivos e normalizadores, reforçados em ampla escala pelas práticas disciplinares da educação escolar, a sexualidade passa a ser considerada, por seus partidários e defensores, como tema estratégico para questionar as relações de poder entre homens e mulheres e entre determinados grupos, cujas identidades sexuais e de gênero são socialmente mais valorizadas que outras.

Para discutir essas questões, busquei algumas contribuições de Michel Foucault (1985, 1988, 1989, 2001, 2004), filósofo francês, que discutiu e aprofundou a discussão sobre sexualidade, poder e saber.

Nessas obras⁸, Foucault não se preocupou muito em apresentar a história das condutas ou das práticas sexuais. Sua preocupação ao escrever sobre como se construiu uma experiência da sexualidade nas sociedades ocidentais e na Antiguidade, apresenta possibilidades inovadoras para a reflexão dessa temática na contemporaneidade.

Ao escrever a obra intitulada *História da Sexualidade I – a vontade de saber*, Foucault (1988) focalizou alguns pontos, historicamente significativos, que nos provocam a olhar para a sexualidade no âmbito da cultura. Suas análises nos provocam a pensar de que forma a escola lida com essa temática refletindo sobre as múltiplas formas que o exercício da sexualidade assumiu ao longo do tempo, ora sendo tolerado e vivenciado como uma prática comum, ora sendo entendido como algo pecaminoso, sujo e condenado ao desaparecimento.

Para Foucault, até o século XVII, as questões da sexualidade ainda não buscavam pelo segredo, vigorava-se certa franqueza em relação ao “uso dos prazeres”, e as palavras não eram tão disfarçadas a ponto de serem reduzidas a um vocabulário do que era ou não permitido dizer.

⁸ Refiro-me as seguintes obras: *História da sexualidade 1: a vontade de saber*(1998) ; *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres* (1998) e *História da sexualidade 3: o cuidado de si* (1985).

Todavia, no início do século XVIII o pensamento burguês dá origem à Idade da Repressão, que coincide com o desenvolvimento do capitalismo.

[...] essa repressão que se pode ainda fazer coexistir, discretamente, em que o medo do ridículo ou o amargor da história impedem a maioria dentre nós de vincular: revolução e felicidade; ou então, revolução e um outro corpo, mais novo, mais belo; ou, ainda, revolução e prazer” (FOUCAULT, 1998:12).

Como o próprio autor mostrou, designar o sexo seria cada vez mais difícil. Para domá-lo num plano real tornar-se-ia necessário reduzi-lo ao plano da linguagem, ou melhor, controlá-lo na sua livre circulação no discurso. Dessa forma, percebe-se que Foucault considerou o silêncio como um conjunto de estratégias empregadas para a montagem do discurso.

Os estudos produzidos sobre sexualidade, observados no desenrolar do século XIX, descreviam as perversões e padrões de conduta dos indivíduos, visto que nestes discursos havia o enraizamento da cultura cristã, cuja construção da família baseava-se em casamentos monogâmicos entre casais heterossexuais, de forma que dessem continuidade a espécie humana. O Ocidente definiu novas regras no jogo dos poderes e prazeres, configurando a fisionomia rígida das perversões. (FOUCAULT, 2002: 96). Esses discursos explicavam os comportamentos e ações do homem por meio das Ciências Biológicas, como forma de garantir a preservação da instituição familiar. No decorrer do século XX, estudos introduziram a problematização das questões de gênero, questionando a idéia de uma essência masculina e ou feminina, que até então explicava e justificava as desigualdades entre os sexos.

No cotidiano da escola é possível verificar que os discursos relacionados ao exercício da sexualidade são muitos, porém na maioria das vezes, não aparecem nos currículos escolares e nem nos cursos de formação de professore(a)s como conhecimento, mas sim como situações/problema. Tanto nos cursos de licenciatura quanto nas escolas, tais discursos e situações-problema são construídos no âmago das relações pessoais.

Em geral, quando nos remetemos a padrões e modelos que devem ser observados pelo conjunto da sociedade como exemplos a seguir, temos a tendência a pensar que para cumprir tais padrões é necessário algum tipo de repressão. Esta, por sua vez, está associada a proibições ou mecanismos de controle. No caso da sexualidade, esse controle em torno das condutas e das práticas sexuais, essa censura instaurada em torno do sexo, provocou, no decorrer da História, uma explosão discursiva que regulou o sexo não de forma proibitiva, mas sim por meio de discursos. Discursos que produziam sujeitos e sexualidades periféricas como “meninas precoces, colegiais ambíguos, serviçais e educadores duvidosos, maridos cruéis ou maníacos, colecionadores solitários, transeuntes com estranhos impulsos” (FOUCAULT, 1998:41).

Discursos que informavam o lugar desses sujeitos como as casas de correção, colônias penitenciárias, tribunais ou mesmo asilos. Foucault questiona a atenção que é dada para essas formas de sexualidades periféricas e questiona as diferentes instâncias que se preocupam em descrever e classificar a sexualidade. A sua preocupação volta-se para a “colocação do sexo em discurso”. Em outras palavras, o seu interesse é voltado para saber quem fala de sexo, como se fala, em quais lugares e quais são os pontos de vista defendidos.

A História da Sexualidade, tal qual é apresentada por Foucault faz pensar nas diferentes instâncias educativas e, mais especificamente nas escolas. Olhar em volta e para dentro das instituições escolares, formadas por sujeitos que lidam cotidianamente com o prazer-poder-subjetividade. Sujeitos que operam silenciosamente ou explicitamente por múltiplos dispositivos de poder, definidos por Foucault como:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. (...) Entre esses elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. (...) O dispositivo

tem função estratégica dominante (FOUCAULT, 2004:244).

Os dispositivos de poder visam controlar a vontade do indivíduo e da sociedade, atuando em rede, com a intenção de obter determinado fim. Neste sentido, a sexualidade é considerada por Foucault como um dispositivo histórico de poder, que se inscreve nas diferentes relações, permitindo o controle sobre o sujeito e a sociedade.

A partir das colocações de Foucault podemos relacionar dispositivos de poder e Educação, percebendo os processos escolares como formadores e reprodutores de desigualdades.

É importante considerar que o tema da sexualidade é atravessado pelas nossas experiências individuais e coletivas. Mas, para compreender esses movimentos de busca de novos significados, movimentos e tensões, é importante lembrar que, os sujeitos produzidos e produtores de discursos estão situados numa dada rede de relações. Assim, a sexualidade aparece como um componente localizado capaz de estimular a produção de tensões. A localização do contexto e da especificidade aponta como os saberes e as experiências vividas são importantes elementos de resistências. Isso significa que a sexualidade, enquanto dispositivo de poder, atua não apenas por meio do currículo, mas também nas relações pessoais, nas brincadeiras dos/as alunos/as, nos risinhos e piadas, permitindo assim a instalação do preconceito sobre determinadas formas do exercício da sexualidade.

Nesse ponto é possível questionar a sexualidade no currículo de formação de professores/as, de modo a valorizarmos outras formas de relação e produção de conhecimentos, permeadas por modos de ser e de viver. Conhecimentos que também possam ser instáveis, transitórios, mas que sendo transitórios sejam permeados por experiências vividas e não apenas contadas por determinados grupos que estão autorizados a falar.

A potencialidade do conceito de poder para pensar o currículo torna-se fundamental, uma vez que devemos entendê-lo não apenas em seus aspectos coercitivo ou negativo, como algo que já está dado, pronto, acabado e que se exerce verticalmente. Ao contrário disso, o poder pode ser visto como difuso no social e nas relações. Nesse movimento, é

possível entender que o poder não deve ser procurado em um ponto central, ele está em toda parte. Assim, ao pensar no currículo como produto de uma elaboração humana, é possível admitir que ele também fabrica, em certa medida, os sujeitos.

Desta forma, o poder permeado nas disciplinas escolares utilizando-se de inúmeros mecanismos de vigilância e controle, manipula o corpo, fragmenta e, ao mesmo tempo, o recompõe. Um poder que atua ao nível dos saberes e produz formas de estar no mundo e de conhecê-lo. A ritualização do ensino, aliada ao poder disciplinar, faz com que as escolas se proponham a manter os/as alunos/as dentro de padrões considerados normais.

No dia-a-dia a escola cria, em alguma medida, seu ritual de organização, trabalhando simultaneamente saberes e valores, estabelecendo rotinas e disciplina, hábitos de civilidade e de racionalização. Com isso, é possível dizer que a excessiva preocupação com a normalidade, com o passar do tempo, se torna notável nos sujeitos, que aprendem exatamente o que e como devem fazer, vestir, falar, etc., tornando-se assim, sujeitos disciplinados.

Aqui vale lembrar de alguns discursos da escola moderna como obrigatoriedade de filas, separação de meninos e meninas, uso do uniforme, proibição de boné e de outros acessórios que trabalham com a perspectiva de um sujeito disciplinado. Nesse contexto, Guacira Louro afirma que,

currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, locais das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e ao mesmo tempo seus produtores”. (LOURO, 1997: 64)

No entanto, questionar esses discursos não é uma tarefa fácil, olhar para esses discursos de modo diferenciado é, sabidamente, colocar em confronto relações de poder. Em relação a isso, o discurso de que o/a professor/a deve dar o exemplo, ser o modelo, o padrão não está presente

apenas na escola, mas na sociedade em geral, nas novelas, filmes e romances.

A sexualidade aparece como um campo de definição das normas que regem as relações pessoais entre professores/as e alunos/as instituindo dois grupos, muitas vezes ocasionando classificações entre aquilo que considera normal ou anormal. É importante considerar, no entanto, o modo como realizamos determinadas escolhas e não outras. Duvidar, discutir, problematizar, suspeitar da norma, colocando-a em suspensão, discutindo aquilo que é tido como natural.

Para que essa disposição de questionar nossas próprias ações provoque alguma transformação, esse cuidado de si está implicado no cuidar e no olhar escrutinador sobre o outro. Guacira Lopes Louro (1997:141) nos diz que tal disposição para mudança “precisará ser acompanhada da decisão de buscar informações, de discutir e trocar idéias, de ouvir aqueles e aquelas que histórica e socialmente foram instituídos como outros”. Neste sentido, o currículo pode se constituir em uma ferramenta importante para promover tais discussões.

2 EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE: UMA BREVE HISTÓRIA

A história da educação sexual está muito marcada pelas questões ligadas à repressão sexual e com estudos sobre sexo. A necessidade de se ter uma educação sexual na escola surgiu mais em função da repressão sexual, estabelecida pela sociedade por volta do século XVIII, do que uma ampliação dos currículos escolares, no intuito de conter e educar as práticas sexuais emergentes. Segundo Marcos Ribeiro (1990), na tentativa de justificar e compreender as origens da repressão sexual, várias hipóteses foram elaboradas, como referem os estudos de Jos Van Ussel (1981), Edgar Gregersen (1983), Marilena Chauí (s.d.), dentre outros.

De acordo com Gregersen (1983) a partir do século XVII foram encontrados três momentos históricos que poderiam descrever atitudes significativas sobre a repressão sexual, a saber: o puritanismo na Inglaterra, o jansenismo, estruturado a partir das doutrinas Agostinianas e o vitorianismo, no século XIX.

O puritanismo teve sua origem no calvinismo, na Inglaterra do século XV, durante o reinado de Elizabeth I, e pregava um rígido padrão espiritual e moral, com base na vontade, na firmeza do caráter e na introspecção. Os médicos, àquela época, disseminaram as ideias de repressão, justificando cientificamente a necessidade do controle sexual para evitar as doenças venéreas.

(...) mesmo não se opondo ao sexo dentro do casamento, os puritanos eram intolerantes com o adultério e a idolatria ao sexo num sentido prático, virtualmente sem paralelos na história da Cristandade. Foram eles que desenvolveram (particularmente no seu ramo americano) uma extraordinária paranóia sobre orgias sexuais satânicas, o que levou a uma metódica e disseminada perseguição às bruxas (GREGERSEN, 1983:17).

O segundo movimento ocorreu também no século XVII, quando a Igreja Católica fez renascer as doutrinas Agostinianas, sob a denominação de Jansenismo. Tal movimento surgiu basicamente como uma retomada de

tópicos fundamentais da teologia de Santo Agostinho (354-430), especialmente das ideias de corrupção da natureza humana pelo pecado original e da centralidade da graça de Deus na salvação. Os principais opositores da teologia jansenista foram os jesuítas, que tinham uma compreensão mais otimista da natureza humana e conferiam maior importância à liberdade e à vontade do homem para a salvação. O movimento jansenista sofreu muitas perseguições por parte da Igreja e dos reis, que o viam como uma ameaça à monarquia. O referido movimento foi proibido e violentamente disperso no século XVIII.

Esse movimento reforçava o dano causado pelo pecado original e os males da luxúria à natureza humana. Apesar do Jansenismo ter sido declarado heresia, muito de sua preocupação moral com os perigos do sexo persistiu na Holanda, mesmo após ter sido oficialmente desaprovado, e sobreviveu na Irlanda, onde o medo e a repressão da sexualidade, são considerados assombrosamente grandes, sem paralelos no mundo católico romano ou talvez em nenhuma outra parte (GREGERSEN, 1983:17).

O terceiro movimento iniciou-se na Inglaterra, com o reinado da rainha Vitória (1819/1901), período denominado de vitorianismo no século XIX.

A extrema afetação do movimento foi acompanhada por uma crença nos perigos da perda de sêmen, não no sentido judeu-ortodoxo de poluição, mas na crença pseudocientífica de que toda ejaculação era debilitante e que a relação sexual, mesmo dentro do casamento, deveria ser evitada o máximo possível para o maior benefício da sociedade (GREGERSEN, 1983:17).

Em *A Repressão Sexual* (1981), Jos Van Ussel preocupa-se em questionar e analisar as causas, formas e origens dessa repressão. Para ele, não há dúvidas quanto à existência da repressão na história do sexo e da sexualidade, relacionada aos movimentos como o puritanismo, o jansenismo e o vitorianismo considerados como anti-sexuais e às ideias que espalharam por toda a Europa. O autor afirma que não é possível

explicar que as mudanças culturais ocorridas no Ocidente aconteceram somente por influência do catolicismo, porque, em diferentes locais, as pessoas por influência de várias crenças religiosas apresentavam comportamentos semelhantes. No século XIX, um católico de origem francesa comportava-se em relação ao sexo, praticamente, como um alemão luterano. Ainda, segundo o autor, foi devido à repressão sexual que surgiu a educação sexual na escola no período compreendido entre 1760 e 1800, para controlar o comportamento das crianças e jovens frente à masturbação, bem como controlar a reprodução humana e evitar a disseminação de doenças venéreas.

Segundo Alfred C. Kinsey, a repressão sexual [ou a síndrome anti-sexual] já existia entre os hititas, os judeus e os cristãos. Escritores cristãos, por outro lado, falam das influências de filósofos romanos e gregos da baixa Antigüidade nesta prática. Outros autores atribuem ao cristianismo o responsável por tudo, pensando, mais particularmente nos textos de São Paulo e Santo Agostinho tal postura anti-sexual (USSEL, 1981:21).

A pesquisa de Kinsey⁹ teve um impacto importante na cultura e nas políticas públicas das últimas décadas, onde a “revolução sexual” iniciada

⁹ Kinsey iniciou seus estudos sobre práticas sexuais humanas após uma discussão com o colega Robert Krog, na Universidade de Indiana. Após ter concluído, em seus estudos de entomologia, que nenhuma vespa era igual à outra, e que as práticas de acasalamento das vespas eram extremamente variadas, Kinsey percebeu que, apesar da falta de estudos sobre a sexualidade humana, essa característica de diversidade sexual era comum entre os animais e, dentre estes, os humanos. Kinsey queria que a educação sexual fosse abordada em uma disciplina exclusiva, algo inexistente na época. Ao fazer isto, Kinsey conseguiu criar a disciplina acadêmica de sexologia, ciência da qual é considerado o criador. Após muita persistência, em 1935 Kinsey conseguiu recursos financeiros junto à Fundação Rockefeller e pôde, então, iniciar sua pesquisa sobre a sexualidade humana. Para isso, Kinsey montou e treinou uma equipe que entrevistaria, nos anos seguintes, milhares de pessoas em todo o território dos Estados Unidos. A publicação do primeiro volume do famoso relatório sobre a sexualidade humana (*Sexual Behavior in the Human Male*), em 1948, deu origem a uma enorme polêmica nos Estados Unidos. O livro foi um dos mais vendidos naquele ano. Rapidamente, Kinsey se transformou numa celebridade, considerado até hoje como uma das personalidades mais polêmicas do século XX. Foi capa dos principais jornais e revistas do país. O segundo volume, abordando a sexualidade das mulheres (*Sexual Behavior in the Human Female*) foi publicado em 1953. A controvérsia que daí resultou foi inevitável, pois certos dados chocavam a estrutura clássica da família americana no final da década de 1940 e início da década de 1950. A América acabava de descobrir que, segundo os estudos de Kinsey, 92% dos seus homens e 62% das suas mulheres se masturbava. E que 37% dos homens

por ele e alguns colaboradores, pretendeu mudar os valores morais tradicionais, dividindo o ocidente em duas fases antes e depois da revolução sexual. O sexo, no ocidente, passou por períodos de repressão e puritanismo, sendo visto como algo terrível, ameaçador, vinculado ao pecado e à imoralidade. Nesse período o sexo "em excesso" e a masturbação, por exemplo, eram vistos como desencadeadores possíveis da loucura. No entanto, especialmente a partir dos movimentos feministas e dos movimentos de gays, lésbicas, transexuais, a partir dos anos 60, o sexo passou a ser visibilizado como uma experiência vinculada ao prazer e ao desejo, embora sempre tenhamos que conviver com inúmeras contradições no campo da sexualidade. No entanto, apesar de convivermos com muitas dualidades, por conta da ignorância e desinformação sobre as estruturas e identidades sexuais, os debates atuais têm demonstrado o quanto a sexualidade humana é uma realidade complexa, íntima e pessoal, ao mesmo tempo em que envolve, abrange, penetra e dinamiza os sujeitos.

Foucault (1998), em seu livro *A Vontade de Saber*, analisa detalhadamente a relação entre saber, poder e sexo. A partir do século XVII, o autor identifica quatro conjuntos que desenvolveram dispositivos de saber e poder a respeito do sexo. Estes dispositivos foram construídos gradualmente e se integraram aos discursos que vigoravam àquela época. Eles atingiram um patamar na ordem do poder e do saber que possibilitou identificá-los e descrevê-los como partes integrantes do dispositivo de sexualidade. Estão identificados e descritos como: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. Na preocupação com o controle dos indivíduos, em diferentes momentos, foram criadas estratégias de poder e saber que fizeram uso do sexo das crianças, das mulheres e dos homens para construir discursos em torno do sexo, relacionando-o com o perigo.

A respeito do que chamaria de hipótese repressiva sobre a sexualidade, o autor suscita três dúvidas, a saber: Primeira dúvida: a

e 13% das mulheres já tinham tido uma relação homossexual que lhes tinha proporcionado um orgasmo. Neste caso, os fatos foram noticiados pela imprensa sensacionalista como uma verdadeira bomba. Os seus relatórios foram vistos por muitos como o início da revolução sexual da década de 1960.

repressão do sexo seria realmente a acentuação ou talvez a instauração, desde o século XVII, de um regime de repressão ao sexo? Questão histórica. Segunda dúvida: a mecânica do poder e, em particular, a que é posta em jogo numa sociedade como a nossa, seria mesmo, essencialmente, de ordem repressiva? Interdição, censura e negação são mesmo as formas pelas quais o poder se exerce de maneira geral, talvez em qualquer sociedade e, [...] na nossa? Questão histórico-teórica. Terceira dúvida: o discurso crítico que se dirige à repressão viria cruzar com um mecanismo de poder, que funcionara até então sem contestação, para barrar-lhe a via, ou faria parte da mesma rede histórica daquilo que denuncia (e sem dúvida disfarça) chamando-o de “repressão”? Existiria mesmo uma ruptura histórica entre a Idade da repressão e a análise crítica da repressão? Questão histórico-política (FOUCAULT, 1998:17).

Estas dúvidas são justificadas quando ele afirma que “[elas] têm por objetivo muito menos mostrar que essa hipótese é falsa do que recolocá-la numa economia geral dos discursos sobre o sexo no seio das sociedades modernas a partir do século XVII”. Isto porque a partir deste século “[...] há uma verdadeira explosão discursiva” (FOUCAULT, 1998:23) sobre o sexo. Principalmente no campo do exercício do poder, havia uma “incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado” (FOUCAULT, 1998:37).

O autor analisa o que se fala e como se fala nos discursos sobre o sexo, para verificar se ele é estimulado pelo poder ou se manifesta apesar do poder, representado por meio das instituições como a Igreja, escola, família e o Estado, bem como, pela medicina que incentivava os discursos sobre sexo, visando o controle do indivíduo e da população, não especificamente, o controle das práticas sexuais.

A Igreja após o Concílio de Trento estimulava a confissão: os desejos, pensamentos, fantasias e os impulsos em relação ao corpo, deveriam ser falados com detalhes ao confessor. A prática da confissão foi uma das estratégias mais eficazes que as instâncias de poder utilizaram para se falar sobre sexo. Havia interesse em ouvir (e talvez em contar) com

detalhes tudo o que se passava na intimidade dos sujeitos: os pensamentos, as fantasias, os desejos e os comportamentos. Assim, o objeto de confissão se diversificou, expandindo-se para as consultas, para as narrativas ou ainda para os interrogatórios, por exemplo. O sexo foi apontado como causa de doenças e como controle de comportamentos considerados desajustados e anormais. Os indivíduos que se enquadravam nesses conceitos eram encaminhados aos hospitais psiquiátricos, bordéis e prisões.

Por volta do século XVIII, surgiu um período em que o discurso sobre o sexo ficou restrito às práticas sexuais entre casais e somente com a finalidade de reprodução. Quem não se adequava a esse modelo era considerado anormal, insubordinado, sendo alijado do convívio com outras pessoas, condenado à interdição e ao silêncio. A justificativa para tais restrições remetia a ideia de que as energias não poderiam ser dissipadas nos prazeres mundanos, porque a sociedade precisava dessas energias para o trabalho. No entanto, as instâncias de poder utilizavam-se de determinadas estratégias e de mecanismos para colocar o sexo em discurso. As estratégias de repressão conviviam com modos de se falar sobre ele, pois como lembrou Foucault (1998, p. 42), em seus estudos sobre o tema, “O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo”.

A hipótese discursiva sobre a sexualidade evidencia que esta deve ser encarada como algo que exacerba e estimula o corpo, intensifica os prazeres, incita o discurso e incentiva a formação de conhecimentos. Para Foucault (1993), a sociedade quer normatizar e controlar a sexualidade a partir dos dispositivos de saber e poder, ou seja, a sociedade estimula a falar sobre a sexualidade, para melhor conhecer e controlar. Ele diz:

[...] não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia

escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações -- que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso. (FOUCAULT, 1993:19).

Para este autor, a repressão sexual tornou-se mais evidente nos discursos dos essencialistas, porque, para ele, os mesmos ignoravam ou não entendiam a sexualidade como um dispositivo histórico, desenvolvido por meio de uma rede de regulação social abrangente e complexa que vigiava, organizava e moldava os corpos e os comportamentos. O essencialismo apresentava duas possibilidades de entender a sexualidade: uma que, às vezes, se resumia à fisiologia relacionada com a reprodução da espécie (vertente biomédica) e a outra que, às vezes, se resumia a algo constitutivo da natureza humana, que seria a energia inerente às sensações corporais, de ordem psíquica (vertente psicanalítica). Os essencialistas ostentavam “a convicção de que há algo inerente à natureza humana, inscrito nos corpos na forma de um instinto ou energia sexual, que conduz as ações” (...). Assim, para eles, “a cultura viria domesticar, rearranjar, modelar, construir algo que seria inerente à condição humana” (HEILBORN, 1999:64).

Retomando Foucault (1993), dentre as inúmeras análises, provocações e reflexões que realizou, encontram-se as informações sobre a abordagem do sexo nas escolas, a partir do século XVIII. Para ele, os discursos sobre sexo estavam na escola, com os educadores, com os pais e com os médicos, portanto, não havia uma imposição de silêncio.

Seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema, estabelecendo pontos de implantação diferentes, codificando os conteúdos e qualificando os locutores. Falar do sexo das crianças, fazer com que falem dele os educadores, os médicos, os administradores e os pais. Ou então, falar de sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-

las numa teia de discurso que ora se dirigem a elas ora falam delas, impondo-lhes conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas, um saber que lhes escapa [...] tudo permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicação do discurso. A partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas. (FOUCAULT, 1993).

A educação sexual começou a preocupar os educadores franceses a partir da metade do século XVIII, com o surgimento de ações relacionadas “à repressão das manifestações da sexualidade infantil cujo objetivo maior era o combate à masturbação, tendo como pano de fundo as idéias de Rousseau para quem a ignorância era a melhor garantia da manutenção da pureza infantil” (SAYÃO, 1997:107). Como não era possível ignorar o que acontecia com as crianças, as informações repressivas com base no discurso legitimado por educadores, médicos e religiosos eram um mal menor. As preocupações com as doenças venéreas, principalmente a sífilis, a degenerescência da raça, os abortos clandestinos e os índices de mortalidade materna motivaram a retomada da abordagem da educação sexual, no final do século XIX. A abordagem chegava então ao século XX com uma perspectiva higienista e com modelos de comportamentos moralmente recatados oriundos da era vitoriana. Desse modo, algumas instituições foram criadas dentro de tal modelo. Em 1892, por exemplo, a Associação Norte-americana de Educação, sob influência europeia, fez uma proposta para incluir noções de sexualidade nos currículos das escolas. Também a Sociedade Americana para a Profilaxia Moral e Sanitária, criada em 1905 para erradicar as doenças venéreas, utilizava estratégias de persuasão, promovendo a noção de pecado e condenando as práticas sexuais por meio da moral. “Neste período, também se registraram as primeiras tentativas organizadas de levar às escolas noções de *higiene sexual*, proposta baseada em rígidos padrões morais” (SCHIAVO e SILVA, 1997:155).

De acordo com Fagundes (1995), desde o início do século XX, a educação sexual foi sendo colocada como uma preocupação de profissionais de diversas áreas do conhecimento. Em 1915 reuniram-se em

Buenos Aires professores de vários países da América Latina, para discutir e refletir sobre o tema. Na oportunidade foi elaborado um documento, recomendando que fossem implantados programas na área de educação sexual nos países que estavam representados no evento. Quando retornassem aos seus locais de origem, os participantes deveriam entregar o documento aos governantes e às autoridades para a implementação de programas. Ainda segundo a autora, na América Latina, os avanços na área de educação sexual parecem lentos, devido à ausência de interesse dos governantes e pelas dificuldades na administração das políticas públicas de educação, de saúde e social.

Os países que tiveram a iniciativa para desenvolver projetos de educação sexual nas escolas, a partir da década de 1930, segundo Souza (2002), foram os seguintes: Noruega desde 1936; Inglaterra, 1943; Rússia e Dinamarca, 1958; Bélgica e Suíça, 1960; Alemanha, entre 1968 e 1969; Japão e Paraguai, 1970; Cuba, 1978; Chile, 1972; França, 1973 e Bolívia, em 1975. A Suécia, em 1942, teve a educação sexual recomendada pelo governo e, em 1956, foi declarada obrigatória por iniciativa das mulheres suecas que iniciaram um movimento de repúdio à repressão vitoriana, reivindicando a inclusão da educação sexual nas escolas.

Atualmente há um grande movimento para se incluir a Educação Sexual em todos os currículos europeus. Vários países já aderiram à ideia, principalmente no norte Europeu como Holanda, Bélgica e Dinamarca com relativo sucesso. Já em outros países, o tema tem despertado bastante polêmica, como em Portugal e Espanha, havendo um tensionamento entre as políticas públicas governamentais e as famílias, através da associação de pais e professores, que questionam a inserção de determinados temas sexuais nos currículos escolares. A lei 60/2009¹⁰ do Ministério de Educação de Portugal, por exemplo, parece contemplar apenas a dimensão informativa da sexualidade. Há uma grande discordância entre como, quando e quem poderá fazer este trabalho nas escolas portuguesas. Alguns defendem a necessidade de formação especializada por parte de

¹⁰ Para maiores informações consultar: RIBEIRO, Teresa Tomé. **Sessão de Esclarecimento sobre a Educação para a Sexualidade em contexto escolar.** Universidade Católica Porto | 9 de Setembro de 2010.

quem vai assumir a tarefa de discutir a educação sexual. O argumento principal é que não se pode correr o risco de entregar a educação para a sexualidade a pessoas sem formação especializada e que julgam que fazer este tipo de trabalho é transmitir as suas próprias vivências sobre o tema.

2.1 EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NO CONTEXTO BRASILEIRO

Independente do nome que se dê, a educação sexual formalmente organizada e pedagogicamente veiculada no meio médico e educacional teve seu início nas primeiras décadas do século XX. Porém, outra educação sexual, tida como informal e proveniente do meio familiar, influenciada pelo contexto e pela cultura, remonta ainda à época do Brasil Colônia. De um modo ou de outro se pode dizer que sempre tivemos algum tipo de educação sexual. Vários foram os momentos que caracterizaram e marcaram determinados conceitos e atitudes em relação a educação sexual e de que forma eram vivenciados e reproduzidos. A fim de melhor entendermos essas questões, faz-se necessário pontuarmos aqui, ainda que brevemente, os primeiros movimentos em torno de discutirmos o tema da sexualidade nas escolas e as repercussões em torno disso no contexto brasileiro.

O primeiro momento dessa educação sexual (século XVI) é descrito por Paulo Ribeiro (2004) como aquele em que o sexo apresentou-se libidinoso e pluriétnico para o homem (em função do contato dos colonizadores com as índias), reprimindo e colocando em submissão o comportamento sexual da mulher e ainda coroado por regras e normas estabelecidas por parte da igreja que condenava as práticas sexuais. Este quadro permaneceu estável até o século XVIII, onde, ao invés de índias, o foco voltou-se para as mulheres negras que chegavam como escravas ao Brasil.

A partir do século XIX, a sexualidade começou a ser vista como caso de higiene e saúde, ignorando aos poucos, as orientações religiosas e assumindo um caráter médico, que ganhou grande importância e visibilidade através de livros e manuais. A prática sexual foi vista como a

grande responsável por doenças. Por outro lado, o Estado e o governo, aproveitaram-se da situação como um reforço político em função das mudanças sociais e políticas que aconteciam no país. A mortalidade infantil apresentou-se com índices elevados e tornou-se bandeira da luta que visava ditar normas de saúde e higiene que beneficiassem a sociedade. Os médicos preocupavam-se com a criança, com a educação escolar e com a orientação familiar. Este momento foi caracterizado então “pelo controle da sexualidade e das práticas sexuais licenciosas sob a normatização da moral médica”. (RIBEIRO, 2004:16)

Do século XIX às primeiras décadas do século XX, o envolvimento da medicina com a sexualidade se tornou cada vez mais intenso e a sexologia se instituiu como um campo do saber. A partir de 1920 foram publicados inúmeros livros de educação e orientação sexual por médicos¹¹, sacerdotes, professores, visando orientar as práticas sexuais da população. Este período se estendeu até o final dos anos cinqüenta.

Na década de 1960, algumas escolas localizadas no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte introduziram em seus currículos a educação sexual, denominado-a de orientação sexual, por tratar-se de uma prática educativa ocorrida na escola, através da sistematização do trabalho de professores/as e profissionais orientados para este fim. Além disso, em 1968, a deputada Júlia Steimbruck apresentou um projeto de lei propondo a introdução obrigatória da educação sexual nas escolas do país. O projeto foi recusado e esquecido em virtude do regime de ditadura militar, que reprimia, além das manifestações políticas, também determinadas manifestações da sexualidade e de comportamentos decorrentes.

No final da década de 1970, surgiram alguns projetos¹², ainda que de forma tímida, através da secretaria de Educação do Estado de São

¹¹ Em 1928, o médico José de Albuquerque, publicou “*Introdução ao estado da pathologia sexual*” entre outras obras a respeito desta temática, sendo considerado como um pioneiro da sexologia.

¹² Em 1980, a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) inicia uma experiência piloto de implantação de orientação sexual em seis escolas públicas da capital paulista, denominado *Programas de Saúde: aspectos do crescimento e desenvolvimento humanos relativos à sexualidade*, que utilizava o espaço das disciplinas de Ciências e Programas de Saúde para que o professor trabalhasse a temática sexual. De 1984 a 1986, uma segunda etapa aperfeiçoada do projeto anterior foi denominada *Sexualidade Humana: reflexões e propostas em ação*, envolvendo 70 escolas e 11.208 alunos.

Paulo entre os anos de 1978 e 1986. Muitas destas atividades tornaram-se referência para a implantação de outros programas pelo país, mas alguns, infelizmente, acabaram se extinguindo em “detrimento da política partidária vigente a cada mudança de prefeito ou governador”. (RIBEIRO, 2004:23)

O período de 1980 a 2000 foi marcado por intervenções¹³ na esfera da orientação sexual escolar, quando órgãos públicos, no caso, as secretarias de educação, assumiram projetos nas escolas com o intuito de proporcionar aos/as educando/as oportunidades de discussão a respeito de uma vida sexual com prazer e responsabilidade.

O atual momento é atravessado pela aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394 em dezembro de 1996 e pela definição através dos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1997, dos temas transversais a serem incorporados nos currículos escolares, dentre eles, o de Orientação Sexual, com o propósito de atender as necessidades dos/as alunos/as em relação à temática e oportunizar e apoiar os/as professores/as, as escolas e outras instituições na realização de seus projetos para uma orientação sexual de qualidade que discuta para além dos aspectos biológicos, os aspectos sócio-históricos e culturais da sexualidade. A partir desta iniciativa, professores/as, escolas, instituições e outros/as profissionais são convidados/as a participar de trabalhos que visem a educação para a sexualidade contando com o respaldo de órgãos governamentais. Um exemplo disso pode ser visto no Programa Brasil sem Homofobia e em algumas ações da Secretaria Especial de Mulheres com a instituição de prêmios¹⁴ que oportunizam a disseminação e o esclarecimento das questões que envolvem essas temáticas. Já na área de formação docente,

¹³ Como exemplo, em 1996, o *Projeto Prevenção também se ensina: ação preventiva ao uso de drogas/DSTs/AIDS entre crianças e adolescentes das escolas oficiais do Estado de São Paulo*, numa parceria do Ministério da Saúde com a Secretaria de Educação, que visava à formação de recursos humanos na área de educação, capacitando-os para a implementação de ações preventivas em relação à AIDS e as DSTs e ainda ao uso de drogas nas escolas.

¹⁴ Como exemplo, o Prêmio *Construindo a Igualdade de Gênero - concurso nacional de redações e artigos científicos*. O objetivo do concurso é propiciar um ambiente democrático de discussão dentro das escolas e universidades brasileiras sobre as desigualdades existentes entre mulheres e homens e incentivar os estudantes a produzir trabalhos sobre o tema. O Prêmio é uma parceria entre a Secretaria Especial de Políticas para Mulheres (SPM), o Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Ministério da Educação (MEC) e faz parte do Programa Mulher e Ciência do Governo Federal. Fonte: <http://www.igualdadedegenero.cnpq.br>

destaco o trabalho desenvolvido por Constantina Xavier Filha (2009), na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, dentro do *Programa Escola de Conselhos*¹⁵ que visou discutir na formação de docentes, as questões relacionadas a educação para sexualidade, equidade de gênero e para a diversidade sexual através de um Curso de Extensão¹⁶ que objetivava capacitar continuamente professores/as e subsidiar, através de um kit de materiais¹⁷, as práticas pedagógicas para a discussão destas temáticas.

Percebe-se assim que no Brasil, desde o início, a história da educação sexual foi marcada por períodos de avanços e retrocessos, conforme relatos de estudiosos e pesquisadores dedicados ao tema. Farei agora um detalhamento breve dos fatos ocorridos sobre o desenvolvimento desta temática, ilustrando um pouco do que já foi dito anteriormente.

A partir dos anos finais do século XIX, chegou ao Brasil, trazido por médicos europeus, o controle sexual com apoio científico, visando principalmente a prevenção de doenças venéreas, o controle da natalidade e o combate à masturbação. Nesse período, o país estava fortemente influenciado pelos usos e costumes da era vitoriana.

É importante ressaltar que o Protestantismo chegou ao Brasil por volta da metade do século XIX. Essa religião também possuía códigos de conduta sexual rígidos para os seus adeptos, embora os líderes pudessem contrair matrimônio e ter vida sexual ativa. A exemplo da religião Católica, o Protestantismo sempre se preocupou com a vida sexual de seus adeptos e erigiu [...] normas de conduta que visassem assegurar a moralidade sexual dos indivíduos, e, pretensamente, de toda a sociedade, através do trabalho

¹⁵ Programa da UFMS que integra um grupo de atividades com vistas a discussão de temas ligados a sexualidade e violência sexual.

¹⁶ Projeto de Extensão *“Educação para a Sexualidade, Equidade de Gênero e Diversidade Sexual: práticas e materiais educativos (2008-2009)”*, elaborado pelo Departamento de Educação da UFMS, pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero – GEPSEX, em parceria com a Escola de Conselhos e apoio financeiro da SECAD/MEC.

¹⁷ Composto dos seguintes materiais: 1- Livro teórico-metodológico *“Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual”*; 2- Coletânea de vídeo-aulas intitulada *“Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual – vídeos educativos”*; 3- Vídeo contendo dois filmes de animação: *“Rosaazul no reino do Arco-íris”* e *“Isso é de menina ou de menino?”*; 4- Dois livros para a infância: *“A menina e o menino que brincavam de ser...”* e *“Entre sementes e cegonhas: as curiosidades de Gabriela/ Entre explosões e cortes na barriga: as curiosidades de Rafael”*.

de conversão contínua de novos fiéis ao protestantismo. (FIGUEIRÓ, 2001:25).

A rigidez dos comportamentos pregados e estimulados pela religião de Confissão Cristã (Católica e Protestante) e as correntes médico-higienistas, visando manter a saúde sexual dos indivíduos, fizeram com que o início da educação sexual no Brasil fosse também, fortemente marcado por essas influências.

No começo do século, a supor pelo exemplo de uma tese defendida em 1915 no Rio de Janeiro, chegaram ao país algumas influências das correntes médico-higienistas que vinham tendo sucesso na Europa. Apregoavam a necessidade de uma educação sexual que fosse eficaz no combate à masturbação e às doenças venéreas e que preparasse a mulher para desempenhar, adequadamente, seu 'nobre papel de esposa e de mãe'. (BARROSO e BRUSCHINI, 1982:19).

Muitos médicos e educadores eram favoráveis à educação sexual como forma de evitar a "perversão moral, as psicoses sexuais e a dependência física dos prazeres libidinosos, bem como garantir a saudável reprodução da espécie". Portanto, era a visão higienista que prevalecia. O discurso vigente na época era totalmente repressor para as questões relacionadas ao corpo, sexo e, principalmente, a tudo o que se referia ao comportamento das mulheres. A moral dominante privilegiava os homens, que eram tratados com benevolência e tinham regalias não permitidas às mulheres, tais como: poder absoluto e ilimitado sobre a esposa, filhos e empregados, direito ao prazer sexual, tolerância à prática do adultério e/ou poligamia e outras.

Dentre os provérbios que vigoraram desde a época do Império até o início do século XX há um que resume a conduta dos homens em relação às mulheres: "Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar" (GOLDBERG, 1988:24). A esposa era consagrada ao lar, administrava a casa, o seu comportamento social era recatado e o exercício da sexualidade era somente para a reprodução dos filhos legítimos no casamento.

Segundo Sayão (1997), as feministas lideradas por Berta Lutz, nos anos 20, reivindicaram a educação sexual nas escolas, cujo objetivo era a

proteção à infância e à maternidade. Em 1928 houve o Congresso Nacional de Educadores, no qual os participantes concluíram que os pais não tinham condições de prover a educação sexual em casa, por faltar-lhes informações adequadas. Na ocasião foi aprovada a adoção de Programas dessa matéria nas escolas, mas somente para crianças acima de 11 anos. a inserção da educação sexual na escola operou-se a partir de um deslocamento no campo discursivo sobre a sexualidade de crianças e adolescentes.

Nos anos 30, a escola passou a ser um local onde se podiam fazer ações preventivas da medicina higienista, devendo cuidar da sexualidade com o objetivo de levar as crianças e os adolescentes a terem saúde e um comportamento dentro dos padrões estabelecidos (GUIMARÃES, 1995). Foi neste período que médicos, educadores e sacerdotes começaram a se pronunciar em relação à sexualidade e à educação sexual. Dentre os vários autores da época, destacou-se o médico José de Albuquerque, não só pela produção bibliográfica, mas também pelas iniciativas que teve para levar a educação sexual à população. Pioneiramente, ele viu na escola um espaço importante para se instituir a educação sexual, evitada pelos professores. Dizia ele: “quando ensinam história natural ou higiene (...) não entram em assuntos imorais com seus discípulos” (ALBUQUERQUE, 1930:21), aspectos que serão resgatados por autores atuais, como Santos & Bruns (2000), Werebe (1998) entre outros. Albuquerque, em suas obras, também se referiu à igualdade entre os sexos, incluindo a ideia de que a educação sexual deveria ser dada tanto para homens quanto para mulheres, destacando que a expressão *sexo frágil* era deseducativa e as consequências, lastimáveis (Albuquerque, 1930). Das contribuições de José de Albuquerque, destaca-se a fundação do Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES), em 5 de julho de 1933, no Rio de Janeiro. O CBES reunia intelectuais da época, interessados em estudar e divulgar questões ligadas à sexualidade e à educação sexual, organizando reuniões culturais, conferências, além de produzir filmes e publicações.

No livro *A Repressão Sexual* (s.d.), Marilena Chauí relata que, em 1938, foi editado no Rio de Janeiro o livro *Iniciação Sexual, Educacional e*

que logo abaixo do título estava a recomendação “Leitura Reservada”. A autora informa que no início do livro, o autor procura “[...] esclarecer que não se trata de um livro pornográfico ou obsceno, mas obra educativa. Pressupõe [...] a distinção entre um sexo ‘ruim e um sexo bom’, o que, em si mesmo, já é um exemplo de repressão interiorizada” (CHAUÍ, s.d.:20).

Entre 1935 e 1950 não se tem relatos de iniciativas relacionadas à implantação da educação sexual nas escolas. Foi um verdadeiro retrocesso na trajetória da educação sexual no país, porque “a Igreja Católica mantinha severa repressão sobre o tema” (SAYÃO, 1997:108). Nesse período, foram editados dois livros que, segundo Ribeiro (1990), tinham como principais focos orientar e direcionar o comportamento sexual, ensinar o controle da natalidade por métodos naturais, alertar para a prevenção de doenças venéreas e enfatizar o relacionamento amoroso entre casais. Algumas obras, demonstravam a forte concepção dominante àquela época, associando o sexo a algo indecente, impuro, sujo.

O livro *A Nossa Vida Sexual*, traz na capa logo abaixo do título a seguinte observação: *Guia e Conselheiro para todos com respostas a todas as questões*, do Dr. Fritz Kahn (1942), traduzido do alemão e cujo capítulo XXIII é dedicado à educação sexual. Também circulou o livro *A Serviço do Amor*, de Edith Carnot e J. Carnot (1959), traduzido do francês. Em *A Serviço do Amor*, na página de rosto está escrito, “Desvendando os próprios mistérios fisiológicos da vida sexual para Moças Casadouras e *mais ainda* para Senhoras Casadas à luz da sã Psicologia e Moral. Na página seguinte há ainda duas observações significativas: 6ª Edição *Feminina e Livro asseado, claro, decente*” (RIBEIRO, 1990:11-12),

No período anterior à década de 1960, segundo Guimarães (1995), a Igreja Católica Apostólica Romana foi um dos freios mais poderosos para evitar a implantação da educação sexual nas escolas. A Igreja dominava o sistema educacional, administrava vários educandários para moças e seminários para rapazes com regime de internato e semi-internato, bem como possuía grande interferência no Estado brasileiro.

Após o Concílio Vaticano II (1962/1965) diminuíram as opiniões rígidas dentro da Igreja e alguns colégios católicos começaram a

desenvolver programas de educação sexual. O padre Charbonneau escreveu vários livros que influenciaram a comunidade católica. A sua abordagem era claramente voltada para a moral cristã “[...] na linha da educação para a responsabilidade e consciência da paternidade” (GUIMARÃES, 1995:60).

Nesta linha, também o padre Monsenhor Negromonte escreveu outros livros de caráter formativo como *A Educação Sexual* (1961), *Noivos e Esposos* (1961), *A Educação dos filhos* (1955), *O que fazer do seu filho* (1955), *Corrija seu filho* (1961), entre outros, sempre defendendo os valores morais nos quais deveria estar alicerçada a vida de todo cristão. Assim, no início dos anos 60, a Igreja começava a ter alguma abertura para os temas relacionados à sexualidade, mas com o golpe militar de 1964 e a crise política na qual o País estava mergulhado, não havia possibilidade e nem abertura suficiente para dar continuidade aos projetos já iniciados nas escolas. No período mais rígido da ditadura militar houve poucas iniciativas para a implantação de projetos de educação sexual. Mesmo com todas as dificuldades, a década de 60 foi marcada por experiências significativas na área da educação sexual escolar, como se pode ver a seguir.

De acordo com Guimarães (1995), em 1963, um Colégio em Belo Horizonte/MG, que vinha fazendo há quatro anos um Programa de Educação Sexual para alunos do 4º ano do ginásio (equivalente à 8º, 9º ano de hoje), teve que suspender o programa por pressão dos pais. O Colégio Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro, iniciou em 1964, em todas as séries o ensino da educação sexual em 1964. Ainda na mesma cidade, em 1968, os Colégios André Maurois, Infante Dom Henrique e Orlando Roucas introduziram a educação sexual nos currículos. No último Colégio, houve uma crise que terminou com a exoneração da diretora, suspensão de professores e expulsão de alunos. Os dados apontam que este tema nunca foi tranquilo.

No Estado de São Paulo, as experiências e tentativas de implantar a Educação Sexual nas escolas da rede pública também estavam presentes entre 1954 a 1970. As aulas, para alunas da 4ª série primária, eram ministradas por professores e orientadores sanitários do serviço de Saúde Pública do departamento de Assistência ao Escolar. Segundo depoimentos

colhidos por Barroso e Bruschini (1982), os pais e os participantes avaliaram os programas como excelentes. O projeto foi suspenso em 1970 por determinação do Ministério da Educação.

O Colégio de Aplicação Fidelino Figueiredo, da Faculdade de Filosofia - Universidade de São Paulo/USP, desenvolveu atividades na área de educação sexual entre 1963 a 1968. O Ginásio Vocacional de São Paulo, entre 1961 a 1969, e o Ginásio Estadual Pluricurricular Experimental, entre 1966 e 1969. As experiências em São Paulo, a partir da década de 1960, já avançavam para além da normatização de condutas, indo além dos aspectos biofisiológicos da sexualidade (WEREBE, 1998).

Segundo depoimentos coletados por Fagundes (2006), em Salvador – BA, no ano de 1969 uma docente do Centro Integrado de Educação Anísio Teixeira, implementou um Projeto de Educação Sexual para adolescentes. Por pressão dos pais foi demitida, mas logo ganhou a causa, sendo readmitida e dando continuidade às suas ações. No período compreendido entre março de 1987 e maio de 1989, como Secretária de Educação do Estado, a mesma professora desenvolveu um programa de Educação Sexual para as escolas da Bahia, iniciativa que declinou com a mudança de Governo Estadual em maio de 1989.

O início de 1970 teve como principal característica o retrocesso e o aumento da censura em todas as instâncias (artes, literatura, música, imprensa, perseguições políticas, dentre outras). Nas escolas públicas os projetos de educação sexual foram suprimidos e nas escolas particulares houve poucas experiências neste sentido, pois o país atravessava um período de intensa repressão em todos os níveis (SAYÃO, 1997).

Em 1971 foi aprovada a Lei Nº 5.692 - Lei de Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, determinando, em seu Art. 7º o seguinte: “*Será obrigatório a inclusão da Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos [...]*”. O Conselho Federal de Educação emitiu parecer favorável à inclusão ressaltando que o tema objetivava “[...] levar a criança e o adolescente ao desenvolvimento de hábitos saudáveis quanto à higiene pessoal, alimentação, prática desportiva ao trabalho e ao lazer, permitindo-lhes a sua utilização imediata no sentido de preservar a saúde pessoal e a dos outros”. Essa Lei Federal

preocupava-se mais com as questões da saúde em si, do que especificamente com a saúde sexual. Nessa época, essas questões eram abordadas nas aulas de Higiene, Ciências ou Biologia.

A Sociedade Civil de Bem Estar Familiar - BENFAM, que desde 1965 desenvolvia um trabalho de planejamento familiar junto à população carente do Brasil, passou a partir de 1972, a desenvolver trabalhos na área de educação sexual (SCHIAVO e SILVA, 1997).

Em 1972 a Fundação Carlos Chagas coordenou uma pesquisa para conhecer e avaliar os valores que se relacionavam com a sexualidade. A investigação foi realizada com adolescentes entre 15 e 17 anos, de diferentes escolas e classes sociais na cidade de São Paulo. “Nessa pesquisa, que era também um programa de educação sexual, o objetivo era propiciar a livre discussão de normas, padrões de comportamento e atitudes relativos à sexualidade” (SAYÃO, 1997:110).

A pesquisa teve boa aceitação entre o público alvo: pais, mães e educadores/as. Os “Documentos oficiais mencionam a educação sexual em programas de educação da saúde, tanto em parecer do Conselho Federal de Educação de 1974, como em guias curriculares para o ensino do primeiro grau do Estado de São Paulo de 1975” (op cit, p.109). Alegando que a educação sexual era de responsabilidade exclusiva da família, a Secretaria de Educação de São Paulo não autorizou a educação sexual nas escolas públicas entre 1975 a 1979.

Mas mesmo com os riscos da repressão, o desenvolvimento de projetos de orientação sexual continuou em algumas instituições, conforme menciona Maria José Werebe, ao referir-se a uma sondagem realizada no IV Congresso Brasileiro de Orientação Educacional em São Paulo, no ano de 1976 eram ao todo 56 trabalhos (RIBEIRO, 1990:13).

A partir da metade da década de 1970, com o surgimento dos movimentos feministas, com discursos inflamados pelos direitos da mulher sobre o seu corpo, pela liberdade sexual e pelo controle da concepção e a libertação sexual dos jovens, reacende-se o interesse pela educação sexual nas escolas.

Por iniciativas particulares, entre 1978 e 1979, foram realizados Congressos de Educação Sexual nas escolas, “[...] abrindo-se o debate

para a dimensão pública desse tipo de educação, e reunindo cerca de dois mil educadores/as” (GUIMARÃES, 1995:67). Em 1979, a BENFAM organiza o 1º Seminário Técnico de Educação Sexual, tendo como estratégia conduzir o controle de natalidade e introduzir a orientação sexual nas escolas. O evento foi muito criticado devido à proposta controladora (GUIMARÃES, 1995). A socióloga Maria Helena Matarazzo, em 1979, implanta e coordena, com apoio da BENFAM, um serviço telefônico: *SOS Educação Sexual*. Também implanta e coordena um programa de rádio para responder perguntas sobre sexualidade, com caráter educativo, na cidade de São Paulo.

No início da década de 1980, fora do âmbito escolar, a veiculação e divulgação de questões relacionadas à sexualidade estavam em plena ebulição. Nessa época a psicóloga Marta Suplicy teve um espaço no programa TV Mulher, São Paulo, para falar sobre questões relacionadas à sexualidade, sexo e gênero¹⁸. O programa obteve grande audiência, mas gerou muita polêmica e debates nos diversos segmentos da sociedade. Nas bancas de revistas, fascículos e folhetos eram disponibilizados para os leitores. Diversos eventos, como congressos, encontros e reuniões, eram realizados com participação de profissionais das áreas da saúde e educação. Tal mobilização “contribuiu para intensificar o debate sobre a inclusão de educação sexual nas escolas” (SAYÃO, 1997:110).

Na mesma década, nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, algumas escolas abordavam a sexualidade por meio da implantação de programas coordenados por professores/as. Outras optavam por palestras, encontros ou debates com médicos e psicólogos, ou, por meio da disciplina de Ciências, decidiam-se por ampliar os conteúdos que se referiam à reprodução.

¹⁸ Recentemente, outros programas televisivos deram espaços a uma programação que abordava as temáticas voltadas a sexualidade. O canal MTV que apresenta uma programação mais direcionada ao público jovem, foi um dos pioneiros a ofertar em sua grade um espaço voltado para estas discussões. Já no ano 2009, a Rede Globo, colocou no ar um programa intitulado “Amor e Sexo” com a atriz Fernanda Lima, tentando repetir o sucesso atingido pela atriz na rede MTV e em 2012, foi veiculada a 6ª edição. Também em 2009, o canal GNT, disponibilizou um programa com a cantora/apresentadora Preta Gil, que tratava do assunto, mas que não teve sequência na programação da emissora. No canal Multishow, outro programa de muito sucesso foi “Papo Calcinha”, onde quatro jovens mulheres falavam abertamente sobre práticas sexuais no universo feminino sem tabus, vergonha e preconceito.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em 1989, implantou a orientação sexual nas escolas de primeiro grau e, posteriormente, na educação infantil. O diferencial dessa intervenção foi a cuidadosa formação de professores/as, pois estes/as passavam por curso inicial e acompanhamento continuado em supervisão semanal, formação esta sob a responsabilidade do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual / GTPOS. Em 1992 o trabalho nas escolas municipais de São Paulo atingiu cerca de 12 mil alunos (SAYÃO, 1997:111).

A década de 1980 foi significativa na história da educação sexual brasileira, pois houve várias iniciativas de implantação de projetos em inúmeras escolas públicas e particulares do país.

Com o crescente interesse dos/as educadores/as, médicos/as, psicólogos/as e profissionais de áreas afins, houve um aumento na produção escrita sobre educação sexual e sexualidade. No final dos anos 1980, o aparecimento de inúmeras organizações não governamentais contribuiu para que profissionais de diversas áreas do conhecimento se voltassem para a educação integral e sexual. Algumas dessas ONGs desenvolveram ações para prevenir a infecção pelo HIV, bem como para minimizar os efeitos sociais da epidemia (AIDS) na sociedade e outras estabeleceram ações para dar visibilidade ao movimento em prol da dignidade dos homossexuais. Havia uma mobilização dos/as profissionais (área da saúde e da educação), para estudar, pesquisar e aprofundar as questões relacionadas à sexualidade nas instituições de ensino.

O ano de 1985 foi marcado por uma série de sugestões para que fosse criada uma equipe multidisciplinar que abrigasse não apenas médicos/as e psicólogos/as, mas também sociólogos/as, antropólogos/as, educadores/as, enfim todas as pessoas que, de alguma forma, estivessem interessadas no estudo da sexualidade (CAVALCANTI, 1992: 61).

A década de 1990 foi importante para a educação sexual no país porque, em diversos estados, foram realizados numerosos eventos educativos, como encontros, seminários, jornadas e congressos, com enfoque na sexualidade, terapia sexual, educação sexual e na prevenção do HIV e AIDS, que se tornou uma das maiores preocupações da escola e da sociedade em geral. Estava desta forma, consolidada a realização de

vários eventos na área da educação sexual. Estes eventos se firmaram por meio do esforço e empenho de profissionais comprometidos/as com a abertura do discurso, sobre as diversas nuances que envolvem a sexualidade e a sua repercussão na sociedade.

O Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual / GTPOS, a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS / ABIA e o Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana / ECOS, com o apoio da Fundação John D. and Catherine T. MacArthur, traduziram o *Guia de Orientação Sexual – Diretrizes e Metodologia da Pré- Escola ao 2º Grau* no ano de 1993. O Guia, de origem norte-americana, foi lançado pelo Conselho de Educação dos Estados Unidos em 1991. Para tornar o *Guia de Orientação Sexual* viável à realidade brasileira, por iniciativa de Marta Suplicy, foi constituído o Fórum Nacional de Educação e Sexualidade, com a participação de trinta entidades e de pessoas interessadas nos temas. Esse Guia teve milhares de cópias distribuídas pelo MEC e serviu como referência para a implantação de projetos de educação sexual, tanto nas escolas particulares, como nas públicas. O *Guia de Orientação Sexual/GOS*, também, foi um dos impulsionadores da inclusão do tema nos Parâmetros Curriculares Nacionais/PCNs, visto que o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde, por meio de seus representantes, na época, mostraram-se sensíveis à implantação da abordagem do tema sexualidade nas escolas.

Em 1996, foi criada a Associação Brasileira de Educação Sexual - ABRADES, em Florianópolis/SC¹⁹. Nesse mesmo ano, foi realizado no Rio de Janeiro o Congresso Brasileiro de Educação Sexual, promovido pelo Centro de Educação Sexual / CEDUS (Organização Não Governamental / ONG fundada em 1993), que desenvolve ações educativas dirigidas às crianças e aos adolescentes, educadores/as, profissionais de saúde, pais/mães e à sociedade em geral. A entidade também recebia apoio da Fundação MacArthur e das Secretarias de Educação e de Saúde do município do Rio de Janeiro.

¹⁹ A ação foi realizada por iniciativa dos professores César Aparecido Nunes e Edna Silva, cuja proposta era “promover a educação sexual e contribuir para a formação de professores/as, educadores/as e agentes educacionais na perspectiva da emancipação” (ABRADES, 2005, p. 01)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais / PCNs, para as turmas de 1^a a 4^a séries do Ensino Fundamental, foram publicados em 1997, e para 5^a a 8^a séries do Ensino Fundamental, em 1998. Para as séries do Ensino Médio, foram publicados em 1999. Os Parâmetros Curriculares Nacionais são compostos por 10 volumes, sendo o v. 10 específico para a *Orientação Sexual*, nomenclatura adotada pelo Ministério da Educação / MEC para designar a Educação Sexual nas escolas.

Em 17 de maio de 2001 foi emitida a Portaria Interministerial Nº 766 / GM, que instituiu um grupo de trabalho com a finalidade de elaborar, implementar, avaliar e acompanhar o desenvolvimento dos temas transversais Saúde e Orientação Sexual, no âmbito do Programa Parâmetros em Ação do Ministério da Educação. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais em Ação, Saúde e Orientação Sexual* são o resultado de uma articulação entre os Ministérios da Educação e da Saúde. Atualmente, a abordagem da sexualidade nas escolas tem ultrapassado timidamente o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, com algumas experiências isoladas no Ensino Superior.

No âmbito das universidades aqui no estado do Rio Grande do Sul, foi criado na década de 90, dentro da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero) tendo como idealizadora a professora Dra. Guacira Lopes Louro. O grupo reúne até hoje pesquisadoras/es que discutem inúmeros temas voltados para o campo da sexualidade e das relações de gênero, sendo uma referência importante em todo o país e até mesmo fora dele, no tocante as relações de gênero e diversidade sexual. Em 2003, outro grupo de estudos e pesquisa surgiu no RS, na FuRG²⁰, denominado GESE (Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola), que também versa seus estudos e projetos para o desenvolvimento e discussões da sexualidade.

Localizando o tema no espaço geográfico onde a pesquisa se desenvolveu, poucas são as iniciativas organizadas por parte das instituições educativas ou mesmo sanitárias que se preocupam no

²⁰ Universidade Federal do Rio Grande.

município de Bagé em propor ou apresentar programas que venham atender a esta demanda. Sabe-se, através de dados da secretaria de Educação do Município e da Coordenadoria Estadual de Educação que poucos são os recursos e até mesmo os profissionais para se realizar alguma intervenção nesta área. O que se tem notícia é de ações isoladas²¹ que visam esclarecer métodos de anticoncepção e prevenção de doenças e por último, e mais recentemente, a proteção contra formas de violência sexual²².

2.2 EDUCAÇÃO, ORIENTAÇÃO SEXUAL OU EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

Através das lentes dos Estudos Culturais, é possível perceber que a educação para a sexualidade é dada através de diferentes instituições iniciando-se pela família, pela igreja, com seus preceitos religiosos rigidamente estabelecidos, pela escola e também pelas mídias. Segundo Ribeiro (1990:2-3), a Educação Sexual refere-se aos processos culturais contínuos, desde o nascimento que, de uma forma ou de outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos ligados à manifestação de sua sexualidade. Esta educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro, com amigos, pela televisão, pelos jornais, pelas revistas. É a própria dinâmica da sociedade que determina os padrões sexuais de cada época e, conseqüentemente, a educação sexual que será levada ao indivíduo.

No campo teórico no qual se insere a temática, muitos autores/as têm utilizado o termo “orientação sexual” para se referir ao trabalho sistematizado, organizado e dirigido (RIBEIRO, 1990), que deve ser realizado durante o processo de educação escolar, uma vez que a escola

²¹ Refiro-me a ONG RELUVIDA que desenvolve um trabalho desde 2007 com palestras explicativas na escolas, de forma isolada, com o intuito de esclarecer sobre métodos de prevenção da gravidez e DSTs, coordenada por um grupo de homossexuais.

²² SAIS – Serviço de Atendimento e Informação da Sexualidade – grupo municipal criado em 2008 que tem por objetivo orientar (principalmente pessoas HIVs sobre a vivência da sua sexualidade) a população a respeito dos métodos preventivos das DSTs e AIDS

deve ser vista como a grande responsável pela formação integral do indivíduo apesar de, muitas vezes veicular discursos opostos entre si.

A influência de concepções europeias médico-higienistas nos primórdios do século XX deram origem à educação sexual no Brasil e influenciaram trabalhos e propostas nos anos subsequentes (BARROSO e BRUSCHINI, 1982).

A história da educação sexual no Brasil está perpassada por '*avanços e recuos*' teóricos e práticos (GUIMARÃES, 1995:57). Nas décadas de 70 e 80 estudos e pesquisas impulsionaram o campo teórico sobre o assunto e originaram trabalhos de aplicação no país. Estudos de Figueró (2001), Guimarães (1995) e Ribeiro (1990), apontam que a orientação sexual na escola colabora para a desmistificação de tabus e preconceitos, além de apresentar-se como necessária à formação integral do indivíduo, em destaque aquelas voltadas ao desenvolvimento saudável e prazeroso da sexualidade. No entanto, cabe aqui considerar o que exatamente os autores entendem por desenvolvimento saudável.

Na década de 90 uma proposta oriunda do Ministério da Educação e Cultura se consolidou através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), para a efetivação da orientação sexual enquanto tema transversal a ser trabalhado por educadores no interior das salas de aula. Segundo os PCNs, vol.10.2, o trabalho de orientação sexual poderá, portanto, se dar de duas formas: dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema [...]. (BRASIL, 1997:129).

As contribuições dos PCNs (BRASIL, 1997) encontram-se distantes da realidade das escolas frente à histórica omissão e repressão dos conteúdos ligados ao sexo e ao prazer, somado às concepções e ideologias culturalmente cristalizadas pela escola. Assim, a transmissão de conteúdos previamente estipulados pelo currículo no que se refere aos conhecimentos de reprodução humana, constitui a restrição da maioria dos trabalhos desenvolvidos pelas instituições escolares e muitas vezes, denominados de Orientação Sexual.

Creio ser importante destacar que o termo Orientação Sexual, conforme indica o documento elaborado pelo MEC, se refere a uma intervenção institucionalizada, sistematizada, organizada e localizada, com a participação de profissionais treinados para este trabalho. Segundo os PCNs, no exemplar destinado especificamente para esta temática:

(...) o trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. A Orientação Sexual não-diretiva proposta será circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo portanto caráter de aconselhamento individual de tipo psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno. Tal postura deve inclusive auxiliar as crianças e os jovens a discriminar o que pode e deve ser compartilhado no grupo e o que deve ser mantido como uma vivência pessoal. Apenas os alunos que demandem atenção e intervenção individuais devem ser atendidos separadamente do grupo pelo professor ou orientador na escola e, dentro desse âmbito, poderá ser discutido um possível encaminhamento para atendimento especializado. (...) propõe-se que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e os jovens. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus. (PCNs 10.2:83)

No entanto, o termo Orientação Sexual é utilizado pelos movimentos gays e lésbicos como indicativo de direcionamentos afetivo-sexuais. Cabe

lembrar que os documentos oficiais também se constituem em meio a relações de poder-saber, onde determinados grupos têm mais força e prestígio para impor determinados significados.

Autoras como Jane Felipe (2009, 2013), Claudia Ribeiro (2009) e Constantina Xavier Filha (2009) utilizam o termo “educação para sexualidade” enfatizando a importância de discutirmos os aspectos históricos, culturais, políticos e sociais que envolvem a construção da sexualidade bem como a indissociabilidade entre gênero e sexualidade. As autoras entendem que restringir esses temas à discussão do uso de preservativos e as DSTs, é reduzir a questão, ignorando a complexidade do tema. Embora a prevenção de doenças e a questão da gravidez na adolescência sejam importantes não podemos ficar restritos a elas, sendo necessário uma abordagem mais abrangente.

Podemos identificar o trabalho educativo em sexualidade como parte daquele conjunto de temas que contribuem para o conhecimento de si mesmo, do outro e que oferecem meios para a preservação da saúde. Ressaltaríamos ainda, no trabalho com este tema, a dimensão social e ética, uma vez que as tensões geradas pela falta de equidade entre homens e mulheres, bem como entre os diversos grupos sociais (gays, lésbicas, transexuais, travestis, etc) e as condutas exploratórias e violentas ligadas ao exercício da sexualidade têm levado parcelas significativas da humanidade a viver situações de submissão que não permitem a expressão de seu potencial intelectual e afetivo, ferindo a dignidade humana e chegando a colocar em risco a própria integridade física.

Educar para a sexualidade faz parte do aprendizado geral de convivência democrática, que inclui o respeito à pluralidade e a preservação dos direitos e da dignidade humana, portanto, faz parte do processo de construção da cidadania, tanto em escala local (comunidade, cidade, região, nação) quanto global.

A sexualidade se estrutura pela interação da esfera íntima e física (potencial genético, subjetividade, condições de vida e história pessoal) com a esfera social, compreendida como convivência com o outro e inserção nos padrões culturais mais amplos. Desse modo, a proposta de

educação para a sexualidade deve ser compartilhada pelo coletivo de professores/as e deve se integrar às várias disciplinas do currículo. Os/as professores/as e técnicos/as devem qualificar-se para a discussão do tema, o que inclui também a reflexão sobre seus próprios valores e padrões de comportamento. Cabe ainda considerar que as interações entre o saber, o fazer e o ser são complexas, o que implica levar em conta as dimensões cognitivas, afetivas e culturais do/a educando/a.

Durante o tempo em que solitariamente estudei, em Dom Pedrito, sobre esta temática, utilizava o termo Orientação Sexual como sendo a função a ser desempenhada pelos/as professores/as na realização das atividades no trato do tema com seus/suas alunos/as. Posteriormente, ao preparar o projeto de doutorado percebi, a partir de Vitiello (1997), que o termo Educação Sexual era mais apropriado ao trabalho que eu vinha desenvolvendo junto aos/as alunos/as no ensino médio e por fim, na escrita da tese, vali-me dos referenciais que abordam a temática como “Educação para a Sexualidade” (Felipe, 2007; Xavier, 2009) por entender que ela se enlaça melhor com o trabalho que busco desenvolver nas discussões dos cursos de formação onde atuei. Porém, a grande maioria do referencial teórico atual, adota a terminologia de “Educação Sexual” (FURLANI, 2005) para designar este trabalho a ser desenvolvido nos meios escolares.

Um dos primeiros pontos que chamam a atenção é o uso dos termos Educação Sexual (ES) e Orientação Sexual (OS). Alguns autores usam-nos sem antes defini-los; outros, principalmente os que realizam estudos após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1997, utilizam a terminologia Orientação Sexual, possivelmente por ser esta a oficialmente adotada no referido documento. Há ainda autores que usam um e outro termo, sem diferenciá-los. Em outras palavras, para alguns autores eles são conceitos diferentes e, outros ainda, os consideram como complementares.

Os autores consultados, cujas publicações são anteriores aos PCNs, utilizam o termo Educação Sexual em seus relatos. Nelson Vitiello (1995), por exemplo, antes de abordar especificamente a Educação Sexual discute os termos educação, orientação, informação e aconselhamento. No que se refere à Educação Sexual, o autor diferencia duas situações: a Educação

Sexual sistemática e a Educação Sexual assistemática. Quando conceitua educação, o autor associa a noção de Educação Sexual sistemática às ações que podem ocorrer na família e na escola:

Educar, no sentido mais amplo, significa 'formar' (...) o educador dá ao educando condições e meios para que cresça interiormente. A influência do educador, por isso mesmo, além de intensa precisa ser contínua e duradoura (...). Nesse sentido, a educação sexual sistemática só pode ser feita por familiares ou por professores (VITIELLO, 1995:18-19).

Este autor ainda faz uma diferenciação da Educação Sexual sistemática realizada pela escola, portanto, num contexto formal, com planejamento e intencionalidade, da que se processa na família, considerada por ele informal e espontânea. Aponta ainda que a família é a principal responsável pela educação uma vez que acompanha a pessoa desde o seu nascimento, mas que ela não se encontra preparada, especialmente, no que se refere ao exercício da sexualidade.

Quanto à Educação Sexual assistemática, Vitiello (1995) afirma ser esta ocasional podendo acontecer, por exemplo, através dos meios de comunicação de massa ou na procura pelo/a interessado/a por cursos e leituras sobre o tema. Diferente do aconselhamento em que a pessoa já conhece os possíveis caminhos, necessitando apenas que alguém a ajude a decidir, em relação ao termo orientação ele afirma que

implica num mecanismo mais elaborado que se baseia na experiência e nos conhecimentos do orientador. Esse processo ajuda a pessoa a analisar diferentes opções, tornando-a apta a descobrir novos caminhos (VITIELLO, 1995:37).

Vitiello (1995:20) conceitua Educação Sexual como “*a parte do processo educativo especificamente voltada para a formação de atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade*”. Para ele a Educação Sexual acontece dentro de um processo amplo de educação.

O mesmo autor afirma que profissionais como médicos, enfermeiros, psicólogos ou assistentes sociais, quando abordam o tema na escola estão

forneendo informação. Considera esta uma atividade importante ligada ao ensino, mas que, na abordagem da Educação Sexual no espaço escolar, ocorre, através destes profissionais, ocasionalmente. Por não implicar num processo continuado, dentro da classificação de Vitiello essa abordagem seria considerada uma Educação Sexual assistemática, uma vez que estes profissionais não se situam cotidianamente neste espaço. No meu entender, nas situações em que esses profissionais/educadores façam parte do corpo de funcionários da escola ou ainda se agreguem a ele de forma regular na realização de um trabalho, sendo reconhecidos como parte da instituição, poderiam desenvolver a proposta de Educação Sexual sistemática dentro da concepção de Vitiello e dos próprios PCNs.

Vitiello considera ainda que a Educação Sexual eficaz é aquela sistemática, o que significa: contínua e duradoura. A realização de palestras nas escolas por profissionais diversos contribui para desmistificar o tema porém, para o autor, “o caminho real para a educação sexual não é levar profissionais de várias áreas às escolas, mas sim preparar professores interessados para a tarefa de fazê-la” (VITIELLO, 1995:19), uma vez que estes também são da mesma geração dos pais e mães dos/as educandos/as e, como eles/as, possuem deficiências na sua formação.

Cabe aqui considerar a importância da escola em assumir tal formação, proporcionando um trabalho de educação para a sexualidade que tenha a possibilidade de discutir preconceitos e dificuldades secularmente vivenciadas, como a desinformação e a repressão sexual, proporcionando uma reflexão em torno dos valores que envolvem a questão da sexualidade humana. Marcio Schiavo (1997) compreende a Educação Sexual como Vitiello, porém, reforça que a educação informal acontece de modo não declarado e não intencional. Já a formal, própria do ensino, também é contínua, se processa de maneira sistemática e intencional. Cabe indagar, no entanto, se a família, a igreja e outros grupos sociais não teriam intencionalidade nas suas ações, se seriam elementos “neutros” neste processo? Provavelmente cada vez que reprimem e/ou tentam condicionar uma manifestação da sexualidade há, ainda que de

forma velada, uma intenção que se revela mais ou menos consciente, uma vez que nenhum ato humano é neutro, pois sempre envolve escolhas.

Por outro lado, nenhum/a dos/as autores/as citados/as faz considerações sobre o aprendizado com o/a “outro/a”. Até recentemente, nem a família nem a escola assumiam sequer a responsabilidade de estar informando sobre sexualidade, há que se considerar o quão significativo foi e ainda continua sendo, para a maioria dos/as jovens, o aprendizado com o/a colega que, de alguma forma, conseguia/consegue obter algumas informações. Ainda que estas informações contribuam para a perpetuação de valores discriminatórios, ideias preconceituosas ou deturpadas, a troca entre iguais foi sempre a maneira de satisfazer a curiosidade sobre as questões ligadas a sexualidade humana, principalmente por não contar com a repressão e o controle da maioria dos/as adultos/as. Há que considerar também o amplo acesso à informação que os jovens têm atualmente através da internet, o que possibilita a divulgação rápida de informações de todas as ordens.

Guimarães (1995) utiliza a expressão Educação Sexual, mas não a define. No entanto, tanto ela como Werebe (1998) compreendem a expressão no mesmo sentido de Vitiello,

Educação sexual, tomada no sentido amplo, compreende todas as ações diretas ou indiretas, deliberadas ou não, conscientes ou não, exercidas sobre o indivíduo (ao longo de seu desenvolvimento), que lhe permitem situar-se em relação à sexualidade em geral e a sua vida sexual em particular. A educação sexual, num sentido mais restrito, distingue-se da primeira, pelo seu caráter de intervenção deliberada e sistemática, com intenções que podem ser mais ou menos explicitadas (GUIMARÃES, 1995:18).

Werebe (1998), por sua vez, relata que prefere a expressão Educação Sexual, pois o termo Orientação Sexual pode ser confundido com a orientação sexual de cada um (homossexual, heterossexual ou bissexual), além do primeiro ser o termo adotado em quase todos os países.

Thums e Kieling (1990:39) entendem Educação Sexual como

o processo formado pelo conjunto de ações pedagógicas acerca do desenvolvimento da sexualidade humana, embasado nas ciências biológicas, médicas, psicológicas, educacionais, e contextualizadas na realidade social, cultural e educacional do grupo para o qual se dirige.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentam as propostas para este trabalho nas escolas, a partir da transversalidade. Esta implica em que o tema seja abordado de modo que os objetivos e conteúdos sejam contemplados pelas diversas áreas do conhecimento, impregnando toda a prática educativa. O documento afirma que a Orientação Sexual "constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação" (BRASIL, 1997:21).

Kehl, citada por Bruschini (1981), refere que o/a orientador/a sexual surge nos anos 60, com o trabalho de Masters e Johnson, e que, a partir do conhecimento minucioso sobre o funcionamento sexual possibilitado pelas pesquisas destes cientistas, vai dirigir e orientar a sexualidade insatisfeita em busca de uma vida sexual sadia e equilibrada. Na referência de Kehl percebe-se um certo teor psicoterápico na atividade do/a orientador/a sexual. A autora menciona ainda preocupação com o risco na utilização das técnicas comportamentais visando a Orientação Sexual. Caberiam vários questionamentos a partir da afirmação desta autora: que equilíbrio é buscado? Quem determina o que é sadio ou não quando nos referimos à sexualidade? A quem interessa o controle da vida sexual dos sujeitos? Se, como afirma Vitiello, a orientação implica na experiência e conhecimento do/a orientador/a, dependendo dos valores deste/a, não haveria a possibilidade de uma certa manipulação e disciplinamento?

Em 1993, um grupo de educadores/as e profissionais do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS), de São Paulo, com assessoria da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), do Rio de Janeiro, e do Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECOS), de São Paulo, interessados/as na questão da Educação Sexual no âmbito escolar, começou a adaptar e elaborar, a

partir de material norte-americano, o "*Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia*". Após ter sido submetido à apreciação de diversas entidades, o Guia foi distribuído pelo governo a várias escolas em 1994. Este Guia adota o conceito de Orientação Sexual afirmando que esta "quando utilizada na área de educação, deriva do conceito pedagógico de Orientação Educacional, definindo-se como o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas" (GTPOS; ABIA; ECOS, 2001:20). Os/As profissionais responsáveis pela adaptação reconhecem que "no meio médico, jurídico e da sexologia, o termo Orientação Sexual é utilizado para denominar a identidade erótica dos cidadãos" (GTPOS; ABIA; ECOS, 2001:21). Afirmam que este é o conceito que eles/as adotam, entendendo a Educação Sexual como processo informal que acontece ao longo da vida das pessoas.

Desta forma, quando os PCNs são elaborados, a proposta formulada não incorpora os pontos de vista de Vitiello e Kehl sobre a expressão Orientação Sexual, mas sim, adotam esta terminologia qual referendada no Guia, contrariamente ao que vinha sendo usado pela quase totalidade dos autores antes da formulação da proposta: Educação Sexual.

A adaptação do Guia foi realizada por um grupo de profissionais, dentre eles Marta Suplicy. Esta autora confirma os conceitos adotados no Guia num trabalho posterior realizado com outros/as colaboradores/as, conceituando a Educação Sexual como um processo de vida, que "ocorre de maneira informal e nos permite incorporar valores, símbolos, preconceitos e ideologias" (SUPLICY et al, 1999:7). A Orientação Sexual, para o grupo, é definida como uma "intervenção pedagógica",

um processo formal e sistematizado que se propõe a preencher as lacunas de informação, erradicar tabus e preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos. À Orientação Sexual cabe também propiciar uma visão mais ampla, profunda e diversificada acerca da sexualidade (SUPLICY et al, 1999:8).

Cabe considerar que vários/as autores/as tinham esta mesma compreensão, só que referente ao conceito de Educação Sexual. Apesar das propostas dos PCNs tentarem ser amplas, numa linha de não-

diretividade, a colocação de Kehl (1981) sobre a função do/a orientador/a traz indagações sobre se este seria o melhor termo a ser utilizado no trabalho com este tema transversal. Já Santos e Bruns (2000:98) apresentam Educação Sexual e Orientação Sexual sob a ótica de vários/as autores/as. Elas, no entanto, utilizam ora um termo ora outro, afirmando que Orientação Sexual é uma "forma de educação [que deve perpassar] os níveis sensórios, cognitivos e emotivos do ato de conhecer". Enio Pinto (1997:43) afirma que "qualquer discussão realista sobre o vínculo entre escola e sexualidade deve reduzir-se, assim, ao âmbito da orientação sexual, isto é, ao aconselhamento possível acerca do destino a dar às pulsões genitais emergentes". Sob este prisma, parece que a autora aproxima sua visão da referência que Kehl faz sobre o/a orientador/a sexual nos anos 60. Além disso, as afirmações de Pinto, ao igualar orientação e aconselhamento como se fossem idênticas, parecem ser equivocadas, pois, o aconselhamento seria uma etapa no processo de orientação. Para Vitiello (1995), aconselhar significa ajudar alguém a tomar decisões e escolher entre situações que o próprio sujeito já conhece. Pelo que se observa no âmbito escolar, poucos/as seriam os/as profissionais com experiência e conhecimento dos procedimentos da orientação e do aconselhamento que estivessem aptos a fazê-los sem confundir as histórias e valores dos/as educandos/as com os/as seus/suas.

Dentre os/as autores/as que utilizam o termo Orientação Sexual de acordo com a proposta oficial do MEC encontram-se Yara Sayão (1997) e Ricardo Silva (2002). Este autor afirma que nem todos os grupos que trabalham nesta área utilizam esta terminologia o que não deve impedir o diálogo e a troca de experiências. Reportando-se à necessidade de formação dos profissionais declara que "o trabalho de Orientação Sexual nos leva a pensar primeiramente no educador sexual e em sua formação" (SILVA, 2002:26). Este autor, ao referir-se ao profissional que trabalha nesta abordagem como educador sexual, mostra que não é o uso de um ou outro termo que divide os educadores, o que é confirmado por Yara Sayão (1997:112) ao questionar: "Por que trabalhar com educação sexual (ou será orientação?) na escola?". O imprescindível é conhecer como uns/umas e outros/as entendem e utilizam cada conceito e agem pedagogicamente.

A compreensão que fica da utilização dos termos Educação Sexual e Orientação Sexual é que a maioria dos/as autores/as, nos livros consultados, antes dos PCNs utilizavam o primeiro. Depois, há uma divisão: alguns/mas usam só Orientação Sexual e, outros/as, ambos os termos, não conseguindo optar por um ou outro, e sem deixar claro porque tal mudança na utilização dos termos se processou. Para Goldberg (1984), importa menos a precisão intelectual da definição do que é Educação Sexual e mais a combatividade nas lutas em busca de transformar os padrões sociais referentes ao relacionamento sexual.

Se for considerada a posição desta última autora, importa pouco realmente a definição dos termos, uma vez que ambos referem-se a um processo a ser desenvolvido com os/as educandos/as, tendo maior relevância e demandando maior atenção ao por que, para que e como isto é feito. Importa mais ainda questionar a educação que se busca, acreditando, no entanto, que se ela pode servir para conservar as normas e padrões sociais reproduzindo um modo de ser dominante, utilizada pelos que detêm o poder para manterem seus valores, cultura e objetivos, também pode, como afirma Barroso (1980), facilitar reflexões que apontem contradições, possibilitando uma síntese em que sejam possíveis mudanças culturais que favoreçam ao educando ampliar sua consciência tornando-se mais crítico, contestador e livre em suas escolhas. Se o termo educar não serve para a abordagem sobre a sexualidade no âmbito escolar, há que questioná-lo também em relação aos demais temas transversais e mesmo ao processo global realizado nas escolas.

2.3 SOBRE SEXUALIDADES E CURRÍCULOS

O currículo é o espaço onde se concentram e se desdobram as lutas em torno dos diferentes significados sobre o social e sobre o político. É por meio do currículo, concebido como elemento discursivo da política educacional, que os diferentes grupos sociais, especialmente os dominantes,

expressam sua visão de mundo, seu projeto social, sua verdade.” (SILVA, 2001b:10)

As teorias críticas já haviam mostrado que o currículo é uma construção onde o conhecimento carrega as marcas das relações sociais de poder. O currículo, dentro de uma visão pós-crítica, possibilita ampliar o espaço político e social da escola para discutir no coletivo o que significa uma sociedade. A visão pós-estruturalista, dentre as várias teorias pós-críticas do currículo, o vê como prática cultural e que percebe a cultura como um campo em torno da construção e da imposição de significados sobre o mundo social. Cultura, numa visão dinâmica, é produção e não produto, é criação e trabalho.

Em vez de seu caráter final, concluído, o que fica ressaltado nessa outra concepção é sua produtividade, sua capacidade de trabalhar os materiais recebidos, numa atividade constante, por um lado, de desmontagem e de desconstrução e, por outro, de remontagem e de reconstrução. Além disso, nessa perspectiva, esse trabalho de produção da cultura se dá num contexto de relações sociais, num contexto de relações de negociação, de conflito e poder. (SILVA, 2001b:17)

Desta forma, o currículo tal como a cultura, é compreendido por vários pontos, mas principalmente estes: 1) como “uma prática de significação” onde no seu texto há uma trama de significados que analisado como discurso é visto como prática discursiva; 2) “uma prática produtiva” - nesta prática discursiva há uma produção de significações produzida na tensão entre o fechamento da significação e na produção de sentidos; 3) “uma relação social” – a produção de significação se dá na relação com outros indivíduos e com outros grupos sociais. Neste processo construímos nossa posição de sujeito e nossa posição social, a identidade cultural e social de nosso grupo, e procuramos constituir as posições e as identidades de outros indivíduos e de outros grupos, mesmo que provisoriamente; 4) “uma relação de poder” – produz significados e sentidos que queremos que prevaleçam sobre outros significados e sentidos produzidos por outros indivíduos e grupos. O domínio de significado se resolve no terreno das relações de poder, e por fim, 5) como “uma prática que produz identidades

sociais” – a diferença e portanto, a identidade, é produzida no interior das práticas de significação, em que os significados são contestados, negociados, transformados. Ela é estabelecida de forma hierarquizada a partir de posições do poder. A identidade é uma relação e um posicionamento.

“A tradição crítica em educação nos ensinou que o currículo produz formas particulares de conhecimento e de saber, que o currículo produz dolorosas divisões sociais, identidades divididas, classes sociais antagônicas. As perspectivas mais recentes ampliam essa visão: o currículo também produz e organizam identidades culturais, de gênero, identidades raciais, sexuais... Dessa perspectiva, o currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos. O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz.” (SILVA, 2001b:27)

Neste sentido, um dos conceitos importantes para a pesquisa é o conceito de representação, que pode ser entendido como “um sistema de significação ao dizer que (...) na representação está envolvida uma relação entre um significado (conceito, idéia) e um significante (uma inscrição, uma marca material: som, letra, imagem, sinais manuais) ”(SILVA, 2002:35). Trata-se, pois, de um conceito fundamental, uma vez que se alia à idéia de que, constantemente, os sujeitos são subjetivados, construídos pelos atravessamentos de uma infinidade de discursos que circulam e se modificam em contextos variados.

Para o referido autor a representação é uma inscrição, marca, traço, significante, não devendo ser entendida como processo mental. Ela é a face material, visível, palpável do conhecimento. Perguntar sobre a representação é perguntar sobre quem está conhecendo o mundo e como este o conhece. Há uma relação entre o poder, de um lado, e o vínculo entre conhecer e representar, de outro. “*Na concepção do currículo como representação, o conhecimento não é a transcrição do “real”, a transcrição é que é real* (SILVA, 2001b:64). Representar define o que conta como real, o que conta como conhecimento. É esse poder de definição que está em

jogo no currículo concebido como representação. A representação é uma tentativa sempre frustrada de fixação do processo de significação.

Outro ponto importante refere-se ao conceito de identidade, pois esta não existe naturalmente, mas é construída em meio a uma determinada cultura, em um determinado tempo histórico, com todos os aspectos sociais e políticos nela contidos. Há certas condições sociais que fazem com que um grupo se veja com características comuns como: espaço, sexo, raça, nação e que são representadas através da produção de símbolos, de imagens, de memórias, de narrativas, de mitos que dão a unidade de um grupo, que definem sua identidade. Na interseção entre representação e identidade localiza-se o jogo desigual de poder. Através da representação travam-se batalhas de criação e de imposição de significados particulares. “A identidade é, pois, ativamente produzida na e por meio da representação: é precisamente o poder que lhe confere seu caráter ativo, produtivo.” (SILVA, 2001:47)

Neste sentido, cabe uma reflexão quanto aos conhecimentos que compõem o currículo escolar e os critérios de sua escolha, pois Ivor Goodson (2007:244) afirma que

as disciplinas escolares não são definidas de uma forma acadêmica desinteressada, mas sim em uma relação estreita com o poder e os interesses de grupos sociais. Quanto mais poderoso é o grupo social, mais provável que ele vá exercer poder sobre o conhecimento escolar”.

Podemos citar como exemplo a importância atribuída às disciplinas de Matemática e Português, pois estas, em maior ou menor proporção, são conhecimentos que predominaram nos currículos ao longo do tempo. Outros conhecimentos sempre foram ignorados, ou mesmo excluídos. Conteúdos sobre sexualidade, por exemplo, somente estão aparecendo (ou são sugeridos) de forma mais intensa no currículo há pouco mais de dez anos. Ao longo da história do currículo esse conhecimento não foi considerado como legítimo, exceto, em raras iniciativas de um pequeno grupo de pessoas interessadas em trabalhar com o tema da Educação para a sexualidade.

Contudo, a educação sexual no Brasil não começou em 1990 com a edição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), alguns estudos revelam registros nos idos de 1880/1890 com a prática higienista, a preocupação com o corpo tratando do cuidado, práticas esportivas e fins reprodutivos. Ainda no século XX não havia sido estabelecida como disciplina curricular, mas nas disciplinas humanas já era abordado de alguma forma.

No livro *Educação Sexual pede espaço*, Claudiene Santos e Maria Alves T. Bruns (2000) apresentam um panorama sobre as iniciativas de alguns pesquisadores, durante a década de 90, no sentido de trabalhar a sexualidade no currículo de formação de professores/as. Essas iniciativas, na maioria das vezes, elaboradas em forma de projetos desapareceram tão logo surgiram. Em alguns casos por falta de profissionais que não se sentiam preparados/as, em outros, por decisões de grupos que justificavam a não relevância desse conhecimento na Educação. Contudo, a proposta contemplava muito mais o nível biológico do que qualquer outra abordagem mais cultural.

Desse modo, em alguns momentos da história curricular, a sexualidade foi compreendida como um conhecimento prático e em outros momentos como conhecimento que deveria ser proibido, ou seja, como um assunto desnecessário do qual não se podia falar a não ser em confissões ou em consultórios médicos. Sendo um assunto proibido, não podia se tornar disciplina²³ escolar nem ao menos adentrar na escola.

Neste contexto cabe questionar se a sexualidade entendida como um conhecimento escolar deve ser trabalhada em forma de disciplina/componente curricular. De acordo com as sugestões propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN Vol. 10.2 (BRASIL, 1997), a Educação Sexual deve ser um tema transversal, podendo ser trabalhada por qualquer professor/a, em todas as áreas de ensino. Nesse caso, quais

²³ Sobre disciplina, Peter Burke nos diz que “as disciplinas científicas, em particular, foram consideradas como uma ‘invenção’ de fins do século XVIII e início do XIX. (BURKE, 2003:86).

os conteúdos da sexualidade o/a professor/a deve privilegiar, de que maneira abordá-lo/ensiná-lo? Guacira Louro afirma que “uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas” (LOURO, 2003:44), normatizando as ações dos sujeitos para um único padrão de normalidade. Nesse caso, tudo aquilo que não atende às normas compõe uma outra forma de conhecimento que não deve ser trabalhado como conhecimento escolar, pois foge ao padrão de normalidade. Algumas disciplinas, alguns conhecimentos já são tradicionalmente reconhecidos. Outras disciplinas consideradas fora do padrão e outros conhecimentos não tradicionais, como sexualidade, não são e dependem de interesses dos grupos profissionais para serem legitimados como conteúdo de ensino quando, o mais adequado é que deveriam ser “transversalizados” em todas as disciplinas por todo/as professores/as.

Ao pensar que esta tradição, a supremacia de algumas disciplinas em detrimento de outras interferem na organização do currículo, é possível que determinadas tradições assumam uma visibilidade maior no interior das fronteiras disciplinares. Goodson ressalta que algumas tradições disciplinares podem ser “relacionadas com as origens da classe social e com os destinos ocupacionais dos alunos” (GOODSON, 2001:178). Além disso, também é possível relacioná-las à organização dos profissionais da área, já que as disciplinas escolares envolvem grupos de pessoas com interesses e intenções diferentes, em particular pelos interesses materiais de cada professor/a. Portanto, o autor alerta que os cursos de formação docente poderiam aprofundar as discussões sobre os papéis dos/as futuros/as professores/as e as opções com as quais eles/as irão se confrontar ao longo de sua vida profissional, incluindo neste espaço a educação para a sexualidade.

Assim, pensar o currículo significa também pensar em uma questão histórica de poder e saber. O currículo se apresenta constituído por rupturas, discontinuidades e transformações, permeado por diferentes discursos, conceitos e representações. Essas rupturas, construções e elaborações são apresentadas por estudiosos como Ivor Goodson (1995), José Pacheco (2005) e Tomas Tadeu da Silva (1995, 2002) que nos

assinalam, como, ao longo do tempo, o currículo foi validado e legitimado por determinados grupos que legalmente estavam autorizados a pensá-lo e concebê-lo, obedecendo a decisões políticas, econômicas ou até mesmo particulares. Nesse sentido, o questionamento sobre os conhecimentos que constituem ou não o currículo, remetem-nos a pensar sobre os efeitos de poder e saber que são acionados no âmbito da educação.

Através de múltiplas práticas escolares e não-escolares, as/os alunas/os têm a oportunidade de presenciar uma série de situações direta ou indiretamente vinculadas à sexualidade: o uso do uniforme e suas condutas; o/a adolescente passando por transformações corporais e de comportamento; a criança curiosa em relação ao seu corpo; os/as alunos/as, na escola, ficando com o/a primeiro/a namorado/a; a gravidez na adolescência; as vivências homossexuais; as publicações em redes sociais sobre suas experiências íntimas; as paixões platônicas por pessoas mais velhas; as risadas, torpedos e a troca de informações e confidências entre colegas. Enfim, essa multiplicidade de aspectos vinculados ao exercício do prazer e do desejo, aponta para o fato de que a escola continua sendo o espaço privilegiado de aprender e de exercitar afetos, de namorar e de fazer amigos/as. Mas nos currículos dos cursos de formação de professores/as, a escola aparece ainda como o espaço universal do ensino e da aprendizagem dos conhecimentos validados e legitimados pelos grupos autorizados a pensá-lo.

Nestes espaços de formação, tanto na escola quanto na academia, em grande parte deles, pelo menos, a sexualidade aparece de forma asséptica, racional, dentro da perspectiva da biologia e da prevenção. Na grande maioria, dos cursos de formação docente, as disciplinas ligadas à licenciatura não discutem tais questões. Porém, na escola e em outros inúmeros espaços de formação, no campo de atuação profissional dos/as professores/as, a sexualidade está atrelada a história de vida das pessoas e, portanto mexe, incomoda, intriga e provoca comentários, questionamentos e especulações, que em muitos casos, não são tão bem aceitos e às vezes, são até ignorados em nome de uma manutenção de ordem.

Segundo Jimena Furlani (2007) o papel que a Escola assume nesse cenário pode ser visto, não apenas como importante, mas como estratégico na medida em que se constitui num local potencialmente explicitador e questionador das complexas formas pelas quais as identidades culturais são construídas, articuladas, experienciadas, transgredidas e re-articuladas no âmbito do social. O currículo escolar, portanto, ocupa um espaço grandioso na construção das diferenças e das identidades. Não apenas definido como a relação de disciplinas, conteúdos, atividades, metodologias, avaliações, regulamentos... O currículo é "todo um sistema de comportamento e de valores (...) todo o tipo de aprendizagens e de ausências que os alunos obtêm como consequência de estarem sendo escolarizados", toda e qualquer "experiência vivida pelo aluno" (SACRISTÁN, 1995:86).

Analisar o caráter do currículo a partir dos Estudos Culturais é conceder ênfase aos efeitos da linguagem e do discurso. É destacar "as estreitas conexões entre a natureza construída do currículo e a produção de identidades culturais e sociais", bem como "as diversas formas de conhecimento corporificadas no currículo", entendendo os saberes (científico ou do senso comum) como resultantes de um "processo de criação e interpretação social" (SILVA, 2001:135) em que a escola é um espaço importante onde isso acontece.

Em uma pesquisa realizada por Antônio Flávio Barbosa Moreira, sobre propostas curriculares que foram desenvolvidas, nas duas últimas décadas do século XX, em alguns estados e municípios brasileiros, o autor afirma que as críticas sobre as reformas educativas têm acontecido, não somente no Brasil, mas em grande parte do mundo. Nas palavras do autor:

Reformas curriculares formais, que simplesmente acrescentam, eliminam ou substituem disciplinas e conteúdos, conservando a justaposição entre a formação referente ao conteúdo específico e a formação pedagógica, pouco têm contribuído para o enfrentamento dos entraves (MOREIRA, 2000: 7-8).

Sobre o movimento de reformas curriculares que ocorreu durante a década de 80, principalmente nas regiões Sul e Sudeste, o autor afirma que

o resultado ficou aquém do esperado sem alteração significativa nos índices de evasão e repetência, no entanto, enfatiza algumas conquistas que ocorreram nesse período destacando “o empenho em democratizar a escola e a valorização dos conteúdos curriculares, desprestigiados, em momentos anteriores, pelo realce dado a métodos, técnicas e experiências de aprendizagem” (MOREIRA, 2000:7).

Na década de 90, o autor afirma que não aconteceram reformulações significativas no campo do currículo. A preocupação com o conhecimento escolar continuava aparecendo nos textos, porém com notável inspiração nos estudos culturais, pós-modernismo e do pós-estruturalismo. O distanciamento entre as reformas propostas teoricamente e a realidade vivida no cotidiano das escolas foi notável, com exceção de tímidas inserções de temas como, gênero e sexualidade.

No início deste novo milênio, após a implementação dos PCN'S (1997), a sexualidade enquanto tema transversal tem ocupado um maior espaço nas escolas e nas situações de ensino. “Podemos considerar que foi o primeiro reconhecimento oficial, de porte nacional, da necessidade de implantar programas de orientação sexual nas escolas nos dias de hoje.” (MEYER et al, 2004:11) Assim, inúmeros projetos surgiram para tentar discutir a sexualidade, mas o que se percebe é que a maioria desses projetos enfatizou o aspecto biológico e preventivo.

No caso da sexualidade na formação de professores/as, propostas que levem em conta apenas o que um grupo privilegiado acha importante, não vão ao encontro das necessidades dos/as futuro/as professore/as. Falar de apenas uma proposta não faz sentido diante da desigualdade e das diversidades existentes no contexto brasileiro.

Dentre a diversidade de teorias curriculares existentes, destacam-se nesse trabalho, as pesquisas voltadas para a articulação entre gênero, sexualidade e currículo. Guacira Louro, contribuindo nessa discussão, aponta que:

Os discursos traduzem-se fundamentalmente, em hierarquias que são atribuídas aos sujeitos e que são, muitas vezes, assumidas pelos próprios sujeitos. Por isso, para educadoras e educadores importa saber

como se produzem os discursos que instituem as diferenças, quais os efeitos que os discursos exercem, quem é marcado como diferente, como currículos e outras instâncias pedagógicas representam os sujeitos, que possibilidades, destinos e restrições à sociedade lhes atribui (LOURO, 2003:47).

A compreensão do currículo como conjunto de práticas discursivas que produzem sujeitos, faz com que as questões relacionadas com a sexualidade na formação docente sejam vistas como constitutivas dessas práticas e desses sujeitos também. Ser professor/a, no nosso caso, vai além do exercício profissional meramente racional de práticas pedagógicas no contexto da escola. Ser professor(a) é carregar consigo currículos como práticas.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A opção por uma metodologia qualitativa com emprego das técnicas de grupo focal e entrevistas funcionou de forma estrutural no estudo ora apresentado. Parti do pressuposto de que,

Não há “dados” para serem apanhados, tomados ou recolhidos num supermercado social, mas sim, aquele/a que pesquisa (conhece, fala e escreve) que toma uma situação, uma prática, um depoimento... como relevante para sua análise e o transforma assim, numa espécie de “dado” (LOURO, 2002:2).

Nesse sentido, o objetivo do grupo focal foi o de promover a discussão e coletar as opiniões a respeito de uma série de temáticas ligadas direta ou indiretamente às questões voltadas a uma educação para a sexualidade e assim, transformar em referências, o que fora obtido através das entrevistas que serviram para compor as informações pessoais sobre trajetória de cada participante e suas construções sobre sexualidade.

Nesse estudo, a opção pelo grupo focal deveu-se ao fato de que pretendi trabalhar com um material que fosse resultado da interação entre os/as participantes da pesquisa. A técnica de grupo focal mostra-se útil, uma vez que permite o compartilhamento de experiências, opiniões, desejos e interesses dos/as seus/suas participantes dentro do próprio contexto de formação docente.

Para compor o *corpus de pesquisa*, organizei um grupo de discussão com a participação de alunos/as formando/as²⁴ do curso de Pedagogia, da URCAMP – Bagé, sendo que algum/as atuam efetivamente nas escolas e outro/as apenas tiveram contato através das práticas de estágio curricular.

Esta escolha está relacionada, em parte, com as possibilidades oferecidas pelos campos dos Estudos Culturais e Feministas, em sua aproximação com o pós-estruturalismo, justamente, por dialogarem com teorias e metodologias de diferentes áreas do conhecimento. Além do que, existe um fato comum a esses campos teóricos quando se fala em

²⁴ O grupo foi composto por 13 pessoas, sendo 12 mulheres e 1 homem.

pressuposto teórico-metodológico indicando a inseparabilidade entre teoria e prática. Assim, a problemática aqui estudada, é fruto das inquietações que me impulsionam e mobilizam como docente e pesquisadora, mas também como mulher. Lembro de uma frase proferida em uma aula, onde a professora dizia que “toda dissertação ou tese é um acerto de contas com o passado²⁵”. De certa forma, a pesquisa busca este acerto. A partir desses lugares teóricos, escolhi aproximar minhas inquietações pessoais e profissionais, em especial, o importante papel que a formação docente pode desempenhar no campo da sexualidade e do gênero.

Como já citei anteriormente, há vários anos, estou envolvida com atividades de formação docente, não só no exercício de sala de aula como professora nos cursos de licenciaturas, em especial da Pedagogia, mas também como atuante em oficinas, palestras, grupos de estudo, coordenadora de práticas de ensino e também como docente no ensino médio²⁶, o que despertou em mim várias inquietações e desejos sobre esta aliança entre a teoria e a prática, entendendo que, se os estudos que realizamos estiverem articulados com este cotidiano e suas necessidades, poderão, de alguma forma contribuir efetivamente para questionar as dicotomias entre teoria/prática e diminuir o distanciamento entre as pesquisas produzidas nas academias e a realidade vivenciada nos bancos escolares. A possibilidade de reunir num mesmo grupo, formandos/as que já atuam na docência e formando/as que apenas passaram pelas práticas de estágio (com histórias e marcas singulares) contribuiu para essas interlocuções e questionamentos.

Creio ser importante observar que a estratégia metodológica escolhida, assim como, a pesquisa, de modo amplo, é interessada por eleger campos teóricos que oferecem importantes ferramentas para

²⁵ Tal frase proferida pela professora Dr^a Eliane Marta Teixeira da UFMG e citada na disciplina de “Representações de Amor Romântico e Educação para a Sexualidade na Escola” ministrada pela professora Dra. Jane Felipe no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, onde iniciei meus estudos como aluna PEC em março de 2005.

²⁶ Atuei como docente no Ensino Médio, na cidade de Dom Pedrito, com a disciplina de Filosofia, onde tive a oportunidade de conviver e “coletar” várias das dúvidas que hoje colaboram na estruturação desta tese. Esta atuação, finalizou-se em março de 2009, quando da minha mudança de cidade. Hoje, no IFSUL, tenho a oportunidade de novamente atuar com adolescentes e junto deles, foi constituído um grupo de pesquisa e extensão que discute as questões que abordam Gênero, Sexualidade e Diversidade.

problematizar e analisar o objeto da investigação e também, pelo ponto de vista político, questiona a utilidade de tais exercícios teóricos, não significando dar respostas ou afirmar verdades, mas dizer que o conhecimento produzido por este estudo é politicamente comprometido e nasce de alguns lugares onde se entrelaçam referenciais teóricos, experiências vividas, interesses políticos, protocolos acadêmicos e profissionais enfatizando algumas questões em detrimento a tantas outras (MEYER, SOARES, 2003).

Assim, esta investigação privilegiou a interlocução com o grupo de formando/as e constituiu dessas discussões seu material de pesquisa buscando entender as condições sociais, históricas e particulares, que emergem do contexto onde a pesquisadora e a pesquisa estão inseridas (MEYER, 2012). É desse lugar mutante, variável e incerto, mas politicamente essencial, que foram construídas e desconstruídas as estratégias de pesquisa, num lugar que não se elegeu privilegiado, mas efetivamente envolvido por relações de poder-saber.

Na medida em que a escolha dessa estratégia metodológica implicou aceitar o desafio de construir um modo de desenvolver a pesquisa de campo, a discussão que empreendo a seguir sobre o processo de organização e implementação do trabalho de campo poderia ser assim justificada:

Dimensão teórico-metodológica: afirmar que os campos teóricos eleitos nesta pesquisa não fornecem uma metodologia mais adequada ou correta, ao contrário do que muitos críticos e críticas argumentam, não implica um tratamento menos rigoroso no que se refere ao processo de produção, organização, gerenciamento e análise do material empírico.

Dimensão ética: na medida em que “a investigação científica é, sobretudo, um trabalho coletivo” (COSTA, 2002:154) e que o processo de organização e implementação do trabalho de campo geralmente é discutido de forma pontual e resumida nos textos das dissertações e teses, explorar e descrever o processo de pesquisar pode ser produtivo para que, mesmo que minimamente, eu possa colaborar com outras pesquisas. Foi assim, aliás, que foi elaborado este capítulo, buscando em algumas dissertações

e teses que traziam, cada uma a seu modo, certas alternativas de se realizar pesquisa nesses referenciais.

Assim, decidi destacar alguns aspectos da organização e desenvolvimento do trabalho de campo. Para tanto, é preciso descrever um cenário a fim de explicar os caminhos que percorri para acessar este grupo de formando/as e convidá-lo/as a participar desta investigação.

3.1 OS CURSOS, OS PROJETOS E OS PLANOS

Ainda na elaboração do projeto de tese, a ideia era fazer um mapa de cursos que oferecessem formação para professores/as tanto em nível médio como em nível superior na Região da Campanha do RS que é dividida em três mesorregiões²⁷. Fui em busca de obter informações sobre as escolas e onde elas estavam localizadas. O primeiro impasse deu-se no momento em que, ao entrar em contato por e-mail junto as Coordenadorias de Educação localizadas na região, passado um bom tempo, não obtive nenhuma resposta. Decidi entrar em contato com a Secretaria de Educação do Estado, com o setor responsável pelo Ensino Médio. Obtive como resposta que eu deveria entrar no site da Secretaria e buscar pelas escolas no link destinado a isso. Grande foi minha surpresa ao acessar o referido site e descobrir que as informações que alimentavam o banco de dados²⁸ sobre as escolas do RS eram bastante limitados e muito pouco contribuiu

²⁷ Localizada a sudoeste do RS e com uma divisão pelo IBGE, em três mesorregiões, assim composta: Campanha Central, Campanha Meridional e Campanha Ocidental. Segundo o COREDES, **Mesorregião** - é entendida como uma área individualizada, em uma unidade da Federação, que apresente formas de organização do espaço definidas pelas seguintes dimensões: o processo social, como determinante; o quadro natural, como condicionante, e a rede de comunicação e de lugares como elemento da articulação espacial. Essas três dimensões deverão possibilitar que o espaço delimitado como mesorregião tenha uma identidade regional. Essa identidade é uma realidade construída ao longo do tempo pela sociedade que aí se formou. Fonte: http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/unidades_geo_mesos.asp?n=Mesorregi%E3o%20Sudoeste%20Rio-Grandense

²⁸ Os dados informativos a respeito das escolas eram bastante incompletos, alguns identificavam apenas o nome da escola e sua localização. Outros, indicavam também alguma forma de contato como e-mail e telefone. Nada constava sobre número de alunos, professores ou propostas. Em se tratando de escolas privadas, nem o tipo de ensino ou cursos que oferecidos eram informados.

para o intuito que eu buscava. A alternativa foi mudar a estratégia e ir pessoalmente em busca dos dados junto às Coordenadorias de Educação.

Iniciada a busca junto a 13ª CRE - Coordenadoria de Educação, que é responsável por sete municípios²⁹, constatei e confesso que me surpreendi com o declínio do número de escolas que apresentavam esta modalidade de ensino. No passado, havia cinco escolas de formação de professores na cidade de Bagé, duas em Caçapava, duas em Dom Pedrito, e uma em Lavras do Sul. Hoje, existem apenas uma em Bagé de ordem pública pública, uma pública em Dom Pedrito e outra pública em Lavras do Sul. Esta realidade foi evidenciada em todas as Coordenadorias de Educação que visitei e em algumas cidades. Simplesmente as escolas deixaram de existir por completo ou então passaram a oferecer novos cursos com caráter essencialmente profissionalizante, pois, com a necessidade de formação no ensino superior, as escolas de magistério deixaram de ser atrativas do ponto de vista da empregabilidade que ofereciam.

Na 10ª CRE, que atende aos municípios de Uruguaiana, Alegrete, Barra do Quaraí, Manoel Viana e Itaqui, a oferta se dá em apenas três escolas, distribuídas nas cidades maiores, como em Uruguaiana, que oferece o curso pela CNEC³⁰ que é particular e uma em Alegrete e outra em Itaqui, que oferecem os cursos em Institutos de Educação mantidos pelo Estado.

Um fator surpreendente aconteceu quando cheguei na 19ª CRE e constatei que esta é a única coordenadoria que mantém cursos de formação em todos os municípios de sua abrangência e que em alguns municípios há ainda a oferta de mais de uma instituição oferecendo formação neste nível como é o caso de Santana do Livramento, onde existem dois Institutos de Educação Públicos e São Gabriel, que oferece um público e um privado. Já Rosário do Sul e Quaraí, oferecem a modalidade também em Institutos de educação de ordem pública.

Finalizando as visitas às Coordenadorias, a última visitada foi a 35ª CRE, sediada na cidade de São Borja e que é responsável por sete

²⁹ Aceguá, Bagé, Caçapava do Sul, Candiota, Dom Pedrito, Hulha Negra, Lavras do Sul.

³⁰ Campanha Nacional de Escolas da Comunidade

municípios, dos quais apenas dois possuem escolas de formação. São eles, São Borja com um centro educacional público e Santiago que oferece duas escolas, uma privada de origem confessional e outra pública.

Com tudo isso, percebe-se que a clientela que antes era submetida a testes para disputa de vagas, tal era a procura, hoje não passa de turmas quase que exclusivas por série e com um número bastante reduzido de alunas. Outro fator de análise é que as turmas continuam sendo basicamente constituídas de um público feminino³¹, reforçando assim, a idéia de que as mulheres são “essencialmente” cuidadoras/mães.

Quanto aos currículos que compõem esta modalidade de curso, pode-se dizer que todas elas se assemelham, pois a maioria das escolas, por serem de ordem pública, segue um elenco de conteúdos que são fornecidos pela SEED/RS³² e adaptados conforme as necessidades de cada clientela.

Após esse levantamento inicial, pude constatar que não existem, em nenhuma proposta, discussões sobre educação sexual, nem tampouco o tema foi mencionado dentro dos programas de conteúdos que foram analisados.

Diante deste quadro e por sugestão da banca examinadora, no momento da qualificação do projeto de tese, o espaço de investigação principal analisado referiu-se aos cursos de formação de professores/as em nível superior na Universidade da Região da Campanha. Para isso, num primeiro momento, foram solicitados junto aos responsáveis, cópias dos planos pedagógicos de todos os cursos que formam professores/as, tanto em Cursos de Pedagogia como em outras licenciaturas que eram oferecidas na Universidade³³. O quadro era composto pela oferta de oito cursos de licenciaturas distribuídos nos oito campus que a universidade mantém.

Observando os gráficos (anexo C) de matrículas no ano de 2008, percebeu-se também um declínio de ingressos nos cursos de formação em

³¹ Conforme dados obtidos junto as professoras responsáveis pelo setor nas Coordenadorias de Educação.

³² Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul

³³ Por sugestão da banca examinadora, limitou-se aos cursos de formação oferecidos pela Universidade da Região da Campanha que detinha a maior cobertura institucional em ensino superior na época da coleta de dados.

nível superior, comprovada pelo número reduzidos de alunos/as na área de educação nos últimos anos. Houve um esvaziamento de alguns cursos, como é o caso do curso de Letras, que era oferecido em todos os campus, mas que em alguns deles, não ingressavam alunos nos processos seletivos há muitos anos. Por outro lado, o curso de Pedagogia, que era oferecido em todos os oito campus, se mantinha com um número razoável de ingressantes, com base nesta informação, ratificou-se a escolha do Curso de Pedagogia como foco de estudo.

Analisando inicialmente, as políticas de formação contidas no projeto pedagógico³⁴ do curso de pedagogia, percebia-se uma discreta intenção de abertura de espaços para a discussão de questões relacionadas à sexualidade, porém, este espaço era bastante limitado dentro dos conteúdos que permeavam tais propostas. Estudos foram realizados desde o ano de 2009 para a redefinição curricular do mesmo, mas, pelo que se tem observado, insipientes são os espaços concedidos ao tema, apesar das Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia³⁵, definidas em 2006, fazerem várias referências a inserção desta temática nos cursos de formação.

Entendo que todas estas questões que envolvem uma educação para a sexualidade necessitam permear os cursos de formação de professores/as e a URCAMP³⁶, nesse contexto sócio-geográfico, deveria

³⁴ Os dados aqui descritos foram fornecidos pela própria instituição e retirados de documentos oficiais da mesma.

³⁵ Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, item: X - demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras; (MEC/maio de 2006).

³⁶ A Urcamp - Universidade da Região da Campanha está localizada no Sul do Rio Grande do Sul, situada nas regiões da Campanha e Fronteira Oeste, dominando uma vasta área hoje considerada estratégica pelas mudanças provocadas pelo advento do Mercosul. Ao Sul, vários dos oito "campi" fazem fronteira com a República Oriental do Uruguai, enquanto a Oeste, à frente do campus de São Borja, encontra-se a Argentina, separados os territórios dos dois países pela famosa ponte Santo Tomé - São Borja. A URCAMP está sediada no município de Bagé, na fronteira com o Uruguai. Foi reconhecida como Universidade, através do Parecer nº 183/89, de 15 de fevereiro de 1989, do Ministério de Educação. Junto aos seus cursos de graduação presta todos os serviços administrativos que dizem respeito a estrutura de ensino, da mesma maneira desenvolve atividades de pós-graduação, pesquisa e extensão, através de programações próprias, e mantém a também Escolas de Educação Básica e de Ensino Profissionalizante. A Universidade da Região da Campanha - URCAMP é mantida pela Fundação Attila Taborda - FAT, reconhecida através da Portaria 052 de 16 de fevereiro de 1989. Atualmente, a URCAMP

exercer o papel de agência principal nesta formação, por abranger territorialmente um grande número de cidades, sendo uma das maiores instituições e a mais antiga a prestar este tipo de formação. Cabe dizer que no anexo A, se encontram alguns trechos retirados do Regimento Geral da Universidade que dão uma visão sucinta de seus princípios, sua concepção e suas finalidades.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

A curiosidade e o interesse por tratar das questões relativas a educação para sexualidade, me acompanham desde a idade de menina, onde uma professora das séries iniciais, na verdade, uma orientadora educacional, tratava destes assuntos, de uma forma mais natural que as outras professoras da escola. Sem que eu soubesse, nascia ali, o meu interesse por investigar a formação de professore/as para este fim que foi impulsionado pelos anos de prática docente que desenvolvi e desenvolvo, tanto na educação básica como no ensino superior. O convívio com os alunos/as do ensino médio, com suas histórias e curiosidades, a angústia do/as aluno/as da formação sobre o que fazer e como fazer para sanar as dúvidas e situações apresentadas pelas crianças em sala de aula e minhas próprias inquietudes sobre este tema, levaram-me a recorrer a um grupo de formando/as para serem, mais do que fonte de pesquisa, meus/minhas parceiros/as nesta jornada e nas discussões sobre sexualidade na ânsia de propor algo diferente para o meio escolar.

No momento em que instauramos o grupo de pesquisa, estabeleceu-se um comprometimento ético, político e profissional entre todos/as os/as envolvidos/as. O objeto de estudo, além de envolver os/as participantes, os/as despertou para uma reflexão e uma necessidade de mudanças em suas práticas pedagógicas, a fim de que pudessem ocupar outras posições

além das costumeiras adotadas nas escolas, onde o tema da sexualidade não era discutido nas salas de aula.

Comprometida com meus/minhas alunos/as e principalmente com a tentativa dessas mudanças, elegi a região³⁷ onde moro e atuo, e mais especificamente, a universidade onde trabalhei por muitos anos, como o cenário apropriado para promover tais discussões, destacando alguns motivos principais para esta escolha. Num primeiro momento, embasada na escassez de produção teórica regionalizada sobre esta temática e em especial, até o presente momento, por não se ter conhecimento de um estudo científico localizado neste espaço geográfico que tenha, de forma acadêmica abordado as questões voltadas à sexualidade, resolvi empreender tal discussão. Em segundo lugar, por ser uma “formadora” também em formação, com ânsias de discussão, comprometida em tentar problematizar estas questões, propondo alternativas de ação no meio escolar. Por último, mas não menos importante, por ser oriunda dos bancos escolares desta instituição em minha graduação tenho por objetivo promover uma formação que respeite as diferenças e promova a equidade.

Assim, a escolha do grupo de formando/as de 2009, do curso de Pedagogia da Urcamp³⁸, possibilitou através da articulação do ensino e da

³⁷ Trata-se especificamente da cidade de Bagé que, segundo a definição do COREDES, é a maior cidade que compõem o COREDE CAMPANHA (Aceguá, Bagé, Caçapava do Sul, Candiota, Dom Pedrito, Hulha Negra, Lavras do Sul). Os COREDES são Conselhos Regionais de Desenvolvimento - criados pela Lei nº 10.283, de 17 de outubro de 1994, os Coredes têm por objetivo a promoção do desenvolvimento regional, harmônico e sustentável, através da integração dos recursos e das ações de governo na região, visando à melhoria da qualidade de vida da população, à distribuição eqüitativa da riqueza produzida, ao estímulo à permanência do homem em sua região e à preservação e recuperação do meio ambiente. Compete aos Coredes as seguintes atribuições, dentre outras: promover a participação de todos os segmentos da sociedade regional no diagnóstico de suas necessidades e potencialidades, para a formulação e a implementação das políticas de desenvolvimento integrado da região; elaborar planos estratégicos de desenvolvimento regional; manter espaço permanente de participação democrática, resgatando a cidadania, através da valorização da ação política; constituir-se em instância de regionalização do orçamento do Estado, conforme estabelece o art. 149, parágrafo 8º, da Constituição do Estado; orientar e acompanhar, de forma sistemática, o desempenho das ações dos Governos Estadual e Federal na região; e respaldar as ações do Governo do Estado na busca de maior participação nas decisões nacionais. Maiores informações, consultar:

http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/unidades_geo_coredes.asp

³⁸ Foi enviado ao diretor do Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes da Universidade da Região da Campanha – Bagé, uma cópia do projeto e através de uma visita pessoal, foi solicitada a autorização para que a pesquisa fosse realizada. O professor José Antonio Pegas Henriques, diretor do CCECA (Centro de Ciências da Educação,

pesquisa, a imersão de questionamentos que proporcionaram a análise dos discursos que atravessaram e instituíram não só as falas, mas também as atitudes dos/as professores/as sobre a educação para a sexualidade na Região da Campanha.

Na época, o vínculo como docente e também como coordenadora do Curso de Pedagogia foi um fator facilitador para a constituição do grupo e operacionalização da pesquisa. Ao lançar a proposta do trabalho, senti, por parte dos/as integrantes, a vontade de discutir tais questões, fossem por curiosidades pessoais, ou por interesse realmente profissional. O que ficou muito claro, é que o assunto mexia com os sentimentos e desejos das pessoas e certamente, alguns frutos surgiram a partir destas discussões.

Contudo, o desenvolvimento de pesquisas que problematizem as noções de educação para a sexualidade e as relações de gênero permitem considerar a importância dessas discussões junto às escolas, às agências formadoras e junto à Universidade, mais especificamente nos cursos de licenciaturas, trazendo como foco, a idéia de uma “prática intelectual como política” (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003). Nesse contexto, e com a aproximação proporcionada pelas aulas na universidade e pela coordenação do curso, tornou-se fácil perceber que estes temas não eram discutidos na universidade.

Após a qualificação da proposta³⁹, considerando as sugestões da banca examinadora e as discussões realizadas nas orientações, iniciei a montagem dos instrumentos e do roteiro do grupo focal propriamente. Entrei em contato com o diretor do Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes e após explicar detalhadamente minha pesquisa, solicitei autorização para que pudesse coletar os dados com os/as alunos/as da instituição. Para firmar o acordo, foi assinado um termo de consentimento livre e esclarecido⁴⁰ com o professor responsável. Paralelo a isso, comecei a garimpar os/as alunos/as, e, entre os/as que atendiam os critérios sugeridos, estava o/a de serem concluintes no ano de 2009,

Comunicação e Artes), concordou com a pesquisa e assinou o termo de consentimento da mesma.

³⁹ A proposta foi qualificada em 12 de dezembro de 2008 neste Programa de Pós-graduação, e uma das sugestões acatadas, refere-se a localização da pesquisa na cidade de Bagé e ao grupo de participantes.

⁴⁰ Apêndice A

independentes de estarem atuando ou não nas escolas. Lançada a proposta, houve um grande interesse pela turma de formando/as, superando as expectativas do número pensado por mim para o estudo, pois a sugestão e a proposta era de que se trabalhasse com 10 participantes e naquela reunião, 13 haviam comparecido. O que fazer então? Que critérios de exclusão adotar? E com que direitos escolher este/a ou aquele/a, se todos/as se encaixavam na proposta e ansiavam por participar dela? Resolvi concordar com o excesso de participantes naquele momento. Felizmente, foi uma atitude acertada, pois em poucos momentos tive a totalidade do grupo⁴¹ para as discussões e a média de participantes por encontro foi de 10 participantes, atendendo ao que era inicialmente proposto.

Nesta reunião inicial, ocorrida numa sala de aula da universidade, no mês de julho, apresentei a proposta a todos/as explicando os passos da pesquisa, e lançando o convite para que participassem da mesma. Organizei uma lista com nome, telefone e e-mail de quem manifestou interesse. Também acertamos um cronograma com as datas e horários onde ocorreriam nossos encontros. Ficou combinado entre os/as participantes que iniciaríamos com as sessões na primeira semana de agosto, porém, um surto epidêmico de gripe adiou o início dos trabalhos para o mês de setembro. Desde o primeiro momento, contei com o apoio de Cristiane⁴² no transcorrer das atividades de pesquisa e apresentei a todos/as de modo detalhado, as implicações tanto dos participantes quanto da pesquisadora neste estudo, referi algumas das propostas que seriam desenvolvidas nos encontros e procedi a leitura e discussão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁴³, em duas vias. Expliquei ainda que a atividade não seria certificada como atividade de extensão. Após alguns questionamentos sobre a pesquisa, os/as alunos/as pediram para pensar e

⁴¹ Houve um período de enchentes na cidade, o que dificultou o acesso dos/as participantes a universidade e uma das alunas envolvidas, converteu-se a religião evangélica e deixou de comparecer ao grupo.

⁴² Ex-aluna do Curso e minha orientada de monografia de conclusão de curso na mesma temática. Auxiliando-me nas tarefas de organização do material e gravação das sessões tanto em áudio como em vídeo.

⁴³ Apêndice B

resolveram deixar para assinar o termo no primeiro encontro marcado para setembro.

Senti uma certa angústia pela recusa imediata de assinar o termo, mas depois compreendi o quanto é importante e ao mesmo tempo comprometedor falar destes assuntos em meio a cultura de silêncio (ou negação) estabelecida na Região da Campanha. Era natural a reação de todos/as, pois eles nunca haviam tido a oportunidade de participar de uma pesquisa deste porte, estruturada com termo de consentimento e isto causou um certo receio em todos/as. Porém, para minha satisfação, os/as treze alunos/as compareceram na data marcada, com o termo em mãos assinado.

Apresento agora, rapidamente, a composição do grupo de participantes na pesquisa, ressaltando que os nomes aqui utilizados não são os verdadeiros e que foram escolhidos por cada um/a livremente.

Do grupo constituído para a pesquisa, doze integrantes são do sexo feminino e apenas um deles é do sexo masculino (o que foi muito interessante durante as discussões, pois tínhamos sempre vários olhares sobre as questões que estávamos debatendo). A maioria do grupo é natural da Região da Fronteira, mas contamos no grupo com uma integrante nascida e criada na Bahia e uma outra oriunda da Região das Missões⁴⁴. A idade do grupo variava entre 23 anos e 47 anos, sendo que destas, seis eram casadas, duas eram solteiras, uma era separada e quatro já estavam em outro relacionamento amoroso pela segunda ou terceira vez. Nove participantes têm filhos e quatro não tem. Sete participantes atuavam efetivamente em sala de aula, uma delas atuava como brinquedista⁴⁵ e os/as demais atuavam em setores diversos e apenas tiveram contato com o meio escolar através das práticas de ensino.

⁴⁴ Refiro-me as cidades de Salvador na Bahia, com costumes e culturas bem distintas e manifestadas nas falas da aluna como poderemos perceber no transcorrer das falas e a cidade de Tenente Portela, localizada a noroeste do RS e com costumes e colonização distintos da Região da Fronteira.

⁴⁵ É a responsável pelo atendimento as crianças que freqüentam a brinquedoteca da universidade e portanto, também tem um contato direto com crianças apesar de não ocupar o “espaço” da sala de aula.

3.3 OS TEMAS PROPOSTOS

Para a organização e implementação do grupo e conseqüente produção das informações que comporiam o *corpus* da pesquisa, contei com as contribuições de algumas pesquisas⁴⁶, as quais, ainda que de diferentes modos, ocuparam-se com o trabalho de campo com grupos. Algumas dessas pesquisas privilegiaram a técnica de “grupo focal”, empregada no contexto de investigações em ciências humanas e sociais com o objetivo de promover discussões sobre um tema específico definido previamente a partir dos interesses do/a pesquisador/a.

Esta pesquisa teve um caráter colaborativo, na medida em que contou com a participação de alunas e de um aluno, pertencentes ao oitavo semestre, ou seja eram concluintes, do curso de Pedagogia da URCAMP, que levantaram as demandas da formação no que se referia ao tema de uma educação para sexualidade.

Na seqüência do desenvolvimento deste estudo, no ano de 2009, os dados foram coletados junto a um grupo de alunos/as e, utilizando-se da técnica de grupo focal como já fora anunciado anteriormente. Segundo Tanaka (2001:23) “trata-se de uma técnica qualitativa, não-diretiva, cujo resultado visa o controle da discussão de um grupo de pessoas”, inspirada em técnicas de entrevista não-direcionada e técnicas grupais onde o mais importante é a interação que se estabelece entre os/as participantes. Assim, o/a facilitador/a estabelece e facilita a discussão e não realiza apenas uma entrevista em grupo. Nesse caso, os/as participantes discutiram a respeito das temáticas pertinentes à uma educação para a sexualidade e o curso de formação que freqüentavam, possibilitando assim, os subsídios necessários para elaboração desta tese. Recursos culturais que relatam as características da Região da Campanha, como textos e letras de músicas, foram utilizados no intuito de promover uma discussão relativa a identificação dos costumes e conceitos desenvolvidos e vivenciados pelos/as participantes e conseqüentemente a formação e

⁴⁶ Dentre as pesquisas que colaboraram com este processo, cito as dissertações de José Damico (2005), Graciema Rosa (2004) e Bianca Guizzo (2005) e a tese de Fernando Seffner (2003) – desenvolvidas neste Programa de Pós-Graduação;

atuação dos mesmos em suas práticas docentes. Como facilitadora da discussão procurei promover o diálogo e conduzir os trabalhos proporcionando que todos/as participassem e colaborassem com seus depoimentos.

Sobre a organização dos encontros, os mesmos aconteceram nas dependências da URCAMP, campus sede de Bagé, inicialmente na Sala da Brinquedoteca, e a partir do quarto encontro nos mudamos para uma outra sala⁴⁷ disponibilizada pela universidade. As sessões⁴⁸, como preferíamos chamar, tinham a duração de 1h e 30 mim, e as datas e a periodicidade das mesmas foram combinadas previamente com os/as participantes.

Foram utilizados recursos como gravadores de som e imagem, autorizados previamente pelo grupo, além das anotações registradas pela pesquisadora e pela assistente de pesquisa, bem como, todo o material produzido pelo grupo⁴⁹.

Para abrir as discussões a cada encontro, foi apresentada sempre a proposta de trabalho⁵⁰ daquela sessão, como sendo o eixo norteador das discussões das/os participantes em cada data, conforme o que segue:

⁴⁷ Em função de um grande período de chuvas ocasionadas em Bagé durante os meses de setembro e outubro, a sala acabou sendo inundada e tivemos que nos deslocar para uma outra sala no CCECA (Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes) a fim de que os reparos fossem realizados.

⁴⁸ 1ª sessão – 08/09/2009; 2ª sessão – 15/09/2009; 3ª sessão – 22/09/2009; 4ª sessão – 20/10/2009; 5ª sessão – 03/11/2009; 6ª sessão – 18/11/2009

⁴⁹ Em todas as sessões era sempre solicitada uma produção para que se tivesse um registro, fosse escrito ou “artístico” através de painéis, sobre o que havíamos discutido naquele dia.

⁵⁰ Todo o material apresentado ao grupo, bem como o que fora produzido por ele, encontra-se em um CD no apêndice C da tese, identificado pela data dos encontros.

Dia 08 de setembro de 2009

- Atividade de integração (para apresentação das PPs (participantes e da equipe de pesquisa. (15 min.)
- Tópico de discussão: educação para a sexualidade e cursos de formação
- Proposição de atividade: explosão de idéias (distribui-se dois cartões para cada participante; solicita-se que escrevam em um cartão três palavras que associam sexualidade e formação, no outro, três palavras que associam com educação para a sexualidade; as palavras são sistematizadas no quadro pelas PPs em duas listas distintas, registrando a recorrência de cada uma). (25 min.)
- Discussão a respeito das palavras citadas. São observados os seguintes aspectos: as palavras mais pontuadas; relação entre as palavras; grau de importância. (20 min.)
- Elaboração de uma produção escrita procurando responder a seguinte pergunta: Você acha que o curso de formação que você esta cursando prepara para lidar com situações que acontecem na sala de aula em relação à sexualidade e relações de gênero? (25 min.)
- Finalização. Solicita-se às participantes que tragam para o próximo encontro revistas que possam ser recortadas a fim de montar um painel. (5 min.)

Dia 15 de setembro de 2009

- Tópico de discussão: a questão do gênero na escola
- Proposição de atividade: Em duplas, o/as participantes (20 min.), elegerão figuras nas revistas trazidas e montarão um painel identificando o que eles/as consideravam próprio do feminino e do masculino
- Discussão a respeito das gravuras escolhidas. São observados os seguintes aspectos: as características atribuídas ao feminino e ao masculino; a relação entre as figuras; a representação de cada uma delas. (25 min.)
- Elaboração de uma produção escrita, através de um formulário distribuído pela pesquisadora contendo o seguinte quadro para que fosse preenchido de acordo de como eles percebem que as crianças “são”: (20 min)

	MENINOS	MENINAS
NA ESCOLA: DENTRO DA SALA DE AULA		
NA ESCOLA: FORA DA SALA DE AULA		

- Finalização: Discussão sobre o que fora citado e o porquê das escolhas feitas (25 minutos)

Dia 22 de setembro de 2009

- Tópico de discussão: contexto regional e sexualidade
- ▣□ Proposição de atividade: distribuição de duas letras de músicas e audição das mesmas [Morocha, de Davi Meneses e Morocha Não, do cantor Leonardo (bajeense, falecido em março de 2010)]. Ambos são artistas nativistas e sempre cantaram a vida e o modo de ser do gaúcho. As duas músicas falam sobre costumes do homem e da mulher na Região da Campanha. A primeira é uma provocação e a outra, é a resposta defendida por um autor nascido em Bagé. (25 min.)
- Discussão a respeito das letras das músicas. São observados os seguintes aspectos: que representação de homem e que representação de mulher as letras apresentam? Que modos de ser elas ditam? Qual a realidade do nosso contexto? (25 min)
- Elaboração de uma produção escrita procurando responder a seguinte pergunta: Quais representações de homem e de mulher nós estamos trabalhando nas escolas? Que influência o nosso contexto cultural tem ao trabalharmos a sexualidade nas escolas? (25 min.)
- Finalização. Solicita-se que realizem um quadro, descrevendo a representação de homem e de mulher contida em cada uma das letras e que mensagem ela imprime na formação dos modos de ser homem e de ser mulher na Região da Campanha. (15 min)

Dia 20 de outubro de 2009

- Tópico de discussão: homofobia – exposição do tópico e levantamento das idéias a respeito. (10 min)
- Proposição de atividade: distribui-se trechos do livro “Todas as histórias do Analista de Bagé” do autor Luis Fernando Veríssimo, que trata de literatura regional com descrição do perfil do homem da Campanha e de seus conceitos e pré-conceitos sobre a sexualidade. Após a leitura e reflexão das frases, cada integrante registra num cartão o seu entendimento e tenta descrever alguma situação homofóbica que já tenha presenciado. (25 min)
- Discussão a respeito das situações descritas. São observados os aspectos de recorrência entre as situações e analogias com o que foi lido. (30 min)
- Questionamentos possíveis:
 O que é homofobia?
 Quais as situações de homofobia presentes na escola?
 Como são tratadas na escola, as crianças cujos pais são homossexuais?
 Como os/as educadores/as podem trabalhar o conceito da homossexualidade em sala de aula?
- Finalização: Discussão sobre os questionamentos (25 min)

Dia 03 de novembro de 2009

□□ Tópico de discussão: educação para a sexualidade – exposição do tópico e levantamento das idéias a respeito. Distribuição do/as participantes em duplas. (10 min)

□□ Proposição de atividade: distribuí-se charges do cartunista Francesco Tonucci (Frato) que abordam a questão da Educação Sexual vista por vários olhares, tanto das crianças, quanto dos pais e por fim do/as professores/as para que os/as participantes analisem e elaborem as suas impressões a respeito das mesmas sempre fazendo uma co-relação com as situações vivenciadas no cotidiano da escola em suas realidades, registrando numa ficha os tópicos principais. (25 min)

□□ Discussão a respeito das situações descritas. São observados os aspectos de recorrência entre as situações e analogias com o que foi observado.

□□ Questionamentos possíveis:

Que tipo de curiosidades as crianças apresentam sobre sexualidade?

Como os/as educadores/as podem trabalhar as questões da sexualidade na escola?

□□ Finalização. Retomada dos tópicos principais (5 min)

Dia 18 de novembro de 2009

□□ Tópico de discussão: educação para a sexualidade e currículos

□□ Proposição de atividade: Discussão das idéias principais que foram debatidas durante os encontros (15 min). Distribuição para cada participante de uma ficha onde deveriam responder a três questões: (30 min)

1 . O que vocês já tinham pensado sobre educação para a sexualidade antes dos nossos encontros?

2 . Como vocês pensam a educação para sexualidade a partir dos nossos encontros? O que isso modificou na vida de vocês, nos modos de ser e de pensar de cada um?

3 . Por último, como poderíamos propor um currículo para trabalhar a educação para a sexualidade nas escolas e nos cursos de formação?

□□ Exposição para o grande grupo das idéias levantadas e do posicionamento de cada participante (25 min)

□□ Finalização. Agradecimento pela participação de todos/as e encerramento da fase dos grupos focais. (5 min.)

Após ter apresentado o cronograma de como os encontros transcorreram, gostaria de mencionar uma ideia que me acompanhou durante essa etapa de trabalho: ainda que os encontros tivessem sido planejados para funcionar como estratégias para produção de material de pesquisa e não como estratégias de intervenção pedagógica, é preciso dizer que, de muitas formas, eles funcionaram também como instâncias pedagógicas para todo/as nós que nos envolvemos no processo. Todos/as nós aprendemos e nos redescobrimos através das sessões, muitas questionaram tabus e preconceitos e refletiram sobre seus medos. Os encontros foram tomados por mim como *locus* de produção de informações e aprendizagens. Isso porque, ao mesmo tempo em que as atividades realizadas no grupo tornaram possível produzir determinadas informações para esta pesquisa, também produziram efeitos no/nas participantes e na pesquisadora.

Depois da transcrição de todos os depoimentos somadas as anotações realizadas no caderno de pesquisa⁵¹, eis que era chegada a hora de analisar o material coletado e então, num trabalho difícil e solitário (mas imprescindível) fui em busca das categorias que emergiram das falas, dos olhares, das ausências, dos excessos e de tudo o que havia sido compartilhado por mim enquanto pesquisadora, e pelo grupo, enquanto pesquisados/as.

Assim, primeiramente, as categorias evidenciadas, apresentam as ideias, as imagens, os comportamentos, os preconceitos e tantas outras características que nos levam a responder: como é a educação para a sexualidade na Região da Campanha? Quais as representações de gênero que se estabelecem neste meio tão mediatizado pela cultura regional? Quais os sentidos e os significados dos (pré)conceitos aprendidos? E por último, as proposições e a emergência de um novo currículo que, além de contemplar os temas da sexualidade, estivesse pautado por atitudes questionadoras e reflexivas e não como meros receituários, idênticos e formatados. Dessa forma, na sequência da tese, as categorias são

⁵¹ Preferi utilizar um caderno de pesquisa ao invés de formalizar um diário de campo, pois o mesmo serviu tanto de instrumento para a organização dos procedimentos, como também de agenda, onde pude registrar tudo o que se relacionasse a pesquisa.

abordadas em um capítulo especial, relacionado os achados teóricos, com as falas dos sujeitos e as considerações da pesquisadora.

3.4 REGIÃO DA CAMPANHA E A CIDADE DE BAGÉ

As raízes do Tradicionalismo encontram-se profundas neste chão. O churrasco, o chimarrão, o cavalo, o cão de guarda, ainda são os melhores amigos do habitante destes pagos, só superados pela figura amada da mulher, sempre esbelta e companheira, que diuturnamente acompanha os passos do homem gaúcho, valente e denodado.⁵²

O excerto retirado de um site que faz a divulgação da cidade já demonstra a concepção de mulher na Região da Campanha: esbelta e amável que acompanha o homem, o marido caracterizado como valente, ousado, intrépido, seguindo sempre seus passos por onde quer que vá.

A Região da Campanha abrange 19 municípios, divididos em três mesoregiões: a Campanha Central que engloba os municípios de Santa Margarida do Sul, Santana do Livramento e São Gabriel; a Campanha Meridional composta pelos municípios de Aceguá, Bagé, Dom Pedrito, Hulha Negra e Lavras do Sul e por fim, a Campanha Ocidental que integra Alegrete, Barra do Quaraí, Garruchos, Itaqui, Maçambará, Manoel Viana, Quaraí, São Borja, São Francisco de Assis e Uruguaiana.

A população total da região é de 782.195⁵³ habitantes e que tem sua economia baseada na produção primária, destacando-se como culturas principais a produção orizícola e de carne. A região apresenta distintas opções de lazer e cultura. Mesmo nas maiores cidades da região, como Bagé, Livramento, Uruguaiana, Alegrete e São Gabriel não são muitos os locais como cinemas, teatros, livrarias, galerias de arte, etc. Os espaços

⁵²Texto retirado do site <http://www.alternet.com.br/bage/generalidades/> em 15/07/2010, sob responsabilidade de Ivan Lanser, que descreve os costumes e os conceitos vivenciados na cidade.

⁵³ Dados do IBGE em 2010.

culturais são alternativos e perspicazes com a região sobressaindo os rodeios, gineteadas, desfiles farroupilhas e semanas crioulas onde as atividades são voltadas para a expressão da cultura e das vivências do homem do campo⁵⁴. Em um ambiente composto por costumes culturais, herdados de uma tradicional colonização imigratória, determinadas problematizações em torno da sexualidade e das relações de gênero encontram, ao que parece, pouco espaço para a discussão nas instituições escolares.

Neste contexto, a região possui instaladas quatro universidades, que são as responsáveis pela formação docente em nível superior, a saber: duas particulares, a URCAMP e a IDEAU, uma estadual, a UERGS, e a UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa. A região conta ainda com dezesseis escolas que oferecem a formação em nível médio denominada de modalidade normal⁵⁵. Além disso, há uma variada produção artístico-cultural com nomes⁵⁶ reconhecidos internacionalmente, que retratam o modo de ser e de viver do gaúcho através da música, da poesia, da pintura e de outras representações que são trazidas ao longo do texto como forma de ilustrar as características próprias da região em questão.

Falando um pouco a respeito desta história cultural da Região da Campanha e especificamente da cidade de Bagé, faz-se necessário descrever, ainda que brevemente, o contexto onde estes fatos aconteceram

⁵⁴ Na escola onde atuo no momento (IFSUL), há no pátio vários exemplares de vaca parada (Cavalete de madeira com uma caveira de um animal bovino amarrado em uma das extremidades, coberto por um couro de animal), onde os alunos, na hora do intervalo das aulas, praticam uma atividade denominada “armada” cujo objetivo é laçar a “vaca” pelos chifres, imitando uma das atividades que são desempenhadas nas lidas campeiras.

⁵⁵ Modalidade normal é o termo designado para referir-se a formação de professores em nível médio, de acordo com a LDB 9394/06

⁵⁶ Na pintura, refiro-me ao grupo **"os quatro de Bagé" : Carlos Scliar (santa-mariense), Glenio Bianchetti, Glauco Rodrigues e Danúbio Gonçalves)** fundam o **"Clube da Gravura de Bagé"**, idéia que se espalhou pelo país e pelo exterior. A partir de 1952, o grupo vinculado a **Bagé** passou a trabalhar na cidade e nas estâncias vizinhas. Os temas ligados à vida, costumes e paisagens locais passam a ser preocupação desse grupo. Durante seis anos passam largos períodos desenhando, gravando e pintando temas gaúchos. Pedro Wayne, Ernesto Wayne, Luis Coronel na literatura e também tomo emprestado trechos da obra de Luis Fernando Veríssimo, intitulada “O analista de Bagé”, que descreve alguns conceitos até hoje cultivados por aqui.

e de que forma atravessaram este povo na construção de seus costumes, dizeres e saberes.

Para ilustrar um pouco das bases culturais que fundam e permeiam Bagé, lanço mão de um poema escrito por uma das mais reconhecidas autoridades literárias que aqui viveram e que de tal importância tem seus ditos, até os dias de hoje, propagados como ícone da expressão da cultura bajeense⁵⁷. Através desta poesia é possível perceber o quanto são valorizados os atributos de quem aqui vive e como as características “heróicas” são perpetuadas através de seus ícones históricos.

BAGÉ
No extremo sul, na fronteira,
Num trono de realeza,
Ihe fez a natureza,
Está Bagé sobranceira,
Qual "Rainha da Fronteira",
Ostentando com nobreza,
A simpatia e a beleza,
De cidade prazenteira.
Terra de Joca Tavares
E de Silveira Martins,
Cuja voz vibra nos ares,
Bagé, pela sua história,
Sem precisar de espolins,
Tece seu manto de glória.
Attila Taborda - 1943

Segundo o historiador Claudio Boucinha (2005), Bagé, denominada como a Rainha da Fronteira, está localizada na fronteira do Rio Grande do Sul, a 60 km do Uruguai. Por sua posição geográfica, desempenhou importante papel na história do Estado, desde o tempo do Império⁵⁸. Seus campos foram alvo de disputas entre índios, portugueses e espanhóis. Aqui

⁵⁷ Trata-se de Attila Taborda, médico que aqui residiu por várias décadas e que fundou vários grupos culturais, principalmente na área literária. Sua preocupação com a cultura era tamanha que é atribuída a ele a instalação da primeira instituição de Ensino Superior em Bagé através da Fundação que leva seu nome e que hoje é a mantenedora da mais antiga universidade em atividade na cidade de Bagé, trata-se da FAT/URCAMP.

⁵⁸ Maiores informações sobre a história de Bagé, encontra-se no anexo B)

também aconteceram fatos importantes da Guerra Cisplatina e das Revoluções Farroupilha e Federalista.

Quanto à origem do nome Bagé, há várias hipóteses, todas elas ainda discutidas. Há quem diga que no local onde hoje está situada Bagé, viveu um cacique minuano chamado Ibaié. Este índio estaria enterrado no Cerro de Bagé, e dele teria se originado o nome da cidade. A existência do referido índio nunca foi comprovada, sendo mais provável que seja uma lenda. A hipótese mais aceita é aquela que diz que a origem do nome Bagé vem da linguagem indígena, e está relacionada com a idéia de “cerros”. Os índios tapes chamavam os Cerros de “mbaiê”, porém a expressão mais aceita para a origem do nome da cidade é “bag”, outra expressão indígena que também significa “cerros”.

Devido à importância da cidade para a região, Bagé ganhou o apelido de “Rainha da Fronteira”. Sedia a Universidade da Região da Campanha – URCAMP, a reitoria e o principal campus da UNIPAMPA, um campus da UERGS, um campus da IDEAU⁵⁹ e desde outubro de 2010, o Instituto Federal Sul-Rio-Grandense de Educação, Ciência e Tecnologia. A cidade possui ainda um instituto musical ativo, um cinema, além de outras manifestações culturais. Mantém vivas as tradições do gaúcho e oferece a seus cidadãos e visitantes a possibilidade de admirar prédios históricos, participar de atividades culturais, conviver com hábitos típicos da região e muito mais⁶⁰.

Nas décadas de 80 e 90 Bagé viveu um período de estagnação, tanto financeira, quanto cultural. A escassez de água assolou a agricultura e a pecuária, o que acabou se refletindo no comércio local. Desta forma,

⁵⁹ IDEAU – Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - Atua somente com bacharelados na cidade de Bagé, não ofertando cursos na área de formação docente em nível de graduação, somente cursos de especialização na pós-graduação são dedicados à área educacional na modalidade EaD.

⁶⁰ Fonte: Site: <http://www.bage.rs.gov.br/index.php>. Outras informações podem ser buscadas em: Texto “Bagé, a mais gaúcha das cidades”, de autoria de Marcos Perez; Textos da Oficina História de Bagé, ministrada pelo Professor Cláudio Boucinha; *Informações Históricas sobre Bagé*, de Cláudio Boucinha; *O Pampa no caminho da História do Rio Grande do Sul*, Elizabeth Macedo de Fagundes, revista RG do Pampa, ano 1, n.º 2, páginas 4 e 5.

com o empobrecimento da região, houve também alguns prejuízos significativos na cultura da cidade, pois poucos eram os investimentos para com estas atividades. Porém no início dos anos de 2000, a cidade de Bagé sofreu uma virada política e através de vários investimentos, principalmente das políticas públicas federais, ressurgiu o incremento financeiro através de vários projetos que conferem novamente a Bagé, um lugar de destaque na sociedade gaúcha. Com tais recursos, foram retomados os negócios rurais⁶¹, e conseqüentemente, houve um crescimento na economia de um modo geral. Programas nas diversas áreas foram trazidos para Bagé, perpassando desde as questões de casa própria e sanidade pública, até investimentos na área cultural, com a reforma de pontos turísticos/culturais da cidade como: revitalização do IMBA (Instituto Municipal de Belas Artes), reforma do Museu Dom Diogo de Souza e criação de um complexo cultural anexo ao museu; reabertura do cinema local, incentivo as exposições de artes e abertura de novos espaços, como a Casa de Cultura Pedro Wayne, o Palacete Pedro Osório e o Espaço Cultural Da Maya, dentre outras obras. Assim, Bagé foi renascendo no contexto político-econômico e isto fez com que a cidade se tornasse uma referência na Região da Campanha.

3.5 EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NO CURSO DE PEDAGOGIA DA URCAMP/BAGE

Ao me deter, no Projeto Político Pedagógico que estava em vigor até 2011⁶², no curso de Pedagogia da URCAMP/Bagé, é importante destacar que em nenhum momento se encontravam referências sólidas para a discussão da temática de Gênero e Educação para Sexualidade. Porém, sabe-se que discutir sobre sexualidades na escola é fundamental, pois este é um aspecto importante de nossas vidas, principalmente, em se tratando de um curso de formação de professores/as. Estava em estudo e foi

⁶¹ Bagé é reconhecida mundialmente pelos belos arcos que abriga em seus campos. Há também um plantel de gado de corte de destaque no estado através da produção de várias cabanhas. A agricultura retoma seu espaço e a produção orizícola é intensificada.

⁶² O atual projeto do Curso de Pedagogia continua não apresentando nenhuma disciplina específica sobre a temática.

implantado no final do ano de 2012 uma reformulação do projeto do referido Curso, elaborado por alguns/mas professores/as do mesmo. Entretanto, o que se evidencia no novo plano é que o mesmo continua não privilegiando diretamente esta temática. Deixa em aberto para que, por vontade do/a professor/a, se possa pincelar alguns tópicos dentro de um eixo intitulado “Diversidade e Inclusão”, composto pelas disciplinas de Antropologia, LIBRAS⁶³, Necessidades Educativas Especiais, Sociologia da Educação e Teorias do Currículo, sendo que, pela listagem de conteúdos e pelas bibliografias sugeridas, não existe qualquer menção a esses temas.

No entanto, é possível perceber que há, entre os/as estudantes do curso um desejo de problematizar, de saber, de expor, de comentar e de discutir as práticas e as vivências afetivo-sexuais que ocorrem na escola e for a dela, embora se perceba também um certo constrangimento em se falar de coisas que normalmente não são discutidas com tanta facilidade nos meios escolares ou acadêmicos, o que justificaria, por si só a demanda destes assuntos.

Jimena Furlani (2007) utiliza a metáfora do “monstro” para descrever este processo que envolve quem se arrisca a falar sobre sexo neste espaço denominado escolar considerando que "sexo", "sexualidade" e "gênero", são temas, ao mesmo tempo, de difícil abordagem e de completo fascínio. Desta forma, os estudos sobre a sexualidade têm mostrado que ela é construída de forma diferente através das diferentes culturas e do passar do tempo.

Através de construções culturais vão-se delineando as identidades de gênero e identidades sexuais. Homens e mulheres são educados/as de maneiras diferentes, a terem atitudes que condizem com os modelos produzidos pela sociedade. Especialmente em regiões do interior, como é o caso da cidade de Bagé, os costumes parecem ser ainda mais arraigados, principalmente no que tange às relações de gênero e às identidades sexuais. A sexualidade constitui-se a partir de um ambiente bastante demarcado pela família, pela escola, pela igreja, e mais recentemente pela mídia e demais aparatos culturais que estabelecem conceitos e pré-

⁶³ Língua Brasileira de Sinais

conceitos sobre o que pode e o que não pode, o que deve e o que não deve ser dito, feito, pensado. Nesse contexto, a sexualidade é produzida socialmente pelos sujeitos e pelas instituições sociais, e faz parte de um processo histórico, fruto de uma arquitetura social e cultural, onde a educação sexual assume um conceito mais amplo, já que não está só ligada ao ato sexual em si e ao controle de doenças, mas também às questões culturais que perpassam a mesma.

Assim, não só a família, as escolas, a mídia, os cursos de formação de professores/as e outros agentes sociais têm papel importante no comportamento dos indivíduos que por elas circulam. A família, mesmo que não dialogue abertamente sobre sexualidade, é quem fornece as primeiras noções sobre o que é adequado ou não, por meio de gestos, expressões, recomendações e proibições. Os meios de comunicação, mais especificamente, a mídia produzida por eles, ditam comportamentos, sugerem modos de ser, normatizam o que consideram como certo e errado, o legal, o bom e o ruim, o que acaba, muitas vezes, sendo reproduzido também pela escola. Em minha experiência como professora percebo que a escola e também o curso de Pedagogia, muitas vezes deixa de oferecer um espaço para que ocorram debates sobre educação para a sexualidade de uma forma continuada. O que acontece são encontros esporádicos nas escolas, que pouco contribuem para as demandas atuais. Em geral, essa ausência é justificada por falta de conhecimento na área, por despreparo dos/as professores/as, ou ainda por achar o assunto pouco importante diante dos conteúdos que precisam ser trabalhados nas disciplinas específicas. Muitas vezes, tal despreparo vem acompanhado da falta de apoio da direção, da coordenação pedagógica, dos sistemas de ensino, bem como da própria família dos/as alunos/as.

Quando falo em educação sexual não me refiro a atividades pontuais e descontínuas. A interrupção ou suspensão desses momentos escolares, além de desmotivar as crianças e jovens e de lhes causar a sensação de fraude pedagógica (quer pela “incapacidade” docente, quer pela falta de incentivo ou apoio institucional, quer por receios em abordar o tema) pode dificultar a reflexão dos participantes, sobretudo quando se questiona a clássica crítica tão

comum a esses trabalhos – “que não mudam comportamentos”. Nesse sentido, entendo as atividades pontuais não como “o” processo (em si) de educação sexual, mas como uma entre outras estratégias didáticas (FURLANI, 2003:68).

Para que a escola desenvolva projetos competentes que atendam às necessidades dos/alunos/as, é preciso investir em cursos de formação inicial e continuada, numa perspectiva dos direitos e sob os princípios da equidade, o que nos remete imediatamente, à questão da formação profissional, uma vez que os/as professores/as são peças-chave para a implantação de qualquer programa.

Se por Educação para Sexualidade entendemos um processo de intervenção que favoreça a reflexão sobre as manifestações da sexualidade, as expressões de gênero e a saúde reprodutiva, contemplando não só a informação sobre aspectos biológicos, mas também a discussão sobre sentimentos, valores, crenças, preconceitos, experiências pessoais, etc., então se faz necessário que o/a profissional participe de um processo amplo e aprofundado de formação, tanto em termos de conhecimento quanto de uma forma de atuação mais condizente, para que tanto os meninos quanto as meninas se sintam tranquilos e motivados para expressarem suas opiniões sobre o assunto. Deste modo, a Pedagogia tem sua importância evidenciada por um poder, onde, através de uma formação, possa capacitar professores/as interessados/as em fazer da escola um espaço privilegiado para discutir e promover uma educação para a sexualidade.

Ao me referir sobre a escola como “um” espaço de educação para a sexualidade, pretendo defender a idéia de que ela não é “o” espaço único e exclusivo, ou o mais legítimo. Ela é o espaço que precisa abrir as portas para as dúvidas e questionamentos das representações socialmente estabelecidas no âmbito da cultura. As orientações dos PCNs ou outros programas que tocam nesta temática como, por exemplo, o “Brasil sem

homofobia”⁶⁴ necessitam ser avaliados quanto a sua eficácia e produtividade.

O que se percebe é que em muitas situações, as escolas parecem estar engessadas para temas sobre raça, etnia, gênero, sexualidade e qualquer outro que possa vir a perturbar a ordem pré-estabelecida e tida como a normal. Qualquer outro tema que fuja dos padrões e, especialmente, se estiver ligado ao padrão sexual, é quase que abolido ou então mencionado superficialmente apenas para se fazer cumprir. Nesse contexto, o espaço para uma educação para a sexualidade é mínimo, quase inexistente, dissociado do conhecimento escolar e acadêmico. Como refere Guacira Louro,

(...) há aqueles/as que negam que a educação sexual seja uma missão da escola, com o fundamento de que nela estão implicadas escolhas morais e religiosas e que ela cabe primordialmente às famílias. A pressão desses grupos vai na direção do silenciamento, possivelmente supondo que se não tocar nessas questões elas não “entrarão” na escola. Uma suposição que se revela impossível. As questões referentes à sexualidade estão, queira-se ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula – assumidamente ou não – nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes. (LOURO, 1997:31)

Jane Felipe (2007) faz alguns apontamentos quanto aos anseios dos/as professores/as e dos/as alunos/as dos cursos de formação, no tocante a esta educação para a sexualidade, enfatizando que as dúvidas pertinentes a esta temática estão muito mais concentradas na receita do como agir do que propriamente nos discursos que permeiam tais práticas:

a expectativa dos/as professores/as e alunos/as é aprender estratégias para “apagar os incêndios”, ou seja, as perguntas sempre giram em torno do como

⁶⁴ Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual é resultado de uma parceria entre o Governo e sociedade civil organizada pela Secretaria Especial de Direitos Humanos e prevê uma série de ações nas áreas da saúde, segurança pública, trabalho, educação e cidadania.

proceder para resolver situações mais imediatas: o que fazer quando o aluno se masturba? Como agir quando a criança pergunta sobre sexo? Como trabalhar a questão da sexualidade com crianças pequenas? Quais as estratégias para desenvolver esses temas em sala de aula, ou seja, quais as dinâmicas que devem ser utilizadas? Quais os livros mais recomendados para determinada faixa etária? Como administrar as resistências que muitas famílias demonstram quando o tema da sexualidade é trabalhado na escola? (FELIPE, 2007:6)

A preocupação principal dos/as professores/as, em geral, recai apenas na solução imediata das situações que se apresentam no cotidiano das escolas. No entanto, seria necessário ir muito além, oportunizando espaços de discussões onde temas como a construção das identidades sexuais e de gênero e as demais questões do corpo e da sexualidade sob uma ótica mais cultural, produzida e produtora de comportamentos, possa ser debatida.

Segundo Britzman (1996) existem muitos obstáculos, tanto nas mentes das professoras, quanto na estrutura da escola, que impedem uma abordagem cuidadosa e ética da sexualidade na educação. Lidar com as questões relativas ao corpo e principalmente a sexualidade traz, para alguns/mas professores/as, certo desconforto em função da própria educação que receberam e este desconforto é percebido na escola quando simplesmente a sexualidade é posta em outro lugar que não a sala de aula. Por ignorância, vergonha ou preconceito, assuntos como a homossexualidade, transexualidades, travestilidades, desejos e prazeres não freqüentam as discussões escolares e acadêmicas e são, muitas vezes, vistos pelos/as professores/as como distúrbios ou problemas que devem ser silenciados para não tomarem outras proporções.

De algum modo, parece que se deixarem de tratar desses “problemas” a sexualidade ficará fora da escola. É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na

sociedade, mas que ela própria as produz. (LOURO, 1997:81)

Em função disso, os poucos momentos em que se permite falar sobre a sexualidade, quase sempre são abordadas as questões referentes a biologia da sexualidade e não a sua produção cultural. Os enfoques, em muitos casos são prescritivos: faça isso, não faça aquilo, etc.

A noção de que a escola tem uma implicação direta na produção da sexualidade do/a aluno/a, parece não ser reconhecida pela maioria dos/as seus/suas professores/as. Numa sala de educação infantil ou até mesmo, em outros níveis de ensino, a simples maneira de organizar os/as alunos/as e a forma de classificar as atividades de meninos e meninas, constrói e reforça a separação dos gêneros. Normalmente as brincadeiras são divididas por gênero: as que são de meninas (brincar de salão de beleza, por exemplo) e as que são de meninos (jogo de futebol)⁶⁵. Poucas são as propostas em que se permite o “cruzamento das fronteiras” (Louro, 1997) e quando isso ocorre é de uma forma bastante vigiada pelos/as adultos/as.

Assim, a educação para a sexualidade é um processo que precisa em primeira instância, ser vivenciado pelos/as professores/as, educadores/as, pedagogos/as e a todos/as os/as profissionais ligados a educação como uma forma de romper com conceitos cristalizados que se constituíram e nos constituíram através de uma educação tradicional que conserva como imutáveis os seus valores e os seus preceitos. Segundo Jimena Furlani (2003:69) o principal papel da educação sexual é, primeiramente, desestabilizar as “verdades únicas”, os restritos modelos hegemônicos da sexualidade normal, mostrando os jogos de poder (Foucault, 2002) e interesses envolvidos na intencionalidade de sua construção. Em segundo lugar, refletir sobre as várias possibilidades sexuais presentes na cultura, problematizando o modo como são significadas e como produzem seus efeitos sobre a existência das pessoas.

Desta forma, a educação para a sexualidade tem sua eficácia marcada pelo princípio do diálogo, não limitado pelo âmbito dos muros da escola, muito menos dos muros dos cursos de Pedagogia, mas sim através

⁶⁵ Nos dias atuais, o futebol não é exclusividade do sexo masculino, mas na maioria das escolas de educação infantil, ele ainda é visto como uma brincadeira de menino.

de mediações diretamente relacionadas com o que acontece fora deste âmbito. A escola, o/a professor/a, o/a pedagogo/a e seu fazer pedagógico, ou seja, o que “se sabe o e o que se diz”, estão pautadas por um minucioso processo de construção social, uma ação política neste contexto.

4 POLÍTICAS E PROJETOS NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE

4.1 OS PCNS – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Como material de apoio e de instrução ao “como agir”, os Parâmetros Curriculares Nacionais, definidos e editados pelo Ministério da Educação em 1997, foram distribuídos em larga escala por todo país para que fossem utilizados pelas escolas como referenciais para elaboração de suas propostas pedagógicas. Neles, pode-se encontrar, além das orientações dos conhecimentos básicos a serem trabalhados para cada etapa do Ensino Fundamental, instruções metodológicas para inserção dos chamados “temas transversais”, onde, um dos temas refere-se a “orientação sexual nas salas de aula”⁶⁶. Na região da Campanha são poucas as discussões sobre esta temática, o que tem ocorrido são momentos isolados através de palestras ou formações pedagógicas curtas, onde a eficácia das mesmas não se pode mensurar⁶⁷.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais tem o propósito de inserir a sexualidade como tema transversal na Educação Básica, destacando a necessidade de reflexão sobre as relações entre homens e mulheres na sociedade brasileira. Neste documento está expresso o que deve ser abordado em relação à sexualidade. O texto dos PCNs apresenta as questões sobre a “orientação sexual” como já foi citado anteriormente, tratando-as de maneira geral, o que, de certa forma, favorece e estimula a manutenção dos modelos de comportamento femininos e masculinos, encaminhando para práticas educativas que reforçam as maneiras de ser de meninos e meninas tradicionalmente ensinadas. Existem no documento algumas referências quanto a diversidade sexual e às relações de gênero,

⁶⁶ PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais. Volume 10.2. Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro10.2.pdf>

⁶⁷ No ano de 2012, as Secretaria Municipal de Educação promoveu em parceria com o GESEX da FuRG um curso para professores da rede municipal, porém, restrito as equipes pedagógicas das escolas, ou seja, só puderam participar os diretores/as, supervisores/as pedagógicos/as e orientadores/as educacionais.

porém, apresentam-se pautadas num discurso moralista disfarçado de problematizador, onde não há profundidade de debates.

As Diretrizes Curriculares Nacionais – já homologadas pelo Ministério da Educação e do Desporto, em decorrência da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), e que mandatoriamente devem ser seguidas por todas as escolas brasileiras, ao elaborar suas propostas pedagógicas – prevêm um paradigma curricular em que a Sexualidade Humana, entendida como um dos aspectos da vida, deve ser tratada, interdisciplinarmente, por todas as áreas de conhecimento. Da mesma forma que outros temas definidos como transversais pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, a sexualidade abarca um conjunto de objetivos educacionais e conteúdos de grande interesse e conexão com a vida, os quais podem propiciar intervenções que favorecem não só o desenvolvimento pessoal, mas também o coletivo. Essas intervenções devem ser orientadas pelos objetivos gerais explicitados nos Parâmetros para o tema transversal Orientação Sexual:

- respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano;
- compreender a busca de prazer como dimensão saudável da sexualidade humana;
- conhecer o corpo, valorizar e cuidar da saúde como condição para usufruir de prazer sexual;
- reconhecer como determinações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas;
- identificar e expressar sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro;
- proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores;
- reconhecer o consentimento mútuo como necessário para o prazer numa relação a dois;
- agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo na implementação de políticas públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/Aids;
- conhecer e adotar práticas de sexo protegido ao iniciar relacionamento sexual;
- evitar contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis/Aids;

- desenvolver consciência crítica em relação à sexualidade;
 - tomar decisões responsáveis a respeito da própria sexualidade;
 - procurar orientação para a adoção de métodos contraceptivos.
- (PCN, 1997:91)

De acordo com o texto, as escolas devem inserir o tema transversal da Orientação sexual na prática educativa no Ensino Fundamental, em várias áreas do conhecimento. Os programas de orientação sexual se sustentam em três eixos norteadores: “corpo: matriz da sexualidade”, “Relações de gênero” e “prevenção de doenças sexualmente transmissíveis\AIDS”.

Para cada um dos eixos, são destacadas algumas questões que devem ser contempladas nas ações educativas. Porém, ao aprofundar a análise percebe-se que os textos dos PCNs encaminham para determinadas posturas regulatórias frente à sexualidade. Em um dos trechos do documento temos o seguinte:

no trabalho com crianças, os conteúdos devem também favorecer a compreensão de que ato sexual, assim como carícias genitais, são manifestações pertinentes à sexualidade de jovens e adultos, não de crianças. Os jogos sexuais infantis, têm caráter exploratório, pré genital (BRASIL, PCNs, 1997:319)..

Percebe-se que há, em alguma medida, certa normalização da sexualidade, pois o texto acima citado apresenta concepções biológicas, ignorando assim os aspectos culturais e sociais, além de estabelecer diferenças apenas no campo geracional - jovens e adultos/as.

A primeira parte do documento é destinada ao trabalho com os diferentes ciclos do Ensino Fundamental. Embora admitindo as manifestações diferentes da sexualidade, não a problematiza. No campo histórico de análise, encaminha-se novamente para uma pseudo neutralidade, pois, como o próprio texto afirma,

Apesar de parecer algo tão “natural”, o corpo e os modos de usá-lo e valorizá-lo tem determinações sociais de várias ordens: econômica, política e

cultural.[...] por outro lado, ainda que das formas mais diversas, a sexualidade sempre teve papel importante na vida do ser humano (BRASIL, PCNs:317).

Deste modo, quando os PCNs propõem a análise sobre sexualidade, não o fazem a partir de um dispositivo histórico (FOUCAULT, 1997). Os PCNs propõem, de certa forma, uma busca da verdade, um certo tipo de saber sobre o sexo que deve ser feita sob o viés que produz a normalização, sobre os mecanismos de controle, apresentando a escola como um espaço em que se instalam os dispositivos da sexualidade.

Assim a sexualidade suscita mecanismos heterogêneos de controle, tanto individuais, quanto coletivos. Ao ser apresentada pelos PCNs e incorporada pelas instituições escolares, acaba-se por reforçar determinados discursos normalizadores. As reflexões sobre a utilização dos textos dos PCNs sobre orientação sexual se estendem também para a prática educativa de muitos/as professore/as. Isso porque, as leis estabelecem o que deve ser abordado, mas como não há a problematização das questões em torno da sexualidade, continua-se a trabalhar com o enfoque no biológico e meramente preventivo.

Refletindo sobre a inserção da sexualidade nos PCNs, da produção dos discursos sobre sexualidade, das práticas educativas percebe-se que a construção de identidades sugere a forma como educamos e somos educados, pois é necessário admitir, ainda, que o questionamento do que se projeta sobre a sexualidade, seja nas instituições, nas práticas, implica (re) direcionar os olhares sobre os corpos das crianças, entendendo que a infância também possui uma sexualidade.

Deste modo, talvez seja mais importante para nós, educadoras e educadores, utilizar os documentos como PCNs, de forma a problematizá-lo, percebendo-o como mais um elemento da complexa rede de relações que devemos estabelecer em nossa prática educativa.

Assim não se pode permitir que as análises sobre sexualidade se encerrem no campo informativo, como destacam os PCNs, mas seria interessante pensarmos na possibilidade de empreendermos discussões transdisciplinares, que problematizem as relações de saber-poder, os

controles, as normas, as resistências, os necessários sentidos de se discutir sobre o tema da sexualidade e das relações de gênero.

Durante as sessões de grupo focal, que propus em determinado momento, quando se abordava a questão da formação para se trabalhar com a educação sexual e os artefatos disponíveis para isso falei sobre os PCNs e para minha surpresa tratava-se de um documento desconhecido de quase todos/as ali. Embora já tivessem ouvido falar, apenas duas alunas tinham lido e trabalhado com o Referencial.

Em um dos encontros do grupo focal elaborei duas questões sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais. A primeira questão referia-se à *leitura dos PCNs – Orientação Sexual*. Somente duas alunas responderam que haviam lido o documento. Em que momentos foram lidos? Uma delas respondeu:

Algumas vezes durante a minha atuação enquanto professora de educação infantil (iniciei em 2006) (Alice, 18/08/2009).

Certa vez tive curiosidade quando a minha filha começou a fazer umas perguntas estranhas e então fui ver se achava alguma coisa nestes livrinhos (Laura, 18/08/2009).

O restante da turma comentou não ter lido os PCNs – *Orientação Sexual*. Pelas respostas apresentadas, constata-se que há desconhecimento generalizado sobre o teor dos PCNs como documentos balizadores do MEC. Estes não foram referendados em sala de aula nem como sugestões de leitura. Outra coisa importante refere-se ao “estranhamento” apontado na fala da aluna quando mencionou sobre as curiosidades da filha a respeito da sexualidade.

A segunda questão sobre o documento dizia respeito à diferença que os PCNs trazem sobre orientação sexual e educação sexual. As duas alunas que haviam lido os PCNs responderam que havia diferença entre as expressões, porém, quando se perguntou sobre qual era a diferença, uma aluna respondeu “*não tenho como explicar*” (Alice, 18/08/2009) e a outra respondeu “*Sim*” (Laura, 18/08/2009), sem fazer comentários. As outras pessoas do grupo não tiveram contato com o PCNs, desconhecendo-o por completo.

A diferença entre as duas expressões, nos PCNs (1997) v. 10.2, é que a *orientação sexual*, no âmbito escolar, deriva da denominação orientador educacional. A *orientação sexual* não tem caráter diretivo e nem de aconselhamento, deve ser efetivada de forma coerente com a visão pluralista, sendo que as dúvidas e os questionamentos sobre os diversos aspectos relacionados à sexualidade possam ser abordados de forma dialógica, com respeito e reflexão. Desta forma, torna-se possível reconstruir, transformar, discutir conceitos, rever preconceitos, dentro dos limites da ação pedagógica.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997a), v. 10.2 a orientação sexual,

Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. O trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha o seu caminho. A Orientação Sexual não-diretiva aqui proposta será circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo portanto caráter de aconselhamento individual de tipo psicoterapêutico. (BRASIL, 1997a, p. 121).

Nos PCNs, a *orientação sexual* tem caráter informativo. No que se refere ao corpo os documentos prescrevem que,

A abordagem sobre o corpo deve ir além das informações sobre sua anatomia e funcionamento, pois os órgãos não existiriam fora de um corpo que pulsa e sente. O corpo é concebido como um todo integrado, de sistemas interligados e inclui emoções, sentimentos, sensações de prazer/desprazer, assim como transformações nele ocorridas ao longo do tempo. Há que se considerar, portanto, os fatores culturais que intervêm na construção da percepção do corpo, esse todo que inclui as dimensões biológica, psicológica e social (BRASIL, 1997a, p.140).

Os documentos orientam como o/a professor/a pode proceder no trabalho inicial com as crianças pequenas. Na medida em que elas vão crescendo, vai-se ampliando o leque de informações a respeito do corpo e

suas funções, bem como as questões sócio-culturais que estão envolvidas no contexto.

Quanto às relações de gênero, os documentos afirmam que esta discussão “tem por objetivo combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para a sua transformação”. (BRASIL, 1997:144). Nos PCNs há um alerta de que trabalhar as relações de gênero com crianças na educação infantil e séries iniciais do ensino Fundamental “é uma tarefa delicada” (BRASIL, 1997:145).

Os documentos ainda apontam várias direções para que os/as professores/as possam abordar os conteúdos no espaço escolar, ressaltando-se que o/a professor/a necessita ter jeito e sensibilidade para intervir e trabalhar as situações que surgem. As relações de gênero são subjetivas e precisam de estudo para que o/as docentes possam ressignificá-las e abordá-las com os/as aluno/as, sem os interditos que envolvem a temática. A preparação do/as docentes para lidar com estas questões na escola, é fundamental, uma vez que elas estão impregnadas de significados subjetivos que se manifestam no dia-a-dia.

A respeito da prevenção de DSTs, os PCNs recomendam que não deve ser acentuada a ligação entre sexualidade, doença e morte. As informações sobre doenças devem ter sempre como foco a promoção de condutas preventivas, enfatizando-se a distinção entre as formas de contato que propiciam risco de contágio daquelas que, na vida cotidiana, não envolvem risco algum. [no caso da AIDS] a mensagem fundamental a ser trabalhada é “AIDS previna-se” (BRASIL, 1997:147).

As propostas apresentadas no documento direcionam a maneira como os temas e seus conteúdos devem ser trabalhados pelo/a professor/a no espaço escolar, demonstrando serem propostas dirigidas e direcionadas. A educação sexual, segundo os PCNs, é realizada no círculo familiar e social, é diretiva, inculca valores e não exige aprofundamento, pois ocorre informalmente. O trabalho desenvolvido pela escola sobre a sexualidade

(...) compreende a ação da escola como complementar à educação dada pela família. Assim, a escola deverá

informar os familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos de Orientação Sexual na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores da proposta (BRASIL, 1997, p. 124).

Nos PCNs, a *orientação sexual* na escola deve ter caráter informativo e a intervenção pedagógica deve ser não diretiva; mas, segundo Werebe (1998) é difícil informar sexualmente e ao, mesmo tempo, ser neutro:

Pretendem que a educação sexual envolva escolhas existenciais – filosóficas e éticas - enquanto que a informação sexual seria neutra. Esta posição contém a idéia (falsa) de que informar não é educar e que informação sexual [na escola] não teria nenhuma repercussão sobre a personalidade do educando. [...] não se pode dissociar a educação da informação, sendo impossível delimitar as fronteiras entre as duas ações: informar é educar e a informação sexual não é nunca neutra (WEREBE, 1998:156).

Os PCNs denominam o/a professor/a como educador/a sexual ao invés de orientador/a sexual. Por vezes, também as expressões *orientação sexual* e *educação sexual* são utilizadas como sinônimos. Mesmo pretendendo separar as duas expressões, nos documentos, os limites entre elas são tênues.

Para serem implementados no espaço escolar, os PCNs precisam ser lidos, estudados e analisados pelos/as professores/as, porque as sugestões e as orientações metodológicas podem contribuir para subsidiar a elaboração do projeto pedagógico da escola, bem como nortear a prática docente.

4.2 PROJETOS BRASILEIROS SOBRE SEXUALIDADE: O QUE PODEMOS APRENDER COM ELES?

O Projeto Escola sem Homofobia foi fruto da parceria entre o Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania GLBT (gays, lésbicas, bissexuais,

travestis e transexuais) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), as secretarias municipais de educação de Belo Horizonte e Contagem, o Centro de Referência GLBT de BH e grupos do movimento social GLBT da região metropolitana. Tal projeto contou com financiamento da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (Secadi/MEC), inserindo-se no âmbito das diretrizes do Programa Brasil sem Homofobia, no âmbito da Formação de Profissionais da Educação para a Promoção da Cultura de Reconhecimento da Diversidade Sexual e da Igualdade de Gênero.

O referido projeto buscou questionar práticas, posturas, princípios e valores presentes no ambiente escolar que reproduzem e legitimam as hierarquias sexuais, naturalizando a norma heterossexual e invisibilizando outras possibilidades de manifestação das sexualidades. A proposta procurou conjugar formação teórica e conceitual, a realidade escolar trazida pelos/as participantes do curso e as vivências de integrantes dos movimentos sociais GLBT. O projeto tematizou ainda os direitos sexuais como direitos humanos, mostrando que questões vivenciadas primordialmente no âmbito privado passaram a fazer parte da vida política da grande maioria das sociedades ocidentais. A abordagem da sexualidade como construção histórica, socialmente demarcada, com múltiplas possibilidades de expressão, buscou visibilizar aquelas inferiorizadas e negadas pela heteronormatividade. Outro ponto importante do projeto foi a instrumentalização dos/as participantes para a análise institucional, capacitando-os/as para a formulação/aplicação de ações visando o reconhecimento da diversidade sexual, o combate à homofobia e ao sexismo e a promoção da cidadania e da cultura de paz nos espaços de convivência escolar.

Nota-se que as questões relativas à sexualidade humana e seu amplo gradiente de expressões que até então eram veladas ou tratadas como de menor valor fazem-se sentir no interior da escola. Há crítica aos que vêm nos conteúdos das vivências sexuais apenas o alvo de controle moral ao considerar que o objetivo mais nobre da escola é assegurar a transmissão do conhecimento. A escola agora busca dar visibilidade a essas vivências impelidas pelos novos tempos em que se amplia o

reconhecimento de sua função social no trato dos novos contornos da sexualidade humana. Os altos índices de gravidez na adolescência ou a demanda de combate às DSTs/AIDS, por exemplo, são apenas a ponta de um grande iceberg que precisa ser considerado e amplamente discutido, não só em relação à juventude, mas em relação a todas as faixas etárias. É interessante observar que em muitas formações docentes, as professoras de educação infantil acabam ficando excluídas, como se a sexualidade só se manifestasse em crianças dos anos iniciais. Além da formação de professores e professoras, todas as faixas etárias e níveis de ensino, deveriam discutir temas sobre sexualidade e relações de gênero.

Portanto, considerar não apenas a ponta do iceberg de tratar a educação sexual como ação preventiva ainda fortemente marcada pelo biologicismo quando faz do risco da gravidez precoce e da prevenção os temas mais mobilizadores e importantes. Neste sentido, é importante entender como pensam os alunos e suas famílias, a respeito de determinadas temáticas.

Segundo pesquisa realizada pela UNESCO denominada “Juventudes e Escola” (CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA, 2004), as questões de gênero perpassaram e mobilizaram determinadas concepções em torno da sexualidade. Os resultados da pesquisa apontaram os seguintes aspectos:

- Alunas consideravam a virgindade mais importante para as mulheres do que para os homens e em todas as capitais pesquisadas os alunos tinham relações sexuais mais precocemente, enquanto elas adiavam um pouco mais esse início;
- Para as meninas a gravidez era uma felicidade e para os meninos uma forma de prejuízo que resultava em um peso para o resto da vida;
- As razões para não pedir ao parceiro o uso da camisinha diferiam entre meninos e meninas: para elas as razões envolviam confiança e fidelidade e para eles as razões estavam relacionadas ao momento, ao prazer e a fato de não se considerarem vulneráveis;
- Para as alunas, bater em homossexuais foi classificado como a terceira violência mais grave enquanto para os alunos ocupava o sexto lugar em gravidade em uma lista de seis opções no total;

- Os homens tinham mais preconceito que as mulheres em relação ao convívio com homossexuais na escola. 25% dos alunos nas capitais pesquisadas não gostariam de ter um colega de classe que fosse homossexual.

Em outra pesquisa denominada “*Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil*” (HEILBORN, 2002), alguns dados chamaram atenção:

- Homens são menos tolerantes que as mulheres a comportamento homossexual;
- A tolerância a comportamento homossexual é diretamente proporcional à escolaridade;
- Homens são mais tolerantes com lésbicas que as mulheres, enquanto as mulheres são mais tolerantes do que os homens com gays (homossexualidade masculina).

Já a pesquisa realizada durante a 8ª Parada do Orgulho GLBT em Belo Horizonte (PRADO, MACHADO e RODRIGUES, 2005) mostrou que 44,7 % dos entrevistados homossexuais já disseram ter sofrido alguma forma de violência na escola, ocupando o terceiro lugar após a família e lugares públicos de lazer.

Esses dados indicam o quanto a homofobia está presente nas diversas faixas etárias, pautada em uma heteronormatividade compulsória, onde alunos e alunas, bem como professores/as reproduzem preconceitos de gênero, reiterando assimetrias entre homens e mulheres, promovendo assim o sexismo, o machismo e a misoginia.

Outros projetos de Educação para Sexualidade vêm sendo desenvolvidos pelas universidades, através de editais específicos por parte do MEC ou do Ministério da Saúde, bem como por parte de fundações e organizações não governamentais. Destaco, ainda que brevemente, dois projetos desenvolvidos pela ECOS⁶⁸, a saber: *Educação em sexualidade:*

⁶⁸ A ECOS - Comunicação em Sexualidade é uma organização não-governamental com mais de 20 anos de atuação consolidada na defesa dos direitos humanos, com ênfase nos direitos sexuais e direitos reprodutivos, em especial de adolescentes e jovens, com a perspectiva de erradicar as discriminações relativas a gênero, orientação sexual, idade, raça/etnia, existência de deficiências, classe social.

desafios para uma política pública e Diversidade sexual na escola: novas práticas educativas sobre sexualidade e cidadania.

O primeiro projeto iniciou-se com a realização da pesquisa “*As políticas de Educação em Sexualidade no Brasil – 2003 a 2008*”. O foco desse estudo era mapear a inserção da discussão sobre sexualidade e gênero nos cursos de licenciatura e de pedagogia das universidades brasileiras. A partir do mapeamento realizado, foi possível identificar alguns dos grupos de pesquisa do país que se debruçaram sobre a questão da interface entre educação e sexualidade. Também foi constatado que são poucos os cursos de graduação que prevêem disciplinas específicas sobre sexualidade e gênero no currículo de formação dos profissionais que depois se tornarão professores/as na educação básica. A mesma pesquisa realizou um levantamento das políticas recentes relacionadas à educação em sexualidade (programas, projetos, ações, legislação, normas técnicas), tendo como marco histórico o período de 2003 a 2008.

Em junho de 2009, foi constituído um grupo composto por representantes de organizações não-governamentais com histórico de atuação na área e de grupos de pesquisa de universidades brasileiras. Com a constituição do grupo, pretendia-se unir esforços de modo a construir uma frente e incidir politicamente para a consolidação de uma proposta de educação em sexualidade a ser implantada nas escolas. A perspectiva era fomentar e fortalecer a inclusão da educação em sexualidade nos currículos escolares como um tema transversal, articulando-o aos conteúdos e questões relativas a gênero, diversidade sexual, direitos sexuais e direitos reprodutivos.

Este grupo se organizou durante as reuniões, realizadas em 2009 e 2010, que possibilitaram a aproximação e troca de saberes entre estes atores que já questionavam a ausência de conteúdos de gênero na formação inicial de professores. O próximo passo do grupo foi a ampliação desta discussão com outros representantes da sociedade. Dentre os resultados alcançados pelo projeto até o presente momento, destacam-se:

- Formação da Rede de Educação Gênero e Sexualidades – REGES com a participação de diversos representantes dos diferentes

seguimentos da sociedade – sociedade civil, universidades, grupos de pesquisa, governos e agencias internacionais.

- Atuação decisiva para a criação do Grupo de Trabalho (GT) Educação em sexualidade e Ensino Médio. Este grupo tem como proposta fortalecer as ações e normativas referentes à inserção da Educação em Sexualidade no currículo do Ensino Médio. Este grupo é coordenado pelo Ministério da Educação e conta com a participação de representantes de outras instâncias do governo federal, além de representantes de organizações sociais e de universidades.
- As pesquisas e ações propostas pela ECOS no âmbito do presente projeto serviram de subsídio para a elaboração de um capítulo do *Guia para el diagnóstico de la situación educativa de las mujeres en América Latina y el Caribe hispano*, organizado pelo CLADEM⁶⁹. No capítulo elaborado pela ECOS, traça-se um panorama crítico das políticas de educação sexual brasileiras desenvolvidas nos últimos anos.

Já o Segundo projeto, intitulado *Diversidade sexual na escola: novas práticas educativas sobre sexualidade e cidadania*, em sua segunda edição (2006) foi financiado pela SECAD⁷⁰ - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do MEC - Ministério da Educação, através do Programa "BRASIL SEM HOMOFOBIA" do Governo Federal e contou com apoio do projeto "PREVENÇÃO TAMBÉM SE ENSINA", da FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação⁷¹ (a primeira foi financiada pelo PROSARE⁷² (2004 - 2005) e capacitou professores e professoras da Rede Pública Estadual de São Paulo, da Diretoria de Ensino Norte).

O projeto propôs fornecer aos profissionais da educação informações sobre diversidade sexual. Desta maneira, professores e

⁶⁹ CLADEM – Comitê Latino-americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher

⁷⁰ Atualmente, a sigla é SECADI, pois está atuando também nas políticas inclusivas da secretaria.

⁷¹ Para maiores esclarecimentos, consultar:

<http://www.ecos.org.br/projetos/diverescola/curso-diverescola.asp>

⁷² PROSARE – Programa de Apoio a Projetos em Sexualidade e Saúde Reprodutiva

professoras puderam refletir sobre o que pensavam em relação à homossexualidade e à própria sexualidade das jovens e dos jovens e, conseqüentemente, colaborar, por meio de seu trabalho pedagógico ou mesmo fora da sala de aula, na diminuição do preconceito no ambiente da escola. Educadoras e os educadores dispuseram de recursos didáticos e teóricos para não ficarem omissos diante de cenas explícitas de homofobia e saberem dar a mesma atenção ao problema como já acontecia com outras formas de discriminação, como o racismo e o sexismo.

A escola é um espaço fundamental de construção de novas práticas e atitudes. Ao mesmo tempo, é lugar de transmissão de conhecimentos científicos e técnicos que orientam, junto com a família e outros espaços e agentes, o comportamento social. A escola é um ponto privilegiado para trabalhar a diversidade da cultura humana e os valores éticos de respeito ao outro.

Se é papel da educação fomentar a construção de uma ética fundada no respeito aos direitos humanos, condição básica para a vida em sociedade, a educadora e o educador devem estar atentos às representações de gênero veiculadas por diversos artefatos culturais e pelas várias instâncias sociais, especialmente no espaço escolar, muitas vezes produtor de preconceitos, de homofobia, intervindo em toda e qualquer situação de discriminação, reforçando a dignidade humana, e a defesa da cidadania.

Neste sentido, o projeto representou uma importante intervenção na expansão da "cultura de direitos", visando o desenvolvimento livre e saudável dos indivíduos. Dentro das atividades do projeto, foi oferecido um curso para profissionais de educação, organizado em módulos e se propôs a propiciar uma prática pedagógica com novos elementos, informações e conhecimentos para o trabalho no dia-a-dia, que levasse os profissionais da educação a repensarem suas ações e a dispor de novos recursos didáticos e teóricos para não ficarem omissos diante de cenas explícitas de homofobia, bem como sensibilizá-los para que percebessem que o respeito à livre orientação sexual merece e deve ter a mesma atenção e cuidado dado a outras formas de discriminação, como o racismo e o sexismo. Além disso, o curso teve por objetivo expandir a "cultura de direitos" que deve

permeiar a sociedade brasileira, visando o desenvolvimento livre e saudável dos indivíduos, uma vez que a escola necessita estar preparada para enfrentar situações de aviltamento da condição humana no que tange as possibilidades oferecidas em se ser homem e mulher, pois são as dinâmicas sexistas que dificultam a permanência de alunos e alunas na escola, afetam as expectativas quanto ao sucesso e ao rendimento escolar, incidem no padrão das relações sociais entre estudantes e deste com os/as profissionais da educação.

Em Minas Gerais, nas cidades de Belo Horizonte e Contagem, os dois maiores municípios da região metropolitana, já há alguns anos o trabalho sistemático em educação sexual vem acontecendo em suas redes. São nessas ações que as discussões sobre gênero acontecem junto a outros temas relevantes no trato com a sexualidade, entretanto, há uma avaliação de que esse conjunto de ações é ainda insuficiente frente aos desafios colocados e já assumidos por outros setores das políticas públicas a partir de demanda do movimento social como, por exemplo, a criação de centros de referência em direitos humanos e cidadania GLBT. Em outras regiões do país os trabalhos nessa área são muito pontuais, pois as secretarias de educação dos Estados e municípios não possuem em seus currículos programas continuados de discussão nas escolas, bem como não investem na formação de seu corpo docente.

Outras iniciativas fomentadas pelos programas subsidiados pela SECADI tomam o viés das agências acadêmicas e neste contexto, algumas universidades através de seus grupos de pesquisa em educação e sexualidade, se lançam com projetos de capacitação docente, tanto em nível de pesquisa, mas principalmente em nível de extensão, visando contribuir com a formação de professores e professoras nesta temática. No Rio Grande do Sul temos o exemplo do GESE - Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. O grupo começou a desenvolver suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, no ano de 2000 e, desde então, vem realizando projetos de pesquisa com apoio do CNPq, CAPES e FAPERGS.

O GESE, desde 2003, tem desenvolvido cursos de extensão para professores/as em vários municípios do Rio Grande do Sul e

licenciandos/as da Universidade Federal do Rio Grande, além de atuar também em programas de pós-graduação, bem como para os/as profissionais da educação, além de diversas pesquisas conveniadas com outras instituições⁷³. Além disso, participa do grupo gestor da implementação do projeto “*Saúde e Prevenção na Escola*”. Desde 2006, conta com o financiamento do Ministério da Educação, através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), para a realização do curso de aperfeiçoamento *Gênero e Diversidade na Escola*⁷⁴ e cursos de extensão, tais como: “*Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis do currículo escolar*”; “*Sexualidade e Escola: discutindo práticas educativas*”, “*Sexualidade e Escola: discutindo a diversidade sexual, o enfrentamento ao sexismo e a homofobia*”⁷⁵. O

⁷³ O Grupo vem desenvolvendo ações articuladas com os grupos de pesquisa Estudos da Corporeidade e Enfermagem, Gênero e Sociedade da FURG e com os grupos Estudos em Educação em Ciências e Estudos sobre Corpo e Cultura, da UFRGS e o Grupo ANAHI – Gênero e Sexualidade da USP, UNICAMP, UFJF, UFMS e UFLA e do Grupo de Estudos Relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente da UFLA. Uma das ações promovidas em conjunto com essas instituições foi a realização do Seminário Corpo, gênero e sexualidade, já em sua 5ª edição.

⁷⁴ O projeto *Gênero e Diversidade na Escola* é resultado de uma articulação entre diversos ministérios do Governo Federal Brasileiro (Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e o Ministério da Educação), o British Council (órgão do Reino Unido atuante na área de Direitos Humanos, Educação e Cultura) e o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ). O mesmo teve como objetivo, oferecer aos profissionais da educação básica da rede pública da região sul do Rio Grande do Sul conhecimentos acerca da promoção, respeito e valorização da diversidade étnico-racial, de orientação sexual e identidade de gênero, colaborando para o enfrentamento da violência sexista, étnico-racial e homofóbica no âmbito das escolas. O curso foi realizado em 2009 e 2010 e atendeu aos polos de Mostardas (abrangendo também a demanda dos municípios de Bujuru e Tavares), Santa Vitória do Palmar (a ser implementado em parceria com o município do Chuí), Santo Antônio da Patrulha (atendendo a região do Vale do Paranhãma e do Vale dos Sinos) e São Lourenço do Sul (que poderá atender também a demanda de Turuçu, Cristal e outros municípios da região). Esse curso teve um total de 160 horas e foi realizado na modalidade a distância, sendo utilizada a Plataforma Moodle para os debates sobre as referidas questões. Além disso, houve três encontros presenciais que permitiram um maior contato entre os/as cursistas, as tutoras e as professoras.

⁷⁵ O Curso foi financiado pelo Ministério da Educação e Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e foi desenvolvido em 2012, direcionado aos/as profissionais da educação,. No total, o curso contou com a participação de 500 profissionais da educação da rede pública de Educação Básica (professores/as e profissionais das equipes pedagógica e diretiva), de cinco municípios do estado do Rio Grande do Sul: Rio Grande, Canguçu, Jaguarão, Bagé e Uruguaiana. O curso teve uma duração de 80 horas e foi desenvolvido de forma semipresencial, ou seja, teve encontros presenciais nos municípios citados e encontros a distância, através da Plataforma Moodle.

objetivo deste último curso, por exemplo, foi construir conhecimentos acerca da promoção, respeito e valorização da diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero, colaborando para o enfrentamento da violência sexista e homofóbica no âmbito das escolas.

Além destas ações, o GESE tem produzido vários materiais didáticos pedagógicos e, dentre eles, destacam-se os livros *Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar – Caderno Pedagógico Anos Iniciais* (2012); *Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar – Caderno Pedagógico Anos Finais* (2012) e *Sexualidade e Escola: compartilhando saberes e experiências* e *Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, homofobia, AIDS* (2012) e o DVD *Sexualidade Tá Ligado!* Lançado em 2011.

Outro projeto que merece destaque no cenário nacional foi desenvolvido por universidades de cinco cidades: Lavras (UFLA), São Paulo (USP/Leste), Campo Grande (UFMS), Campinas (Unicamp) e Juiz de Fora (UFJF). O Projeto "*Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil*"⁷⁶ visou qualificar técnica e politicamente quinhentas professoras/es que atuam na Educação Infantil para trabalharem a educação para a sexualidade e gênero nos currículos da educação infantil⁷⁷.

O Projeto envolveu algumas linhas de ação importantes, a saber: grupo de estudos/trabalho; curso para discentes; curso para educadoras da educação Infantil; projetos de Intervenção Educacional nas escolas elaborado pelas cursistas; produção de material didático: produção de um livro intitulado: *Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil*; Comunicação/divulgação e seminário apresentando as

Além disso, os/as profissionais que participaram do curso elaboraram e aplicaram um projeto de intervenção em suas escolas, pois o grupo acredita que, assim, as discussões realizadas ao longo do curso chegam efetivamente às escolas. O projeto teve o encerramento em um encontro presencial na cidade do Rio Grande, com todos/as os/as profissionais da educação participantes do curso.

⁷⁶ Para maiores informações, consultar: <http://generoesexualidade-ei.blogspot.com.br/>

⁷⁷ Fonte: <http://www.ded.ufla.br/generoesexualidade-ei/projeto.htm>

experiências e resultados do Projeto. A proposta teve como objetivo⁷⁸ principal qualificar técnica e politicamente professoras/es que atuam na educação infantil com vistas a implementar a Educação para a Sexualidade e Gênero para crianças de 0 até 6 anos, intencional e sistematicamente, nas Instituições de Educação Infantil.

Como percurso metodológico elegeu-se a elaboração de um programa envolvendo diretamente educadoras, educadores, crianças e equipes pedagógicas das escolas e coordenado por docentes das cinco universidades que já atuavam no processo de formação de educadoras/es, o que possibilitou o intercâmbio de saberes, de experiências, de materiais e a construção de subsídios para a elaboração de políticas públicas específicas ampliando sobremaneira as possibilidades de interlocução.

Todas as atividades foram planejadas, executadas e avaliadas sob a responsabilidade da Coordenação do projeto utilizando-se de diversos instrumentos tais como: listas de recebimento de material, listas de presença dos cursos, registros da pré-testagem da produção do livro, fotos, filmagens, arquivo de recortes de jornal, arquivo das reportagens de rádio e TV, dentre outros.

Por último, gostaria de destacar o projeto de capacitação de profissionais da educação básica do município de Campo Grande/MS, coordenado pelo Departamento de Educação/CCHS, intitulado Educação

⁷⁸ Os objetivos específicos que nortearam a execução do mesmo foram os seguintes: Realizar encontros da equipe de docentes profissionais das universidades que integram o projeto com vistas a aprofundar o referencial teórico, planejar, executar e monitorar as atividades; Realizar a formação de 25 discentes das universidades para participação nas atividades; Realizar um curso de formação^[1] de 500 educadoras e educadores com a duração de 80 horas, sendo 60 h presenciais e 20 h a distância; Orientar a elaboração e apresentação de projetos de Intervenção Educacional nas escolas em que as educadoras e educadores atuam; Produzir material didático sob a forma de um livro, contendo encartes com sugestões de atividades para subsidiar teórico-metodologicamente as propostas curriculares da Educação Infantil; Elaborar uma página na internet e um jornal temático; Pesquisar, revisar e problematizar os conceitos de gênero, sexualidades e suas relações com as infâncias e a construção das identidades. Contribuir para a discussão e formulação de políticas públicas em torno da relação entre formação de professoras e professores, infâncias e as temáticas de gênero e sexualidade. Desenvolver a articulação entre ensino-pesquisa-extensão que é função das Universidades Públicas. Organizar um Seminário em torno da temática Gênero e Diversidade Sexual nos currículos da Educação Infantil, apresentando as experiências e os resultados do projeto.

para a sexualidade, equidade de gênero e diversidade sexual: práticas e materiais educativos⁷⁹.

A justificativa do projeto parte do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2003), onde a escola é tida como espaço privilegiado para a constituição e consolidação da cultura de direitos humanos. Entender esse espaço como promotor e interlocutor de temas que visam garantir que crianças e adolescentes sejam reconhecidos como sujeito de direitos perpassa claramente pela discussão sobre as formas que a escola utiliza e que acaba por produzir desigualdades. Práticas sexistas, misóginas e homofóbicas são constantemente produzidas nas práticas cotidianas nas escolas. Essas formas de violência, porém, nem sempre são vistas e analisadas como tais, especialmente por profissionais de educação. Nesse sentido, o campo da educação é, segundo o referido plano, tanto um direito humano em si mesmo, como um meio indispensável para realizar outros direitos, constituindo-se em um processo amplo que ocorre na sociedade.

A interface entre sexualidade, gênero e educação precisa entrar na pauta da discussão (de forma transversalizada e/ou em espaços formais) de capacitações iniciais e continuadas de educadores/as.

As práticas pedagógicas e cotidianas das escolas, em muitos casos, refletem discursos socialmente naturalizados (como se brotassem espontânea e naturalmente da sociedade), ou seja, se tornaram revestidos de poder e por isso valem por verdades inquestionáveis, produzindo situações e condutas acerca do que falam.

Essa capacitação⁸⁰ também se fundamentou em preceitos legais e proposições de políticas públicas a destacar:

⁷⁹ Projeto desenvolvido na UFMS, sob coordenação da Dr^a Constantina Xavier Filha, dentro do Programa Escola de Conselhos que desenvolve uma série de atividades voltadas ao apoio e assessoria técnica aos órgãos e instituições que atuam na área, ocupando-se da formação teórico-prática das pessoas que compõem colegiados da área da infância, com vistas a uma atuação conseqüente quando de seus envolvimento nos processos de elaboração, de acompanhamento e controle das políticas públicas. O curso teve duração de 200 horas/aula, incluindo ações de capacitação presencial e semipresencial. Com isso busca oferecer instrumentos para a evolução do processo de mobilização e articulação sócio-política. Para maiores informações, consultar: <http://www.escoladeconselhos.ufms.br/?section=activity&itemId=9>

- 1) O Estatuto da Criança e do/a Adolescente, especialmente em seu artigo 18, que prevê como dever do Estado, da sociedade e da família velar pela dignidade da criança e do/a adolescente, colocando-se a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante e vexatório;
- 2) A Lei n. 11.340/2006 Lei Maria da Penha em seu artigo 8º que prevê a construção de uma agenda educacional articulada, visando a promoção de programas educacionais que disseminem valores éticos de irrestrito respeito à dignidade da pessoa humana com a perspectiva de gênero/raça/etnia e ao problema da violência doméstica e familiar;
- 3) O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos ao priorizar a educação a contribuição para a criação de uma cultura universal dos direitos humanos direcionada ao fortalecimento do respeito aos direitos humanos e liberdades fundamentais do ser humano; a prática de respeito e exaltação da diversidade de gênero e cultura;
- 4) O Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e da promoção da cidadania homossexual Brasil sem Homofobia que visa a construção de uma política de cultura de paz e valorização da promoção da diversidade humana;
- 5) O Plano Nacional de Políticas para as mulheres que visa garantir a inclusão das questões de gênero nos currículos, reconhecendo e buscando formas de alterar as práticas

⁸⁰ A capacitação ocorreu em momentos interdependentes: Eixos de Estudos Teórico-Práticos (discussão e reflexão de temas); Oficinas de trabalho (espaço para produção de ações e reflexões concretas tendo como fundamentação teórica os aprofundamentos realizados nos eixos teórico-práticos); Estudo Dirigido (no início do projeto, cada cursista recebeu um CD-Rom contendo toda a estrutura e organização da capacitação, com indicações e sugestões para aprofundamento, bem como de ações individualizadas a serem desenvolvidas pelos cursistas na modalidade semi-presencial e registro num Caderno de Campo); Seminários (temas aprofundados em palestras e mesas-redondas ministradas por profissionais que militam e pesquisam a temática do projeto - também houveram momentos para avaliações processuais e finais); Socialização (os/as cursistas irão socializar os conhecimentos produzidos e mediados na capacitação para/com os alunos e alunas e demais pessoas da comunidade escolar); Culminância (momento final do projeto com trocas de experiências, avaliações finais e lançamento do Kit de material educativo produzido no âmbito do projeto).

educativas, a produção de conhecimento, a educação formal, a cultura e a comunicação discriminatória.

Assim, os objetivos que nortearam o desenvolvimento deste projeto foram os seguintes:

- a. O desenvolvimento de ações educativas nos momentos de socialização com a comunidade escolar das reflexões e conteúdos trabalhados no decorrer das capacitações;
- b. A realização de propostas pedagógicas que visam refletir sobre o papel da escola no rompimento do círculo de violências na escola no que tange ao sexismo, misoginia e homofobia;
- c. A produção de ações educativas visando o protagonismo infanto-juvenil nas escolas;
- d. A produção de material educativo para a educação para a sexualidade, a diversidade sexual e a equidade de gênero;
- e. Reflexão sobre a infância que está sendo construída na contemporaneidade e formas de refletir sobre os artefatos produzidos para esse público;
- f. Proposição de inclusão das temáticas do projeto no Projeto Político Pedagógico das escolas para a disseminação dos valores éticos de respeito e valorização da pessoa humana na perspectiva de gênero; diversidade sexual; raça/etnia;
- g. Produção de um Kit de material educativo contendo: audiovisual; livro infanto-juvenil e uma cartilha com sugestões e proposições de ações para subsidiar a ação e a conduta de profissionais da educação.

Os projetos até aqui relatados, mostram as importantes iniciativas que vêm sendo tomadas, seja pelas ONGs, seja pelas universidades, seja por alguns setores governamentais, no sentido de ampliar as discussões e capacitar os/as professores/as que estão atuando nos meios escolares. Considerando a pertinência de tais propostas que investem na formação docente bem como na produção de materiais diversos para o trabalho com os alunos, caberia fomentar, junto aos gestores/as das políticas públicas, o

desenvolvimento de mais projetos que se estabeleçam a partir de um fluxo contínuo da formação e não apenas de modo pontual, com poucas horas de duração. É importante, para isso, que os gestores possam perceber a gravidade do problema em relação à violência, compreendam a dinâmica do preconceito homofóbico, bem como as formas de enfrentamento que podem gerar processos e práticas interventivas no âmbito da educação e das políticas sociais, bem como a dinâmica de discussões e abordagens destes temas no interior das escolas.

5 “EU NÃO SEI BEM O QUE FAZER COM ESTE ASSUNTO!”: SEXUALIDADE EM DISCURSO NO CURRÍCULO E NA FORMAÇÃO DOCENTE

O que acontece com a sexualidade quando professores e professoras que trabalham no currículo da escola começam a discutir seus significados? Será que a sexualidade muda a maneira como a professora e o professor devem ensinar? Ou será que a sexualidade deveria ser ensinada da mesma forma que qualquer outra matéria? Quando os professores pensam sobre a sexualidade, o que é que eles pensam? Que tipo de conhecimento poderia ser útil para seu pensamento? Existe uma posição particular que se deveria assumir quando se trabalha com o conhecimento da sexualidade? Quais são as relações entre nosso conteúdo pedagógico e as interações que temos com os alunos e alunas? (BRITZMAN, 2001:85)

Ao analisar preliminarmente alguns Projetos Político-Pedagógicos dos Cursos de formação docente, tanto em nível médio quanto em nível superior, percebi a ausência destas temáticas quando citados os conteúdos mínimos a serem desenvolvidos durante o curso. Não só pelos textos expressos em tais documentos como a recorrência na fala dos sujeitos da pesquisa, a frase que intitula este capítulo demonstra a falta do espaço nos cursos de formação para que o tema da sexualidade seja tratado. O depoimento de uma formanda confirma a inexistência destas discussões:

*“Não temos nas disciplinas do curso algo mais específico para tratar disso... às vezes falamos nas aulas de psicologia quando surge o assunto... teve uma vez que foi em Educação e Saúde que falamos, mas aí era mais no sentido da biologia da coisa...”
(Walkiria, 08/09/2009)⁸¹*

É importante pensar que embora a sexualidade não tenha um espaço institucionalizado no currículo formal, ela está vivamente presente nos corpos, nas conversas, nas brincadeiras, nos diversos modos de interação entre as crianças, jovens e adultos, nos espaços destinados às meninas e aos meninos, nos silenciamentos. O tema vaza por todos os lados, por mais que se queira ignorá-lo no currículo formal. O sentido e o

⁸¹ Os nomes aqui citados são fictícios, para preservar a identidade dos/as depoentes.

espaço dado às discussões da sexualidade e do gênero tomam quase sempre o viés biológico. Nas raras vezes em que o tema é tratado no ambiente pedagógico ou na sala de aula, assume sempre a conotação de que viver a sexualidade ou exercitá-la é algo perigoso, ruim, que pode levar a coisas indesejadas, como doenças, uma gravidez ou até mesmo a morte. Raramente as discussões sobre sexualidade na escola acontecem a partir do viés do prazer e de uma experiência enriquecedora para os sujeitos. Ao contrário, a ênfase recai sobre os problemas que as vivências sexuais podem trazer, como DSTs, gravidez, etc. A preocupação recai sempre sobre a prevenção e controle do risco de adoecimento e morte. Não há espaço nos currículos para se abordar assuntos que não estejam nos planos de ensino e eles não estão nos planos de ensino porque ainda não foram entendidos como pertencentes (e importantes!) nos currículos. No entanto, estar presente no currículo não garante, necessariamente, que a abordagem implementada para tais discussões contemple aspectos históricos, sociais e culturais, daí a importância de proporcionar uma formação inicial e continuada mais ampla, que permita pensar a sexualidade em sua complexidade.

As diretrizes dos cursos de licenciaturas têm, atualmente, uma estrutura curricular que privilegia não somente a parte de formação específica, mas uma parte sólida de fundamentos da educação. No entanto, ainda assim, poucos desses cursos têm, em seus currículos, a previsão de conteúdos de uma única disciplina voltada para a discussão de uma educação para a sexualidade. O próprio curso de Pedagogia, que em muitos casos, é específico para formação de professores/as e especialistas da educação, apenas respinga alguns tópicos do tema. Na maioria das vezes, ao ir para a sala de aula e se defrontarem com alguns casos como os que aqui foram citados, os/as professores/as não tem a mínima idéia do que fazer e muitas vezes acabam cometendo alguns equívocos na condução do processo que podem, ao invés de ajudar, marcar a criança ou adolescente e estigmatizá-los.

É importante destacar nesse processo que a escola é uma instituição social, portanto, de ações conjuntas a serem vivenciadas nesse espaço. Desse modo, a formação docente e o agir na escola não devem se dar no

âmbito da ordem individualizada, pois trata-se uma ação coletiva que precisa ser encarada por todos/as.

A seguir, passo a narrar algumas situações que ilustram o modo como as escolas veiculam determinados discursos sobre gênero e sexualidade, calcados em preconceitos perpetuados e de certa forma naturalizados, expressos em vários artefatos culturais: na literatura, na música, na mídia, etc. Em tais artefatos, ficam evidenciadas as expectativas em torno de uma masculinidade ou de uma feminilidade que se pretende hegemônica, como é o caso da região pesquisada, que possui concepções muito arraigadas em torno das relações de gênero e da sexualidade.

Na obra de Luis Fernando Veríssimo, *O Analista de Bagé*, podemos observar as composições que retratam um determinado modo de ser gaúcho, especialmente na Região da Campanha.

Certas cidades não conseguem se livrar da reputação injusta que, por alguma razão, possuem. Algumas das pessoas mais sensíveis e menos grossas que eu conheço vem de Bagé, assim como algumas das menos afetadas são de Pelotas. Mas não adianta. Estas histórias do psicanalista de Bagé são provavelmente apócrifas (como diria o próprio analista de Bagé, história apócrifa é mentira bem educada) mas, pensando bem, ele não poderia vir de outro lugar (VERÍSSIMO, *O Analista de Bagé*, 1982).

A escolha desta obra, trabalhada no grupo focal, retrata muito dos costumes que se tem até os dias de hoje na cidade. “*O Analista de Bagé*”⁸², clássico da literatura gaúcha, contém inúmeras representações de gênero e sexualidade, fazendo referência a cidade pesquisada. Deste modo, utilizei excertos do texto de Veríssimo para discutir com o grupo as questões relacionadas a homofobia, tema bastante presente nas falas do *Analista de Bagé* e também nos discursos locais, que recorre em quase todos os textos a julgamentos pejorativos e, de certa forma, incita, através de seus relatos, atitudes homofóbicas e sexistas.

Ninguém melhor do que o *Analista* para ajudar a descrever e a interpretar as falas oriundas deste povo, que através de suas

⁸² Agradeço a Banca Examinadora da tese, que na época da qualificação da proposta, me sugeriu aproveitar esta obra tão consagrada na literatura sul-rio-grandense.

manifestações nos encontros do grupo, acabaram confirmando alguns traços desta identidade fronteiriça de Bagé e por consequência, os modos de ser, de viver e de educar, característicos deste espaço geográfico do Rio Grande do Sul.

Os achados da pesquisa foram agrupados em algumas categorias que tentaram dar conta de explicar, caracterizar, justificar e problematizar o que pensam, dizem e fazem os sujeitos participantes deste estudo, durante os seis encontros propostos. Passo a descrever o que emergiu de todas as técnicas, todas as provocações e de todos os silêncios neste tempo, onde alguns discursos foram produzidos e outros, simplesmente silenciados.

5.1 “TEM QUE CUIDAR O QUE FALAR QUE É PARA NÃO SE COMPROMETER”

Abrindo as análises elaboradas a partir das falas do grupo focal, é muito claro o desconforto sentido pelos/as alunos/as ao terem que relacionar apenas três palavras com o tema da sexualidade, conforme era o previsto nas atividades do primeiro encontro:

PATRICIA - Ah, eu vou colocar o que vem na cabeça...

MARIELE - as palavras sumiram... heheh

JOANNA - quem já tem filhos adultos, sabe...

LAURA - Acho ai que a gente vê como não está preparada pra isso...

ELIANE – Bota não tá preparado nisso!!!

EDUARDO - A gente vê que não está preparado porque não consegue nem escrever 3 palavras, imaginem o restante, falar sobre isso... A gente tem que cuidar o que falar que é pra não se comprometer... Ninguém fala que é pra não se comprometer.

FRANCISCA - Eu também fui criada com muitos tabus e até mesmo se eu tiver que me deparar com uma situação dessas numa sala de aula, eu vou procurar.. e confesso que fiquei até constrangida porque não achei os termos pra colocar aqui..

08/09/2009

Neste momento, podemos perceber o bloqueio por parte dos sujeitos da pesquisa, diante da atividade proposta, aparentemente simples, de escrever apenas três palavras sobre o tema. É notório o quanto os discursos são silenciados e desta forma, não se fala sobre sexualidades na escola. Não há espaço para aprofundar questões em torno da sexualidade no contexto das salas de aula, embora ela certamente seja vivenciada por alunos/as e professores/as. Ficou evidente o constrangimento do grupo

para lidar com tais questões e isso reflete muito do que ainda acontece dentro das escolas. O grupo, naquela ocasião, há bem pouco tempo fazia parte desse contexto escolar, como alunos/as, bem como educadores/as nas práticas de ensino. A postura insegura diante da atividade proposta, apenas reitera a fragilidade com que estas coisas permeiam a escola e outros espaços educativos como a universidade.

Ao analisar as reformas educacionais, acontecidas nas últimas décadas, podemos perceber que as reestruturações e modificações que já aconteceram na educação, visando garantir uma melhor preparação dos/as futuros/as professores/as, ainda não são suficientes para garantir uma formação inicial isenta de críticas. Se a escola deve oferecer qualidade para todos, é possível perguntar: Como isso é possível tendo em vista a diversidade socioeconômica, étnica, racial, cultural, religiosa? O que compete a nós, estudiosos/as da Educação, diante desse novo mundo que não aceita mais soluções definitivas, pois quando as soluções chegam, estas trazem consigo outras situações e problemas sem respostas?

A nossa opção diante desse quadro é questionar as certezas sem querer encontrar respostas definitivas. Queremos, ao contrário, colocar também nosso pensamento em movimento. E quando pensamos em Educação e, mais especificamente, em sexualidade no currículo de formação de Professores/as nos deparamos com muitos silenciamentos. Diante de tantas inquietações e partindo do pressuposto de que no cotidiano da escola encontramos “sexualidades múltiplas, fragmentárias e móveis” (FOUCAULT, 1998: 46), necessitamos aqui, abrir as discussões dentro e fora das escolas.

Através dos temas propostos ao grupo focal foi possível discutir algumas das experiências vivenciadas pelos/as depoentes. Não foi minha intenção compor uma história de vida de cada sujeito, mas durante os encontros foi possível trabalhar a partir de fragmentos que foram significativos para eles/as em determinados momentos de suas vidas. Interessou-me descobrir como estas experiências foram se constituindo, pois pensamos na história como um tempo narrado, um tempo constituído de fragmentos e singularidades, não pensamos na história linear, na história dos grupos vencedores, mas sim na história que oficialmente não é

contada, na história dos vencidos, ou seja, o que importa são as experiências no sentido proposto por Larrosa (2002:21), ao afirmar que: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

As experiências vividas pelas alunas e aluno do curso, participantes do grupo focal, puderam ser evocadas e discutidas por todos, trazendo à tona algumas marcas significativas de seus aprendizados no campo da sexualidade e das relações de gênero. Muitas dessas vivências se pautavam em crenças religiosas ou mesmo em credices populares, que passarei agora a narrar.

5.2 O TESTE DA CORDINHA, O PRATO DE FARINHA E A MASSAGEM NAS BOLINHAS: NARRATIVAS POPULARES EM TORNO DA SEXUALIDADE

Ao se referir sobre a arte narrativa na modernidade, Benjamin (1985: 198) afirma que a narrativa alimenta o sujeito da experiência. Nesse sentido, o acionamento da memória representa o entrecruzamento do hoje em relação à época que é rememorada e isso, ao mesmo tempo, permite também o entrecruzamento de visões, o que significa a possibilidade de relação em diferentes tempos e mundos, provocando um diálogo com as experiências vividas e com as pessoas. Em outras palavras, Benjamin (1985: 205) fala sobre a narrativa como uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-lo dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador.

Nas narrativas apresentadas nesta tese, em especial nesta sessão, algumas falas são proferidas como crenças⁸³ (ou credices) que são

⁸³ Segundo Krüger (1993) o termo refere-se a qualquer proposição que afirme ou negue uma relação entre dois objetos, reais ou ideais, ou entre um objeto e algum atributo deste, aceita por ao menos uma pessoa (...). As crenças são indispensáveis à nossa conduta pelo simples fato de que a norteiam, fornecendo-lhe sentido e direção.

perpetuadas de geração em geração. Neste contexto, podemos entender por crenças, o conjunto de conhecimentos que norteiam nossas atitudes e comportamentos (sexuais), fornecendo-nos sentido e direção. Tais conhecimentos são autorizados e validados pela comunidade local, porém, muitas vezes, tais crenças são interpretadas e divulgadas a partir dos discursos de psicólogos, médicos, sexólogos, e demais profissionais envolvidos, em alguma medida, com o tema. Vale destacar a fala da depoente Joanna quando narra a história da “massagem nas bolinhas”, supostamente orientada pelo médico com o qual a criança se consultava. Algumas situações narradas são tão bizarras, como o “teste da cordinha” que poderíamos nomeá-la como credices, pois segundo Krüger (1993:9) são "crenças sem fundamento objetivo, contrariando asserções científicas (...), usualmente transmitidas por via oral", visto que muitas delas não apresentam uma comprovação científica.

Massagem nas bolinhas

*JOANNA_ quando meu guri mais velho nasceu, há 23 anos atrás... o medico, Dr. Irio, ele mexia nos testículos do guri e me dizia que eu tinha que cuidar, que tem duas bolinhas pra baixar... e eu não sabia nada disso, porque as bolinhas ficam em cima quando a criança nasce e tem que baixar depois as duas.. e eu perguntei por que e ele me respondeu que se não baixar ai vai ficar afeminado... Por que doutor? e ele disse tu **tem que baixar [as bolinhas] senão dá problemas de hormônios e fica gay...** Todos os meses quando eu levava lá, ele examinava e me dizia que eu tinha que fazer a massagem no pênis do bebe pra pelezinha baixar, no banho, no caso da fimose... (22/09/2009)*

O teste da cordinha

ELIANE - o que se ensinava é que sexo era feio e o homem, o menino tudo podia... mas a mulher nada.. tinha que casar pura e virgem...faziam até um teste pra saber se as moças eram virgens...quando eu era adolescente tinha uma pessoa bem antiga, bem velha, que fez comigo... não era meu parente...sabe que depois que eu já tinha casado eu fui fazer o teste de novo porque eu achei que ele tinha me passado a conversa... porque ele dizia sempre quem era e quem não era e eu fui fazer com quem eu tinha certeza que era e de quem não era e dava certo... O teste era assim, tem uma glândula no pescoço e quando deixa de ser virgem, se dilata e tu faz o teste assim: façam que vocês vão ver que dá certo... pega um cordão e dobra ao meio, fecha no pescoço e dá um nozinho nas duas pontas, ai bota as pontas na boca com os nós na boca, se passar no pescoço é virgem, se não passar não é mais... podem fazer que dá bem certinho... (22/09/2009)

Prato de farinha

EDUARDO - eu também já presenciei varias e varias vezes e no período em que eu estive no exercito.. agora eu não sei, mas antes era comum, chegavam os viventes lá que tinham um jeito diferente, já em seguida mandavam verificar se não era, mandavam assediar pra ver se o vivente tomava um rumo na vida... e, se era um cara graduado pedia pra ir embora

SOFIA - não faziam o teste da farinha? tem no quartel, aquele teste que se coloca farinha e o cara tem que sentar, se não tiver prega na farinha... o cara é... hahahahaha (20/10/2009)

Histórias como estas são contadas e recontadas tanto nas casas como muitas vezes nas escolas, produzindo narrativas que tomam ares de “verdade”, sendo popularizadas e disseminadas na comunidade local. Assim, é importante abrir um espaço dentro das escolas onde se possa colocar em discussão tais narrativas, concepções, preconceitos e todas as demais questões envolvendo o tema da sexualidade. Cabe aos/as professores/as desempenhar de forma significativa seu papel, ajudando os/as alunos/as a superarem suas dúvidas, ansiedades, angústias, ao invés de plantar-lhes mais crenças e desconhecimentos que em nada contribuirão para as suas vivências e descobertas em torno da sexualidade.

Educação para a sexualidade não significa apenas discutir informações sobre sexo, mas problematizar determinadas narrativas, preconceitos, valores, comportamentos. Muitas vezes o que os professores e as professoras sabem ou pensam está baseado em suas vivências pessoais e morais. Muitos deles não tiveram preparo para lidar com determinadas situações em sala de aula, pois não tiveram em suas formações docentes iniciais nenhuma discussão ou aprofundamento teórico sobre sexualidade e relações de gênero. Do mesmo modo, em seus municípios de atuação raramente são oferecidos cursos de capacitação nesses temas. Portanto, o que sabem está baseado nas suas próprias experiências de vida, seus valores, alguma curiosidade a ser buscada em revistas e troca de informações com colegas, em que acabam reproduzindo os discursos hegemônicos em torno das representações de masculinidades e feminilidades, disseminando assim credências e preconceitos.

As situações narradas acima dão a dimensão da força que alguns discursos tomam e que, muitas vezes, sem espaço para que sejam problematizadas e refutadas, assumem um caráter de verdade, excluindo a todos/as que não se enquadram na mensagem e padronizando comportamentos entre o ser e o não ser: virgem, gay, etc. Nesses discursos fica evidente o quanto as palavras vão tomando forma e redefinindo posturas, tentando dar conta de explicar problemas de saúde (como no caso da fimose descrita) a práticas cotidianas como o simples fato de banhar-se. Na fala abaixo, as questões que perpassam o ciclo

menstrual, também não escapam ao rol das crenças populares em torno da sexualidade:

SIMONE – (...) tinha “umas gente de campanha” também na turma que acreditavam que quando se está menstruada não poderia lavar o cabelo, tomavam banho de paninho, porque o sangue sobe pra cabeça e ficam loucas... (03/11/2009)

É importante destacar que, apesar da fala da aluna reportar ao universo “da campanha”, ou seja, de quem não reside no meio urbano, os malefícios do excesso de água para higiene corporal nos dias em que estavam menstruadas, foi lembrado por outras alunas que mencionaram ter aprendido que isto era o correto de se fazer nesse período mensal. Eu mesma fui educada desta forma: banho rápido, sem lavar a cabeça e sem tomar sol... Juntam-se a estas narrativas, outras tantas que ainda hoje perpetuam o imaginário dos/as participantes da pesquisa. Uma das crendices mais difundidas é que depois que uma mulher ganhasse o filho, teria que ficar quarenta dias sem lavar a cabeça para não ter recaída do parto ou então, não manter relações sexuais por quarenta dias pois poderia secar o leite.

Estes depoimentos nos impulsionam a refletir sobre o que acontece para que as pessoas adotem tais posturas. As representações constituídas da sexualidade e suas nuances, parecem se organizar no grupo a partir de determinados valores a respeito das condutas consideradas legítimas e adequadas, nas relações do indivíduo em seu grupo e no grupo extenso que é a sociedade.

Transmitidos de geração em geração, os discursos sobre sexualidade, tecem uma rede de significados, valores e códigos. Seus aspectos variáveis, os que mudam ao longo do tempo e em relação a diferentes culturas e sociedades, não impedem, no entanto, que cada pessoa busque acreditar fortemente que as suas próprias concepções acerca da sexualidade do seu grupo devem ser tomadas como referência.

A fala da depoente Joanna nos dá a dimensão da força que estes discursos assumem quando ela diz convicta a outra colega que: “pode acreditar, dá bem certinho”, ao referir-se ao teste da cordinha como marcador da virgindade. Será que como professores/as, conseguem

discutir a sexualidade a partir de novas perspectivas ou será que em algum momento, os discursos se repetem e passam a ser narrados como verdades para outro/as perpetuando as hegemonias em torno do sexo?

5.3 “DEUS O LIVRE DE FALAR DESTAS COISAS...”: FALAR DE SEXO É FEIO?

Uma das palavras mais utilizadas pelos sujeitos da pesquisa foi a palavra “feio”, associada ao sexo, além de um evidente desconforto ao falar do tema. O constrangimento e a perplexidade do grupo certamente se devem ao fato de terem pouca familiaridade com a discussão aberta a respeito da sexualidade, em função da educação repressora que tiveram, onde falar sobre sexo era tido como algo feio, errado, inadequado, inconveniente, malicioso. O exercício da sexualidade sempre foi ligado a algo que não era bom, que não era certo (de acordo com as convenções estabelecidas socialmente) e, portanto, deveria ser sempre silenciado ou negado. Assim, o sexo e a sexualidade são temas que não pertencem aos currículos escolares muito menos fazem parte da formação de professores/as, como tenho procurado demonstrar nesta tese.

*EDUARDO - sexualidade não é feio, mas tem que ser encarado com responsabilidade
(18/11/2009)*

REBECA - e ter justamente este conhecimento por que quando vier a surgir ocasiões ou situações pra que a gente não se sinta desconcertado. Até diante da turma, porque as vezes isso pode gerar na turma, pra uns risos, pra outros vergonha... justamente tem que ter este jogo de cintura e este conhecimento pra saber como conduzir a conversa de uma forma madura, de uma forma que as crianças ou dependendo da turma em que isso surgir, venha saber a encarar isso com naturalidade, não como uma coisa feia, uma coisa que é errada...(18/11/2009)

JOANNA - tudo que é ligado ao sexo, a sexualidade, é feio, tem malícia e não é assim...(...) eu acho que as escolas não estão preparadas nem os professores, quando surge o assunto assim relacionado entre o sexo e a sexualidade entre meninos e meninas, aquilo já fica assim.. termina o assunto... porque tudo é feio... então se tu já vai criar assim desde pequenininho dizendo que é feio, então o que vai acontecer, é feio mas, aí as crianças vão querer descobrir por que que é feio e aí aprendem de maneira errada. O que tem que fazer com os alunos é sentar, conversar, explicar, mas numa linguagem que eles entendam (03/11/2009)

ELIANE- naquela época os pais se sentiam envergonhados, era um constrangimento, era da própria criação, tudo era feio.. Deus o livre de falar destas coisas (...) E o corpo vai mudando, a minha filha mesmo já começou o corpo dela a ter certas transformações que ela já percebe e então ela vem e pergunta e como que eu como mãe vou chegar e dizer

*que isso não é nada, vou fazer com ela o que fizeram comigo?? Não posso fazer isso, então eu penso desta forma e acho que por mais que digam que é feio, que tem pessoas, tem adultos que são maliciosos que botam malícia nas crianças dizendo que é feio. E na sala de aula também, a mesma coisa, no momento que tiver aquela sinceridade no momento da conversa e saber como chegar neles vai se tornar prazerosa pra eles, natural e eles não vão ficar com aquele ar de malícia, daquele tipo: ai que feio!! que é a primeira coisa que acontece, não da pra ver isso, não da pra olhar, não da pra falar. .(08/09/2009**

SIMONE - por ser ensinado por feio, até as próprias palavras não são as melhores assim para o próprio entendimento deles.(20/10/2009)

A ideia da sexualidade vinculada a malícia, também abordada nas falas, traz à tona outra questão: o sexo ligado a maldade, a julgamentos, a algo que pode prejudicar, recheado de segundas intenções, algo que não seria bom nem correto de acordo com o que estamos convenientemente acostumados. Há, portanto, significativas distorções entre a descoberta dos prazeres e a depravação, a libertinagem. Ao vincular a sexualidade a ideia de malícia, de feio, os/as professores deixam expressos, muitas vezes, o seu desconhecimento em lidar com os/as alunos/as e consigo mesmos/as sobre as situações que envolvem a sexualidade e as relações de poder entre homens e mulheres, uma vez que as experiências sexuais entre ambos são bastante diferenciadas mesmo na contemporaneidade, pois ao homem é permitido ou mesmo incentivado ter várias experiências sexuais, o mesmo não acontecendo em relação ao sexo feminino (CÂMARA, 2007). Também cabe lembrar que os homens homossexuais são vistos, muitas vezes, como promíscuos, por conta de suas experiências sexuais com vários parceiros ao longo da vida, enquanto os homens hetero não necessariamente terão a mesma designação – promíscuos – se tiverem o mesmo número de experiências. Parece que algumas práticas são mais legitimadas que outras.

O sexo e a sexualidade ainda são tidos como temas que não devem ser abertamente discutidos, pois muitos docentes e as famílias dos alunos pensam que discuti-los em sala de aula pode aguçar o interesse das crianças e adolescentes. No linguajar comum das pessoas da Campanha, ainda é considerado “feio” falar sobre determinados assuntos ou sobre as transformações que estes assuntos suscitam, tanto corpórea quanto psicologicamente e portanto, estes assuntos não “entram” nos currículos

dos cursos, independente do nível de ensino. Corroborando, as questões mais recentes que têm sido apontadas aos currículos de Formação de Professores/as denunciam que temáticas como a violência, a inclusão e principalmente questão da sexualidade raramente estão presentes nesses currículos. Alves e Oliveira (2004) apontam que a escola ensina não apenas os conteúdos, mas também ensina com o seu próprio cotidiano. Partindo do entendimento de que o cotidiano da escola e principalmente os/as envolvidos/as nela e suas práticas também ensinam, podemos chegar a uma compreensão de que as questões da sexualidade deveriam estar presentes no currículo. Entretanto, ao buscar algumas teorias do currículo (principalmente as tradicionais) não encontramos questões sobre o cotidiano escolar, mas verificamos que essas teorias pretendem ser neutras e científicas, demonstrando uma preocupação com a organização e com o como ensinar.

Essa inquietação se evidencia quando verificamos que alguns conhecimentos sempre constituíram os currículos como, por exemplo, as disciplinas das ciências exatas. Outros conhecimentos, como a sexualidade, por exemplo, na maioria das vezes foram ignorados, ou mesmo excluídos e somente estão aparecendo de forma ainda tímida no currículo oficial a partir dos últimos dez anos. Com isso percebemos que ao longo da história do currículo esse conhecimento não foi considerado como legítimo, exceto em raras iniciativas de alguns pequenos grupos de pessoas interessadas em tratar da educação sexual. Por hora, este conteúdo era muito “feio” para ser tratado no âmbito da escola, já que era algo da esfera privada, da intimidade de cada um. No entanto, a sexualidade, embora exercida no âmbito privado, ela se torna pública em suas diversas dimensões, especialmente quando falamos em DSTs, em gravidez na adolescência, em violência doméstica e violência sexual, em pornografia na internet, pedofilia, aborto, leis de proteção aos grupos historicamente discriminados, como gays, lésbicas, travestis, transexuais, intersex.

As iniciativas de formação docente ou mesmo de estratégias para trabalhar com as crianças e jovens no âmbito da escola, quase sempre elaboradas em forma de projetos pontuais, muitas vezes desaparecem tão

logo surgem. Em alguns casos, por falta de profissionais que não se sentem preparados, em outros, por decisões de grupos que justificam a não relevância desse conhecimento na educação, alegando que essa é uma responsabilidade da família. Salientamos, porém, que diferentes pessoas, portanto, diferentes formas de expressão da sexualidade, fazem parte de um mesmo espaço de educação – a sala de aula, mas nem mesmo nos cursos de Formação de Professores/as a sexualidade é tratada como conhecimento.

Essa falta de oportunidade para discutir a questão da sexualidade nos cursos de Licenciatura pode transformar-se em um forte empecilho para o/a futuro/a professor/a. Durante o estágio e práticas de ensino, os/as alunos/as dos cursos de Licenciatura têm a oportunidade de presenciar uma multiplicidade de sexualidades povoando as escolas como as manifestações da sexualidade nas crianças e adolescentes, as novas configurações familiares, o uso das tecnologias como auxiliares das relações amorosas, os casos de homofobia e tantas outras situações presentes no espaço escolar evidenciando que a sexualidade se faz presente na vida das pessoas e em todos os momentos.

A mulher professora/mãe grávida; o/a adolescente passando por transformações corporais e de comportamento; a criança curiosa em relação ao seu contexto familiar; os/as alunos/as, na escola, “ficando” com seus/suas namorados/as; os/as homossexuais convivendo com a maioria de heterossexuais na escola; o corpo, que o uniforme, em algumas escolas, tenta esconder, despertando o desejo no/a outro/a; os bilhetes-cartinhas de amor em movimento na escola; a paixão platônica pelo/a professor/a; as piadas, risadas e a troca de informações e confidências entre colegas.

É interessante destacar que nas discussões sobre a experiência docente essas situações não são tratadas com a atenção merecida, na maioria das vezes tornam-se apenas relatos sem aprofundamento. No entanto, essa multiplicidade de sexualidades nesse local aponta que a escola continua sendo o espaço privilegiado de aprendizagem, de sociabilidade (namorar, fazer amigos/as). E assim, quando pensamos em sexualidade como conteúdo de ensino, verificamos que em alguns

momentos da História ela foi tratada como um conhecimento prático, liberal e, em outros, como conhecimento que deveria ser proibido, como um assunto fútil ou tão grave do qual não se podia falar a não ser em confissões ou em consultórios médicos.

Ao entendermos o “currículo enquanto fator de produção de sujeitos dotados de classe, raça, gênero” (SILVA, 1995: 8) e se estamos entendendo a sexualidade como conteúdo de ensino, não poderíamos também considerar as vivências de sexualidade em suas diversas manifestações como experiências que valem à pena ser consideradas e discutidas na escola?

Quando verificamos essas questões no currículo de formação de professores/as, descobrimos que “uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas” (LOURO, 2003:44), quase sempre normatizando as ações dos sujeitos para um único padrão de normalidade. Porém falar sobre a sexualidade, mesmo que normal, ainda é considerado, para a maioria dos/as professores/as como algo “feio”, que não deveria ser discutido.

5.4 “MENINO É MENINO E MENINA É MENINA”: DISCURSOS INSTITUINTES DE GÊNERO NA REGIÃO DA CAMPANHA

Como aprendemos a ser meninos ou meninas? Quem nos ensina modos de ser e de sentir, o que devemos pensar, de que forma precisamos ser educados, o que devemos usar, com o que devemos brincar? As pedagogias de gênero e da sexualidade (entendidas aqui como a maneira pela qual nos constituímos e (re)constituímos enquanto homens e mulheres, mediatizados pelas ações do contexto onde estamos inseridos/as) atuam influenciadas pela cultura na forma como se descrevem os gêneros feminino e masculino e portanto, as identidades de gênero e sexuais são definidas pelas relações sociais e moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2001; FELIPE, 2013). Assim, aprendemos a ser de um jeito ou de outro pelos discursos e práticas que nos atravessam diariamente e a instituição escolar, muito tem contribuído

para a perpetuação destes marcadores através da definição de seus currículos.

Partindo de uma sessão do grupo focal onde os/as participantes deveriam efetuar recortes de revistas que caracterizassem o gênero masculino e feminino e justificar suas escolhas, obtivemos como resultado a confirmação do discurso já estabelecido e eficaz que educa e disciplina os corpos. Nas falas recortadas abaixo, percebe-se o quanto as pessoas envolvidas estão subjetivadas pelo discurso dominante do que pertence ao universo feminino e ao universo masculino, indicando inclusive, como a escola reforça esta hegemonia:

LAURA - "boneca é coisa de menina" e "bola é coisa de menino"... eu sei por que a minha filha adora jogar bola, briga por causa disso desde pequena...e na escola não tem isso de menina jogar bola... menina é do rosa, menino do azul...(20/10/2009)

SIMONE - eu já presenciei também uma escola onde não tem estas divisões, nem isso das cores principalmente, os dois têm direito a elas, claro que o menino não vai andar de calcinha porque tem sua roupa própria, mas em relação a cores, independente das cores... Claro que em alguma ainda é, menino é menino e menina é menina e vestem azul e rosa...(20/10/2009)

A escola torna-se assim, um grande elemento de propagação e fortalecimento destes modos de ser, reafirmando um discurso onde, como afirma Louro (2001:16):

(...) a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, “fixar” uma identidade masculina ou feminina “normal” e duradoura. Esse intento articula então as identidades de gênero “normais a um único modelo de identidade sexual: a identidade heterossexual.

Os depoimentos abaixo dão conta de ilustrar o poder delimitador destas múltiplas estratégias. As narrativas foram retiradas das justificativas dos participantes que, em sua grande maioria, reproduziram representações hegemônicas do universo feminino e masculino:

JOANNA - Na nossa cultura a mulher é que varre a casa, que cuida dos filhos, que se arruma se pinta e fica bem feminina... e o homem é o macho.. Deus livre um homem bixa... (...) a mãe que está esperando um menino, já está tudo idealizado, de rosa se for menina ou de azul para o menino... todo homem a gente sempre idealiza como homem mesmo, do jeito que a gente aprendeu que é homem.(15/09/2009)

ALICE - e as coisas da casa, também elas tem que ser divididas... eu acho que a mulher tem uma força muito grande, porque ela trabalha, ela cuida da casa, ela cuida do filho e ela ainda é mulher, ela tem o marido...(15/09/2009).

*FRANCISCA – Desde Adão e Eva, Adão é homem e Eva é mulher(15/09/2009)
SIMONE - o bajeense é bem rígido com isso... homem é homem e mulher é mulher...e homem é bem macho...(15/09/2009)*

EDUARDO – (...) quando eu era pequeno me diziam que homem não podia dar risada, se ficar de risadinha, se arreganhando, isso é coisa de mulher. (...) me foi passado que características de mulher é ser vaidosa, gostar de se pintar, de estar bem vestida... (15/09/2009)

PATRÍCIA e LAURA- aqui nós vimos a figura masculina de um menino, aqui outro de azulzinho aqui um carro de formula 1 que lembra o masculino, a velocidade, o poder; um cavalo que lembra o lado mais selvagem, e este caminhão representa a força... e no feminino, nós colocamos figuras frágeis, um bebe com a cor rosa porque esta identifica sempre as meninas; uma flor que simboliza que todas as mulheres gostam de flor, que são românticas, delicadas; esta outra menina com o cabelinho arrumadinho tudo, porque menina sempre tem que estar alinhada, limpinha, perfeitinha; o beija-flor também que representa meiguice e uma mulher indiana que mostra a beleza e a submissão... (15/09/2009)

Todas estas colocações estão presentes no dia-a-dia destas pessoas, em suas famílias, nas escolas e nos currículos onde aprendem como devem se portar, o que devem usar, dizer e fazer. Segundo Louro (2001) as várias formas de fazer-se homens ou mulheres e as possibilidades de vivenciar prazeres e desejos são sempre sugeridos, anunciados, promovidos socialmente e a escola tem grande parcela nestas construções ao reforçar através dos discursos de seus/suas professores/as o que pertence ao universo feminino e o que pertence ao universo masculino.

Partindo das colocações dos/as depoentes, tudo aquilo que foge deste padrão compõe uma outra forma de conhecimento, ou seja, no currículo da escola e da Formação de Professores/as também são produzidos conhecimentos acerca daquilo que não deve ser tratado, pois foge do padrão de normalidade. Algumas disciplinas e alguns conhecimentos já são tradicionalmente reconhecidos. Outras disciplinas consideradas fora do padrão e outros conhecimentos não tradicionais, como sexualidade e gênero, não são e dependem de interesses dos grupos profissionais para serem legitimados como conhecimento escolar.

Abordando um pouco a questão da definição dos currículos, se pensarmos que a tradição interfere na organização das disciplinas,

verificamos que algumas tradições principais assumem uma visibilidade maior no interior das fronteiras disciplinares. Goodson ressalta que algumas tradições disciplinares podem ser “relacionadas com as origens da classe social e com os destinos ocupacionais dos alunos” (GOODSON, 2001: 178). Além disso, também é possível relacioná-las à organização dos profissionais da área, já que as disciplinas escolares envolvem grupos de pessoas com interesses e intenções diferentes, em particular pelos interesses materiais de cada professor/a. Portanto, o autor alerta que os cursos de Formação de Professores/as poderiam aprofundar as discussões sobre os papéis dos/as futuros/as professores/as e as opções com as quais eles irão se confrontar ao longo de sua vida profissional. Temáticas vinculadas à sexualidade certamente estão envolvidas nesse confronto.

Entendo que as disciplinas escolares possibilitam a organização dos/as professores/as em grupos para defenderem e lutarem por seus interesses, bem como para promoverem ações para a manutenção dessas disciplinas. Portanto, podemos também entender o currículo como uma permanente luta e disputa de poder, na medida em que os conhecimentos que constituem ou não o currículo, como sexualidade e gênero, por exemplo, torna-se sempre atual se estivermos dispostos a realizar um deslocamento na nossa maneira de conceber o currículo.

Sabemos que não há consenso no entendimento da palavra currículo, principalmente porque, segundo Moreira (1997: 11) “esse conceito é uma construção cultural, histórica e socialmente determinada”. O autor apresenta algumas definições mais usuais para a palavra currículo que são: conhecimento escolar e experiência de aprendizagem. Ao apontar currículo como conhecimento escolar tem-se uma relação direta com o conhecimento pedagógico e didático, com aquilo que deve ser aprendido e aplicado pelo aluno. Este foi o sentido mais dominante para a palavra currículo no decorrer da história. Por outro lado, é ainda recente a utilização da palavra currículo entendida como experiência da aprendizagem.

Pacheco (2005: 29) aponta o ano de 1663 como sendo o ano em que o termo currículo foi dicionarizado pela primeira vez. O significado atribuído a esse termo foi “curso regular de estudos numa escola ou numa

universidade”. Após apresentar os diferentes significados atribuídos por diferentes autores, o autor (op cit, 2005: 39) sugere que “devemos reconhecer que a fragmentação do campo curricular compreender-se-á, preferencialmente, pela inexistência de um consenso não sobre o que significa, mas do que deve veicular e do modo como deve ser organizado”. O autor aponta ainda a necessidade de considerarmos, nos estudos de currículo, a epistemologia, a política, a economia, a ideologia, a técnica, a estética e a história. Para ele “o currículo é um projeto de formação (envolvendo conteúdos, valores/attitudes e experiências), cuja construção se faz a partir de uma multiplicidade de práticas inter-relacionadas”.

Por um outro lado, o currículo também pode ser entendido como narrativa. E é nessa perspectiva que Goodson (2007: 13) aponta para a importância de refletirmos sobre novas especificações para o currículo. O autor afirma que o currículo prescritivo já está acabando. Para ele, estamos entrando numa nova era que ainda está longe de ser definida. Ao relatar sobre um projeto intitulado “aprendizagem narrativa”, o autor afirma que essa pode ser uma saída. O tipo de aprendizagem que ele chama de narrativa é aquela que se “desenvolve na elaboração e na manutenção continuada de uma narrativa de vida ou de identidade. Os motivos que emergem nela são: o trajeto, a busca e o sonho”. (GOODSON, 2007: 13). Nesta perspectiva, assuntos relacionados a sexualidade e gênero não podem ficar fora do currículo pois são, por essência, a vida e a identidade dos/das envolvidos/as no processo escolar, sejam eles/as alunos/as, professores/as ou qualquer outra pessoa neste meio.

Se além da esfera oficial, as diversas instituições de ensino podem interpretar o currículo de modo diferente, então estamos diante de uma brecha importante para repensarmos a questão da sexualidade no currículo, não somente na de formação de professores/as, levando em conta não apenas os conhecimentos oficiais, mas também aqueles que vão ao encontro da “aprendizagem narrativa” no sentido proposto por Goodson. Também podemos pensar o tema da sexualidade vinculado a outras formas de discriminação – de raça, etnia, de gênero - em ação no currículo de todos os níveis de ensino, a partir da proposta de discutirmos os direitos humanos.

5.5 “O QUE TEM DE GAÚCHO MACHO DESFILANDO, QUE NÃO É MACHO...”: OS DISCURSOS EM TORNO DA HOMOSSEXUALIDADE

Coojornal: _ Qual a sua explicação para o veadismo que campeia no Rio Grande?

Analista: _ Não quero falar mal, mas tem entrado muito uruguaio ultimamente... E é preciso entender que gaúcho marica sempre houve. Tem gaúcho aí sem bigode e de costeleta curta como estribo de anão que nem por isso é veado. Se bem que tá ali. Marica é marica. Nem todo mundo corta a unha com facão. (O Analista de Bagé, p.33)

O texto de Veríssimo deixa muito claro o preconceito existente na região da Campanha, traduzindo literalmente a visão machista predominante em nosso meio. O homem macho heterossexual deve ter algumas características bem marcadas de grossura, ignorância, superioridade em relação ao sexo feminino. Caso tenha um posicionamento diferente deste, com certeza vem de outra região, brinca o autor em seu famoso texto. “os viados vem de fora, aqui em Bagé não tem, são correntes migratórias lá das bandas orientais (Uruguay)” (O Analista de Bagé, 30). Esta “macheza” do gaúcho é, muitas vezes, colocada sob suspeita, sendo afrontada pela mídia, através de seus programas humorísticos, por exemplo, levantando uma desconfiança sobre a sexualidade do homem gaúcho.

Para Judith Butler (1990) o gênero é algo que se reproduz socialmente e se materializa em ações contínuas e repetidas no tempo e nos espaços. Nesta ótica, a feminilidade e masculinidade não são traços estáveis dos indivíduos, fixos e prévios, mas são construções contingentes e contextuais (BUTLER, 1990, 1993; PEREIRA, 2009). Segundo a autora, não existem identidades de gênero, mas sim expressões de gênero, fortemente condicionadas por prescrições culturais.

se o gênero é forma de existir o próprio corpo é uma situação, um campo de possibilidades culturais ao mesmo tempo recebidas e reinterpretadas, então o gênero como o sexo parecem ser questões completamente culturais” (BUTLER, 2008:161).

As expressões de gênero são performativamente constituídas (Butler, 1990), criando a ilusão da existência de um núcleo binário de organização da sexualidade, que é alimentado pelos discursos e pelas práticas que deles decorre com o objetivo da regulação da conduta humana. Neste sentido, a conceitualização do gênero como estrutura binária tende a reproduzir modos pré-estabelecidos de interpretação do corpo sexuado (ou assexuado). Isto equivale a dizer que modos de interpretação que se distanciem da estrutura binária de gênero são habitualmente considerados marginais ou desviantes.

A análise em torno das performatividades de gênero de homens e de mulheres pressupõe esse enquadramento sociocultural, na medida em que a reprodução da feminilidade ou da masculinidade se inscreve numa estrutura que é claramente prescritiva e, desse ponto de vista, em muitas situações, constrangedora da ação.

Homens e mulheres, de diferentes proveniências culturais, com diferentes idades, expostos/as a diferentes condições socioeconômicas e com diferentes orientações sexuais (apenas para citar alguns exemplos), são sujeitos a pressões externas e internas que os/as impelem à conformidade, sob pena de não lhes ser reconhecida uma identidade pré-fixa, aquela que melhor obedecerá, porque assim foi convencionado, às expectativas sociais em torno do que é ser “verdadeiramente” homem ou mulher.

As expressões de gênero dos/das “gaúchos/as de Bagé”, seus discursos e representações em torno do que é ser mulher ou homem, feminino ou masculino são, à semelhança do que sucede com as demais mulheres e homens, balizadas pelos discursos sociais. No caso dos gaúchos “que desfilam”, esses discursos adquirem o estatuto de uma cultura cristalizada no modo de ser do “bajeense” e, desse ponto de vista, dificilmente são questionados ou postos em causa. O ideário de masculinidade dos gaúchos de Bagé parece ser exacerbado pelas festividades, como os desfiles tradicionalistas, que acabam por instituir e materializar modos concretos de ser e de estar enquanto homem e, mais do isso, enquanto homem gaúcho bajeense. A própria pilcha,

essencialmente composta pelo uso da bombacha é vestida pelo gaúcho tanto para as atividades diárias do campo como para os desfiles e festividades sendo um demarcador importante da vaidade de usar esta vestimenta.

Tal como acontece na construção das expressões de gênero de outros homens, em que são incorporadas práticas e discursos que a sociedade determina como adequados ao seu sexo, os homens “machos de Bagé” aprendem a ser homens e a ser machos, através de um conjunto de práticas e valores prescritos como normativos da cultura gaúcha. No seio destas prescrições algumas ações são consentidas e incentivadas, enquanto outras são censuradas. Deste modo determinados rituais, vestimentas, rotinas e tarefas são acionados como modos ou expressões máximas de masculinidade.

Se falar em educação para sexualidade, apesar da prescrição de normatividade de ser homem e ser mulher já é um tanto difícil nas escolas para não se dizer constrangedor na mentalidade dos/as professores/as, falar sobre homossexualidades é mais complicado ainda. Mesmo que existam tais situações no contexto escolar, normalmente elas são silenciadas ou mesmo disfarçadas para não gerarem polêmica.

MADONNA - Bagé tem uma característica, é impressionante, bem interessante... por ser uma região, uma cidade de fronteira e ter toda uma característica cultural... agora nós estamos na semana farroupilha e a gente vê o que é a tradição e esta coisa cultural do gaúcho macho, o perfil do gaúcho macho e os casos que tem homossexualidade, tanto feminino como masculino são bem significativos...são grandes... o que tem de gaúcho macho desfilando que não é macho... em cidade do interior tem muito disso. (15/09/2009)

JOANNA – a gente tem esta coisa que o gaúcho que é macho, tem que ser macho, bem macho! ((20/10/2009)

As escolas e os/as professores/as preferem ignorar ou negar a existência de homossexuais em seu meio. Durante esse encontro que tratava especificamente sobre a homofobia através dos textos do Analista de Bagé, os/as participantes foram convidados/as a refletir sobre as situações que já haviam presenciado na escola e como encaminhavam estes momentos. Percebi um desconforto geral no grupo de participantes ao terem que nomear estes momentos, descrevê-los e em vários trechos,

ficou evidente a confusão que pairava entre os conceitos de homossexualidade e homofobia, principalmente, no universo escolar.

SIMONE - Eu ainda não presenciei uma situação de homofobia na escola, mas, em meninos e meninas já observei que ao perceberem que algum colega têm "jeito" afeminado caem em cima, com risos, apelidos, deboches etc... e isso causa um grande constrangimento não só para a criança que está sendo ridicularizada mas para os professores também, sendo que, na maioria das vezes não sabem o que dizer(...)se observa que em uma turminha grande sempre tem um menino que ainda não se encontra na sua sexualidade, nessa hora já se pode certamente trabalhar tanto individual como coletivo, observando suas preferências, conversando informalmente para que se tenha certeza sobre o assunto e o mais importante no meu pensar, o envolvimento com a família que já deve acontecer para que se tenha uma resposta positiva e que se consiga ajudar essa criança para que tenha o melhor de um desenvolvimento saudável.
(20/10/2009)

Rememorando a história da homossexualidade, Weeks (1999) afirma que antes do século XIX existia a homossexualidade, mas a figura nomeada do/a homossexual não existia. Foi a partir desse século que se desenvolveu uma categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada, tornando-a uma categoria científica e sociológica. Assim a nova história da homossexualidade passa a ser uma história de identidades. Com o crescimento urbano torna possível uma interação social maior, o que possibilita uma oportunidade para a evolução das identidades homossexuais.

Examinando a questão das identidades sexuais num contexto maior, percebe-se que elas são histórica e culturalmente mais ou menos valorizadas, sendo selecionadas a partir de uma gama de identidades sociais e moldadas por redes e estratégias de poder. Podemos pensar que várias ênfases sobre a identidade podem ser traçadas, como a identidade como destino, a identidade como resistência, a identidade como escolha. Assim, as identidades podem ser escolhidas e essa escolha é muitas vezes política.

A sexualidade tem sido centro do debate político nos últimos dois séculos, e argumenta-se que a preocupação acerca dessa, atualmente, se relaciona com o sentimento de crise sobre a sexualidade. As mudanças ocorridas no campo social e o impacto do feminismo alimentaram uma crise sobre o sentido da sexualidade em nossa cultura. Weeks argumenta que aquilo que consideramos legítimo de se fazer no campo privado, sempre estará controlado por valores ainda maiores que dizem respeito ao tipo de

sociedade que queremos ver. Apontando o futuro da sexualidade, o autor toma como quadro de referências uma profunda mudança nas relações familiares, que dizem respeito a uma mudança em relação ao casamento e à família.

Discutindo também com os/as participantes sobre as novas configurações familiares⁸⁴ e as repercussões na escola destas novas famílias, mais uma vez ficou evidenciado o desconforto ao tratar deste assunto e a reação quase que totalitária do grupo foi responder que ainda não tinham passado por esta situação mas que em casos onde isto ocorresse, agiriam de forma “natural” embasados na crença de que “todos são seres humanos”, amparando-se muitas vezes em valores sociais e até mesmo religiosos como descreve a fala a seguir para justificar tal postura:

VALKIRIA - Nunca vivenciei esta situação, porém acredito que seria uma situação delicada devido a nossa realidade cultural. (20/10/2009)

ELIANE - Este assunto eu desconheço, pois, nunca presenciei pais homossexuais, mas, na minha opinião até mesmo pela nossa cultura essa dita criança iria ser vítima de preconceitos e até mesmo desrespeito por colegas, pais e até mesmo professores. (20/10/2009)

SIMONE - Também não tenho muito conhecimento na prática, mas penso que antes de tudo somos seres humanos, o carinho, o amor e o caráter de uma criança, de uma família, independe de preferências sexuais. Para criarmos filhos com valores positivos, com fé e respeito pelo próximo jamais podemos esquecer que antes de tudo “somos seres humanos”. (20/10/2009)

Diante do que estamos presenciando podemos constatar a existência de uma gradual liberalização e aceitação da homossexualidade, embora muitas vezes tal aceitação esteja apenas no nível da tolerância, ou do politicamente correto. No entanto, cabe lembrar que em alguns países a homossexualidade pode ser punida severamente. Já em outros países, como o Brasil, embora não seja mais sujeita a punições, a sua legalidade é limitada, pois não é colocada numa situação de igualdade com os heterossexuais.

⁸⁴ Esta temática veio à tona pois nos dias em que estavam ocorrendo os encontros, o STJ (Supremo Tribunal de Justiça) concedeu em caráter irrevogável, pela primeira vez na história do país, o direito de adoção de uma criança a um casal de homossexuais (casualmente são duas mulheres residentes na cidade de Bagé).

Como é possível perceber, os direitos em torno do exercício da sexualidade em suas diversas manifestações e grupos não é estável, adquirindo direitos de acordo com contextos específicos. Assim, possivelmente, pode-se esperar por uma mudança na maneira como nos relacionamos com nossos corpos e com a sexualidade e, conseqüentemente, novas propostas virão em atendimento a estas demandas escolares. Famílias homoafetivas, alunos/as e professores/as homossexuais compõem esta demanda e já circulam pelo meio escolar há muito tempo. No entanto, é preciso entender que o respeito às questões voltadas a diversidade sexual necessitam ser problematizadas pelos/as docentes e encarada de forma profissional, lembrando de que os mesmos são servidores/as públicos. Portanto, como agentes de uma política pública, laica, caberá à escola cumprir uma política pública. É importante destacar neste contexto a tendência dos/as professores a tratarem situações de preconceito de forma quase maternal, como se a escola fosse extensão de sua casa ou até mesmo de sua família. Ao invés de combaterem o preconceito, compreendendo porque ele se dá, suas causas e conseqüências, simplesmente se penalizam das crianças ou adolescentes que sofrem o preconceito.

5.6 “VAI CHEGAR A TUA HORA, QUANDO TU FOR MOCINHA”: TEMPOS DE FALAR E DE VIVER A SEXUALIDADE

A frase que intitula esta sessão foi retirada de uma das falas de uma participante do grupo que ilustra a ideia muito recorrente de que há um tempo certo para se falar e ainda mais, para se exercitar a sexualidade. Um tempo que, certamente, não é o da infância segundo a opinião delas/e. As poucas informações que são fornecidas nesta época da vida quando as crianças manifestam alguma curiosidade, muitas vezes são realizadas de forma equivocada e tendem a ludibriar a criança. Não é raro, as histórias de que as crianças vem da cegonha, brotam na horta, nascem de um pé de couve ou de repolho e assim por diante. O recorte de uma fala abaixo, demonstra o desconforto da mãe ao ter que lidar com a curiosidade da filha ao mesmo tempo em que se indigna porque a menina já tinha buscado esta

informação com uma amiguinha fora de casa, ou seja, fora do controle da mãe. Ao mesmo tempo em que a criança recebeu uma analogia sobre os órgãos sexuais, a mãe também inventou uma historinha para não falar claramente o que a criança estava perguntando quando esta quis saber como os bebês nasciam e a mãe disse que era uma sementinha que a mulher engolia:

SCHEILA - eu acho que existe um tempo pra cada coisa, existe um tempo de ser criança um tempo pra ser adolescente, existe um tempo pra cada coisa, então pra um professor trabalhar com a criança na sala de aula... (...) As vezes eles falam umas coisas... a minha filha tem oito anos e ela chegou em casa com uma historinha que uma amiga contou.. e isso me machucou, fiquei num sentimento tão assim, porque eu não falo coisas assim pra ela, ela não sabe dessas coisas e uma amiguinha maior que ela foi la pra casa e falou pra ela assim: tu sabia que a perereca é a garagem e o pintinho é o carro? e ai ela chegou e perguntou pra mim porque que a perereca é a garagem e o pintinho é o carro??? sabe que eu fiquei assim, chocada, porque eu não queria que ela soubesse disso agora... isso me machucou... e ai eu dei uma enrolada porque não é hora dela saber ... eu sei que vai chegar um momento onde ela vai descobrir o momento por onde entra a semente e eu não vou ter como fugir...(08/09/2009)

Nesta situação de tentar convencer a criança com outras histórias caberia problematizarmos porque as pessoas tendem a agir desta forma fantasiosa ao invés de manterem um diálogo que aborde as situações como elas realmente se apresentam. Tais atitudes por parte dos adultos estão pautadas por uma gama de comportamentos que foram vivenciados pela mãe/professora, sem que houvesse a preocupação de questionar sobre estes assuntos, tanto na sua vida pessoal como no próprio curso de formação. Numa outra passagem relatada pela participante, ela comenta de que ao irem ao supermercado, a menina teria perguntado ao pai se ele não compraria sementes para que a mãe tomasse e insistia muito para saber em qual sessão ficava porque ela mesma queria fazer uma surpresa para a mãe comprando uma semente para ter um irmãozinho... Estes enredos que são criados em torno da sexualidade tendem a causar muito mais embaraço e confusão do que se fossem conversados abertamente de forma clara. Os pais/as mães, ao tratarem as crianças assim, acabam reforçando uma concepção idealizada de infância como um local angelical, de pureza, principalmente quando se fala das meninas.

LAURA- é, é aquela coisa assim ai o que acontece, eu já decidi com a minha filha fazer diferente, a Maria Eduarda tem 6 anos e a ela tudo o que me pergunta eu não digo as claras, mas eu devolvo a pergunta: - O que que tu achas? Um dia ela me pegou saindo do

banheiro, estava saindo do banho e o Alex estava entrando no banho e dali a pouco ela entrou assim no banheiro e eu acho que ela nunca tinha visto ele pelado e ela me perguntou assim: Mãe, tu faz sexo com o pai? E eu fiquei, ai meu Deus, o que eu digo.... fiquei quieta e ela veio de novo e disse: - tu não escutou mãe que eu te perguntei se tu faz sexo com o pai? e eu, o que tu acha que é sexo? Ah, mãe é beijar na boca! - Eu beijo na boca do teu pai sim... quer dizer, eu não falei o que ela queria mas eu também não dei aquela resposta que com 6 anos, entendeu, eu não poderia dar...(08/09/2009)

Para falar da Educação Sexual, Louro (2001) explica que a sexualidade era um assunto privado, que deveria ser tratado apenas com alguém muito íntimo e de forma reservada. O sexo parecia não ter uma dimensão social, era um assunto particular e pessoal. A autora considera que todas as transformações afetam as formas de viver e construir identidades de gênero e sexuais. Precisamos compreender que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política, e é construída ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos.

É nesse processo que a escola tem uma tarefa bastante difícil e importante. Louro (2001) considera que é necessário incentivar a sexualidade normal e, de outro lado, contê-la. Ela nos indaga a pensar que é preciso manter a “inocência” das crianças e dos adolescentes, se possível, ainda que isso implique o silenciamento e a negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias, as práticas sexuais.

Não existe um tempo mais adequado ou certo para se abordar as questões da sexualidade. O que infelizmente ocorre, na maioria das vezes, é que tanto pais, mães como professores/as insistem em reservar uma hora para se tratar deste assunto, não respeitando a curiosidade da criança ou adolescente. Quem pode dizer qual é o momento mais adequado? Com que idade? Em qual série? Quem somos nós para querer governar ou reprimir a curiosidade das crianças e adolescentes? Infelizmente, ficou evidenciado que a escola “institui” um momento e ele está resguardado dentro de um conteúdo que deverá ser trabalhado em uma ou outra série:

EDUARDO - também tem esta coisa, a gente fala no momento, no momento... mas quem decide o momento? Qual é o momento... não, é o momento pra quem?
VALQUÍRIA - quando tu conversava sobre o corpo, na quarta serie principalmente que a gente trabalha muito sobre isto... (20/10/2009)

Corroborando com o descrito acima, Louro nos fala da função da escola quando determina estes espaços e estes tempos em que a sexualidade pode aparecer. Ela nos fala que a tendência escolar é sempre retardar ou até mesmo omitir o máximo que puder a circulação deste assunto em seu meio. Diz ela:

É preciso manter a “inocência” e a “pureza” das crianças (se possível, dos adolescentes), ainda que isto implique no silenciamento e na negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais (2001:26).

Saindo do universo infantil e adentrando ao espaço reservado a adolescência, onde as práticas sexuais tomam o contorno dos relacionamentos, os discursos que perpassam esta fase assumem um viés mais vigilante e se na infância quase nada poderia ser dito, na adolescência tudo deve ser controlado. A passagem de uma fase a outra são vividas de modos diferentes para meninas e meninos. Enquanto o menino desde pequeno é incentivado a ser namorado e a “pegar todas” (incentivado a ser heterossexual, é claro!), a menina recebe normas de como deve se portar até mesmo nas relações familiares. É muito comum o discurso de que “estás virando uma mocinha” e por conta disto, todas as posturas devem ser controladas.

LAURA- A partir de hoje eu não quero mais que tu sente no meu colo ... e eu fiquei mas por quê? o que eu fiz? e ele me levou a mão e me empurrou e disse: - A partir de hoje tu não senta mais no meu colo, tu não senta mais no colo de ninguém porque tu estas virando uma mocinha..

PATRÍCIA -Meu pai nunca me explicava, com 13 anos, por ai, eu comecei a menstruar e ai começou aquela função eu comecei a criar seios e de repente eu não podia mais sentar no colo do meu pai, não podia chegar mais perto dele... só que ninguém me explicava que eu estava ficando mocinha, (...)com 12, 13 anos elas já transam... mas eu não estou acostumada com esta realidade, tu sabe que tem isso, mas aos 12, 13 anos eu brincava de boneca até os 15 anos. (08/09/2009)

O discurso da mocidade é tão amplo que, em nome desta nova fase que se está vivenciando, assumem-se também uma série de códigos e marcadores que interferem e pautam as práticas sociais. Aos meninos,

como já foi dito, tudo é permitido e incentivado, quanto mais cedo um menino souber sobre sexualidade, supõe-se que mais viril ele será:

SOPHIA - os pais até já estimulam que o filho macho tem que beijar as meninas, tem que agarrar... (20/10/2009)

Já para as meninas, o cuidado torna-se redobrado e sentenciado. Elas devem manter uma postura já que “são mocinhas” ou estão se tornando e, junto com esta nova fase, uma gama de modos de ser são cobrados e incentivados para que tudo permaneça dentro de uma ordem. As mudanças corporais são indicativos de que esta nova fase está chegando e junto com ela, espera-se um padrão de comportamento cobrado não só pela família mas também incentivado pelas instituições escolares. O discurso púbere assume uma responsabilidade e delimita a ruptura entre o corpo de criança e o corpo de adulto e agora, como adulto, os cuidados devem ser redobrados porque “os perigos” são maiores. Na fala abaixo, percebe-se a preocupação da mãe com a chegada do período menstrual⁸⁵ da filha, indicando o cuidado que há que se ter possivelmente pelo início das atividades sexuais da menina.

ELIANE - olha, não demora muito tu vais chegar no teu período menstrual, ai tu vai ficar mocinha, vais ter que tomar certos cuidados, (...) eu cuido muito da minha filha porque ela já esta assim, esta ficando mocinha, já esta criando seios, já engrossaram as pernas, aqui atrás, ela já tem assim... umas ancas.. ela começou a ficar com corpo de mocinha mesmo... então o que que eu cuido muito.(...) tudo o que ela pergunta, eu encontro uma maneira de responder..de uma forma que seja natural e não agressiva ... eu tento responder tudo, a questão do sexo mesmo, vai chegar a tua hora, tu é mocinha... eu já tive esta conversa com ela.. vai chegar a tua hora!(08/09/2009)

⁸⁵ A menstruação, num sistema heteronormativo, remete também à possibilidade de engravidar, assim muitas mães passam a conversar com as filhas sobre os riscos do sexo nesta fase.

6 “EU QUERO DIZER QUE EU NÃO PENSAVA NISSO, MAS EU GOSTEI MUITO DE DISCUTIR”

PATRÍCIA - Eu acho que deveriam ser trabalhadas desde cedo... desde as séries iniciais e todas as matérias deveriam abordar... não só como se trabalha hoje, pela biologia ou pela ciências que trabalham esta parte assim mais voltada pra isso...e acima de tudo tinha que ter profissionais, uma formação para trabalhar com a sexualidade porque eu acho que a gente não tem, a gente vê muito pouco...nem tem eu acho... (18/11/2009)

SIMONE - poderiam ser mais trabalhados estes assuntos, deveriam ser criados mais fóruns na universidade, independente dos cursos no quais os alunos estivessem matriculados, porque o que se trabalha é o ser humano e isso perpassa todas as áreas de formação, independente do curso que fosse dado, teria que ter uma disciplina para sexualidade, porque todos trabalham, seja o advogado, seja o nutricionista, seja um biólogo, seja o que for trabalhar com ser humano[...] poderiam ser inseridos no currículo uma disciplina exclusiva para educação na formação em educação para a sexualidade, que todos os professores fossem bem mais trabalhados, principalmente em pedagogia a ponto de incluírem durante os 4 anos um melhor modo de trabalhar este assunto com os nossos alunos... Porque a gente nota que o professor que nós tivemos, não sabe trabalhar com este assunto, quando se toca num assunto, qualquer um, por menor que seja.. tem uma barreira, tem um lugar fechado e não é trabalhado... porque eles também não foram trabalhados, não houve formação... e ele não está livre dos seus preconceitos... independente do que tenha acontecido na sua vida, ele tem que ser bem resolvido, bem desenvolvido, bem trabalhado pra poder trabalhar o novo com os novos... (18/11/2009)

As falas acima dão conta de ilustrar a necessidade de revermos os currículos vigentes em todos os níveis de ensino, desde a Educação Infantil ao Ensino Superior. Os temas em torno da sexualidade passam ao largo dos cursos de formação docente, bem como dos currículos disponibilizados para os alunos e alunas, como procurei demonstrar ao longo deste trabalho.

No entanto, é preciso ter cautela ao tentarmos definir um currículo que contemple questões da sexualidade, restrito apenas aos seus aspectos biológicos. O que é possível garantir no currículo regular se não tivermos um corpo docente ou ainda gestores preparados para abordar o tema de forma mais ampla, contemplando aspectos históricos e culturais? Seria importante também pensar em propostas curriculares que levem em conta a participação de todos os sujeitos.

Dessa forma, falar de uma proposta única, no Brasil, não faria muito sentido diante das desigualdades e das diversidades de contexto existentes, principalmente com contrastes culturais tão intensos como os vivenciados na região da Campanha, por exemplo. Pensar em propostas múltiplas, contemplando a diversidade cultural, visto que a realidade

educacional também é múltipla, talvez seja um interessante caminho para propostas de estudos e pesquisas nesse campo.

Em relação as pesquisas que estão na articulação entre sexualidade e currículo no Brasil, Louro (2003: 47), de forma tão adequada para nossa discussão, aponta que “os discursos traduzem-se fundamentalmente, em hierarquias que são atribuídas aos sujeitos e que são, muitas vezes, assumidas pelos próprios sujeitos.” A autora continua dizendo que

para educadoras e educadores importa saber como se produzem os discursos que instituem as diferenças, quais os efeitos que os discursos exercem, quem é marcado como diferente, como currículos e outras instâncias pedagógicas representam os sujeitos, que possibilidades, destinos e restrições à sociedade lhes atribui.

No contexto da investigação aqui apresentada a compreensão do currículo como um conjunto de práticas discursivas que produzem sujeitos, faz com que as questões relacionadas com a sexualidade na Formação de Professores/as sejam vistas como constitutivas dessas práticas e desses sujeitos também. Ser professor/a, no nosso caso, vai além do exercício profissional meramente racional de práticas pedagógicas no contexto escolar. Ser professor/a é carregar consigo currículos como práticas, experiências e discursos que disciplinam, normatizam e produzem sujeitos fabricados para estar dentro do padrão.

E é assim, olhando de outro modo e reconhecendo os múltiplos dispositivos que atuam sobre nós mesmos e sobre a sociedade, que encontramos um fôlego para transitarmos no campo das incertezas e das provisoriidades. Pode ser que ao perdermos o posto de professor/a, detentor/a de um saber, de uma verdade que muitas vezes se pretende única, consigamos construir outras formas de relação e produção de conhecimentos, de modo mais coletivo e problematizador, permeado por modos de ser e de viver. Conhecimentos que também possam ser entendidos como instáveis, transitórios, mas que sendo transitórios sejam permeados por experiências vividas e não apenas contadas por determinados grupos que estão autorizados a falar.

Pode ser que assim as relações se alterem e a dúvida e o autoquestionamento passem a fazer parte do nosso modo de viver enquanto futuros/as professores/as, não olhando para a escola apenas como um lugar de produção em série, composto de comportamentos pré-estabelecidos, livros didáticos, filas e falta de material. Ver os alunos e alunas também como produtores/as de conhecimento e como seres com uma identidade própria, dotados de desejos e ansiosos por exercitarem a sua sexualidade.

Retomando a concepção foucaultiana de poder, como sendo não apenas coercitivo ou negativo, como algo que já está dado, pronto, acabado, que se exerce verticalmente, mas ao contrário, o poder como difuso nas relações sociais, podemos pensar na potência dos currículos de Formação de Professores/as.

Aqui vale lembrar de algumas práticas escolares como obrigatoriedade de filas, separação de meninos e meninas, uso do uniforme, dentre outros.

“Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *locus* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e ao mesmo tempo seus produtores” (LOURO, 1997:64).

Ressaltamos que questionar sobre esses campos não é uma tarefa fácil, olhar para esses discursos de modo diferenciado é colocar em confronto relações de poder, especialmente se estivermos falando de determinadas regiões, com suas fortes concepções arraigadas na tradição e na heteronormatividade.

Priorizei a discussão do currículo em conexão com a formação docente e suas possibilidades de contribuição ao tema da sexualidade, por acreditar na importância política de tal vinculação no que se refere aos direitos humanos fundamentais, do respeito às diferenças. Também por entender que ainda existem muitos aspectos nebulosos nesse processo e, em certa medida, muitos retrocessos nessa área, se pensarmos sobre os últimos embates nacionais em torno da comissão de direitos humanos no

legislativo brasileiro. Aspectos ainda não falados, não pensados, ou até falados e pensados, mas ainda não escritos ou tensionados. Conhecemos vários resultados de pesquisas sobre a Educação tratando de temáticas variadas como avaliação, disciplina, ensino-aprendizagem e ainda continuamos com muitas perguntas, dúvidas e incertezas. O que dizer então sobre as pesquisas sobre educação e sexualidade ou formação de professores/as em sexualidade que, se comparadas a outros temas, ainda são tão ínfimos?

Em geral, percebemos que falamos muito sobre professores/as e alunos/as, sobre escola e sociedade, mas ainda continuamos falando pouco ou falando com reservas sobre sexualidade.

Parece que o/a professor/a tem a obrigação de ser o/a modelo, o exemplo a ser seguido e por isso mesmo, ele deve estar dentro do padrão. Caso não esteja no padrão, ele/a será o/a estranho/a. Basta que tenha alguns trejeitos para ser hostilizado. Em muitas regiões, ser professor/a homossexual ou transexual ainda parece estranho, bizarro e inadequado, como nos mostra a fala de uma aluna:

FRANCISCA - eu acho que ate mesmo pela nossa cultura... a mulher não pode demonstrar isso, porque o que se pensa é que a mulher é pra casar e é pra casar com o sexo oposto, nos colocaram isso...(20/10/2009)

Na Região da Campanha estas certezas apontam para a figura essencialmente feminina, dotada de qualidades maternas sempre pronta a atender e “educar” as crianças. A figura de professores homens ou homossexuais quase não é percebida no meio escolar bajeense e quando isto ocorre, suscita uma curiosidade e uma preocupação que ultrapassam os “conteúdos a serem ensinados” e voltam-se mais para a postura que este possa ter no convívio com os/as alunos/as.

Em uma entrevista intitulada os diálogos sobre os prazeres do sexo, Foucault (2005:18) foi questionado sobre a questão do professor homossexual. A pergunta que lhe foi feita relacionava o risco de professores homossexuais incitarem os alunos e também, aproveitarem de sua posição para difundirem as teorias homossexuais. Foucault respondeu que “um professor homossexual não tem porque provocar mais problemas

que um professor calvo ou um professor masculino numa instituição onde todos os alunos sejam mulheres”. O autor disse que durante muitos anos os professores excluíram da história e da literatura os tipos diferentes de comportamento sexual, durante séculos a homossexualidade foi explicada como algo intolerável e isso causou um grande dano.

Para Foucault (2005: 18)

em nenhum caso a opção sexual feita por uma pessoa deve determinar que profissão é-lhe permitido ou proibido exercer. As práticas sexuais não têm absolutamente nada a ver com os fatores relacionados à competência para exercer uma determinada profissão.

Parece cada vez mais nítida a sensação de que as pessoas são produzidas através de redes discursivas que não surgem ao acaso. Elas vão se formando ao longo do tempo, de forma desigual e (in)constante, produzindo formas de agir, de pensar, de fazer, de ser professor(a), de ser aluno(a), de ser um sujeito na escola. Sabemos que não existe homogeneidade nos modos de ser e de se comportar, uma vez que, os diferentes sujeitos também são constituídos por diferentes experiências e formas de disciplinamento, ainda que muitas vezes existam em algumas sociedades rígidos padrões que são estabelecidos no campo das relações de gênero e da sexualidade, por exemplo.

Levando em consideração as ideias de Foucault sobre dispositivo, acredito que o currículo funciona como um dispositivo de poder. Um dispositivo que atua em rede e penetra nas práticas cotidianas produzindo um “sujeito professor moderno”.

O currículo e a formação docente devem ser vistos como uma brecha, como um espaço possível de atuação, afinal nós fazemos e falamos de currículo, nós criamos ou corroboramos esse “objetivo narrativo” chamado currículo. Portanto, podemos pensar em romper com um único modo de olhar, podemos pensar que a narrativa que construímos sobre currículo é histórica e socialmente condicionada, e sendo assim, o currículo pode ser pensado como uma amálgama de saberes, como constituído também por experiências e subjetividades que não podem ser descoladas da constituição do/a professor/a.

Para finalizar, gostaria de pontuar o quanto chegar ao fim de um trabalho traz uma sensação estranha, especialmente porque sempre falta alguma coisa que poderia ser dita, que poderia ter sido melhor explorada ou aprofundada. Nos limites do que me foi possível fazer e dizer aqui, aponto a necessidade de buscar novas pesquisas, criarmos outros grupos, outros vínculos, discutirmos outros temas ou pensarmos sobre os mesmo temas de modo diferente. Outros olhares que nos ajudem a problematizar e a questionar as (in)certezas que a vida e a escola tentam nos ensinar, principalmente sobre algo tão presente como a sexualidade.

Num primeiro momento se faz necessário rememorar o porquê da escolha desta temática e me dou conta do quanto este assunto faz parte de mim muito antes que eu dele tivesse consciência. Foi na infância que aprendi através de todas as pedagogias tanto familiares como escolares, o que muito ainda hoje carrego comigo, o jeito de falar, o que falar, como me portar, o que vestir, o que fazer e quando fazer e principalmente o que não fazer. Foi no seio de uma família de origem alemã bastante tradicional que as oportunidades foram ora oferecidas ora castradas, de acordo com o que era “conveniente a uma menina”. Assim, a escolha da profissão, o casamento prematuro e um estilo de vida composto entre as tarefas do lar e o curso de Pedagogia (para ser professora, profissão de mulher na opinião de meus pais) foram impulsionados por valores demarcados desde a minha tenra idade, levando-me a adotar um estilo de vida padronizado, mas nunca a me conformar com este destino. Tinha dentro de mim uma inquietude e um inconformismo de que as coisas não poderiam ser assim, tão determinadas. Fui em busca de novos horizontes e ao iniciar o trabalho com os adolescentes e com a formação de professores/as me deparei com as questões da sexualidade que colocavam em xeque os papéis, os discursos, os códigos e as posturas e então, diante de todas estas situações, iniciaram as dúvidas que resultaram nesta tese.

De lá para cá, me ajudaram a compor a tese também outras vivências com formação de professores/as em encontros, palestras, cursos e a formação de um grupo de estudos com adolescentes (na minha atual instituição de ensino), oportunizando momentos onde tem se propiciado

falar e problematizar a sexualidade e entender como este assunto anda circulando no espaço educacional bajeense.

Utilizei a expressão educação para a sexualidade, que segundo Xavier Filha (2009:33) ilustra esta perspectiva explicando porque este termo seria, por ora, o mais adequado:

“Educação para a sexualidade”, porque seria uma prática que visa a refletir, a desconstruir discursos considerados como “únicas” possibilidades, evidenciando que os discursos são construções culturais e que suas formas de enunciação são capazes de produzir subjetividades. A dúvida da certeza, transitoriedade das convicções, as possibilidades de colocar-se em xeque diante do novo... são algumas possibilidades de uma perspectiva da “educação para a sexualidade”.

Neste sentido, Felipe (2007) comenta que utilizar o termo educação para sexualidade poderia problematizar também a respeito da transitoriedade das relações que envolvem o amor e a paixão, entendendo estes elementos como uma construção histórica e cultural e acionando reflexões sobre prazeres e desejos, não delimitando o sexo apenas pela relação sexual e pelo viés biológico mas proporcionando outros debates. A educação para a sexualidade neste panorama, permite uma visão maior, amplia-se o espaço abarcando outros sentidos, pluralizando as questões entre o biológico e o social.

Este estudo demonstrou alguns avanços na implantação de políticas públicas que pretendem inserir o debate da sexualidade na educação. Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, através dos temas transversais da Orientação Sexual (10.2) tentou se retomar um espaço para estas discussões nas escolas, mesmo que talvez incipientes. O objetivo deste documento contribuiu para que se abrissem canais de debates e estudos a respeito da sexualidade na escola e depois dele, outras políticas capitaneadas principalmente pela SECADI, fomentaram projetos de formação docente na área da sexualidade por todo país, contribuindo de forma significativa para ampliação do debate desta temática. Creio ser importante, a partir de tais iniciativas, fazer estudos longitudinais na tentativa de perceber a eficácia de tais projetos ao longo

dos próximos anos, visto que muitos dos projetos desenvolvidos e relatados aqui, por parte de universidades e ONGs, em parceria com órgãos do governo federal, estados e municípios, foram projetos pontuais, que tiveram um final em função do número limitado de horas. Obviamente, muitos desses projetos resultaram em publicações e outros materiais didáticos (DVDs, cartilhas, sites, etc.), que certamente serão utilizados não só em seus estados de origem. Mas seria importante acompanhar a prática de quem efetivamente participou dos cursos de extensão ou formação, na tentativa de perceber se houve efetivas mudanças na prática desses professores e professoras.

Buscando dar conta de responder ao problema de pesquisa que originou esta tese cabe ainda apontar a necessidade da inserção no currículo de formação de professores/as e mais, nas formações continuadas dos docentes as questões referentes à sexualidade. Os depoimentos apontam para a urgência de aprofundarmos esses temas, pois, ano após ano, os/egressos/as dos cursos de licenciatura continuam saindo de seus cursos com uma visão bastante superficial e limitada do assunto. Poucas são as oportunidades onde se discute a sexualidade, porém, muitas e presentes são as situações que a envolvem no meio escolar. Há uma confusão e uma falta de informação entre os/as professores/as em falar na sexualidade, no sexo, na educação para a sexualidade:

PATRÍCIA - Eu vou ser bem sincera: eu pensava em sexualidade, que falar em sexualidade e falar em sexo era a mesma coisa. [...] Eu imaginava que a educação para a sexualidade fosse do sexo pra gente saber transar, se prevenir das doenças, de uma gravidez... não é isso ou é isso também. Eu tinha na minha cabeça e acho que a maioria pensava assim também. (18/11/2009)

EDUARDO – Sou obrigado a dizer que eu nunca tinha pensado nisso, neste assunto dentro da sala de aula, porque já parte do princípio de que eu nunca fui informado disso dentro da sala de aula. Era uma coisa que não me ocorria... Ocorria sim ter que saber em certos momentos, como já me aconteceu, ter que falar sobre sexo, sobre alguns assuntos desta área mas não necessariamente voltado para a sexualidade que tem uma diferença bem grande entre sexo e a sexualidade que engloba um todo, engloba muito mais e, até porque não tive esta vivência nem como aluno, nem como futuro profissional da área da educação. Eu nunca tinha pensado, nunca tinha sido dirigido a pensar nesta área da sexualidade. Isto não me ocorria! (18/11/2009)

As narrativas transcritas nos sinalizam a indispensável situação de revermos os currículos de formação docente e seus reflexos nas práticas escolares. Os cursos não falam, não orientam, não debatem a sexualidade

e por conseqüência, num efeito cascata, isto também não acontece na escola. É importante dizer as/aos alunos/as que a educação para a sexualidade não se limita apenas a questões biológicas, relativas à gravidez, DST, reprodução, fecundação, conhecimento do corpo humano, órgãos sexuais, menstruação, ejaculação, mas vai muito além.

Em relação ao papel da universidade comprometida com a formação docente, é fundamental que seu próprio staff possa também estar atento a essas questões que remetem ao dia a dia das escolas e da cultura de crianças, jovens e adultos. Urge, portanto, um novo currículo mais fluído e com um caráter narrativo que leve em conta as polissemias da sexualidade. Não se pode aqui querer emoldurar um currículo como o mais adequado, pois ele dependerá muito do ambiente onde será desenvolvido. O que importa é sabermos como nos diz Britzman (2001) propor um currículo que possa recusar os fundamentos do eugenismo e da higiene social, além de perceber os novos contextos onde todos/as estamos inseridos/as, incluindo além de todos os aparatos culturais, as novas tecnologias⁸⁶ presentes que potencializam a sexualidade.

As narrativas expostas nesta tese dão conta de demonstrar a fragilidade com que o tema da sexualidade (pouco) se apresenta nos cursos de formação. O curso que freqüentaram e que lhes deu, a princípio, a formação para o exercício da docência, deixou uma lacuna, uma página em branco, algo que não sabem explicar nem nomear, apenas tem a certeza de que não dominam o assunto, ou seja, não sabem o que fazer diante de situações que certamente encontrarão nas escolas. No entanto, não basta simplesmente inserir nos currículos a temática da educação para a sexualidade, pois isso não garantirá, necessariamente, mudanças profícuas no ambiente escolar. É preciso mais do que isso, é preciso preparar todos/as os/as professores de forma competente para que possam efetivamente promover as discussões, as problematizações e o respeito à diversidade que tanto se almeja, para que o exercício da sexualidade seja visto de forma a não causar mais constrangimentos.

⁸⁶ Como por exemplo o uso do telefone celular que possibilita contatos instantâneos entre os/as alunos, as redes sociais, os sites de relacionamentos, os aplicativos de namoros disponíveis na internet.

Como estratégia para inserção desta temática nos currículos, poderíamos utilizar a própria metodologia utilizada para composição desta tese, ou seja, poderíamos iniciar um trabalho através de grupos focais, utilizando análise de artefatos culturais que poderiam apontar indicativos de como estas questões são percebidas e de como devem ser trabalhadas privilegiando, neste caso, os aspectos regionais específicos e as necessidades locais. Tal dinâmica permitiu, no âmbito desta tese, que as pessoas envolvidas pudessem falar sobre si e sobre a escola, que pudessem ouvir e serem ouvidas e assim, pudessem revisar suas convicções e reelaborá-las, confrontando seus pudores e limites, seus preconceitos e seus desejos e redimensionando suas ações. Pela grandeza do processo, podemos depreender que, talvez esta seja uma das formas para que a temática da sexualidade seja agregada nos currículos e muito tenha a contribuir com vistas a redirecionar as práticas educacionais vigentes.

A frase que nos ajuda a encaminhar as considerações finais desta tese revela o quanto frutífera ela se apresentou para mim enquanto pesquisadora, enquanto formadora de novos/as professores/as, tanto pelo aprofundamento teórico que um estudo como este exige como pelo prazer de conviver e poder discutir questões relacionadas à sexualidade e gênero num contexto geográfico/cultural como a Região da Campanha mais especificamente na cidade de Bagé que, talvez, antes desta pesquisa, pouco ou até mesmo nunca tenha se proporcionado um espaço de discussão nos cursos de formação ou até mesmo em outros espaços educativos como a escola por exemplo. Dentre as contribuições que esta tese poderá repercutir uma delas, para mim, ficou evidenciada: a partir do momento que, iniciaram-se as discussões com o grupo focal na universidade para a coleta de dados, e diante das evidências em não saber como tratar do assunto nas práticas escolares, os sujeitos da pesquisa tornaram-se divulgadores e multiplicadores destes questionamentos por suas escolas, gerando no corpo docente, de uma maneira geral, um interesse em discutir as questões da sexualidade, em buscar como poderiam trabalhar esta temática com os/as alunos/as, e assim, várias atitudes foram tomadas por parte dos/as gestores/as (tanto nas escolas

como na própria coordenadoria estadual de educação e na secretaria municipal de educação) em busca de proporcionar um espaço que problematizasse as questões relacionadas a educação para sexualidade, igualdade de gêneros e diversidade sexual.

Certamente, novos estudos surgirão a partir desta tese com vistas a discutir a sexualidade na Região da Campanha e em seus cursos de formação docente. Este foi um dos primeiros e certamente abrirá caminhos para que outras abordagens sejam pesquisadas, pois, novas modalidades de relacionamento surgem, novas sociabilidades suscitam que se fale e se problematize cada vez mais a sexualidade, afinal, ela é parte de todos/as nós e não há mais como silenciá-la.

REFERÊNCIAS

ABRADES – Associação Brasileira de Educação Sexual. <site: www.abrades.org>.

ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais**. Revista Estudos Feministas, 2001, vol.9, n. 2, ISSN 0104-026X.

ALBUQUERQUE, José de. **Moral sexual**. Rio de Janeiro: Typ. Coelho, 1930.

ALVES, Nilda. OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Imagens de escolas: espaços tempos de diferenças no cotidiano**. In: Educação & Sociedade. V.25. nº86. Campinas. 2004.

ANDRADE, A. J. A.; SILVA, T. T. **Representações de Exclusão na Educação: onde estão os homossexuais?** Brasília: UnB, 2005. Monografia de Especialização em Educação.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROSO, Celina Regis. **Professor como educador sexual de adolescentes: um estudo comparativo sobre o pensamento do professor de escolas da rede municipal e do professor de instituições particulares**. Rio de Janeiro, RJ, Sexologia, UGF, 1999.167 p. Dissertação de Mestrado.

BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Educação sexual: debate aberto**. Petrópolis: Vozes, 1982.

BELLO, Alexandre Toaldo. **Sujeitos infantis masculinos: homens por vir?** Dissertação de Mestrado. PPGED/UFRGS. 2006

BENITES, Maria José. **Educação Sexual e Formação Docente: Um estudo a partir de concepções discentes**. 2006. Dissertação. Mestrado FuRB – Fundação Universidade de Blumenau.

BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERNARDI, Marcello. **A deseducação sexual**. Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1985.144 p.

BIRCHAL, Telma de Souza. *Pascal e a Condição Humana*. In: FIGUEIREDO, Vinicius (org.). **Filósofos na Sala de Aula**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2007, vol. 2, pág. 80.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2005. 224 p.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. **Bodies That Matter: On the Discursive Limits of «Sex»**. New York: Routledge, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural orientação sexual**. Brasília: MEC, 1997. v.10. 164p.

BRASIL. **Referenciais para formação de professores**. Brasília: MEC, 1999. 178

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei nº 9394/96**. Brasília/MEC, 1996.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros nacionais**. Vol. 01. Brasília (DF): MEC/ Secretaria de Ensino Fundamental, 1997.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITZMAN, Deborah P. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BRITZMAN, Deborah P. **O que é esta coisa chamada amor, identidade homossexual, educação e currículo**. Revista Educação & Realidade, n. 1, vol. 21, p. 71 -76, 1996.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: Louro, G.L. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith (2008). Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In Ana Crespo, Ana Monteiro-Ferreira, Anabela Couto, Isabel Cruz & Teresa Joaquim (Org.), **Variações sobre sexo e gênero** (pp. 154-172). Lisboa: Livros Horizonte. 2008.

CAFARDO, Renata. **Longe das salas de aula**. Texto Disponível em: <www.abiaids.org.br>. Acesso em: 15.06.2008.

CALDERONE, Mary S.; RAMEY, James W. **Falando com seu filho sobre sexo**. 2. ed. Tradução de Lauro Ferreira Barbante e Maria Clara Cescato. São Paulo: Summus, 1983. 109 p.

CÂMARA, Adriane Peixoto. **Masculinidade heterossexual e pedofilização: o universo infantil como recurso erótico em revistas masculinas**, Dissertação de Mestrado. UFRGS. 2006.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de & RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.

CARLINI, B. **Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias**. Revista de Saúde Pública, São Paulo 1996;30(3):285-93.

CASTRO, Mary G. ;ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 426 p.

CAVALCANTI, Ricardo C. Alguns Aspectos da História da Sexologia no Brasil. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. São Paulo, Vol. III, n. 1. Iglu, 1992. p. 56-65.

CAVALCANTI, Ricardo C. Educação Sexual no Brasil e na América Latina. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. São Paulo, Vol. IV, n. 2. São Paulo: Iglu, 1993. p. 164-173.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Círculo do Livro, s.d. 223 p.

COSTA, Marisa Vorraber (Org). Uma agenda para jovens pesquisadores. In: **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.143-156.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n.23, p.36-61, maio/jun./jul./ago. 2003.

DAMICO, José. **Quantas calorias eu preciso [gastar] para emagrecer com saúde?: Como mulheres jovens aprendem estratégias para cuidar do corpo**. 161 f. 2004. Dissertação (Mestrado) – UFRGS. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 1996.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978. 91 p.

EGYPTO, Antonio Carlos (Org.). **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003. 142 p.

FAGUNDES, Tereza Cristina P.C. **Educação sexual: construindo uma nova realidade**. Salvador/BA: Instituto de Biologia da UFBA, 1995. 100 p.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. Educação sexual e formação do professor: necessidade e viabilidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. São Paulo, Vol. IV, n. 2, Iglu, 1993. p. 154-163.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. **Depoimentos colhidos**. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE SEXOLOGIA E EDUCAÇÃO SEXUAL, 13, 2006, Salvador – BA.

FELIPE, Jane. **Governando mulheres e crianças: Jardins de Infância em Porto Alegre na primeira metade do século XX**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade. **Educação & Realidade** 25(1):115-131, jan./jun. 2000.

FELIPE, Jane. **Construindo identidades sexuais na Educação Infantil**. Porto Alegre: *Pátio*, n. 7, nov.98/jan. 99. P. 56-58.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: Guacira Lopes Louro; Jane Felipe; Silvana Vilodre Goellner. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 8ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, v. , p. 53-65.

FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e formação docente: uma proposta em discussão.. In: XAVIER FILHA, Constantina.. (Org.). **Educação para a**

sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual. 01ed.Campo Grande/MS: Editora da UFMS, 2009, v. 01, p. 4

FELIPE, Jane. **Representações de amor romântico: implicações para a Educação Sexual na escola - Sexualidade em discurso na escola.** Anais eletrônicos do Evento Fazendo Gênero. UFSC. 2007. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/J/Jane_Felipe.pdf. Acessado em 10.01.2008

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar Estermann ; SOARES, Rosângela de Fátima R. **Corpo, Gênero e Sexualidade.** Mediação: Porto Alegre, 2004.

FERNÁNDEZ, Alicia. A. **A mulher escondida na professora.** Tradução de Neusa Kern Hickel. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2001. 182 p.

FERREIRA, Ana Gabriela Clipes (Org.) [et al.]. **Orientações para elaboração de trabalhos acadêmicos: dissertações, teses, TCG de Pedagogia, TCE de Especialização.** – Porto Alegre: UFRGS/FACED/BSE, 2013.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A Viabilidade dos Temas Transversais à Luz da questão do Trabalho Docente. **Revista de Psicologia.** ISSN: 1516-4888. Disponível em: <www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n12.htm>. Acesso em: 01/07/2009.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual retomando uma proposta, um desafio.** Londrina/PR: UEL, 2001.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual no dia a dia.** Londrina: Moriá Gráfica e Editora, 1999. 115 p.

FISCHER, R. M. B. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade.** Porto Alegre: *Tese de Doutorado.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Educação, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade II: o uso dos prazeres.** 8. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I. A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo: Nietzsche, Freud e Marx.** Theatrum Philosophicum. Trad. Jorge Lima Barreto & Maria Cristina Guimarães Cupertino. São Paulo: Landy, 2005

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** Tradução de Paulo Dias Correa. Rio de Janeiro: Imago, 2002. 120 p.

FRANÇA, F. F. **A contribuição dos estudos de gênero à formação docente:** uma proposta de intervenção. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana: subsídios ao trabalho em educação sexual.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FURLANI, Jimena. **O bicho vai pegar! – Um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir dos livros paradidáticos infantis.** Tese. Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.

FURLANI, Jimena. **Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual.** , Educ. rev. , 2007, no.46, ISSN 0102-4698.

FURLANI, Jimena. Educação Sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo em educação.** 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GENTILE, Paola. **Revista Nova Escola**, p. 22 de abril de 2006.

GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. **Educação sexual:** uma proposta, um desafio. 4. ed. São Paulo: Cortez. 1984. 117 p.

GOODSON, Ivor. **O currículo em mudança: estudos na construção social do currículo.** Trad. Jorge Ávila de Lima. Porto: Porto, 2001.

GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa e o futuro social. In: **Revista Brasileira de Educação.** Campinas: autores associados. Maio/Ago. 2007 v. 12 n.35.

GOODSON, Ivor. **Currículo: teoria e história.** Trad. Attílio Brunetta. Rev. Hamilton Francischetti. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

GOUVEIA, Maria Helena. A Influência dos Meios de Comunicação no Desenvolvimento da Sexualidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana.** São Paulo, Vol. I, n. 1, Iglu, 1990. p. 29-34.

GREGERSEN, Edgar. **Práticas sexuais**: a história da sexualidade humana. Tradução de Antônio A.T. Serra e Edison Ferreira. São Paulo: Roca, 1983. 323 p.

GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual; ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS; ECOS – Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade. **Guia de orientação sexual**: diretrizes e metodologia da pré escola ao 2º grau. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. 112 p.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola**: mito e realidade. Campinas: Mercado das Letras, 1995. 128 p.

GUIZZO, Salazar Bianca. **Identidades de gênero e propagandas televisivas: um estudo no contexto da educação infantil**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado. PPGEDU/UFRGS, 2005.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HEILBORN, Maria Luíza (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 206 p.

HEILBORN, Maria Luíza et al. **Aproximações sócio-antropológicas sobre a gravidez na adolescência**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 8, n.17, p. 13-44, jun. 2002

JABLONSKI, Bernardo. Crenças e Crençices Sobre Sexualidade Humana. **Revista de Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Set-Dez 1998, Vol. 14 n. 3, pp. 209-218.

JUNQUEIRA, R. D. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In:_____. (Org). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Coleção Educação para Todos. Brasília: MEC; SECAD; UNESCO, 2009 a. p.367-444.

KAPLAN, Helen Singer. **Enciclopédia básica de educação sexual**. Rio de Janeiro: Record, 1983. 183 p.

KEHL, M. R. In: BRUSCHINI, M. C. (Coord.). Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas**, SP, n. 36, p.99-110, fev. 1981.

KRAMER, Sônia. Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, vol: 18, nº 60, p.15-37, dez. 1997.

KRÜGER, Helmuth. Crenças e sistemas de crenças. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, São Paulo, v 54. p 3-15, 1993.

LANE, Sílvia T.M.; CODO, Wanderley. **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. 220 p.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2002.

LOPES, Alice Casimiro. Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos? In: **Revista Brasileira de Educação**. Nº 26, Ago 2004.

LOPES, Alice Casimiro. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

LOPES, Gerson. **Sexualidade humana**. Rio de Janeiro: Medsi, 1993. 364 p

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Segredos e mentiras do currículo – sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, L. H. **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 33-47.

LOURO, Guacira Lopes. (org.) . **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003. 179 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Notas para dar conta de uma promessa**. 2002 (digitado)

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidades contemporâneas: políticas de identidade e pós identidade. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard Guy (Orgs.). **Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo em educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MACHADO, Júlio César F. **Sexo com liberdade**. Belo Horizonte: Fênix, 1987. 160 p.

MAIA, A. C. B. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 153-179.

MASTERS, William H.; JOHNSON, Virginia E. **Homossexualidade em Perspectiva**. Editora Artes Médicas, 1979.

MATARAZZO, Maria Helena; MANZIN, Rafael. **Educação sexual nas escolas**. São Paulo: Paulinas, 1988. 148 p.

MEIRA, A. M. G. Jogos de adolescentes. In: **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, ano 5, n. 11, p.101-104, 1995.

MELO, Marcos Ribeiro de. Educação e diversidade sexual. In: GOMES, Carlos Magno; ENNES, Marcelo Alario (Orgs.). **Identidades e alteridades: teoria e prática**. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

MELO, Sonia Maria M. **Corpos no espelho**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. 294 p.

MEYER, Dagmar E. Estermann. RIBEIRO, Cláudia. RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Gênero, sexualidade e Educação. 'olhares' sobre algumas das perspectivas teórico metodológicas que instituem um novo GE**. In: 27ª Reunião Anual da Anped. 2004. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/27/diversos/te_dagmar_meyer.pdf. Acesso em: 21/07/2007

MEYER, Dagmar E. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; Goellner, Silvana (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003

MEYER, Dagmar E.; PARAÍSO, Marlucci Alves (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2012.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Propostas curriculares alternativas: limites e avanços**. In: Educação e Sociedade. Ano XXI. n.73. Dez/2000.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. **Currículo: questões atuais**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

MOREIRA, Ramon Luiz B. Dias. **O sexo que passa na TV**. Belo Horizonte: Sografe, 2001. 120 p.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo; ALMEIDA, Cláudio. **Relações raciais entre homossexuais no Brasil Colônia**. In: Tradução & Transgressões, São Paulo, v.05, n. 10, p. 99-122, mar/ago 1985.

NEIVA, Evandro; GONÇALVES, Maria Marta; SOUZA, Vilma de. **Programa de orientação sexual**. Belo Horizonte: Sistema de Ensino Pitágoras, 1988.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 149 p.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. 4. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2002. 140 p.

NUNES, César Aparecido; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas/SP: Autores Associados, 2000. 136 p.

NUNES, C.A. **Sexualidades adolescentes: uma abordagem didática das manifestações da sexualidade na adolescência**. Florianópolis/SC: Sophos, 2001. 156 p.

PEREIRA, Maria M. **Fazendo gênero na escola: uma análise performativa da negociação do gênero entre jovens**. ex æquo, 2009. Pg 113-127.

PACHECO, José Augusto. **Escritos Curriculares**. São Paulo: Cortez, 2005

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PICAZIO, Cláudio. **Diferentes desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais**. São Paulo: Summus, 1998. 165 p.

PINTO, Ênio Brito. **Orientação sexual na escola**. São Paulo: Gente, 1997. 175 p.

PRADO, M.; RODRIGUES, C.; MACHADO, V. A 8ª Parada do Orgulho GLBT de Belo Horizonte-Projeto Experimental de Caracterização dos Participantes da Parada GLBT de Belô. **Relatório de Pesquisa do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicologia Política da Faculdade de**

Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Uma contribuição ao estudo da sexualidade humana e da educação sexual.** 1989. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas/SP.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.) **Sexualidade E Educacao: Aproximacoes Necessarias.** Publisher, Arte & Ciência, 2004.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação sexual além da informação. **Coleção Temas Básicos para Educação e Ensino.** São Paulo: Pedagógica Universitária, 1990. 66 p.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: Ribeiro, P. R. H. **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias.** Arte e Ciência: Araraquara, 2001.

ROPP, Robert S. de. **A energia sexual: a força nos homens e nos animais.** Estudos Documentos – 120. Publicações Europa-América, s.l.: s.d., 188 p.

ROSA, Graciema de Fátima da. **Corpos jovens como superfície de inscrição de textos culturais: recados para a educação escolar.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

SABAT, Ruth. **Entre signos e imagens: gênero e sexualidade na pedagogia da mídia.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Currículo e Diversidade Cultural. In: Silva, Tomaz Tadeu da & Moreira, Antonio Flavio (Orgs.). **Territórios Contestados – o currículo e os novos mapas políticos e culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, p. 82-113, 1995.

SANTOS, Claudiene; BRUNS, Maria Alves de Toledo. **A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica.** São Paulo: Ômega, 2000.

SANTOS, L. H. S. Incorporando outras representações culturais de corpo na sala de aula. In: OLIVEIRA, D. L. **Ciências nas salas de aula.** Porto Alegre: Mediação, 1997. p. 97-112.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio. G. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1997. 143 p.

SAYÃO, Rosely. **A educação nossa de cada dia**. Publicação: Série Idéias, n. 28, São Paulo: FDC, 1997, p. 269 -281. Disponível em: <www.crmariocovas.sp.gov.br>. Acesso em: 14.06.09.

SCHIAVO, Márcio Ruiz. **Manual de orientação sexual**. São Paulo: O Nome da Rosa, 2004. 162 p.

SCHIAVO, Márcio; SILVA, Maria do Carmo de A. educação sexual: história, conceitos & metodologia. In: SILVA, Maria do Carmo de Andrade; SERAPIÃO, Jorge José; JUBERG, Pedro. **Sexologia: interdisciplinaridade nos modelos clínicos, educacionais e na pesquisa**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1997. p. 149-189.

SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica*. **Educação & Realidade**, vol 20, n. 2, jul.-dez. Porto Alegre , 1995.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: Representação, Identidade e Diferença no âmbito da Masculinidade Bissexual**. Porto Alegre, 260 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU, 1986, 106 p.

SILVA, Ricardo Castro e. **Orientação sexual, possibilidade de mudança na escola**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2002. 127 p .

SILVA, T. T. da. Apresentação. In: **Currículo: teoria e história**. Ivo F. Goodson. Trad. Atílio Brunetta. Rev. Hamilton Francischetti. Petrópolis-RJ: Vozes. 1995.

SILVA, T.T. da. **O Currículo como Fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001a.

SIQUEIRA, Teresa Cristina B. Educação sexual x informação sexual na escola. **Revista Educativa**. Goiânia, Dep. Educação da UFG, 2003. ISSN 1415-0492.

SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. **Namoro MTV: juventude e pedagogia amorosas/sexuais no Fica Comigo**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 174 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Sexo, energia presente em casa e na escola**. São Paulo: Paulinas. 2002. 173 p.

SPATA, A. **Métodos de Pesquisa – ciência do comportamento e diversidade humana**. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

SUPLICY, M. **Papai, mamãe e eu: agora você já pode conversar**. São Paulo: FTD, 1990. 79 p. 103

SUPLICY, M. et al. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho d'Água, 1999. 120 p.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

SUPLICY, Marta. **Sexo para adolescente: orientação sexual para educadores**. São Paulo:FTD, 1988. 126 p.

TANAKA, Oswaldo Y.; MELO, Cristina. **Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente- um modo de fazer**. São Paulo : Edusp, 2001.

TELES, Maria Luíza Silveira. **Educação, a revolução necessária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

THUMS, J.; KIELING, S. S. S. Reflexões sobre uma educação Sexual: análise de um estudo exploratório. **Cadernos de Educação** , n. 18, p.185-204, 1990.

USSEL, Jos Van. **A repressão sexual**. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

VASCONCELOS, Naumi. **Os dogmatismos sexuais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. 118 p.

VITIELLO, N. **Sexualidade: quem educa o educador**. São Paulo: Iglu, 1995. 132 p.

VITIELLO, Nelson. A educação sexual necessária. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. São Paulo, Vol. VI, n. 1, ISSN 0103-6122, Iglu, 1995. 15 a 28 p.

XAVIER FILHA, Constantina (Org). **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte; Autêntica, 1999.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, política e educação**. Campinas/SP: Autores Associados, 1998. 217 p.

ZAMONER, M. **Ruptura: Um desafio a ser vencido por educadores e governos**. Curitiba, Editora Prottexto. 2004.

ANEXOS

ANEXO A: RECORTES DO REGIMENTO DA URCAMP

SOBRE A URCAMP

A Urcamp - Universidade da Região da Campanha está localizada no Sul do Rio Grande do Sul, situada nas regiões da Campanha e Fronteira Oeste, dominando uma vasta área hoje considerada estratégica pelas mudanças provocadas pelo advento do Mercosul. Ao Sul, vários dos oito "campi" fazem fronteira com a República Oriental do Uruguai, enquanto a Oeste, à frente do campus de São Borja, encontra-se a Argentina, separados os territórios dos dois países pela ponte Santo Tomé - São Borja.

A URCAMP está sediada no município de Bagé, na fronteira com o Uruguai. Foi reconhecida como Universidade, através do Parecer nº 183/89, de 15 de fevereiro de 1989, do Ministério de Educação. Junto aos seus cursos de graduação presta todos os serviços administrativos que dizem respeito a estrutura de ensino, da mesma maneira desenvolve atividades de pós-graduação, pesquisa e extensão, através de programações próprias, e mantém também Escolas de Educação Básica e de Ensino Profissionalizante.

A Universidade da Região da Campanha - URCAMP é mantida pela Fundação Attila Taborda – FAT.

O caráter unificado da administração institucional, o processo integrado de encaminhamento das deliberações e ações, com destaque à Assembléia Geral dos Professores, o Conselho Superior e o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, enquanto órgãos superiores de deliberação, bem como a amplitude da área de abrangência institucional, a qualificação do corpo docente, a universalidade de campo, abrangida por seus diversos cursos e a infra-estrutura material foram fatores que possibilitaram, previamente, a vivência de uma estrutura universitária e que, em decorrência, fomentaram a aspiração de atingir, de direito, o nível de Universidade. Essa aspiração, por sua vez, acelerou o processo de maturação da Instituição que, então, revisou e redefiniu o próprio perfil, na intenção de elaborar uma proposta coerente com a sua realidade interna e externa.

Definiu-se, assim, a identidade de uma universidade regional e comunitária, com estrutura “multi-campi”, comprometida com a dimensão universal do saber e com a realidade do homem da Região da Campanha do Rio Grande do Sul. Surgiu a Universidade da Região da Campanha - URCAMP, reconhecida através da Portaria 052 de 16 de fevereiro de 1989. Atualmente, a URCAMP está estruturada em oito Campus Universitários - Bagé, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Sant’Ana do Livramento, São Gabriel, Alegrete, São Borja e Itaqui.



Fonte: www.urcamp.tche.br

Finalidades:

A URCAMP, nos termos da Lei 5540/68, tem por finalidade promover o ensino, a pesquisa e a extensão, favorecendo o desenvolvimento das ciências em todos os ramos do conhecimento, das letras e artes e a formação de profissionais de nível universitário, apoiada em valores de transformação e comprometida com a extensão dos benefícios do desenvolvimento a todos os membros da comunidade regional.

Ainda de acordo com o Regimento Geral, são objetivos da Universidade da Região da Campanha: valorizar a pessoa humana e a sua atividade, razão de existir da URCAMP, concebida nas suas dimensões de liberdade, solidariedade e transcendentalidade; construir um clima de autenticidade, através da participação, entendida como manifestação e

partilha da experiência humana e dos valores culturais; cultivar a sensibilidade na apreensão qualitativa dos significados da existência, transcendendo o imediato e o prático-utilitarista, na participação do desenvolvimento regional; adotar uma pedagogia de realidade, através da relação fundamental entre ensino, pesquisa e extensão, na leitura crítica do mundo e na ação transformadora-renovadora do meio; zelar pelo relacionamento dialético entre saber sistematizado e saber popular, fator decisivo na construção do saber e da cultura.

ANEXO B: RECORTE HISTÓRICO SOBRE BAGÉ

Por sua posição geográfica, desempenhou importante papel na história do Estado, desde o tempo do Império. Seus campos foram alvo de disputas entre índios, portugueses e espanhóis. Aqui também aconteceram fatos importantes da Guerra Cisplatina e das Revoluções Farroupilha e Federalista.

O primeiro contato do município com o homem europeu aconteceu na segunda metade do século XVII, quando os padres jesuítas, após fundarem São Miguel, desceram da região dos Setes Povos das Missões e instalaram-se aqui, fundando a Redução de Santo André dos Guenoas, em 1683. Porém, os índios daqui (que os padres pretendiam catequizar) eram rebeldes em relação aos índios missionários e aos homens brancos e destruíram a redução.

Mais tarde, em 1750, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Madri, pelo qual os portugueses renunciavam à Colônia de Sacramento em troca de terras do atual Rio Grande do Sul e da expulsão dos Setes Povos para a outra margem do Rio Uruguai. Mas quando, em 1752, os dois exércitos – português e espanhol – chegaram nos campos de Santa Tecla para demarcar as fronteiras, foram rechaçados por 600 índios charruas (tribo predominante nesta área), comandados por Sepé Tiarajú, que teria dito que aquelas eram “terras que Deus e São Miguel lhes haviam dado”.

Alguns anos depois, em 1773, o Governador de Buenos Aires, D. Juan José Vertiz y Salcedo, com 5.000 homens, partiu do Prata para expulsar os portugueses do Rio Grande do Sul. Chegando aqui, fundou o Forte de Santa Tecla, do qual ainda existem demarcações. O forte era cercado por um fosso de 9 metros de largura e 2,5 de profundidade, tinha muralha de 3 metros de altura e baluartes que alcançavam 5,5 metros. O Forte foi arrasado duas vezes. A primeira, em 1776, Rafael Pinto Bandeira o invadiu e expulsou os espanhóis, destruindo parte de sua construção.

Depois de assinado o Tratado de Santo Idelfonso, em 1777, uma guarnição espanhola ocupou novamente o Forte, e os portugueses se estabeleceram numa Coxilha que recebeu o nome de São Sebastião – Guarda de São Sebastião.

Em 1801, os espanhóis abandonaram todos os seus postos avançados, inclusive o Forte de Santa Tecla, que foi, pela segunda vez, demolido e arrasado. O território passou definitivamente aos portugueses, e as terras bageenses foram ocupadas por sismeiros ou arrendadas a pessoas que se destacaram nos combates travados.

Em 1810, algumas das colônias espanholas conquistaram sua independência da metrópole, e em meados do ano seguinte, em 1811, o governador do Rio Grande do Sul, Dom Diogo de Souza, concentrou o exército português nas fronteiras, temendo alguma ação dos recém-separados espanhóis. Assim, montou seu acampamento próximo aos “Cerros de Bagé”, local onde hoje está situada nossa cidade. Segundo alguns historiadores, em 17 de julho de 1811, D. Diogo partiu com suas tropas para invadir o Estado Oriental del Uruguay, deixando aqui várias pessoas que não puderam acompanhá-lo e que originaram o município. A data de fundação de Bagé – 17 de julho de 1811 – bastante discutida até hoje, foi estipulada em 1963, por ocasião do Congresso do Segundo Centenário do nascimento de Dom Diogo de Souza.

A povoação foi aumentando devagar, espalhando-se ao redor da Praça da Matriz (onde seria o centro do acampamento), e uma igreja, muito simples, foi construída (em 1820) para abrigar a imagem do padroeiro da cidade, São Sebastião⁸⁷, trasladada em 1812 da Guarda da Coxilha para Bagé.

⁸⁷ Segundo o historiador Tarcísio Taborda, quando Dom Diogo de Souza, em 17 de julho de 1811, deixou o acampamento militar que mandara erguer para seguir rumo a Montevideú, à frente do Exército Pacificador, encarregou o tenente Pedro Fagundes de Oliveira de assumir a direção militar e civil “desse campo e seu distrito”. Oliveira havia sido comandante da Guarda de São Sebastião (hoje Torquato Severo) e cumpriu com zelo a missão que lhe foi atribuída. A guarda velha foi suprimida e os residentes do local vieram, progressivamente, morar no acampamento que já era um vilarejo. As determinações de Dom Diogo deixaram claras as intenções que o lugar prosperasse como núcleo de povoamento. A religiosidade fez com que a imagem que havia na Coxilha de São Sebastião fosse requisitada para Bagé e as providências para trazê-la foram tomadas. Em 20 de janeiro do ano seguinte, uma grande e concorrida procissão trasladou a figura do santo mártir da Guarda de São Sebastião para a nova povoação. Em 1815 foi iniciada a construção de uma nova igreja, no local onde hoje está edificada a Matriz de São Sebastião, que foi dada como pronta em 1820, para onde foi novamente transferida a imagem de São Sebastião. De acordo com o historiador Cláudio Boucinha, a imagem original de São Sebastião teria sido feita nas Missões. A escolha do santo para ser o padroeiro da cidade pode ser atribuída ao fato de ser, também, o padroeiro dos militares. Fato curioso é o de que as figuras de São Sebastião sempre o mostram seminu e com pose e expressão bastante femininas, o que reforça ao longo do séculos a identificação do

Mesmo após a demarcação definitiva das fronteiras, as terras do município de Bagé continuaram a presenciar guerras e batalhas. Em 1825, D. Carlos de Alvear invadiu o território gaúcho, e no início de 1827, as forças do general Lavalleja entraram em Bagé, saqueando, queimando e destruindo o que encontravam pela frente. No ano seguinte, a assinatura do Tratado de Paz devolveu o sossego à fronteira.

Em 1835 foi a vez dos gaúchos batalharem entre si. A eclosão desta nova disputa deu-se não pelos antigos objetivos de conquista de terras. Agora, os motivos eram outros: estavam em jogo os ideais de republicanos e imperialistas. Bagé, mais uma vez, viu seus campos servirem de palco para diversas batalhas. Uma das mais importantes e lembradas, a “Batalha do Seival” foi travada em 10 de setembro de 1836 nos Campos do Seival. As tropas republicanas, comandadas por Antônio de Souza Netto, saíram vitoriosas e, no dia 11 de setembro, o mesmo General Netto, no atual Campo dos Menezes, margem esquerda do Rio Jaguarão, proclamou a República Rio – Grandense.

Finda a Revolução Farroupilha, Bagé foi elevada à categoria de freguesia, em 18 de maio de 1846, e de vila, em 5 de junho do mesmo ano. Foi reconhecida como cabeça de comarca em 22 de dezembro de 1858 e, quase um ano depois, em 15 de dezembro de 1859, foi elevada à categoria de cidade.

Outra revolução eclodiria na Província em 1893, quando os federalistas reagiram à ascensão dos republicanos ao poder. Em 11 de fevereiro, Gumercindo Saraiva invadiu o Rio Grande do Sul pelo Rio Jaguarão e, no Passo do Salsinho, foi travado o primeiro combate. Durante a Revolução de 1893, o município testemunhou ainda o Combate das Traíras, o Cerco do Rio Negro e o Sítio de Bagé. No Rio Negro, 300 prisioneiros foram degolados sem poderem esboçar defesa. O Sítio de Bagé teve como palco a Praça da Matriz e a Catedral, que ficou sitiada

soldado mártir como ícone gay. Na década de 1980, o surgimento da AIDS reforçou os laços entre São Sebastião e a comunidade gay, já que ele, desde a idade média, protege contra a fome e a peste. No dia 20 de janeiro de 2000, o Grupo Gay da Bahia (GGB) proclamou São Sebastião como o patrono dos gays e elegeu o Mosteiro de São Sebastião dos Beneditinos da Bahia como Santuário Homossexual do Brasil. Fonte: Jornal Minuano, Bagé, edição do dia 21/01/2011, Caderno Gente & Cultura, pg. 3.

quando os revolucionários tentaram tomar a cidade. Foram construídas trincheiras e, sob o comando do Coronel Carlos Telles, os pica-paus (defensores do governo oficial) resistiram à invasão. Como não podiam sair, tiveram que enterrar seus mortos ao lado das torres da Igreja.

Com mais uma Guerra terminada, o início do século XX mostrou-se promissor para a cidade, que reunia várias qualidades capazes de transformá-la num centro industrial e agrícola.

Relatos do início do século contam que o clima de Bagé era bem definido e o solo abundante em riquezas naturais, destacando-se já as minas de carvão de pedra em Candiota e no Rio Negro. Na pecuária, Bagé contava com uma boa produção de carneiros, bois e cavalos. A agricultura, embora a cidade já exportasse trigo desde 1835, encontrava-se um pouco mais atrasada que a pecuária, e os produtos de destaque eram o trigo e o arroz.

A tradição de realizar exposições-feiras parece bem antiga. Há relatos de uma, ocorrida no princípio do século, no então Hipódromo Vinte de Setembro, adaptado para receber gado de leite, de corte e eqüinos. A seção agrícola teve mostras de trigo, cereais e frutas, destacando-se os vinhos feitos com vários tipos de uvas plantadas na região, todas de primeira qualidade. Houve também a seção industrial, com produtos de arte gráfica e livros.

Bagé contava com um progresso urbano considerável, estando inclusive favorecida com relação a outras cidades. A estrada de ferro já havia sido inaugurada no século anterior, em 1884, com a conclusão do trecho Bagé – Rio Grande, assim como a luz elétrica, inaugurada em 1899. Bagé foi a primeira cidade do Rio Grande do Sul e a terceira do Brasil (atrás de Campos – RJ e Juiz de Fora – MG) a ter energia elétrica, mostrando o progresso da cidade. No início do século, a cidade já contava com bens e serviços de higiene pública e rede telefônica. Os serviços de abastecimento de água encanada e potável e esgotos demoraram um pouco a sair do papel, mas mesmo assim, em 1913 entrou em funcionamento a Hidráulica Municipal. As estradas também eram boas.

Em Bagé, por essa época, já se encontravam bancos (como o Pelotense e o de Emílio Guilayn), clubes (como o Caixeral e o Comercial),

e hotéis. O Hotel do Comércio talvez seja um dos melhores exemplos do poder da cidade na época: inaugurado em 1842 por um francês, foi sofrendo reformas e melhorias até tornar-se um dos melhores hotéis do Estado, extremamente luxuoso e referência para outros estabelecimentos.

A vida social da cidade era muito animada, sendo famosas as festas e “recepções” onde se destacavam já as mulheres rio grandenses e sua beleza. Mas as “festas” preferidas da população, principalmente entre os de maior poder aquisitivo, eram as corridas de cavalos. Já no começo do século o município era conhecido pelas qualidades dos belíssimos eqüinos aqui criados.

O comércio era bastante variado e movimentado, e vários produtos importados diretamente dos principais países europeus, como França, Itália, etc., podiam ser encontrados com facilidade.

Outros destaques da Bagé do início do século eram a qualidade do ensino oferecido e a bonita arquitetura urbana, com influência predominantemente portuguesa, destacando-se os palacetes e sobrados. As ruas eram bem calçadas e arborizadas.

As famosas charqueadas, muito presentes nesta parte do Estado na época, também tinham destaque. Elas movimentavam a economia local e estadual. A prova da importância das charqueadas para Bagé é que eram estas quem mais empregavam pessoas no começo do século.

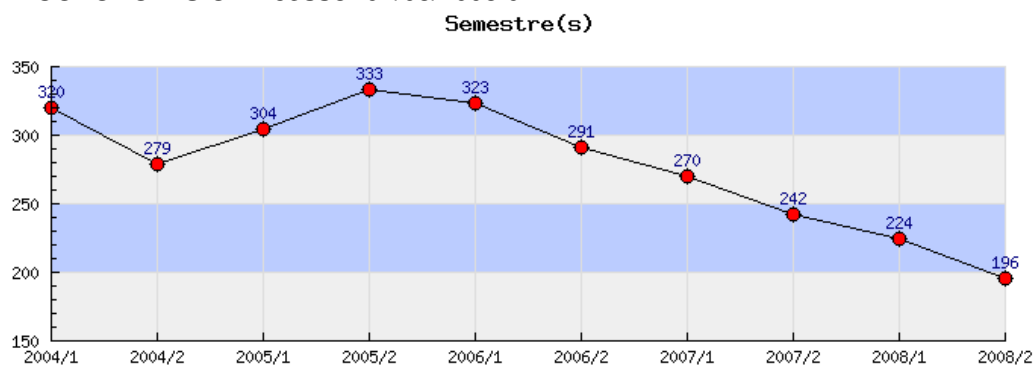
Hoje, Bagé mantém vivas as tradições do gaúcho e oferece a seus cidadãos e visitantes a possibilidade de admirar prédios históricos, participar de atividades culturais, conviver com hábitos típicos da região e muito mais⁸⁸.

⁸⁸ Fonte: Site: <http://www.bage.rs.gov.br/index.php>. Outras informações podem ser buscadas em: Texto “Bagé, a mais gaúcha das cidades”, de autoria de Marcos Perez; Textos da Oficina História de Bagé, ministrada pelo Professor Cláudio Boucinha *Informações Históricas sobre Bagé*, de Cláudio Boucinha; *O Pampa no caminho da História do Rio Grande do Sul*, Elizabeth Macedo de Fagundes, revista RG do Pampa, ano 1, n. ° 2, páginas 4 e 5.

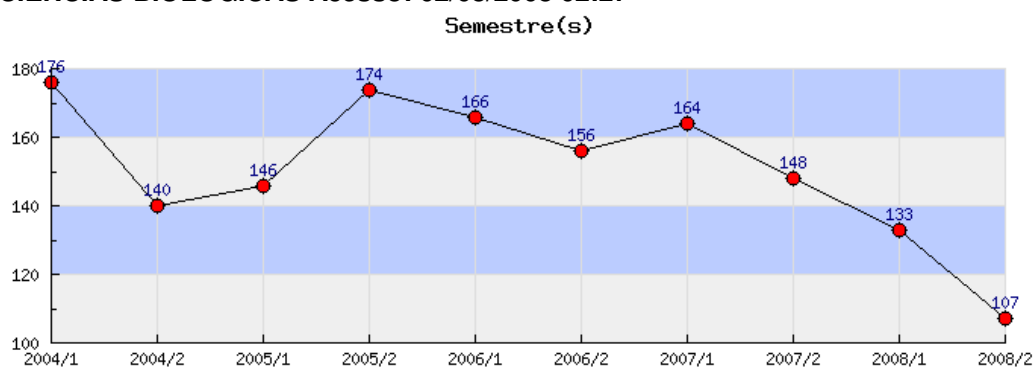
ANEXO C: GRÁFICOS EVOLUTIVOS DE MATRÍCULAS EM CURSOS DE LICENCIATURAS

Fonte: PROAD – Pró-Reitoria da Administração da URCAMP via sistema SAIG

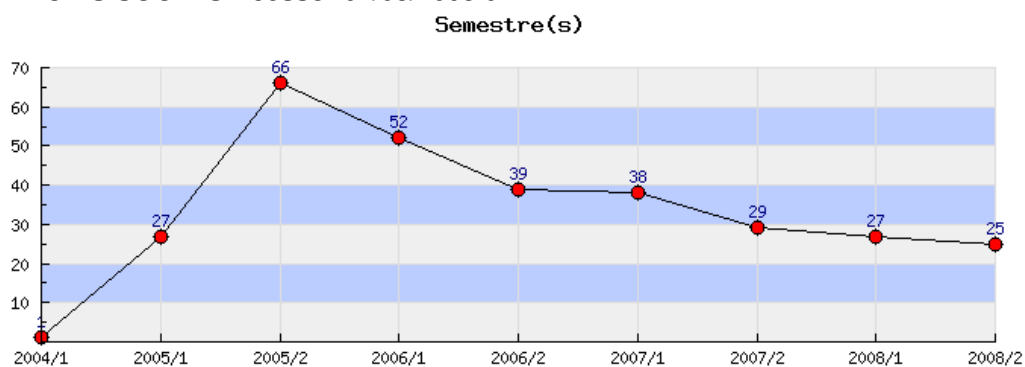
EDUCACAO FISICA Acesso: 02/08/2008 02:27

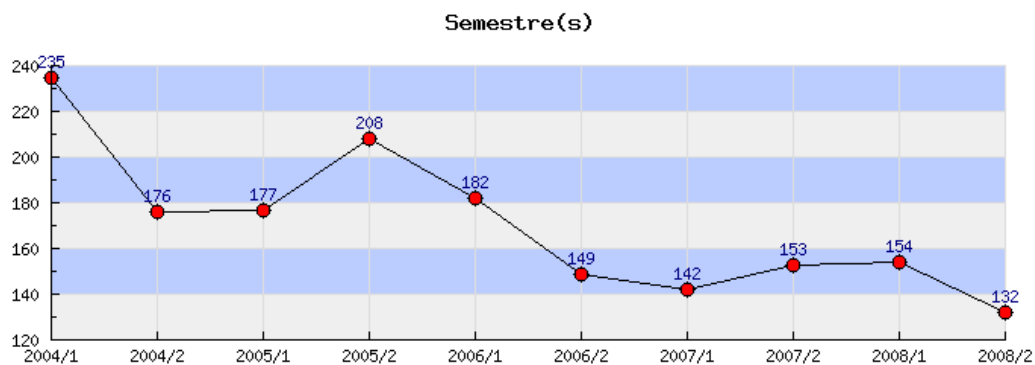
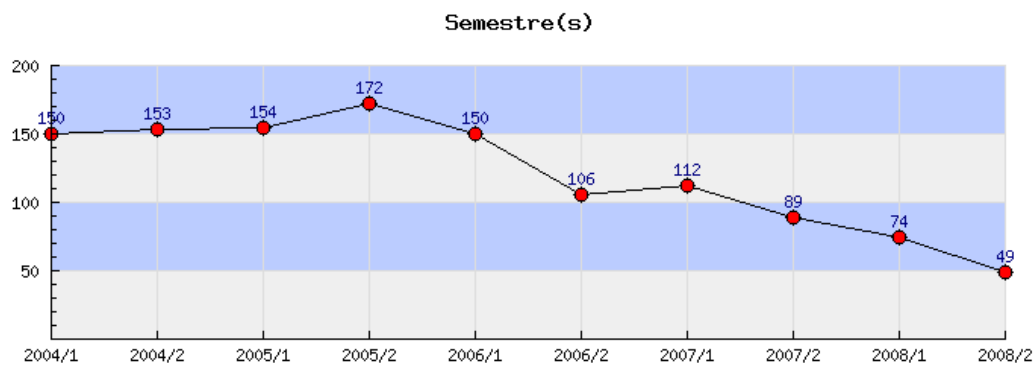
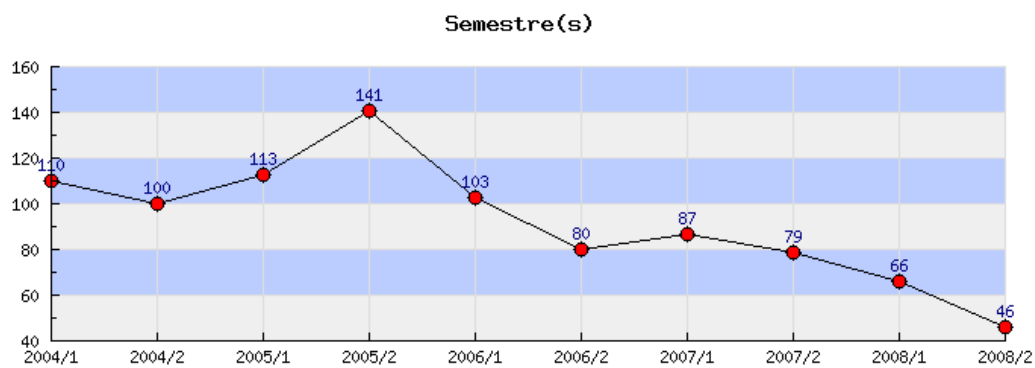


CIENCIAS BIOLÓGICAS Acesso: 02/08/2008 02:27



CIENCIAS SOCIAIS Acesso: 02/08/2008 02:27



PEDAGOGIA Acesso: 02/08/2008 02:27**LETRAS Acesso: 02/08/2008 02:27****MATEMATICA Acesso: 02/08/2008 02:27**

APÊNDICES

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - UNIVERSIDADE

Alissandra Hampel, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, nível de doutorado e sob orientação da prof^a Dr^a Jane Felipe, na Linha de Pesquisa: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero desenvolve a pesquisa intitulada **Educação para a sexualidade na Região da Campanha**.

Através deste instrumento, vem solicitar que seja concedido a autorização para que a mesma se desenvolva com aluno(a)s concluintes do Curso de Pedagogia para que participem de um estudo de cunho acadêmico, que tem como objetivo discutir e analisar a importância da inclusão de temas como gênero e sexualidade na formação de professores/as na Região das Campanha, e, a partir disso, como poderíamos pensar um currículo de formação que atendesse a estas demandas.

Embora a Universidade venha a aceitar a participação nesta pesquisa, está garantido que poderá desistir a qualquer momento inclusive sem motivo, bastando para isso, informar sua decisão de desistência, da maneira mais conveniente. É esclarecido, ainda, que por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, nenhuma das partes envolvidas terá direito a remuneração. A participação na pesquisa não incorrerá em riscos ou prejuízos de qualquer natureza.

Os dados referentes a esta pesquisa serão publicados na tese e também poderão ser utilizados para artigos e outras produções acadêmicas, garantindo o sigilo na identificação dos participantes. O (a) senhor (a) poderá solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação da mesma através dos seguintes contatos: email: alissandra.h@gmail.com e ainda pelo celular (53)99632996.

A coleta de dados para a pesquisa será desenvolvida através de atividades programadas para seis encontros com duração de uma hora e trinta minutos, a serem realizados no Espaço da Brinquedoteca da Universidade da Região da Campanha, campus de Bagé, no horário compreendido entre as 19:00 e 20:30. Os respectivos encontros serão registrados por um gravador de voz, uma filmadora que será localizada num ponto fixo da sala e mais pelas observações realizadas pela pesquisadora e pela auxiliar de pesquisa que anotará o transcorrer das sessões, garantindo privacidade e confidência das informações. Todo material produzido nos encontros ficarão a disposição da pesquisadora para análise.

Eu, _____ (representante da Universidade da Região da Campanha), fui esclarecido(a) sobre a pesquisa e concordo com os termos estabelecidos.

Bagé,de setembro de 2009.

Assinatura (de acordo) _____

RG: _____

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PARTICIPANTES

Alissandra Hampel, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, nível de doutorado e sob orientação da prof^a Dr^a Jane Felipe, na Linha de Pesquisa: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero desenvolve a pesquisa intitulada **Educação para a sexualidade na Região da Campanha**.

Através deste instrumento, o (a) senhor (a) está sendo plenamente esclarecido de que ao responder às perguntas e realizar as atividades propostas nas sessões de grupo, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como objetivo discutir e analisar a importância da inclusão de temas como gênero e sexualidade na formação de professores/as na Região da Campanha, e, a partir disso, como poderíamos pensar um currículo de formação que atendesse a estas demandas.

Embora o (a) senhor (a) venha a aceitar a participação nesta pesquisa está garantido que poderá desistir a qualquer momento inclusive sem motivo, bastando para isso, informar sua decisão de desistência, da maneira mais conveniente. É esclarecido, ainda, que por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, o (a) senhor (a) não terá direito a nenhuma remuneração. A participação na pesquisa não incorrerá em riscos ou prejuízos de qualquer natureza.

Os dados referentes a esta pesquisa serão publicados na tese e também poderão ser utilizados para artigos e outras produções acadêmicas, garantindo o sigilo na identificação dos participantes. O (a) senhor (a) poderá solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação da mesma através dos seguintes contatos: email: alissandra.h@gmail.com e ainda pelo celular (53)99632996.

A coleta de dados para a pesquisa será desenvolvida através de atividades programadas para seis encontros com duração de uma hora e trinta minutos, a serem realizados no Espaço da Brinquedoteca da Universidade da Região da Campanha, campus de Bagé, no horário compreendido entre as 19:00 e 20:30.

Os respectivos encontros serão registrados por um gravador de voz, uma filmadora que será localizada num ponto fixo da sala e mais pelas observações realizadas pela pesquisadora e pela auxiliar de pesquisa que anotará o transcorrer das sessões, garantindo privacidade e confidência das informações. Todo material produzido nos encontros ficará a disposição da pesquisadora para análise.

Eu, _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa e concordo com os termos estabelecidos.

Bagé,de setembro de 2009.

Assinatura (de acordo) _____

RG: _____

APÊNDICE C: CD COM AS TRANSCRIÇÕES DOS ENCONTROS

Dia 08 de setembro de 2009

- Atividade de integração (para apresentação das PPs e da equipe de pesquisa. (15 min.)
- Tópico de discussão: educação para a sexualidade e cursos de formação
- Proposição de atividade: explosão de idéias (distribui-se dois cartões para cada participante; solicita-se que escrevam em um cartão três palavras que associam sexualidade e formação, no outro, três palavras que associam com educação para a sexualidade; as palavras são sistematizadas no quadro pelas PPs em duas listas distintas, registrando a recorrência de cada uma). (25 min.)
- Discussão a respeito das palavras citadas. São observados os seguintes aspectos: as palavras mais pontuadas; relação entre as palavras; grau de importância. (20 min.)
- Elaboração de uma produção escrita procurando responder a seguinte pergunta: Você acha que o curso de formação que você está cursando prepara para lidar com situações que acontecem na sala de aula em relação à sexualidade e relações de gênero? (25 min.)
- Finalização. Solicita-se às participantes que tragam para o próximo encontro revistas que possam ser recortadas a fim de montar um painel. (5 min.)

Esse encontro teve como objetivo mapear os entendimentos das PPs acerca da sua formação para o trabalho nas escolas que envolvem as questões referentes a sexualidade e suas manifestações.

Ali - O objetivo da pesquisa é trabalhar com as questões da educação para sexualidade, por que isso? Eu percebi ao longo da minha caminhada enquanto estudante, enquanto professora e depois estudando estas questões, no trabalho com os alunos mais no ensino médio, eu percebia uma curiosidade neles e uma falta de espaço dentro das escolas para trabalhar com estas questões voltados para o sexo e eu fui percebendo por que os professores tem medo ou tem um certo receio em falar sobre as questões da sexualidade, muitas vezes por falta de conhecimento a respeito de determinado assunto. Então o que que acontece, de onde surgiu a vontade ou a inspiração para estudar esta temática? Num primeiro momento, foi a partir do meu trabalho com os adolescentes, como eu disse pra vocês e num segundo momento, eu como formadora de professores, eu trabalho com o curso de pedagogia há 15 anos, eu comecei a perceber esta falta de trabalho dentro do curso de pedagogia que é um curso da educação por excelência e fiz uma análise das outras licenciaturas também onde eu acabei constatando que é muito pequena a discussão sobre temas voltados para a sexualidade. Então, a partir disso, eu resolvi discutir na minha tese de doutorado

por que isso acontece. Se nós temos uma educação para sexualidade na região da campanha? Qual é o perfil de sexualidade que a gente tem? quais são os conceitos que nós temos a respeito da sexualidade? então, a partir disso eu comecei a escrever e eleger como foco de trabalho ou como base de dados um grupo focal com alunos formando do curso de pedagogia, que é a minha área e que pudessem em final de graduação, pudessem me dizer que tipo de formação eles estão recebendo dentro deste curso que esta largando vocês no mercado de trabalho, amanhã todos vocês terão situações que com certeza ou vocês já vivenciaram durante os estágios, na sala de aula e como vocês se sentem preparados para isso? Então, a partir disso, eu gostaria de discutir com vocês hoje, neste primeiro momento, o que vocês entendem e aí eu gostaria assim, vocês receberam uma folha e vocês vão colocar na parte de cima da folha, vocês vão escrever três palavras com o significado, com o entendimento de vocês para formação e sexualidade, e na parte debaixo da folha, mais três palavras, com o entendimento de educação para a sexualidade. Então, num primeiro momento vocês vão escrever o que vem na cabeça de vocês sobre formação e sexualidade e num segundo momento educação para sexualidade. Três palavras, só isso.

O que vocês associam a estes termos?

PATRÍCIA - Ah, eu vou colocar o que vem na cabeça...

MADONA - Tu podes repetir por favor...

ALI - Num primeiro momento formação e sexualidade e num segundo momento educação para sexualidade. o que tu associa a isso.

MADONA- 3 palavras é difícil... heheh

MARIELE - as palavras sumiram... heheh

JOANNA - quem já tem filhos adultos, sabe...

LAURA - Acho aí que a gente vê como não esta preparada pra isso...

ELIANE - Bota não ta preparado nisso...

EDUARDO - A gente vê que não esta preparado porque não consegue nem escrever três palavras, imagine o restante, falar sobre isso... A gente tem que cuidar o que falar que é pra não se comprometer... Ninguém fala que é pra não se comprometer.

PASSADO 10 MINUTOS....

ALI - Bom, o que eu quero pessoal, como eu pedi pra vocês que vocês escrevessem três palavras do que vinha na cabeça de vocês no primeiro tópico e no segundo, vou fazer um apanhado das recorrências de palavras.

Eduardo, quais são as três palavras que tu escreveste?

EDUARDO - Necessidade, falta e apropriado.

ALI - Apropriado?

EDUARDO - sim, apropriado..

ALI- e para educação para a sexualidade?

EDUARDO - necessidade, atual e importante

SIMONE - pro primeiro né? conversa, conhecimento e desenvolvimento, pra segunda: informação, experiência e estudo.

REBECA - conhecimento, diálogo e estudo, para a segunda: discussão, ensino e troca

JOANNA - descoberta, diversidade... para a segunda, escola, pais e família

ELIANE - descoberta, curiosidade e interesse..., na segunda, dinamismo, preparação, conhecimento

MARIELE - ensinamento, posicionamento e confiança e no outro criatividade, respeito e amizade

VALQUIRIA - desenvolvimento, valores e descoberta e pra segunda, corpo, transição e mudanças

MADONA - valores, cultura e vivencia e na outra, informação, respeito e ética

FRANCISCA - pesquisa, referencial e desenvolvimento e depois, valores, comprometimento e respeito

LAURA - respeito, afeto e carinho e no outro, respeito de novo, domínio e habilidade

ALICE - conhecimento, amor e afeto e depois esclarecimentos, clareza e duvidas

PATRÍCIA - medo, insegurança e conhecimento, e na segunda, desconhecimento, preparação e ansiedade

ALI - Eduardo: Por que das tuas escolhas?

EDUARDO- Porque eu acho que este é um assunto que tem deixado uma lacuna muito grande, nunca se teve um ensinamento pra isso e no caso pra mim que vou trabalhar com adolescentes, esta lacuna é um espaço que me deixa com bastante dúvidas, muitas vezes inseguro porque eu não sei bem o que fazer com este assunto.

ALI - neste terceiro momento vocês podem discutir, tem palavras que se repetem e neste momento vocês podem justificar...

EDUARDO - por causa disso então, pela profissão que eu vou seguir e eu nunca tive embasamento nenhum, por que é uma coisa que persiste bem antes também, nunca tive nada nem ninguém me explicasse, que informasse e agora me vejo nesta posição que de repente ter que suprir esta lacuna dos outros mesmo sem ter suprido a minha. falta conhecimento, conhecimento fundamentado no caso

SIMONE - em relação aquilo nós estamos nos preparando para sermos, nós vamos lidar desde crianças, adolescentes num convívio bem mais abrangente...nem uma simples conversa desde o inicio até o final do curso que nós estamos estudando, houve uma conversa mais profunda sobre isso...por que qual é o nosso publico alvo? são as crianças que vão estar em desenvolvimento por tempo contínuo e nós vamos trabalhar com elas e nós não sabemos como entrar neste tema como conversar sobre isso ou então nos darmos de frente com um problema tão sério que logo, logo ali a gente vai se deparar. Então uma conversa, um conhecimento, não só sobre o assunto mas como nós nos portarmos diante de uma situação, dessa idade e desenvolver nas crianças uma conscientização, que é uma coisa natural que não é uma coisa anormal e que deve ser trabalhada, estudada, conhecida e autoconhecida tanto pelas crianças como por nós educadores.

EDUARDO - sexualidade não é feio mas tem que ser encarado com responsabilidade

REBECA - e ter justamente este conhecimento por que quando vierem a surgir ocasiões ou situações pra que a gente não se sinta desconcertada, até diante da turma, porque às vezes isso pode gerar na turma, pra uns risos, pra outros vergonha... justamente tem que ter este jogo de cintura e este conhecimento pra

saber como conduzir a conversa de uma forma madura, de uma forma que as crianças ou dependendo da turma em que isso surgir, venha saber a encarar isso com naturalidade, não como uma coisa feia, uma coisa que é errada...

JOANNA - tudo que é ligado ao sexo, a sexualidade, tem malícia e não é assim...

SIMONE - é através da reação, daquilo que foi exposto pra nós, da reação, também a gente possa sentir o porquê daquilo ali e também possa se sentir preparado para agir... porque muitas vezes, um ato exagerado, um ato exacerbado um ato contido pode revelar uma criança... é preciso ter o olhar bem atento para aquilo que a gente não ouve ou não vê.

JOANNA- Eu também não tive educação sexual nenhuma, na minha casa imagina, eu tenho 44 anos... naquela tinha pessoas que falavam, que comentavam mas lá em casa não, então eu fui aprender assim, estudando, no colégio sabe, no jornal... foi assim...eu não sabia nada. Já com os meus filhos não, e eu não tenho tabu assim de falar, não tenho. Geralmente que é criado muito reservado, tem, mas eu não e quantas vezes, estes dias estavam comentando de idade de fazer sexo e eu era das que começou mais velha, não que não tivesse oportunidade...mas é que eu na minha cabeça, não achava que era hora, não me sentia preparada... e às vezes me diziam da tentação... tentada eu fui mas não era a hora... risos.. E com meus filhos, claro que dependendo da idade, vai explicando conforme a idade e acho que com os alunos também, a gente tem que saber as palavras que tu vai utilizar, com clareza, explicar o que que é... e nada de se envergonhar...

ELIANE- naquela época os pais se sentiam envergonhados, era um constrangimento, era da própria criação, tudo era feio.. deus o livre de falar destas coisas...

ALI - E escola neste meio?

JOANNA - eu acho que as escolas não estão preparadas nem os professores, quando surge o assunto assim relacionado entre o sexo e a sexualidade entre meninos e meninas, aquilo já fica assim.. termina o assunto... porque tudo é feio... então se tu já vai criar assim dedes pequenininho dizendo que é feio, então o que vai acontecer, é feio mas, aí as crianças vão querer descobrir por que que é feio e aí aprendem de maneira errada. O que tem que fazer com os alunos é sentar, conversar, explicar, mas numa linguagem que eles entendam...

EDUARDO- a maioria das pessoas diz assim: deixa pra depois, agora não dá, agora não é hora, tu não tem idade...

SIMONE - por ser ensinado por feio, até as próprias palavras não são as melhores assim pro próprio entendimento deles. Eu tive uma professora de biologia que ela só não se despiu pros alunos porque não era a ocasião e nem o próprio objetivo, mas ela chegou numa classe onde tinha meninos e meninas e disse: - os meninos têm penis e as meninas têm vagina e seios, são órgãos sexuais normais em todo ser humano. aquele ser humano que não tem nenhum destes órgãos, ele sim é anormal e as palavras que são ditas dependem da intenção como ela é dita, depende da intenção como ela vai ser usada porque pro feio tem varias palavras negativas, pro simples é o simples e pra aquilo que quer se demonstrar a mais do que o normal são palavras pejorativas que também levam ao feio.

ELIANE - como a Joanna falou, eu também não fui criada, não fui preparada pra isso... os pais nunca conversavam, a minha mãe mesmo nunca me falou nem na

minha primeira menstruação, a minha mãe nunca me falou.. Eu por exemplo, tenho uma filha de 12 anos, eu converso com ela e ela me pergunta: mãe me dói aqui, ela diz que di os seios e então eu vou preparando ela.. digo: olha, não demora muito tu vais chegar no teu período menstrual, ai tu vai ficar mocinha, vais ter que tomar certos cuidados, então eu já começo a conversar com ela e explicar certas coisas pra ela, com o meu filho também foi a mesma coisa: ele quando já começou a entrar na puberdade, na adolescência que chamam eu comecei também a explicar e ele me dizia: ai mãe, tu me dizer estas coisas.. mas são coisas que tem que falar, é melhor o pai ou a mãe falar do que ficar sabendo pelos outros... E o corpo vai mudando, a minha filha mesmo já começou o corpo dela a ter certas transformações que ela já percebe e então ela vem e pergunta e como que eu como mãe vou chegar e dizer que isso não é nada, vou fazer com ela o que fizeram comigo?? Não posso fazer isso, então eu penso desta forma e acho que por mais que digam que é feio, que tem pessoas, tem adultos que são maliciosos que botam malícia nas crianças dizendo que é feio. E na sala de aula também, a mesma coisa, no momento que tiver aquela sinceridade no momento da conversa e saber como chegar neles vai se tornar prazerosa pra eles, natural e eles não vão ficar com aquele ar de malícia, daquele tipo: ai que feio!! que é a primeira coisa que acontece, não da pra ver isso, não da pra olhar, não da pra falar.

SIMONE - e pelo deboche que eles têm também, quando tem um guri, um já debocha do outro e começa a chamar de bixinha... então quando se tem uma situação que tu podes falar mais abertamente, ate pra tirar estes trejeitos que desde la da tenra idade eles já trazem, que a gente nota que é da casa deles, da família deles... ah, cabelo comprido é bixinha, já vem os rótulos, ah tu usa brinco, isso é coisa de bixa,ah, vizinha fina só quem tem é mulherzinha... chega a rimar... então quando gente age naturalmente com eles, já vai deixando um ar mais natural e eles já vão perdendo aquela malícia aquela maldade de enxergarem as coisas já deturpadas possivelmente que vem de dentro de casa ou do meio onde eles vivem...

SOPHIA - por isso que a sexualidade esta vindo cada vez mais cedo, porque os pais até já estimulam que o filho macho tem que beijar as meninas, tem que agarrar...

ELIANE - às vezes os filhos são umas crianças de 12 anos e o pai incentiva: vai lá porque tu é homem e tu tem que agarrar, tem que fazer...

SIMONE- ou então podes beijar a priminha na boca por que não faz mal... não é necessário beijar na boca, tem o rosto pra beijar.. agora ha pouco passou na televisão que o pai estava acariciando a filha dentro da piscina lá no nordeste e tem processo pra cima dele pela ação de ter beijado a filha na boca.... tem muitos pais e muitas mães que agem assim... Eu não gosto, uma que eu acho anti-higiênico e outra que existem outras formas de carinho...

SOPHIA- É que assim, tem o comportamento da mãe com o filho e do pai com a filha. Menina, o pai tem que ter um cuidado maior, menino não... menino até que brinca assim... Agora, menina o pai botar a mão assim, é ruim...

SIMONE - acredito que a menina por amadurecer mais rápido, ela se descobre mais rápido, mais cedo....

SOPHIA - eu que me lembre, eu e meu irmão sempre tomávamos banho com a minha mãe, mas com o meu pai nunca.. o filho pode tomar banho com mãe mas com o pai já é diferente...

MARIELE - eu acho que hoje em dia as coisas estão muito abertas, é só tu ligar a tv e aparece varias coisas ali, então quer dizer que aquela coisa do feio não existe mais, pras crianças já nem esta existindo mais... esta muito explicito na Tv, tem crianças de dois anos que dançam o creu, que dançam não sei o que... então não existe mais isso, infelizmente não existem mais os valores. eu acho que existe um tempo pra cada coisa, existe um tempo de ser criança um tempo pra ser adolescente, existe um tempo pra cada coisa, então pra um professor trabalhar com a criança na sala de aula, nesta parte, em primeiro lugar ele tem que ser amigo, tem que passar confiança pra ele, porque se ele não passar confiança pra eles, eles não vão poder falar pra ele sobre este assunto e o professor pra poder falar sobre este assunto como esta tão explicito, eu acho que ele já nem tem tanta dificuldade pra falar, só que a mesma coisa pra eu falar com a minha mãe, minha mãe tem que me passar confiança e me dar liberdade pra falar com ela, coisa que eu nunca tive... eu fui aprendendo com amigos, na rua... eu fui descobrindo por mim mesma..e perdi a minha virgindade com 18 anos... não foi na escola porque as escolas não estão preparadas pra ensinar isso... e nós como futuros formandos também não estamos preparados pra isso, porque infelizmente a universidade não nos deu a oportunidade da gente ter um estudo mais aprofundado sobre isso pra que a gente possa passar pro alunos... nós aprendemos varias coisas, mas nesta parte, a universidade vai ficar um pouco a desejar e se acontecer isso dentro da sala de aula, nós vamos ter que ter coragem pra aprender a se virar.. Às vezes eles falam umas coisas... a minha filha tem oito anos e ela chegou em casa com uma historinha que uma amiga contou.. e isso me machucou, fiquei num sentimento tão assim, porque eu não falo coisas assim pra ela, ela não sabe dessas coisas e uma amiguinha maior que ela foi lá pra casa e falou pra ela assim: tu sabia que a perereca é a garagem e o pintinho é o carro? e ai ela chegou e perguntou pra mim porque que a perereca é a garagem e o pintinho é o carro??? sabe que eu fiquei assim, chocada, porque eu não queria que ela soubesse disso agora... isso me machucou... e ai eu dei uma enrolada porque não é hora dela saber.. ela pergunta e ela quer saber, na verdade ela tem curiosidade, só que eu fui tentar explicar pra ela e ela entendeu errado.. ela me perguntou como o nenê entra dentro da barriga da mamãe? e eu falei que era uma sementinha...

risos...

JOANNA- o papai é um agricultor e planta a semente.... risos

MARIELE- é uma sementinha na barriga, e esta sementinha vai crescendo e vira o nenê.... ai um dia eu fui com ela no mercado e dai ela pegou e perguntou pro Everton: - tu não vai comprar semente pra mãe tomar?... ela não tem noção por onde entra a semente, então ela acha isso ate hoje.. ate hoje ela acha que existe a semente de menino e a semente de menina e que a gente toma a semente pra engravidar... eu sei que vai chegar um momento onde ela vai descobrir o momento por onde entra a semente e eu não vou ter como fugir...

EDUARDO - também tem esta coisa, a gente fala no momento, no momento... mas quem decide o momento? Qual é o momento... não é o momento pra quem?

pra ti não é o momento mas ela já está curiosa e tu corre o risco de ela aprender distorcido assim.. alguma coisa ela já sabe, por isso está perguntando..

JOANNA- mas tu já imaginou se ela comenta com alguém sobre a sementinha e alguém diz que não é assim nada, que é mentira... é complicado porque ela pode não confiar mais em ti..

PATRÍCIA- é complicado, eu acredito que é muito subjetivo de mãe pra filho, cada um tem um jeito de chegar... mas eu gostei da sementinha, eu achei tão sem malícia...

MARIELE - ela me pergunta e eu sempre oriento que ela venha me contar as coisas...

VALQUIRIA - eu desde pequena, a minha mãe sempre conversou comigo e sempre foi muito clara, eu nunca tive problemas quanto a sexualidade quanto a educação e por isso que eu vejo assim, quando colocou formação e educação, eu acredito realmente que esta formação ela venha de casa e eu digo pra vocês que na minha casa é bem diferente daqui de Bagé porque eu morro no interior, moro numa zona rural muito diferente daqui, da cultura diferente, dos valores diferentes, tudo é diferente...na minha família a virgindade é um valor muito grande, até o casamento ou sei lá até se ter um namorado fixo, até ter uma coisa segura... então a minha mãe sempre desde pequena me ensinou muito dentro destes valores do respeito pelo corpo, do respeito mútuo de se entregar pra alguém que te ame e te queira bem, que não vá te machucar, eu acho que esta preparação tem que ter também com a criança, desta consciência assim de não se jogar muito no mundo mas de que, isso também é importante dentro da família e infelizmente hoje, eu vejo que não existe muito porque muitas crianças nem tem família e então não conseguem ter esta formação, aí eu vejo que entra também no papel da educação, da escola, da gente também ir cultivando valores com eles, porque é uma consciência que vai se criando, se formando... porque muitas vezes eles não tem vergonha de falar mas nós professores temos e eles nos pegam muito nisso: - ah, a tia ficou com vergonha... e se a gente está segura, tu consegue conduzir a conversar por outras vias, a via da informação, a via da responsabilidade, pode ir criando uma consciência com eles assim...claro que a descoberta, toda aquela parte do riso, vamos dizer, ela existe e é extremamente normal, mas eu vejo que na educação a gente precisa crescer nesta segurança, de conduzir aquela conversa de uma forma que seja proveitosa pra vida do aluno, acho que pra isso a gente tem que ser de vez em quando direta, de vez em quando criar formas de chegar até a realidade deles... E, nestas conversas e nesta forma de se relacionar a gente vai perceber as situações onde tu diz: mas aquela criança não se sentiu livre enquanto estavam conversando ou tu começa a observar este tipo de coisa... lá na escola mesmo já observei várias vezes até assim um caso, claro que a gente não tem como comprovar, mas se tinhas sérias desconfianças de que um menino era abusado por um irmão, pela forma como ele reagia.. ele não tinha aquela confiança de chegar junto com o irmão e ao mesmo tempo o irmão tinha aquele cuidado extremo com ele que era de desconfiar e aí quando tu conversava sobre o corpo, na quarta série principalmente que a gente trabalha muito sobre isto, sempre acontecia alguma coisa que dava aversão e a gente via que não se sentia livre diante disso, desviava do assunto ou alguma coisa assim... Então eu penso que é muito importante a gente ter segurança e isso e ter clareza do que se quer

tratar, não é só contar pra criança por contar, mas o que se quer com isso... como a Mariele disse, hoje a mídia é muito apelativa e se deixou de ter vergonha mas ai esta caindo, numa coisa assim, a meu ver, na banalização, vulgar..uma cultura do tudo pode, tudo é permitido, não tem problema nenhum e tu não tens nada que ver com a minha vida... só que depois a pessoa se sente mal, se sente em depressão e por quê? realmente, é um extremo e outro e conosco ainda tem um pouco disso da vergonha e tal e por outro lado acho que há uma banalização nisso.

MADONA - Eu coloquei valores, cultura e vivencia... eu também acho que a formação tem muito do que a família passa, os valores do que é certo e do que não é certo, a minha sempre me ensinou tudo direitinho mas eu sempre fui uma pessoa muito rebelde, sempre fiz tudo ao contrario, sempre fui bem precoce, descobri tudo sozinha.. até porque esta relação do que é certo e do que não é certo ela é variável... e eu convivi com grupos diferentes e ai tem coisas que a gente acha que é normal e pra outras pessoas não é e tem coisas que a gente acha que é assim, a minha visão é certinha e o outro tem uma visão mais ampla, acha coisa mais normal que a gente não acha... então é difícil julgar isso... é como criança pobre onde todo mundo dorme junto, pra eles aquilo é normal mas pra nós não é... num nível acima de nós, a gente dorme em quarto separado mas de repente a sexualidade, eles fazem de forma que nós achamos errado, mas pra eles é normal..não dá pra julgar... depende do valor de cada um, e se vai fazer mal ou não faz parte da vivencia, da experiência daquela pessoa. A minha mãe dizia que a virgindade a gente dava pro cara que ia casar e hoje em dia a minha mãe sabe que tu dá pra um, pra dois, pra três, pra quantos tu achar que deve e ela acha a coisa mais normal... eu mexo com ela que isso ampliou os horizontes, eu acho isso bom pra ela

SOPHIA- um pouco mais antigo era vergonhoso pra mulher falar sobre sexo, a mulher nunca sentiu prazer antigamente, nem sabia o que era, sentir um orgasmo... era um objeto sexual... eu até mexo com a Joanna que casou com o primeiro homem, heheh ela nem sabe se é bom ou não..... ai o que foi acontecendo que as mulheres foram se separando e se divorciando e descobrindo que achavam que sentiam prazer com o primeiro marido mas na verdade não sentiam, mas ai com outros relacionamentos foram descobrindo outros prazeres..

FRANCISCA- Bom formação e sexualidade, eu coloquei aqui pesquisa, referencial e desenvolvimento, eu acho que o professor não esta preparado pra discutir este assunto com aluno, aqui mesmo, nós também não fomos preparadas para este tema, ficou muito a desejar como as colegas já colocaram. Eu também fui criada com muitos tabus e até mesmo se eu tiver que me deparar com uma situação dessas numa sala de aula, eu vou procurar.. e confesso que fiquei ate constrangida porque não achei os termos pra colocar aqui.. até pra a gente ficou pensando... mas sei que a gente não esta preparada, vou buscar ate por causa disso ai eu vou ter que pesquisar e procurar um referencial, um embasamento, ate mesmo pra eu enfrentar, porque a gente que esta se formando agora, nossas ultimas cadeiras e se agente vai pra uma sala de aula e se apresenta um problema... problema não, uma situação dessas.. que a criança esta vendo a todo o momento e tem a mídia ai e esta banalizando tudo e estas crianças às vezes não tem família e vem com uma situação distorcida onde neste mudo moderno

tudo pode, tudo é descartável, as amizades, a família, então até um carinho de um colega.. tudo é feio e já direciona para outra realidade e então a gente como professor vai ter que buscar

e se preparar pra estas situações. E a última que eu tinha colocado é comprometimento... então é o professor comprometido com o sistema pra realmente poder fazer alguma coisa.

LAURA - eu coloquei o respeito, afeto e carinho e depois repeti o respeito o domínio sobre o assunto e a habilidade, porque eu acho que nós como professores temos que ter este domínio este afeto, o respeito com o aluno quando vem contar alguma coisa... porque eu to falando da minha situação, eu tenho 28 anos, sou noverrima e minha mãe tem 47 só que eu sou de uma criação talvez parecida com a de vocês, onde tudo era proibido, tinha que casar virgem, minha mãe nunca falou comigo sobre anticoncepcional e eu perdi minha virgindade bem precocemente e ela nunca soube, quer dizer que eu poderia ter engravidado, poderia ter pego doenças e as coisas das minhas amigas, ela aconselhava ela dizia: se eu sonhar que tu estas fazendo alguma coisa eu te mato!

ALICE- de repente ela fingia que não sabia e tu fingia que ela não sabia...

LAURA- é, é aquela coisa assim aí o que acontece, eu já decidi com a minha filha fazer diferente, a Maria Eduarda tem seis anos e a ela tudo o que me pergunta eu não digo as claras, mas eu devolvo a pergunta: - O que tu achas? Um dia ela me pegou saindo do banheiro, estava saindo do banho e o Alex estava entrando no banho e dali a pouco ela entrou assim no banheiro e eu acho que ela nunca tinha visto ele pelado e ela me perguntou assim: Mãe, tu faz sexo com o pai? e eu fiquei, aí meu Deus, o que eu digo.... fiquei quieta e ela veio de novo e disse: - tu não escutou mãe que eu te perguntei se tu faz sexo com o pai? e eu, o que tu acha que é sexo? ah, mãe é beijar na boca! Eu beijo na boca do teu pai sim... quer dizer, eu não falei o que ela queria mas eu também não dei aquela resposta que com seis anos, entendeu, eu não poderia dar... Eu vejo assim, que com os filhos da gente, pela minha situação, eu vejo que é muito mais fácil de eu ter abertura eu falar do que eu chegar na escola e tentar falar pra alguma criança... e esta família, será que vai aceitar o que eu vou falar? ou esta família é liberal demais ou ela é como a minha mãe era, entendeu... daqui um pouco a professora vai e fala e no outro dia a mãe está lá:- mas para aí, tu não tens este direito!! Tem os dois lados da moeda.

ALICE - eu pensei assim, a criança ela tem que conhecer, aí o que dá pra fazer, eu pensei assim, se tem que dar aula sobre o corpo humano, já aproveito levo no laboratório de anatomia e elas vão se deparar com a realidade, com o que eles tem no corpo deles aí vão surgir as dúvidas e eu ia responder conforme a necessidade que eles tem de resposta. E falar tudo de uma maneira natural, porque é o amor, é uma forma de prazer que eles têm... só que dentro da idade de cada criança e acho que as crianças têm que ter esclarecimentos. Os pais e nós como professores devemos esclarecer as dúvidas mas acho que a gente não deve ir além das dúvidas, falar o que eles querem ouvir e o que é necessário que eles aprendam.... eu tinha 23 anos e fui criada pelas minhas avós, era cheia de tabus

PATRÍCIA - Eu preciso falar... eu também como as gurias, eu tenho 30 anos, eu tive muitos tabus e eu era muito curiosa e queria saber e na minha casa era assim: eu estava assistindo Tv e dava uma cena de beijo, meu pai desligava a TV

e mandava sair da sala... eu pensava por que eu não posso ver aquilo e ficava naquela coisa, na curiosidade...Mas assim, com nove anos eu escutei a minha vizinha falar sobre sexo e eu não sabia o que era e eu fui perguntar pra minha mãe.. a minha mãe também não sabia de nada, não me explicou nada, acho que nem ela sabia mesmo o que era.... Ai até hoje é difícil eu falar porque eu fui muito assim, muito pai era muito de recatar... na hora de falar sobre isso eu fico muito tolhida, porque eu não tive esclarecimento... na escola muito menos...Meu pai nunca me explicava, com 13 anos, por ai, eu comecei a menstruar e ai começou aquela função eu comecei a criar seios e de repente eu não podia mais sentar no colo do meu pai, não podia chegar mais perto dele... só que ninguém me explicava que eu estava ficando mocinha, com certeza e ele ficava assim.. antes tinha temporal e eu ia pra cama deles dormir e dormia no meio e não podia mais aquilo... eu fiquei uma pessoa totalmente retraída... virei uma intocável.. mas eu não tinha este conhecimento, eu comecei a sair na noite com 17 anos, mas muito assim, meu pai me assustava muito, eu chegava e ele me cheirava, se eu tinha bebido,se eu estava com cheiro de homem, chegava das festas e tinha tudo isso... e as minhas colegas que eram mais novas do que eu , tinham 14 ou 15 e já tinham tido uma relação sexual e eu não, mas eu não ia dizer isso, eu não ia ficar atrás... ai elas me falavam e me pediam explicações e eu dava mas nem sabia o que estava dizendo... não queria ficar atrás assim... Claro, eu era a mais velha... Hoje, friamente, claro que me faltou muita coisa, mas eu não condeno assim, porque elas que saiam e que faziam coisas assim muito cedo, muitas tem filhos, estão numa situação difícil, e eu que era a sempre a certinha... então eu não julgo a criação que eu tive, claro que eu poderia ter mais esclarecimentos e isso me faz falta. Semana passada, minha vizinha que tem 15 anos, vive lá em casa, mas é uma criança, não tem namorado nem nada, que eu saiba, me perguntou assim: - Que pílula tu usa? por quê? -Ah, porque eu quero usar, eu quero tomar... Aí, aquilo me chocou, eu achei que eu tivesse muito preparada quando alguém fosse me perguntar isso... Ai eu falei, tu tens que consultar um médico, não é assim, comecei explicar, tu é uma mocinha, tu não pode tomar a mesma receita que eu tomo, tu tens que ir ao teu médico... mas eu me senti assim, um ET, por que aquilo me chocou e ai eu vi que eu não estou preparada, imagina... Ai uma amiga minha disse: com 12, 13 anos elas já transam... mas eu não estou acostumada com esta realidade, tu sabes que tem isso, mas aos 12, 13 anos eu brincava de boneca até os 15 anos, sinceridade.

LAURA- agora pra completar o que a Ana falou, eu sempre fui a mimosa do pai, minha irmã nasceu quando eu tinha 10 anos, então eu sempre sentava no colo do pai e dos meus tios que iam lá e ai um belo dia quando eu completei nove anos, eu nunca mais vou me esquecer disso, eu vim pra sentar no colo do pai e ele me levantou, e eu menstruei com nove anos, tudo muito precoce, seios também, e o pai me disse: - Tata, a partir de hoje eu não quero mais que tu sente no meu colo ... e eu fiquei mas por quê? o que eu fiz? e ele me levou a Mao e me empurrou e disse: - A partir de hoje tu não senta mais no meu colo, tu não senta mais no colo de ninguém porque tu estas virando uma mocinha...Até hoje eu tenho problemas pra dar um abraço no meu pai... Ai hoje que eu já sou macaca velha, eu chego lá e eles me contam as coisas e eu morro de vergonha, eles não me respeitam e eles não estão nem ai... Aquilo criou uma barreira enorme... Só pra terminar eu

quero dizer o quanto é importante a gente tomar cuidado, com a mãe até não se tem tanto esta barreira mas com o pai tem e isso foi uma coisa que eu acho que pro resto da minha vida, eu vou levar....

ALI- Bom pessoal, pra fazer o fechamento do nosso trabalho de hoje, eu gostaria que vocês me respondessem se o curso que vocês fizeram da graduação, que vocês estão concluindo preparou vocês para atuarem em sala de aula com questões voltadas para a sexualidade e as relações de gênero? Registrem as respostas de vocês nas fichinhas...

LAURA- é pra ser sincera que tu queres? Não.. não preparou...

SOPHIA- é que é assim também, o que tu entende de sexo? Sexo não é só o órgão reprodutor do homem e da mulher, não é, tem varias outras coisas, a gente sempre vê o lado negativo do sexo e não é, tem o seu lado positivo.. coisa bem boa um casal que faz sexo com amor. Eu tenho momentos na minha relação que é bom fazer com amor, mas tem momentos que eu adoro um sexo assim...pois eu acho que um casal pra poder viver muito tempo junto tem que experimentar várias coisas, porque senão tu vai ter curiosidade, por isso que acontecem os divórcios.. porque não tem em casa, tu queres descobrir mas o marido vai lá... também tem a autodescoberta... todo mundo sabe, se masturbar só o homem se masturba, mulher não se masturba e por quê? É como se fosse uma coisa proibida e não é...sabe, é um outro modo de tu sentir prazer...

PATRÍCIA – eu ate hoje tenho vergonha do meu corpo...

MADONA – a gente estava numa palestra com uma ginecologista esta semana e ela disse que é uma forma até de descobrir doenças se tocando, como um caroço, um nódulo, um câncer de mama por exemplo, às vezes as mulheres não descobrem porque nunca ousaram se tocar, nunca fizeram isso.

SOPHIA – eu acho que não é feio, sei lá um modo delicado de fazer isso...

ELIANE – eu cuido muito da minha filha porque ela já esta assim, esta ficando mocinha, já esta criando seios, já engrossaram as pernas, aqui atrás, ela já tem assim... umas ancas.. ela começou a ficar com corpo de mocinha mesmo... então o que eu cuido muito... eu cuido muito qualquer gurizinho que chega lá em casa agora... sempre tem um que chega... então pra ir para escola, sempre tem um gurizinho que vai junto.. um acompanhante.. vai ela, duas amigas e ele... eu só digo assim: Camila, oh , abre o olho... só o que eu digo pra ela... E eu já vi também, homens mais velhos e é isto que eu tenho um pânico, quando ela vai indo na frente, vai indo pra catequese, eu vou indo mais atrás e vejo homens mais velhos virarem o pescoço quando ela passa, pra cuidar pra olhar... Chega me da um pânico quando eu vejo isso...

MADONA – mas ai é a questão da informação, dela estar informada , porque ela pode deixar se aproximar por ela não ter malícia, não saber que é perigoso... porque tem gente que tem medo, não vai dizer o que ele pode fazer porque pode ficar com medo...

VALQUIRIA – ai é a compreensão do que é a sexualidade, do seu corpo que é sexuado, você é a sexualidade.. é o todo, é a expressão disso, são os gestos, é pela fala, como se é... e aí infelizmente tem que ter este olho aberto...

ELIANE – tudo o que ela pergunta, eu encontro uma maneira de responder..de uma forma que seja natural e não agressiva ... eu tento responder tudo, a questão do sexo mesmo, vai chegar uma hora, tu é mocinha... eu já tive esta conversa com ela.. vai chegar a tua hora, eu só quero que quando acontecer, tu não me esconda, tu fale...

MADONA – mas ela não vai falar... por mais amiga que seja, nunca fala com a mãe... fala com as amigas...

LAURA – de repente como elas têm uma relação aberta desde pequena ela fale, é diferente da gente que não podia falar nada pras mães, que tudo era feio...

FRANCISCA – eu sempre conversei tudo com a minha filha, sempre expliquei e ela nunca veio falar pra mim... mas ela falava pra uma amiga minha que é enfermeira e ela fazia a ponte, orientava a guria pra mim...

ELIANE – agora com o meu filho não, eu não sei se com o homem é diferente, se é mais fácil, porque ele não fala com o pai dele, mas ele fala pra mim... até o primeiro dia que ele perdeu a virgindade ele falou... ele passava brincando comigo e me dizia que ia ter um filho, estou com vontade de ter um filho... e eu disse: espera ai, calma não é assim... como assim ser pai?! Tu és novinho ainda, tu tens muito pela frente... stop, para ai!!! Mas agora ele passa se cuidando, eu só digo: te cuida, te cuida meu filho, olha as doenças estão por ai.. ele só abre a gaveta e me mostra cheio de camisinhas....

ALI – pessoal, a nossa conversa está ótima mas eu tenho que encerrar... Obrigado, boa noite e até o próximo encontro...

TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL PRODUZIDO :

SESSÃO 01
FORMAÇÃO E SEXUALIDADE

JOANNA

FORMAÇÃO E SEXUALIDADE

FAMÍLIA
DESCOBERTA
CURIOSIDADE

EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

ESCOLA
PAIS
PROFESSORES

LAURA

FORMAÇÃO E SEXUALIDADE

**RESPEITO
AFETO
CARINHO**

EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

**RESPEITO
DOMÍNIO SOBRE O ASSUNTO
HABILIDADE**

Você acha que o curso de formação...

Não. Nunca falamos sobre o assunto, não sabemos como devemos agir, falar com nossos alunos. Talvez falar sobre o assunto até seja de forma direta, mas, será que não iremos pecar em algum momento, iremos falar demais, ou ainda, deixarmos dúvidas nos alunos?

**ELIANE
FORMAÇÃO E SEXUALIDADE**

**DESCOBERTA
CURIOSIDADE
INTERESSE
EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE**

**DINAMISMO
PREPARAÇÃO
CONHECIMENTO**

Penso que o curso que escolhi por paixão em trabalhar com crianças deixou muito a desejar nesta questão, pois, é um assunto importante e os professores não estão preparados para lidar com possíveis situações que poderão vir a aparecer.

Deveria ter uma cadeira especializada neste assunto.

**SIMONE
FORMAÇÃO E SEXUALIDADE**

CONVERSA

**CONHECIMENTO
DESENVOLVIMENTO**

**EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE
INFORMAÇÃO
EXPERIÊNCIA
ESTUDO**

Você acha que o curso de formação que você está cursando prepara você?

Em primeiro lugar nosso curso a meu ver ao observou a mudança dos tempos. Se observarmos nas artes de muitos filmes, nosso curso se preocupou com profissionais para a “casa”, como em “SORRISO DE MONALISA” e não para a realidade crua e sem essência que estamos vivendo.

Nossas crianças hoje têm além da evolução, mecanismos de conhecimento à sua disposição, sem valores, sem pressupostos, sem ideologia, sem objetivo, fora o de ser mais agressivo com tudo e todos principalmente o sexo.

Temos que nos preparar para algo que também não tivemos, esclarecimento- simples- como na palavra. O que temos? Como somos? O que sabemos? E principalmente como continuaremos?

Meninos e meninas têm uma curiosidade deturpada sobre o sexo, onde, muitos vêem sexo através da raiva, do ódio, da pressão e submissão. Reagem sem saber, de formas variadas com mais ou menos entendimento, simplesmente reagem.

Os tempos passaram, mas, o “TABU”, ainda existe, a malícia sobre o tema SEXO é muito forte e no sentido vulgar.

Em relação a pergunta, nos foi passado “nada” sobre isso “nada”... aliás didaticamente falando: Que didáticas??????????

SOPHIA

FORMAÇÃO E SEXUALIDADE

**AUTO DESCOBERTA
DIÁLOGO
ESCLARECIMENTO**

EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE

**CONHECIMENTO
CONVERSAÇÃO
PREPARAÇÃO**

Não, pois, o que sei sobre sexualidade e assuntos relacionados, aprendi vivenciando e buscando esclarecimento para minhas dúvidas.

MARIELE
FORMAÇÃO E SEXUALIDADE

ENSINAMENTO
POSICIONAMENTO
CONFIANÇA

EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE
CRIATIVIDADE
RESPEITO
AMIZADE

Infelizmente, o curso de formação que estou cursando, não prepara os alunos para a realidade da sexualidade e relações de gênero. Terminamos no final deste semestre a nossa formação nos sentindo que faltou alguma coisa a mais, ou seja, a questão da sexualidade quanto alunos e futuros professores.

REBECA

FORMAÇÃO E SEXUALIDADE

CONHECIMENTO
DIÁLOGO
DESCOBERTA

EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE

INSTRUÇÃO
ENSINO
TROCA

Não. Estou na faculdade desde 2005 e não recordo em momento algum, de qualquer discussão voltada para este tema. Fala-se muitos nas teorias de aprendizagem, mas, nenhum estudo voltado para a realidade que nós professores vivenciamos em sala de aula. No período que eu estudava em escola de 1º grau, esse assunto era pauta toda semana no SOE, mas, na formação acadêmica não houve nenhum preparo, nem mesmo debate pobre sobre isso. Durante o período da formação acadêmica, faltou informação, discussão, debates, até mesmo para que aqueles que têm mais experiência contribuíssem para aqueles que não têm.

Muitas cadeiras se repetiram, em termos de conteúdos, a ponto de se tornarem repetitivos. Poderiam avaliar novamente, e fazer a inclusão, por exemplo, de cadeiras que levantassem a discussão sobre sexualidade e relações de gênero.

FRANCISCA

FORMAÇÃO E SEXUALIDADE

**PESQUISA
REFERENCIAL
DESENVOLVIMENTO**

EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE

**VALORES
COMPROMETIMENTO
RESPEITO**

Não, ao longo do nosso curso esse tema deixou a desejar.

Diversos temas foram propostos e discutidos, pesquisados e desenvolvidos, esse não. Para nós que estamos nos formando e vamos para uma sala de aula como vamos conviver com esse assunto?

Será que estamos preparadas?

Gostaria que esse assunto assim como outros tivessem sido abordados e discutidos.

VALQUIRIA

FORMAÇÃO E SEXUALIDADE

**DESENVOLVIMENTO
VALORES
DESCOBERTA**

EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE

**CORPO
TRANSIÇÃO
MUDANÇAS**

Não, porque em nossa universidade os temas trabalhados nas diversas cadeiras são pouco interdisciplinares, não abordando suficientemente esse assunto. Além do mais, nossas cadeiras de psicologia

foram extremamente “fracas”, não aprofundando nada sobre este assunto. Certamente que a formação de professores deveria ser perpassado de um estudo mais profundo sobre emoções, sentimentos e sexualidade.

MADONA

FORMAÇÃO E SEXUALIDADE

**VALORES
CULTURA
VIVÊNCIA**

EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

**INFORMAÇÃO
RESPEITO
ÉTICA**

Com certeza não prepara. Seria interessante ter uma ou duas disciplinas a respeito desse tema. Para nós futuros professores, estarmos mais preparados, para entra numa sala de aula.

Educação disciplina sexualidade I e II heheheheh!!!

EDUARDO

FORMAÇÃO E SEXUALIDADE

**NECESSIDADE
FALTA
APROPRIADO**

EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

**NECESSIDADE
ATUAL
OBRIGATORIEDADE**

A meu ver, o curso que eu estou freqüentando, e já bem próximo de seu final , não dá nenhum suporte com relação às questões da sexualidade e de gênero.

Quando nos depararmos com situações a respeito destes assuntos em sala de aula, como já ocorreu, talvez não saiba como resolvê-la , por uma total falta de informação, e uma falta que já é histórica, e que **não** foi sanada ,embora, toda essa evolução alcançada pela raça humana.

PATRICIA

FORMAÇÃO E SEXUALIDADE

MEDO

INSEGURANÇA

CONHECIMENTO

EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

DESCONHECIMENTO

PREPARAÇÃO

ANSIEDADE

Não, porque ainda há um tabu, quando se quer falar sobre sexualidade, tanto professores quanto alunos não estão preparados, não há essa formação para trabalhar a sexualidade dentro e fora da sala de aula.

Precisamos de professores com maior formação para trabalhar, explicar como devemos proceder sobre esse assunto.

ALICE

FORMAÇÃO E SEXUALIDADE

CONHECIMENTO

AMOR

PRAZER

EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

ESCLARECIMENTO

CLAREZA

DÚVIDAS

Não a respeito da sexualidade, pois, não temos nenhuma discussão que nos dê suporte, esclarecimento entre outros, e sim a respeito de diversidade como homossexuais, lésbicas entre outros.

SESSÃO 2 15/09/2009

ALI - O nosso trabalho de hoje, nós vamos trabalhar com a questão do gênero na escola, e pra trabalhar com a questão do gênero, num primeiro momento eu vou querer saber a leitura de vocês a respeito do gênero. Então em duplas vão pegarão uma revista e vocês vão procurar e recortar figura que representem o masculino e o feminino. Esta é a primeira tarefa proposta hoje. Depois, cada dupla montará um painelzinho com o que representa o ser masculino e o que representa o ser feminino dentro deste universo. Como eu disse pra vocês, estas revistas que vocês trouxeram, (havia sido solicitado que os/as participantes trouxessem revistas para o encontro), elas são direcionadas ao publico tanto feminino como masculino, e eu quero ver justamente a leitura de vocês, ou seja, como vocês enxergam o feminino e o masculino, o homem e a mulher através da imagem. Então o nosso primeiro trabalho será este. Cada dupla pega uma revista e escolhe as suas imagens...

SIMONE - e se uma da dupla tiver um pensamento diferente?

ALI- Não tem problema, fiquem a vontade para escolher cada uma as suas imagens...

EDUARDO - figura masculina, esta aqui ó. (aponta para uma figura de um espelho na capa da revista, ironizando o fato...)

O GRUPO FICA PROCURANDO AS FIGURAS E EU VOU OBSERVANDO OS COMENTARIOS REALIZADOS NESTE PROCESSO...

SIMONE - muito másculo este... aponta para uma foto de um homem bonito e sensual. E esta aqui, esta é uma mulher grande na política, mas caem em cima da coitada na política (aponta uma foto da ministra Dilma Rouseff). Coitada não, mas eles aproveitam muito pra diminuir como pessoa, com inteligência, tudo... (a noticia falava do câncer da ministra).

Mas se ela cair, pobre deles (referindo-se aos políticos). porque eles estão totalmente perdidos...

O GRUPO FICA GARIMPANDO AS FIGURAS E COMENTÁRIOS ALEATÓRIOS SURGEM... sem considerações específicas...

ALI - como são trabalhadas estas questões do feminino e do masculino dentro da escola?

EDUARDO - e são trabalhadas?

LAURA - são... são trabalhadas... "boneca é coisa de menina" e "bola é coisa de menino"... eu sei por que a minha filha adora jogar bola, briga por causa disso desde pequena... e na escola não tem isso de menina jogar bola... menina é do rosa, menino do azul...

SIMONE - eu já presenciei também uma escola onde não tem estas divisões, nem isso das cores principalmente, os dois têm direito a elas, claro que o menino não vai andar de calcinha porque tem sua roupa própria, mas em relação a cores,

independente das cores... Claro que em alguma ainda é, menino é menino e menina é menina e vestem azul e rosa...

CRIS - mas na escola em que eu trabalhei, no Sesquinho é diferente, porque o menino pode brincar com a boneca e a menina com bola, não tem isso...

SIMONE - esta coisa de se tu brincar de boneca tu vai ser bixinha... isso já tem sido modificado... todos tem o direito de aprender a cozinhar, faz bem para as crianças, já é uma maneira de usar a sua criatividade, de saber trabalhar todos os seus órgãos, seus próprios pensamentos, eu mesma já presenciei. Onde eu estive é trabalhado... (referia-se a escola do SESC)

SILVANA - sim, porque se brinca de cozinha já dizem que isso é coisa de menina...

LAURA - a Maria Eduarda eu coloquei no bale por que... em função dela só gostar de karate e de bola... e quando ela entrou na escolinha, ela era a única menina e tinha 14 meninos na sala, então eu achei que aquilo ali pudesse influenciar a ela e só queria power rangers e estas coisas... ai eu coloquei no ballet e ela foi um ano... e ela não queria ir... e eu fazia como a da novela, vai ao ballet sim, mas a guria chorava cada vez de ir... ela adora capoeira e agora pediu pra entrar no karate e eu resolvi deixar então.

ALICE, não tem nada a ver...

ELIANE - eu quando era pequena adorava brincar de carrinho...

LAURA - mas Deus que sabe e a gente tem que aceitar...

JOANNA - não adianta que tu não podes mudar. já nasce assim e pronto

EDUARDO - por isso aquela hora eu perguntei se é trabalhado na escola, pra mim não é trabalhado... pra mim é imposto! pra mim trabalhado é quando é discutido, falado.

VALQUIRIA - eu não sei Eduardo, eu tenho uma visão assim, mas eu falo por mim, às vezes eu vejo uma menina assim... lá na escola tem uma menina que ela não gosta de brincar com coisas que a gente chama de menina, boneca, panelinha... e mesmo que os coleguinhas falem que ela não gosta de brincar com meninas... a professora sempre diz que deixem, respeitem, é o gosto dela... A gente estranha mas a gente pede o respeito por aquela situação, pra que ela possa ser diferente, pra que ela possa escolher...

LAURA - A Duda tem tanta noção disso, do ser menino e ser menina, eu acho que na escola passam esta noção, porque semana passada a gente estava levando ela na escola e passou uma mulher correndo na rua e ela disse: papai, eu nunca vou malhar na minha vida... por que minha filha? _por que quem malha e fica com o corpo sarado, vão dizer que eu tenho corpo de homem... e o meu marido respondeu que não, que tem tantas mulheres que tem que se cuidar muito mais que homem, porque tem que ter o bumbum bonito, a barriga bonita... ela rebatia dizendo que se ela ficasse musculosa iam dizer que ela era homem...

ALI - Valquiria, eu queria te perguntar uma coisa. Tu falou deste respeito, que por mais que achem estranho determinadas situações, mas sempre ha a questão do respeito. E os pais, o que acham disso?

VALQUIRIA- olha, na maioria das vezes, também existem... nunca a gente teve problemas com isso, que interferissem. Até a gente teve um aluno na quarta série que ele era bem afeminado, mas nunca teve interferência de nenhum pai... e

dentro da sala de aula é pedido pelo respeito, pra respeitar o jeito do colega, é feito um trabalho neste sentido de aceitação.

ALI - E as crianças aceitam numa boa?

VALQUIRIA - no começo, não! Eles percebem e eles mexem, mas depois... é um trabalho que se tem que fazer... depois vai acalmando...

SIMONE, eu tive uma vivência extra-escola, de uma mãe e hoje o menino já esta com seus vinte e poucos anos e ele era extremamente arredio a tudo, agressivo, brigava muito com a mãe e gostava de usar as roupas dela. e ela era bem mais fortezinha que ele, ele era magrinho, esguio e ela não entendia o porquê daquilo... por que quando menos ela esperava, lá estava ele com os chinelos dela, com lenços no pescoço e coisas assim, isso quando ele tinha os seus 9, 10 anos... e ela estava levando sempre em psicólogos e os psicólogos diziam pra ela que de repente a preferência sexual dele não era masculina..."Mas capaz, isso não acontecia", o filho dela era homem e tinha vindo homem ao mundo... era homem e não tinha esta frescura... que estes médicos que acham que sabem tudo, não sabem nada"...

Hoje o menino é gay assumido, educado, muito educado, mas ele desde pequenininho...

JOANNA _ quando meu guri mais velho nasceu, há 23 anos... o medico Dr. Irio, ele mexia nos testículos do guri e me dizia que eu tinha que cuidar, que tem duas bolinhas pra baixar... e eu não sabia nada disso, porque as bolinhas ficam em cima quando a criança nasce e tem que baixar depois as duas. e eu perguntei por que e ele me respondeu que se não baixar ai vai ficar afeminado... Por que doutor? e ele disse: tu tem que baixar senão da problemas de hormônios e fica gay... Todos os meses quando eu levava lá ele examinava e me dizia que eu tinha que fazer a massagem no pênis do bebe pra pelezinha baixar, no banho, no caso da fimose...

ALI - Na rotina de vocês de escola, nas praticas que vocês já vivenciaram... que situações de discriminação de gênero são mais visíveis entre as crianças que vocês recebem? E dos professores também, da comunidade escola... situações de discriminação de preconceito que são percebidas...

MADONA - eu acho que é mais em relação à sujeira, cheiro, asa... as crianças que não tomam banho...mas de sexo eu não percebo tanto...

JOANNA - é mais pela higiene...

PATRÍCIA - eu acho que é mais em casa que existe isso, do isto é coisa de menina!! Os pais que dizem...

SIMONE - Em relação aos alunos, aos coleguinhas, com trejeitos dos meninos também, mas o normal é os meninos debochando dos meninos, não as meninas...

ALI - mas que tipo de deboche?

SIMONE - ai bixinha, este é o termo mais usado... ate por meninos pequenininhos... isso é coisa de bixinha de boiola,de titia..e titia é uma coisa que é ouvida no seu próprio ambiente... é porque já ouviu na sua casa... então já tem algum preconceito...

ALI - Na idéia de vocês, qual seria o perfil que estas crianças têm de masculino e feminino quando eles chamam o outro de bixinha... qual o referencial que eles têm pra fazer isso. O que pra eles, na visão deles é ser masculino?

JOANNA - é o ser machão, aquele joga bola, que dá pau, ser forte...

ELIANE - eu acho assim, que principalmente pai, meu filho não chora porque homem não chora... se cai no chão, levanta porque homem não chora...

ALICE- é uma visão distorcida, sem sentimento muitas vezes... machista

SIMONE - uma mãe é submissa e um pai cheio de traumatismos que passou pela infância e que esta passando pro filho...

JOANNA - e quando é a menina? é o contrario o que vai simbolizar do menino é o mais afeminado, que menino não chora. e a menina? o que pode? E tenho uma amiga que tinha uma preocupação com a filha porque a guria não gostava de boneca, queria só era saber de bola... ia uma loja de brinquedos e só escolhia bola, tinha um monte de brinquedo, de bonecas e ela só queria bolas. a minha amiga tinha uma preocupação, um medo do que seria com esta guria... e hoje não tem, ela é uma moça feita, a coisa mais linda, bem feminina, não tem nada disso... eu acho que não tem que se preocupar... era o gosto dela.

ELIANE - eu lembro que quando era pequena, eu adorava brincar de carrinho... chegava a fazer estradinhas no chão... Eu jogava bolita...

EDUARDO - eu acho que a gente vem muito ainda baseado naquele estereotipo histórico ainda de que homem tem que estar na rua, ser mulherengo, forte, meio sujo... porque muitos cuidados ainda são considerados como que não cabem ao homem. e a mulher naquele estereotipo de que ela tem que estar dentro de casa, ela tem que cuidar da família, que ela é fraca, de ser menina, limpinha, arrumadinha...

MADONA - mas os meninos de hoje, os adolescentes não. não são sujos, gostam de andar bem perfumados ate.

ELIANE- e aqueles pais que dizem: meu filho vai ser um pegador. vai pegar todas... ainda tem pai que fazem isso ai...

JOANNA - mas o meu guri que tem 16 anos o meu marido disse isso, bota quente meu filho!!! porque tinha umas gurias na volta dele e eu questionei que se fosse a filha, ele diria isso? ia dizer bota quente?!! ah, não com a minha filha não... minha filha é minha filha!!

LAURA - mas eu ate acho que algumas coisas tem que serem, não forçadas, mas tem que ser, principalmente pro menino... eu vejo assim que a grande maioria, não digo todos os casos, mas a grande maioria dos meninos que são criados com a avó, ou principalmente que os pais são muito ausentes, eles gostam de "jogar bolita no tapete" são casos assim que não são muito decididos...

MADONA - o que é jogar bolita no tapete?

LAURA - ser flor... não se decidiu ainda... é muito delicado... porque não da pra jogar bolita no tapete...

SIMONE - e outra coisa, o menino que vem já se demonstrando afeminado, que tem a tendência a ser menina, no caso, é muito mais rápido de deixar transparecer do que a menina. Até hoje, muitas mulheres e muitas meninas que nós pensamos que são mulheres, não são. são machorras...

JOANNA - mas muitos homens também parecem...

SIMONE - mulher esta muito mais enrustida do que homem...

ELIANE - a mulher age mais natural. o homem quando se decide que ficam, assumem... claro que tem uns que não assumem...

FRANCISCA - eu acho que ate mesmo pela nossa cultura... a mulher não pode demonstrar isso, porque o que se pensa é que a mulher é pra casar e é pra casar com o sexo oposto, nos colocaram isso...

SIMONE - aquela parte da higiene a mulher, de pintar cabelo, de fazer a unha, de se cuidar, normalmente tem na mulher, mesmo na machorra e no homem não tem...

PATRÍCIA - eu acho que a criança tem que ter o referencial masculino... porque o meu sobrinho convivia muito com mulher, a gente passava batom e ele queria passar também...

VALQUIRIA- isso que a Patrícia falou, eu concordo que tem varias crianças que a gente percebe que não tem o pai em casa ou que não tem a mãe... e a gente percebe características na escola desta parte... é aquele tipo de criança que quando esta no primeiro ano, por exemplo, só pinta de rosa, gosta de florzinha..é aquele menino assim, só que chega lá na terceira ou quarta serie, passou aquela fase e ele não vai ter problema nenhum...é diferente daquele que continua, que segue com aquilo ali e chega quarta, quinta, sexta série e que não muda, que já tem um jeito físico ate diferente.. bem diferente.

ALI - Eu quero pegar o gancho da Cléo que eu gostei muito, o gancho da cultura... vamos localizar isso, na nossa região, aqui em Bagé, como são vistos estes papeis do feminino e do masculino? Que cultura a gente tem sobre o que é o feminino e o que é o masculino?

SIMONE - o bajeense é bem rígido com isso... Homem é homem e mulher é mulher... e homem é bem macho...

FRANCISCA - e a mulher tem que ser virgem...

LAURA - eu não tenho problema com isso porque eu tenho um primo gay, tenho uma prima sapatão, que são irmãos... Ela na verdade é gilete, porque já saiu de casa pra morar com uma outra menina, daqui ha pouco voltou e apareceu grávida e tem uma filha linda hoje com dois anos. E ele também anda tanto no meio de mulher como no meio de homem... e eu não tenho nada contra e se ele chegar lá em casa com o namorado a gente trata bem, se chegar com uma namorada a gente trata bem também..... Eu canso de dizer pra minha mãe que tem muita preocupação quanto a isso em função da Duda gostar de futebol, eu sempre digo que se ela tiver que ser lésbica, se tiver que ser mulher ou se não for, pra mim vai ser a mesma sempre é indiferente... a preocupação é que ela sofra com estas escolhas...

ALICE - eu não tenho preconceito, mas eu penso que se eu tivesse uma filha que eu criei com tanto amor e carinho, sonhando com ela casar e ter os meus netos... será que eu vou aceitar...

LAURA - mas ter neto é uma questão de adoção neste caso...

PATRÍCIA - eu não sei, eu acho que eu não aceitaria...

SIMONE - eu acredito que eu aceitaria mas eu vivo num meio muito machista, que jamais aceitaria...

JOANNA - Na nossa cultura a mulher é que varre a casa, que cuida dos filhos, que se arruma se pinta e fica bem feminina... e o homem é o macho.. Deus livre um homem bixa...

VALQUIRIA - tem uma questão de poder ai também... Às vezes a gente diz que não é machista, mas ai de repente numa responsabilidade, num setor financeiro

de uma empresa, tem que ser um homem... por que tem que ser um homem? ai é uma questão de poder... as vezes a gente continua ainda colocando o poder na Mao do homem e se eximindo disso ou você assume uma função de muita responsabilidade, numa coisa assim e ai de repente você se escabela e chora...e não vai dar conta e não sei o que... e no fundo no fundo você se da uma desculpa porque você é mulher. então tem um poder ai introjetado, na cultura...

JOANNA - Mas é que o homem vai trabalha e volta e tá. e a mulher vai e trabalha e tem que cuidar dos filhos, cuidar da casa...ai de poder e de capacidade é uma coisa....mas se não tem que faça as coisas tem que cuidar...

ELIANE - hoje em questão ao trabalho, a mulher vem se igualando ao homem...

ALICE - e as coisas da casa, também elas tem que ser divididas... eu acho que a mulher tem uma força muito grande, porque ela trabalha, ela cuida da casa, ela cuida do filho e ela ainda é mulher, ela tem o marido...

SIMONE - eu não acho que é uma questão de se igualar ao homem, é uma questão de assumir a força que a mulher tem... nós somos multi tarefas, a nossa construção celular, de neurônios, toda ela é pra trabalhar, pra resistir muito mais. pra pensar num todo enquanto o homem pensa numa coisa só... por que o homem sempre foi tido como o mais forte? só pela força física. mas o ser humano não é feito só de força física... se nós formos pensar por isso, um homem consegue fazer 20 tarefas enquanto uma mulher consegue fazer 200 quase...tudo no mesmo período.. Então se isso ai for destinado como força física, o homem perde feio...

JOANNA- o jovem se assume e não tem esta de preconceito... aqui na faculdade tem duas meninas, de famílias bem de vida, que uma é bem homem e a outra é bem feminina.. esta bem feminina tem um namorado que é gay... pra família ela é bem feminina... pras famílias, quando eles saem, saem juntos e depois cada um vai com o seu namorado ou namorada... aparentemente, para as famílias, vão a almoços e jantares, saem... são namorados...

SIMONE - eu passei por uma situação onde o menino não engrossava a voz e os avós ignorantes diziam tanto para os pais quanto para os outros que este era bixa... bixinha, com vozinha de guria..

MADONA - eu sou mulher, mas eu tenho um pensamento um pouco masculino... eu numa relação, eu gosto que o cara que eu estou, que o cara seja bem feminino, tipo assim, tu estas fazendo amor e tu termina e eu não gosta do cara deitar e eu vim e ficar no braço dele, eu gosto de eu deitar ele se deitar no meu braço...o papel invertido.. sabe aquele casal que todo mundo diz que é estranho, que parece que esta trocado, eu sou assim eu gosto de homem assim, tu olha e parece que esta trocado...eu gosto bem deste papel masculino, sabe...eu desço do carro e carrego as sacolas, ah isso é coisa e homem, mas eu gosto disso, ai os caras gostam de fazer almoço, de limpar a casa e eu não gosto, me complementa...e eu sou diferente, nas minhas irmãs da pra ver no casal que o homem é ele e que a mulher é ela e nós fomos criadas todas do mesmo jeito...no meu caso, olham e perguntam quem é o homem e quem é a mulher aqui, heheh.

SIMONE - eu tenho muitas coisas parecidas com ela, de eu tomar o pulso da situação, de eu fazer de tal maneira,de eu ser o ativo e ter no outro o lado passivo...e eu atribuo a isso a criação,...porque eu sempre tive que me virar desde pequena. Talvez isso seja mais uma questão da personalidade do que de gênero... porque tem coisas que eu sei que eu gosto de fazer e de que não façam

para mim... Uma pela maneira de eu ter sido criada, fui criada só por mulheres, não fui criada com homens, só por mulheres e mulheres que iam pra roça, que pegavam na enxada, que trabalhavam de sol a sol, levantavam peso, carregavam cestos, saíam cedo da manhã, enquanto os homens, como já diziam na minha família, não prestavam nem pra pregar um prego... então isto é criação e mulher que era mulher tinha que se dar valor e pra ter valor tinha que ser forte, mulher fraca não é mulher...assim que eu fui criada...

JOANNA - No senso comum sempre se liga a cozinha a mulher e o homem a churrasqueira, embora meu marido e meus filhos cozinhem muito bem, tem um tempero que te digo...

ELIANE - eu trabalho manhã e tarde e estudo a noite, quando eu saio da escolinha meio dia, quem limpa a casa pra mim é o meu filho, quem faz o almoço quando o meu marido não pode fazer, é o meu filho... tem um sobrinho do meu marido que é gay, eu não sei se tem alguma coisa a ver porque ele foi uma criança que foi criada pela avó e só que ele foi muito rejeitado pela mãe e pelo pai...o pai dele é irmão do meu marido e ele sempre foi uma criança muito rejeitada.... hoje ele é assumido, é cabeleireiro, trabalha num salão... então assim, quando ele era pequeno, ele começou com umas manifestações assim estranhas, só que ele não usava roupa de mulher, ele não gostava de pegar pintura, maquiagem, mas ele tinha comportamentos estranhos... ele gostava de botar tecidos pelo corpo, brincava de desfilas, tinha um andar diferente, uma maneira de se expressar diferente... então aquilo dava pra perceber. Um dia eu comentei com o meu marido que ele tinha um jeito tão estranho, será que não perceberam. mas a minha sogra nunca pra ela percebeu...

ALI- o que o teu marido disse nesta hora?

ELIANE - ele ajudava a criar também, como o meu cunhado não era muito carinhoso, era uma pessoa brusca, fria, não dava atenção, não dava amor pro filho e se ele soubesse qualquer problema era capaz de matar o guri, de bater, de espancar, era daqueles que batia e a mãe dele também era outra que rejeitava... cada vez que o guri chegava perto e chamava de mãezinha ela dizia: - não me agarra praga... ela chamava assim... Então aquele comportamento foi se tornando, foi ficando diferente, ai ele começou a andar com outro primo que também é hoje assumido e dali eles começaram, andavam muito junto e eu sempre dizendo tem algo estranho ali e o meu marido dizia que eu estava enxergando demais, a mãe vai ficar braba contigo que tu estas falando coisa do guri... dito e feito, hoje ele tem um namorado, ele é assumido, o outro também e um outro da família também, tem três da família do meu marido que são, três e são..

ALI - e como a família deles reagiu?

ELIANE - tu vai fazer o que? hoje meu marido diz que se a opção sexual que ele escolheu pra ele foi esta, que ele viva a vida dele assim... eu não posso falar nada porque ele resolveu ter esta vida, então ele nunca fez nada pra me prejudicar, porque eu vou prejudicar ele agora... e ele conversa com o tio dele, ele vai lá em casa, ele é padrinho da minha filha e a minha filha adora ele, ele é um amor e ele trabalha super bem... Ele tentou na adolescência arrumar uma namorada, só que também foi estranho porque podia ser lindíssima a menina, ele sempre colocava um defeito... ele mandava ela se arrumar... a guria era linda, estava sempre bem vestida e bem arrumada... não comigo assim tu não sai... também foi só aquela...

MADONA - Bagé tem uma característica, é impressionante, bem interessante... por ser uma região, uma cidade de fronteira e ter toda uma característica cultural. agora nós estamos na semana farroupilha e a gente vê o que é a tradição e esta coisa cultural do gaúcho macho, o perfil do gaúcho macho e os casos que tem homossexualidade, tanto feminino como masculino são bem significativos... são grandes... o que tem de gaúcho macho desfilando que não é macho... em cidade do interior tem muito disso.

ELIANE - Não foi no ano passado, no desfile da semana farroupilha, um gaúcho vestido de gaúcho mas que desfilou com a bandeira dos gays apanhou tanto dos outros que saiu até na TV? Ele estava com a bandeira do movimento gay em Pelotas, ele apanhou de relho e em Pelotas...

JOANNA - mas aqui tu também vê, na noite tu vê, as gurias principalmente que andam de mãozinha... pela madrugada.

ELIANE - eu quando fazia magistério, lá no Justino tinha muita menina assim a noite, só que elas passavam lá no Justino de dia então nós fazíamos amizade com elas, porque nós não tínhamos aquele preconceito assim de não nos darmos com elas, muitas, tu olhava pra elas e eram uns homenzinhos... qualquer coisa que a gente fosse lá nós convidávamos elas até porque nós não tínhamos preconceito contra elas, então as vezes elas nos contavam que elas se vestiam, que elas iam para as festas assim como um homenzinho mesmo... e até elas são umas meninas que são bem bonitinhas, tu olhas assim e são uns homenzinhos escritos... Ai perguntei se as outras gurias não percebiam que elas eram meninas e elas responderam que não, que elas davam uma cervejinha para as outras e aí elas meio tontinhas ficavam com a gente e nem percebiam nada... elas ficam sem saber que são meninas...

SIMONE - meu marido trabalha com materiais para padaria e tem uma onde ele vende que tem uma funcionária que é macho, e ela se arruma tão bem que põe até algodão para fazer o volume das partes, coloca no meio das pernas e entra onde eles estão trabalhando se coçando, e pergunta: e aí? quantas nós vamos comer hoje? e eles ficam sem graça porque são cinco homens e sabem que é uma mulher... então eles começam a dar linha pra ver o que ela vai dizer e ela diz tudo o que um homem diz... "aquela eu peguei, aquela eu fiz e aconteci..." e a gente vai se chegando, vai abraçando, vai tocando e quando vê elas caem e aí eu já tracei...

EDUARDO- eu só acho que, é a minha opinião é que nascem indivíduos do sexo feminino e indivíduos do sexo masculino, a opção sexual é outra coisa, vai ser feita esta opção não sei com que influencia, não sei o que influencia, até acho que não é uma questão de família, por exemplo, meninos que são criados só com mulheres e não são, não tiveram a opção diferente do que tradicionalmente a gente espera...o que interessa é a pessoa ser feliz, se ela fizer uma opção por um lado ou por outro... desde que ela não faça mal para os outros e ela seja honesta pra ela e para os outros...

SIMONE - pena que o preconceito não pensa assim...

EDUARDO - mas as cabeças estão mudando, as mentalidades estão mudando, pelo menos eu espero isso...

SIMONE - eu tive depoimentos de pessoas bem próximas que disseram que preferiam que o filho fosse drogado ou que morresse ao invés de ser bixa...

VALQUIRIA - ai que está, neste ponto eu discordo de ti Eduardo porque assim, é claro que tu quer que a pessoa seja feliz e tal, mas eu acho que não é tão simples... e não é uma questão de preconceito, preconceito. Mas porque que é um preconceito, porque mexe com coisas muito fortes, muito arraigadas nas pessoas em todos nós.. isto é uma coisa histórica, mudam as estruturas de família, mudam costumes, fere convenções da sociedade e que não querem aceitar aquilo ali, esta nova opção.

FRANCISCA - desde Adão e Eva, Adão homem e Eva mulher

EDUARDO - tudo o que for diferente do que realmente tu esperas claro que vai chocar, vai chocar porque já é uma coisa arraigada, é uma coisa historicamente construída... eu dizer que não tenho preconceito seria uma hipomadonaia, mas eu procuro não ter... mas num certo momento tu tens e tu ages assim. Não que eu vou dizer que seja fácil, pois eu acredito que não seja fácil e fazer uma opção, ah, eu vou ser homossexual, vou ter preferência por homem, claro que não vai ser fácil, agora, eu acho que muito pior deve ser se a pessoa tem esta vontade e ficar enrustido, como se diz... deve ser muito mais difícil...

ALI - eu preciso que agora vocês justifiquem as escolhas das figuras que vocês recortaram sobre o masculino e o feminino...

EDUARDO E FRANCISCA - no masculino nós escolhemos, acho que representa bem a idéia de masculino e também quando eu fui criado me foi incutido esta idéia de que homem tem que ser bem, com característica bem masculina com uma cara bem forte, bem másculo, bem serio... quando eu era pequeno me diziam que homem não podia dar risada, se ficar de risadinha, se arreganhando, isso é coisa de mulher... o outro escolhido é de um corpo bem sarado, fazendo exercícios... E no feminino nós já de cara encontramos um espelho que representa a vaidade, a mulher se olhando no espelho e pra mim, por que foi me passado que características de mulher é ser vaidosa, gostar de se pintar, de estar bem vestida, seria uma característica bem de mulher...

REBECA E JOANNA- no masculino, um super homem, que é o estereótipo de homem, o que a gente aprendeu como figura masculina, tem corpo de homem, tem jeito de homem, é elegante, a maneira de se vestir que o homem tem... é desde quando a gente nasce, por exemplo, a Laura, a mãe que esta esperando um menino, já esta tudo idealizado, de rosa se for menina ou de azul para o menino... todo homem a gente sempre idealiza como homem mesmo, do jeito que a gente aprendeu o que é homem...

ALI - sim e mas e o que tu vê nestas figuras ai, quais são as características masculinas que tu vê?

REBECA - a força, o corpo, o perfil físico, aqui da pra demonstrar o culto aos órgãos masculinos, a maneira de sentar...

na mulher a gente observa a beleza, o cultivo da beleza, da vaidade, a delicadeza, a menina de rosa, a inteligência porque mulher é muito inteligente... e a Marina Silva que foi alfabetizada aos 16 anos e hoje é uma referencia no país... as meninas pequenas que tem fascínio pelo rosa, toda menina gosta do rosa tudo é rosa, a beleza e a maquiagem que toda mulher gosta, o perfume que toda mulher gosta de perfume e o casamento que, não posso dizer todas, mas a maioria deseja casar... tem o sonho de botar um vestido de noiva...

ALICE, MADONA E ELIANE- O nosso aqui apresenta a mulher moderna, a mulher executiva, o charme dela, a delicadeza, a sensualidade feminina, a gravidez que é a barriga e ser mãe que é o sonho de toda mulher, do casamento... para o homem aqui a característica é ele olhar pra bunda (a mulher também olha, diz Madona), a diversidade, um homem cozinhando, nos dias atuais nós temos um homem que também cozinha e aqui carinho, compreensão, sensibilidade... porque o homem pode ser macho mas pode ser sensível...as horas de sensibilidade, poucas, mas tem, principalmente quando convém...

SIMONE E VALQUIRIA - aqui também nós colocamos a força física para demonstrar o masculino, levantando peso e ostentando o próprio peito, a volúpia... aqui nesta figura, um pai que sonha com o filho sucessor, a maioria dos pais pensam que o filho tem que ficar no seu lugar, ocupar o seu espaço; geralmente são os homens que estão em volta de esportes radicais, desde aros, carros, motos, qualquer que seja o esporte, são eles que dão o início, nesta aqui, o que as gurias também falaram, não existe homem no mundo que não olhe a bunda de uma mulher, sentindo o sentimento de posse e por ultimo a política, porque nós estamos passando um problema sério na atualidade na política porque nós temos uma mulher na política e ela esta sendo ate taxada de burra, que não tem domínio porque é uma mulher (refere-se a governadora do RS, Yeda Crusius), se fosse homem, talvez não teriam tal posicionamento...

VALQUIRIA - aqui da mulher, a comida aqui, mas a gente estava pensando que não é só a mulher que faz isso, ha homens que cozinham, mas por muitos séculos foi a principal característica da mulher pilotar o fogão; aqui a mulher em evolução no sentido de se comprometer mais socialmente e de mostrar este trabalho social que faz; aqui a irmã Doroti, morta em defesa dos pequenos e também é uma características as vezes escondida da mulher, mas a mulher tem muito esta questão da solidariedade, da humanidade, do acolher, as vezes até se dá mal por causa disso, mas também tem muito destas questões ligadas a maternidade, eu acho; a questão da moda porque a mulher também esta sempre em busca de um corpo, através dos exercícios, das dietas e o cérebro que a gente achou todo coloridinho e nós colocamos assim: acho que hoje nós aqui e nós da dupla pensamos que a mulher ela é muito capaz e o cérebro é símbolo de inteligência, de raciocínio de capacidade e que, alem da questão materna humana, ela também é profissional e tem capacidade, ela vem crescendo, tendo mais espaço na sociedade... e além de tudo é um cérebro extremamente colorido, como toda mulher gosta.. de realizar o sonho da mulher misturado com as fantasias...por que além de tudo o que nós somos, nós ainda temos o direito de sonhar...

LAURA E PATRÍCIA - aqui nós vimos a figura masculina de um menino, aqui outro de azulzinho aqui um carro de formula 1 que lembra o masculino, a velocidade, o poder; um cavalo que lembra o lado mais selvagem, e este caminhão representa a força... e no feminino, nós colocamos figuras frágeis, um bebe com a cor rosa porque esta identifica sempre as meninas; uma flor que simboliza que todas as mulheres gostam de flor, que são românticas, delicadas; esta outra menina com o cabelinho arrumadinho tudo, porque menina sempre tem que estar alinhada, limpinha, perfeitinha; o beija-flor também que representa meiguice e uma mulher indiana que mostra a beleza e a submissão...

Bom, finalizando o nosso trabalho, vocês vão colocar o que se espera dos meninos e das meninas na escola, dentro da sala de aula e fora da sala de aula, preenchendo estes quadrinhos... que atitudes, comportamentos..

Boa noite pessoal e obrigado por tudo até aqui. Nos encontramos no próximo encontramos no próximo encontro...

TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL PRODUZIDO NO GRUPO

VANTAGENS DE HOMEM E MULHER

VALKIRIA

VALKIRIA

VANTAGENS DE SER HOMEM

VANTAGENS DE SER MULHER

Ainda hoje nossa sociedade valoriza mais o homem, seria, portanto vantagem ser homem:

É a única que pode carregar uma criança dentro de si

Na política
Enquanto administrador é mais respeitado

Possui maior percepção
Sensibilidade

É mais valorizado em profissões que envolvem questões matemáticas
Quanto à liberdade parece que ainda prevalece até mesmo uma obrigação de sair, etc...

É capaz de fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo

Possui, geralmente, maior força física

Sabe ser firme e carinhosa ao mesmo tempo

DESVANTAGENS

Geralmente coloca o afetivo em primeiro lugar

Tem dificuldade de perceber o entorno das situações

DESVANTAGENS

Há a exigência de que seja sempre forte, capaz, inteligente
Vê muito pelo ângulo da razão

Sempre precisa provar suas capacidades com muita ênfase

Por não conseguir separa afeto e razão muitas vezes tem dificuldade de resolver seus problemas

EDUARDO

EDUARDO

As vantagens de ser homem
Ser o ser dito dominante

AS VANTAGENS DE SER MULHER

Ter todas as vantagens que a cultura lhe propicia
Até pouco tempo atrás, ter as leis feitas por homens e claramente na grande maioria em prol dos seus prazeres.
Ser fisicamente mais forte.

DESVANTAGENS DE SER HOMEM

Não poder gerar seus filhos
Não poder chorar

PATRÍCIA

VANTAGENS DE SER MULHER

Sensível, vaidosa, meiga, sincera, romântica, sonhadora, lutadora, verdadeira, carinhosa,
Pode pintar cabelos, unhas e ninguém crítica

DESVANTAGENS

Trabalhar o dia inteiro e ter que cuidar da casa e dos filhos
Lavar roupas
Fazer comida

Poder gerar um filho
Poder fazer uso de produtos cosméticos para tornar-se mais bela
Poder usar de sua feminilidade para alcançar seus objetivos

DESVANTAGENS DE SER HOMEM

Ter que ser submissa ao homem
Ainda ter que aturar o preconceito por ser mulher

PATRÍCIA

VANTAGENS DE SER HOMEM

Forte
Pode ter mais de uma mulher e ninguém fala nada
Mente descaradamente
Tomar cerveja, encher a cara
Não precisa se depilar
Pode dirigir a vontade
Não gasta dinheiro em salão de beleza
Fica de perna para cima vendo tv.

DESVANTAGENS

Não pode chorar sempre quando tem vontade
Não pode pintar a unha sem ser criticado
Não pode ter filho

<p>ALICE</p> <p>VANTAGEM MULHER</p> <p>Sensibilidade Beleza Autonomia Independência Liberdade Amor (coração) Carinho Responsabilidade Romantismo Compreensão</p> <p>DESVANTAGEM</p> <p>Responsabilidade (casa, filhos, serviço, família) Força física Arrumar a casa</p>	<p>ALICE</p> <p>VANTAGEM HOMEM</p> <p>Independência Responsabilidade Liberdade Lazer Carinho Autonomia Amor (razão) Decisão Jogar futebol</p> <p>DESVANTAGEM</p> <p>Trabalhar para manter a família Arrumar o pátio</p> <p>-----</p>
<p>SIMONE</p> <p>VANTAGENS DE SER MULHER</p> <p>O direito aos nossos ideais O respeito A inteligência A sensibilidade A maleabilidade A vontade própria O direito a independência A força interior O direito a vida Dona do próprio destino Saber ter voz ativa Sexo com sentido</p>	<p>SIMONE</p> <p>DESVANTAGENS</p> <p>Ser muito depreciada em vários setores Não ter força física Ainda não ser valorizada como deveria, principalmente no lar</p>

<p>AS VANTAGENS DE SER HOMEM</p> <p>Sexo livre, sem sentimento Falar mal das mulheres quando está em uma rodinha só de homens Dizer palavrões e meter a mão na rua por não ter medo de apanhar da mulher que abusou. Não precisar, nem querer ajudar nas lidas de casa Poder usar a força física, não se importando muito com as conseqüências</p>	<p>AS DESVANTAGENS</p> <p>Andar somente de calças hehehehehe!! Não poder sentar com as pernas cruzadas Não poder usar os “neurônios” tão bem como as mulheres, somente os músculos.</p>
<p>JOANNA</p> <p>AS VANTAGENS DE SER MULHER</p> <p>Para mim as vantagens de ser mulher e em 1º lugar ser mãe, ser vaidosa, ser e ter independência não só no trabalho, mas com atitudes. Para muitas mulheres a vida não muda nunca talvez elas tenham medo ou não queiram mudar. A mulher é muito forte conquistou e irá conquistar muitas coisas.</p> <p>DESVANTAGENS</p> <p>Ter que fazer as coisas em um padrão e comportar-se de uma maneira que não fique feio, para não se expor a comentários de outros.</p>	<p>JOANNA</p> <p>AS VANTAGENS DE SER HOMEM</p> <p>Entrar em qualquer lugar sem que falem alguma coisa contra Sentar-se de qualquer maneira</p> <p>DESVANTAGENS</p> <p>Não poder ter filhos Ter o corpo cheio de pêlos.</p>
<p>-----</p> <p>REBECA</p> <p>VANTAGENS DE SER MULHER</p> <p>Não ter a obrigação (quando casados) de manter as despesas da família</p>	<p>-----</p> <p>REBECA</p> <p>VANTAGENS DE SER HOMEM</p> <p>Não ter a obrigação de manter a organização da casa</p>

Não realiza trabalhos pesados
Usar maquiagem
Poder ter filhos biológicos
Amamentar uma criança

DESVANTAGENS

Obrigações domésticas
Não poder sair a hora que quiser
(caso seja muito tarde) sem receber críticas
Além de trabalhar fora, chegar em casa e continuar a jornada de trabalho
Não poder engordar, sem receber críticas
Não ter direito de ficar irritada durante a TPM , sem receber críticas por parte do marido.

MADONA

VANTAGENS DE SER MULHER

Atenção em 1º lugar
Compreensão
Visão mais aberta
Feminilidade
Vaidade (corpo, rosto, cabelo)
Maquiagem
Rapidez para fazer algo e escutar tudo ao mesmo tempo
Cuidado com as pessoas
Sensualidade no andar, falar, vestir
Não tem frescura
Tem poucos amigos, atitude

DESVANTAGENS

Fofoqueira
Invejosa
Maliciosa

Poder sair a qualquer hora e não receber críticas por isso
Passar o dia inteiro fora e não ter obrigações ao chegar em casa

DESVANTAGENS

Não pode ser desempregado
Tem a obrigação de saber dirigir
Não pode sentir dor
Não poder demonstrar fraqueza
Ter a obrigação de manter as despesas da casa
Ser insensível

MADONA

VANTAGENS DE SER HOMEM

Força/forte
Gozar
Voz sensual
Não tem frescura
Mais objetivo
Mais claro
Sensualidade no andar, falar
Faz amigos verdadeiros
atitude

DESVANTAGENS

Relaxado
Malicioso
Descuidado com tudo e todos

ELIANE

VANTAGENS DE SER MULHER

Independente
Segura
Feminina
Inteligente
Culta
Otimista
Firme
Vaidosa
Usar maquiagem

DESVANTAGENS

ciúmes

ELIANE

VANTAGENS DE SER HOMEM

Ser forte
Andar sem camisa
Andar com várias mulheres
Não sentir dores de parto

DESVANTAGENS

Relaxado
Falta de organização

FRANCISCA

VANTAGENS DE SER MULHER

Por ser valorizada
Por ser geradora de vidas
Por ter oportunidades de opinar e participar da política
A mulher conquistando seu espaço

DESVANTAGENS

A desvantagem de ainda existir certos preconceitos contra a mulher

FRANCISCA

VANTAGENS DE SER HOMEM

Em certos lugares são mais valorizados que a mulher
Cargos públicos ou de altos escalões geralmente são dos homens
O homem como dono da situação

DESVANTAGENS

Não poder demonstrar momentos de fraqueza.
Não chorar em público

FIGURAS ELEITAS PELAS DUPLAS:



REBECA E JOANNA



ALICE, ELIANE E MADONNA



PATRÍCIA E LAURA



PATRÍCIA E LAURA



EDUARDO E FRANCISCA



EDUARDO E FRANCISCA



VALQUIRIA E SIMONE



1 brigadeiro (30g) = 96 calorias =
15 minutos de musculação intensa*
* Considerando uma pessoa de 50 kg

RegeColor

Comportamento

UMA COR SÓ

A magazine cover featuring a woman's face with butterflies on her hair. The text "RegeColor" is at the top, "Comportamento" is below it, and "UMA COR SÓ" is in large bold letters at the bottom.

VALQUIRIA E SIMONE



VALQUIRIA E SIMONE



VALQUIRIA E SIMONE



ALICE, ELIANE E MADONA



ENCONTRO 3 - 22/09/2009

ALI - hoje, dando sequencia ao nossa trabalho, nós vamos trabalhar a questão da sexualidade voltada também para meio musical, tentando fazer um levantamento deste perfil de homem que se tem e de mulher na região da campanha e apartir destes referenciais é que se constituem alguns referenciais da educação para sexualidade, nós vamos analisar hoje duas letras de música nativistas que retratam um pouco deste modo de ser gaúcho.. Uma delas é de um autor bageense, que é o cantor Leonardo, são duas músicas nativistas e eu acredito que pra Rebeca que não é daqui da região, isto é um folclore regional e talvez tenha alguns termos assim meio estranhos pra ti... num primeiro momento vocês verão uma música chamada, que todos devem conhecer que é a música chamada "Morocha" interpretada pelo cantor nativista Davi Menezes e a resposta de um cantor nascido em Bagé que é a "morocha, não". Eu trouxe pra nós fazermos uma análise das duas letras e então a gente identificar que perfil de mulher e de homem tem dentro destas letras, como a gente consegue elencar as características listadas do feminino e do masculino ou do homem e da mulher, pela letra desta música que retrata um pouco da nossa cultura, desta cultura regional.

Então vamos lá...

ESCUTAMOS AS MÚSICAS...

MOROCHA – Davi Menezes

Não vem morocha, te floreando toda

Que eu não sou manso e esparramo as garras

Nasci no inferno, me criei no mato

E só carrapato, é que em mim se agarra

Tu te aprochegas, reboleando os quarto

Trocando orelha, meu instinto rincha

E eu já me paro, todo embodocado

Que nem matungo, quando aperta a cincha

(Aprendi a domar amanunciando égua

E para as mulheres vale as mesmas regras

Animal, te para sou lá do rincão Bis

Mulher pra mim é como redomão

Maneador nas patas e pelego na cara

Crinuda velha, não escolha o lado

Nos meus arreios não há quem peliche

Tu inchas o lombo, te encaroço a laço

Boto os cachorros e por mim que abiche
Não te boleias que o cabresto é forte

O palanque é grosso senta e te arrepende

Sou carinhoso, mas incompreendido

E pra o teu bem, vê se tu me entendes

Não vem morocha, te floreando toda

Que eu não sou manso e esparramo as garras

Nasci no inferno, me criei no mato

E só carrapato, é que em mim se agarra
Tu te aprochegas, reboleando os quarto

Trocando orelha, meu instinto rincha

E eu já me paro, todo embodocado

Que nem matungo, quando aperta a cincha

(Aprendi a domar amanunciando égua

E para as mulher vale as mesmas regras

Animal, te para sou lá do rincão Bis

Mulher pra mim é como redomão

Maneador nas patas e pelego na cara
Crinuda velha, não escolha o lado

Nos meus arreios não há quem peliche

Tu inchas o lombo, te encaroço a laço

Boto os cachorros e por mim que abiche
Não te boleias que o cabresto é forte

O palanque é grosso senta e te arrepende

Sou carinhoso, mas incompreendido

E pra o teu bem, vê se tu me entendes

Não vem morocha, te floreando toda

Que eu não sou manso

e esparramo as garras
Nasci no inferno, me criei no mato

E só carrapato, é que em mim se agarra
Tu te aprochegas, reboleando os quarto

Trocando orelha, meu instinto rincha

E eu já me paro, todo embodocado

Que nem matungo, quando aperta a cincha

(Aprendi a domar amanunciando égua

E para as mulheres vale as mesmas regras

Animal, te para sou lá do rincão Bis

Mulher pra mim é como redomão

Maneador nas patas e pelego na cara
Crinuda velha, não escolha o lado

Nos meus arreios não há quem peliche

Tu inchas o lombo, te encaroço a laço

Boto os cachorros e por mim que abiche
Não te boleias que o cabresto é forte

O palanque é grosso senta e te arrepende

Sou carinhoso, mas incompreendido

E pra o teu bem, vê se tu me entendes

MOROCHA, NÃO!

Composição: Leonardo

Bugio que grita no mato,
Quer chumbo diz o ditado,
Ouvi um cuera largado,
Gritando em uma canção.
Que as regras prum ser humano,
É a mesma dos animais,
Que trata quem nem baguais,

Maneando patas e mãos.
Decerto é um desses cueras,

criado pelas barrancas,

Manunciador de potrancas,

Sem freio no linguajar.
Não aprendeu que um gaúcho,

Não faz da prenda um capacho,

E que os deveres de um macho,

É proteger e amar.
Morocha não, respeito sim,

mulher é tudo, vida e amor,

Quem não gostar que fique assim,

grosso, machista e barranqueador.
Invés de usar um pelêgo,

Use o arreio ternura

enlace pela cintura

jogue fora o maneador
Só mesmo um bicho do mato

criado pelas macegas

pode tratar como égua

quem nos dá vida e amor.
Decerto é um desses cueras,

criado pelas barrancas,

Manunciador de potrancas,

Sem freio no linguajar.
Não aprendeu que um gaúcho,

Não faz da prenda um capacho,

E que os deveres de um macho,

É proteger e amar.

Morocho não, respeito sim,

mulher é tudo, vida e amor,

Quem não gostar que fique assim,

grosso, machista e barranqueador

EDUARDO - Qual é a daqui de Bagé, do autor daqui?

ALI- A morocha não, do cantor Leonardo

MADONNA - o que é morocha?

ALI - tem a tradução do termo aqui.. quer dizer moça morena, rapariga da campanha.... alguns termos eu tentei colocar aqui, mas talvez alguns outros nós tenhamos que buscar...

ELIANE- mas eu to impressionada com esta forma de chamar a mulher de animal...

ALI - mas tu nunca tina lido a letra desta música?

ELIANE - não... nunca tinha visto, mas achei um absurdo!!

SIMONE - mas olha aqui gente: crinuda velha, não escolho o lado... mas isto é uma história que retrata uma realidade, de algum lugar o autor deve ter tirado...

EDUARDO - E só carrapato é que em mim se agarra...

JOANNA - por isso que dizem que: "homem sem guampa é um animal desarmado", sabe que este ditado é lá do norte eu acho...

MADONNA - Estas letras perto do que dizem as letras de funk, são bem mais bonitas.. pelo amor de Deus, as outras são bem mais vulgares... perto do que são aquelas, isto aqui não é nada..

SIMONE - isto aqui retrata a tradição do gaúcho...

EDUARDO - eu sei que tem uma que dizia: "tira, baixa a calcinha"...

JOANNA - e as crianças como gravam e gostam...

MADONNA - não só as crianças, os adultos também, eu acho uma bagaçada!!!

ALI - Agora, no verso das letras vocês coloquem as impressões de vocês quanto ao papel de mulher e de homem na primeira e na segunda letra, podem traçar

uma coluna e daí vocês registrem... características de homem e de mulher na primeira e na segunda.. identifica como é a mulher na primeira e como é a mulher na segunda... como é o homem na primeira e o homem na segunda...

MADONNA - pra mim ele está chamando a mulher de assanhada: "não vem morocha te afloreando não", "eu não sou manso" eu não sou brocha... Agora é bem diferente uma letra da outra, completamente diferente, é o contrário.

ALI - o que eu quero de vocês agora, que a gente analise em que momento a nossa cultura hoje, o que nós trabalhamos nas nossas escolas com as crianças, com os modelos e com as identidades de homem e de mulher se assemelham ao que diz a música. Vocês perceberam que as músicas, as duas, elas apresentam um perfil e o que que hoje nós estamos ensinando nas escolas? em que momento nós nos assemelhamos mais a um ou a outro, que imagem é esta de homem e de mulher que a gente está ensinando aqui em bagé para as nossas crianças e adolescentes... o que vocês percebem disso nas escolas... qual o perfil que a gente convive com as crianças nas escolas...

MADONNA - Eu acho que, pelo menos nos estágios que eu fiz, que tentam passar esta imagem da mulher ser direitinha, esta visão tradicional, de guriasinha comportadinha...

LAURA - eu até acho que tem muito destes palavriados aqui da morocha, principalmente os meninos quando vão falar com as meninas tratam assim, geralmente, nas escolas onde eu trabalhei tinha muito disso, de tratar mais como morocha do que como morocha, não... e isso é uma identidade cultural, ou seja, o perfil que a gente tem, a imagem que a gente tem de homem, a gente educa o menino, desde pequeno para que ele seja o macho, não necessariamente o bagual, mas que ele tenha o perfil dele de macho, ou seja mulher tem que ser tratada assim, assim e assim...

JOANNA- rédea curta....

MADONNA- por isso que nas escolas, por exemplo, que hoje não separam mais as brincadeiras masculinas e femininas, o palavriado, este não mudou... a gente escuta muito mais este da morocha, nas brincadeiras de guri e de guria, na hora que tu vai falar, diz: ah, aquele ali é viado, aquele ali é isso.... na escolinha que eu fiz os estágios, tem este palavriado grosseiro aí tem entre a diretora e a supervisora e esta coisa bem estúpida em relação aos alunos, não é esta coisa delicadinha de achar...

PATRÍCIA - mulher não se bate nem com uma flor...

MADONNA - é... tem mais é que apanhar mesmo, isto é falta de relho, é pra tu aprender... é assim...

PATRÍCIA - mas eu acho que isso vem mais de casa, eu acho que nas escolas falta trabalhar isso ao meu ver, porque nos estágios também que eu fiz, eu via que esta cultura, eu acho que vem de casa e a escola não está preparada ou não tem projeto pra trabalhar isso...

JOANNA - vem do meio

PATRÍCIA - pelo que eu senti, nas escolas que eu fiz, é assim... os professores não se envolvem muito... eles tem até medo de se envolver... se da alguma coisa...

JOANNA - Até num dos estagios que eu fiz uma vez, até comentei em aula... ele era muito agressivo, ele destruia todo o material dos colegas, ele nao fazia nada em aula, ele comia a merenda dos outros, ele fazia horrores, se atirava no chão... e eu só na observação, ai eu perguntei se não chamavam a mãe dele? - Capaz, eu ja tenho 30 anos de magisterio, estou quase me aposentando... vou me incomodar com a SMED... porque eles tem medo dos pais de reclamar na smed, de serem chamados...

PATRÍCIA - eu acho que nessa nossa cultura que somos acostumados desde pequenos, que mulher tem que ser assim, mulher tem que ser submissa ao homem muitas vezes, isso que vem desde os nossos pais, assim pelo o que eu vejo.. lá em casa era o meu pai que mandava e minha mae era submissa... acho que vem isso e nós nos acostumamos tanto, que é dificil tu ter aquele olhar, até de professor tipo: não, não trata o colega assim... acho até que vai ficando normal aquilo... como eu te digo, eu acho que muitas vezes as escolas não se envolvem... esta cultura ja esta tão impregnada, esta tão assim.... talvez em algumas escolas façam, acredito... mas das que eu tive experiencia, não vi...

LAURA - das escolas que eu tive, duas até eu não via muito, mas numa delas tinha bastante, os meninos bem machistas, o tratamento das meninas... eles não tratavam nunca as gurias, com delicadeza, com licença... era "sai daqui egua, sai daqui animal", ... estas coisas assim...

VALQUIRIA - eu não consigo perceber isso, não sei se la na escola eles sao menores, é só até a 4ª série, mas eu nao consigo ver, talvez com os maiores se perceba mais, mas este palavriado assim... não tem, acho que é o meio também... teve uma situação que eu lembro de um pai de uma menina que não queria que ela sentasse junto com um menino e de um poutro que não queria que o filho ficasse com as meninas.. queria que sentasse separado, mas assim, um ou dois casos no máximo.. e no palavriado a gente não tem este problema... quanto as atitudes de agressividade, hoje as alunas tambem são agressivas, entao quase sempre tem algum fundo mas as meninas estao agressivas, não são só os meninos...Olha a gente tem uma pequenininha de 4, 5 anos que não interessa se os outros são da 3ª ou 4ª serie, ela se enfurece, vai lá e dá uns tapões.. sabe, entao é uma coisa assim... Ai não sei se dá pra dizer que é uma coisa cultural dos meninos, mas talvez seja porque é uma situação de agressividade em geral... e uma outra coisa que eu vejo que esta mudando um pouco esta questão, é que muitos dos pais hoje não sao mais pai e mãe... entao assim, muitas crianças moram só com a mae, ou muitas moram com a avó... entao acho que isso muda um pouco, porque queira ou não queira, a mulher tem que tomar conta de tudo e ela nao aceita mais ser mandada... e isso se reverte dentro da escola, é diferente e isso muda os criterios da gente avaliar... porque se nao tem um homem dentro de casa, nao tem como tu avaliar por este criterio... porque entao é a mulher que toma a decisão das coisas, a direção de tudo, que vai produzir...

SIMONE- em 2007, no Justino mesmo, foi feita uma pesquisa por dois anos consecutivos que as gurias tinham mais brigas no meio da rua do que os guris... eles não conseguiam entender o por que que as brigas delas já não era mais os puxões de cabelo nem pontapé na bunda, era soco de mão fechada, rasteira e pedra...a violência que elas estavam já não era mais características da mulher, já era característica de guri de rua, porque guri de rua é que briga de soco, de mão fechada, de pedra, coisa de homem... elas se armavam na frente da escola de pedra tanto que quebraram vários vidros na frente da escola...

ALI - E que conclusão a pesquisa chegou?

SIMONE- que a violência não estava só na escola, que a violência estava muito mais dentro de casa, devido a separação das famílias e a falta do pai... porque na hora do pega pra capar, a presença masculina, não que fosse o pai violento, mas que fosse: só um pouquinho, tu é menina, isso aí fica ruim... não é só a mãe que tem que dizer isso... e aí foram tomadas várias atitudes para as gurias pararem com isso e várias saíram da escola, tiveram que ser retiradas da escola... foram transferidas pra outras escolas, porque era como se estivesse se formando uma gangue e bem ruim...de noite eles achavam que iam ter que fechar a escola por causa disso aí..

ALI - mas escola dizer que isso acontece pela ausência do pai, reforça o que?

ALAIDES - reforça o machismo....

LAURA - eu até acho que não é tanto pela falta do pai, como pela mãe dizer assim: tu não traz desaforo pra casa...se tu levou, tu tens que bater... eu quando era criança, a mãe dizia assim: se tu chegar do colégio e souber que tu apanhou, tu não bate... porque se eu souber que tu bateu, tu vai apanhar de novo... eu fui criada pra ser submissa, eu tinha uma raiva..

SIMONE - eu era o contrário, se eu chegasse em casa chorando, aí que eu apanhava..

LAURA - hoje eu vejo ao contrário... se te baterem tu bate... não bate tu, mas se te baterem tu bate!!

ALICE - Eu falo pras minhas crianças que só quem pode bater em vocês é o papai e a mãe, mais ninguém, para os pequeninhos...

LAURA - mas aí que está... se um colega bate, tu vai lá dizer bate?

ALICE - não, é o que eu acabei de falar, ninguém pode bater, todo mundo é amiguinho... só o pai e a mãe que podem bater...

LAURA - os pais hoje já educam pra não levar desaforo pra casa.....

EDUARDO - isso hoje é uma questão muito difícil, porque em certo ponto, tu não quer que um filho teu fique apanhando, que ele não chegue machucado em casa, que ele quebre a cara... mas de repente tu também está estimulando a violência ao dizer que ele tem que bater...

SIMONE - é uma orientação do pai para o filho, da mãe para o filho: tu não precisa bater, mas tu não pode deixar de te defender... tu não pode ser submisso...porque depois o que que vai ter, sempre os fortes e os fracos... então é assim, tu não

precisa bater, não precisa instigar uma briga, tu provocar uma pessoa e já sair dando porrada pra tudo que é lado, mas tu não precisa, ser saco de pancada...

ELIANE - olha, eu já vi uma briga de menina com menino, onde o menino tomou pau... ele provocou ela porque ela tinha um jeitinho estranho..porque ela tinha um jeitinho de menino e ela entrou no banheiro masculino pegou e deu uma surra nele..foi expulsa da escola...

JOANNA- eu tenho uma amiga que ela é bem feminina e ela pegava os guris, os guris que brigavam com os irmãos dela e ela é que batia... e ela era bem feminina...e a mãe dela dizia: que vergonha, eu fui chamada lá na escola por causa das tuas brigas..

SIMONE- eu sempre me defendia... até do meu irmão.... e aí minha mãe nos amarrava de costas um para o outro até fazermos as pazes.. pro meu irmão, mulher tinha que levar porrada e eu cansei de cagar ele a pau.. e se tivesse outro por perto, levava junto..

PATRÍCIA- eu sempre apanhei, boca aberta...

ELIANE - eu apanhei de uma na escola... há uns dois anos atrás... havia um menino e menina que sempre brigavam... e uma mãe entrou na escola pra bater num aluno porque o menino tinha batido na filha dela, ela invadiu uma escola do município. Eles tinham uma mania de brigar, passavam brigando, eles já eram adolescentes, era 3ª série mas eles eram grandes... e um dia eles brigaram e ela deu um tapa nela.. no outro dia chega a mãe e entrou na escola, ela tinha acesso a tudo, ela foi direto a sala e foi dar no menino e eu quando vi aquilo, me meti na frente e aí apanhei pra não deixar ela bater e daí deu uma confusão, chamaram a brigada... então eu apanhei, deu uma confusão... depois ela foi me pedir desculpas porque não tinha intenção de me bater, que ela queria bater no menino... mas como é que vai bater num menor, não é teu filho...

SIMONE - mas na hora do sangue quente, pra defender o seu filho... é complicado isso aí...

ALI - Bom pessoal, nós precisamos retomar o assunto o nosso assunto inicial... agora vocês peguem a folha e dividam em duas colunas... e escrevam o máximo de coisas sobre as vantagens de ser mulher e as vantagens de ser homem. Sempre analisem a cultura local... na nossa sociedade, na nossa cidade, como as pessoas enxergam o papel da mulher e o papel do homem...

JOANNA- é muito melhor ser mulher.. se eu voltar em outra encarnação, quero ser mulher de novo, mas daí com outra cabeça....

ALICE - é muito mais fácil falar das vantagens de ser mulher do que das desvantagens...

REBECA - as vantagens que eu vejo das mulheres daqui em relação as de Salvador, que as daqui tem mais autonomia, são mais independentes, as de lá são mais submissas, mais donas de casa, as mulheres aqui saem mais pro trabalho.. dirigir, lá você não vê tanto.. a questão da independência financeira também.. a maioria prefere dizer que não gosta de trabalhar fora, que prefere ser dona de casa...

ALI - é bem isso que eu quero saber, a questão cultural, quando eu me proponho a discutir a educação para a sexualidade na região da campanha, eu quero levantar justamente isso, quais são os valores que a gente tem, como a gente constrói os nossos referenciais.. a Rebeca está colocando uma situação daqui e da Bahia... se nós pegarmos uma situação daqui e do norte do estado já tem muita diferença, porque a região da fronteira tem uma característica peculiar muito mais acentuada, em função desta, não sei se chamamos tradição ou esta coisa do folclore gaúcho.

SIMONE - por exemplo, eu não sou daqui, não fui criada aqui... mas eu sou gaúcho... mas tem outras coisas pra quem mora lá no outro lado do estado que são diferentes daqui de cá...

MADONNA - Acho que a melhor vantagem de ser homem é na hora de fazer xixi, principalmente no banheiro ou em festas, onde o banheiro feminino é sempre lotado, sempre tem filas... é um caos... e a gente vai no banheiro e sempre fica se olhando no espelho...

ELIANE - tu queres as vantagens de ser homem e as desvantagens... e depois as vantagens de ser mulher e as desvantagens....

SIMONE - mas como é que eu vou saber quais são as vantagens de ser homem?!

MADONNA - imagina só, as vantagens, o homem sempre é mais forte, vai ter mais força...

ELIANE - nem sempre.. olha só, quem vai viajar agora para os EUA pro campeonato de peso... a Jane (referem-se a Jane... campeã mundial de levantamento de pesos por duas vezes e que é de Bagé)

EDUARDO - ela era minha colega, nós estudamos muitas vezes juntos e quantas vezes eu tomei pau várias da Jane, heheh

JOANNA - e coitada ela é tão humilde...

EDUARDO - sempre foi... tu precisava ver...

SIMONE - e o pior que fora esta questão do levantamento de pesos, ela é uma pessoa que mal abre a boca..mal fala... não tem explicação do quanto delicada ela é...

ELIANE - eu só fiz a da mulher, do homem eu não consigo fazer...

ALI - no senso comum, por que é bom ser homem?

SIMONE - pode andar se coçando no meio da rua....

JOANNA - todos fazem isso mas no meio da rua não... isso é vulgar...

SIMONE - ah não, claro que fazem, todos fazem...

ALICE - ah, tem aquelas mulheres que puxam a calcinha da bunda no meio da rua..

JOANNA- eu discordo de ti, nem todos... mas tem homens vulgares e mulheres vulgares...mas nem todo mundo é igual...

ELIANE - isso não é questão de vulgarismo... é mania..

JOANNA - isso é uma questão de educação...

SIMONE - então são aleijados, porque todos tem os documentos e todos mexem...os machos fazem..

VALQUIRIA - homem adora se achar...

ELIANE - uma vantagem de ser homem é poder andar sem camisa na rua...

PATRÍCIA - olha o que eu coloquei... pode ter mais de uma mulher e ninguém fala nada...

SIMONE - falar mal de uma mulher quando estão numa rodinha só de homens..

ELIANE - vai uma mulher andar sem camisa na rua pra tu ver... prendem por atentado ao pudor..

ALICE - e uma microssaia.. ou shortinho curtinho na rua??vão dizer que é da zona..

SIMONE - uma das desvantagens dos homens é não poder cruzar as pernas bem juntinhos..heheh

MADONNA - eu já fiz regressões a vidas passadas e eu sei que já fui varios homens em outras vidas, então eu sei como um homem se sente...

PATRÍCIA - ah, eu queria saber...

MADONNA- já fui homem e mulher, muitas vezes...o estilo de vida é meio parecido... só muda o sexo, o resto, pai, mãe, família, quase tudo são os mesmo...

JOANNA- tem pessoas que se envolvem e as vezes descobrem muitas coisas que acontecem... se tu é rejeitada quando a tua mãe estava grávida de ti...

....

JOANNA - homem pode ir a boate sozinho...

MADONNA - mas mulher também pode, em Porto Alegre tem boates só pra mulher.aliás, despedida de solteiro, é praxe as mulheres fazerem nestes lugares..

JOANNA- ah, pois é...mas em Porto Alegre... só pra mulher ir... pra ver os homens dançando..

SIMONE - Em Porto Alegre isso é uma coisa normal... isso de não poder ir, é uma coisa daqui, da região...isso é normal, depende da cultura de cada um...

PATRÍCIA - estou pensando nas desvantagens de ser mulher... acho que a questão do sexo é uma delas..

JOANNA- mulher faz sexo por amor, eu acho...e homem pra outras coisas, só pra transar...

MADONNA - os dois buscam a mesma coisa... só que um busca um pra chegar ao outro..

SIMONE - uma coisa que eu não sei se é real, é se o homem consegue viver sem sexo, isso eu não sei até que ponto isso é real, é verdade... há a virilidade, o machismo, a essência masculina, mas na realidade, fisiologicamente falando, fisicamente, a constituição de todo corpo, tanto mulher ou homem, necessita??!!

Eu acredito que não... porque desde que nasce, ele homenageia o membro e se aquilo ali não existe, ele não se sente o máximo...mas se realmente necessita.... na verdade ele pode viver sem sexo sim, a cultura é que não deixa.

MADONNA - Eu acho que não... pensa em ti adolescente... com um cara de amasso... tu não deixa transparecer nada, só se tu falar, mas o cara não tem como esconder, tu sente na barriga ali... uma mulher que fica uma no sem transar, ela aguenta e não aparece nada, se for um cara vai viver assim (faz o gesto de um homem escondendo o genital com as mãos)...

ALI - pessoal, vamos retomar aqui... Eduardo: escolhe uma das vantagens e uma desvantagem de ser homem e comenta pra nós

EDUARDO - uma vantagem em ser homem? ser homem!!! culturalmente ainda é dominante, enquanto a sociedade ainda é feita e pensada pelo homem, dirigida para o homem....estamos mudando, mas ainda não é assim?! na sua grande maioria tudo é feito pelos homens e direcionado ao universo masculino...

ALI - uma desvantagem de ser homem?

EDUARDO- a gestação...

FRANCISCA - posso falar?? a vantagem da mulher é que nós somos geradoras de filhos..

ALI - E a desvantagem?

FRANCISCA - a desvantagem é que existem certos preconceitos com a mulher.

REBECA - a vantagem da mulher além da maternidade, é não ter a obrigação de manter o sustento da casa e ai eu coloquei como desvantagem para o homem ter a obrigação de manter a casa. A desvantagem da mulher que eu coloquei é além de trabalhar fora, ainda ter que chegar em casa e ter que fazer o serviço... A vantagem de ser homem é não ter a obrigação de manter a organização da casa... e a desvantagem é nunca ser....??????????

SIMONE - as vantagens: ter direito a independencia e as desvantagens ainda não ser valorizada como deveria, principalmente no lar.. é só ela que tem que cuidar da casa, só ela que tem que lavar roupa, é só ela que tem que fazer isso, dá pra contar nos dedos quem ajuda e quem pode trocar assim serviços pra não sobrecarregar... tu trabalha fora, tu é dona do lar, tu é mae de filhos e tu tem que fazer aquilo constante, sem parar independente de dor de cansaço. As vantagens de ser homem, ai eu ironizei bastante aqui, mas geralmente quando esta numa rodinha só de homem, eles gostam de ficar, quando veem as mulheres passando, fofocando da vida das mulheres, eles são bem piores do que as mulheres... homem quando dá pra ser fofoqueiro e falar, nao tem um que nao falae mal das mulheres em geral... e as desvantagens: não boter usar os neuronios tão bem como as mulheres...

PATRÍCIA - Vantagem da mulher: tu pode cortar o cabelo e as unhas sem ser criticada e desvantagem é ter que lavar roupa, fazer comida, estas coisas...Vantagem de ser homem: pode tomar cerveja a vontade e ninguem fala nada e desvantagem, não pode chorar sempre que tem vontade, normalmente eles choram escondido...

ALICE- a vantagem da mulher é a sensibilidade, ela pode chorar, ela pode gritar, ela pode espernear... ela pode chorar vendo um filme, ela pode chorar quando esta com vontade de chorar... o homem tem a independencia, o que ele fizer, ah o homem pode, mulher não... e a desvantagem da mulher é a responsabilidade que tem com filho, marido, comida, casa, serviço.. e o homem tem que trabalhar para manter a familia, que isso é responsabilidade mais do homem... a mulher trabalha, mas é mais pra ela... o homem não, é pra casa...

VALQUIRIA - A vantagem dos homens é que ainda hoje é mais valorizado em questões administrativas, principalmente no que envolve as questões lógico-matemática, de valores. Desvantagens, a exigencia que seja sempre forte, capaz, inteligente. Vantagens de ser mulher, é a única que pode carregar uma criança dentro de si, além da percepção e da sensibilidade e as desvantagens é que sempre precisa provar suas capacidades com muita enfase...

SIMONE - ainda mais quando reune, quando ela tem bons atributos, e é inteligente... vale muito mais o ela esta la por tal e tal coisa, nao esta la por inteligencia, o que é um preconceito...

PATRÍCIA - ela sentou no colinho do chefe, heheheh

ELIANE- a vantagem de ser mulher é que a mulher pode usar maquiagem e alguns homens tambem podem mas... a desvantagem da mulher muitas vezes é o ciume, as mulheres tem uma tendencia a terem um pouquinho a mais de ciumes. A vantagem de ser homem o que eu acho é que eles tem uma grande vantagem em não sentir as dores do parto e isso ai é uma grande vantagem que eles tem... e a desvantagem do homem é o relaxamento, relaxamento nas coisas da casa, não adianta nada tu ter dois homens em casa, seja marido, seja filho, se ninguem te ajudar... não é pro corpo em si, é sem organização...

MADONNA - a vantagem de ser mulher é que a mulher consegue fazer tudo ao mesmo tempo, consegue caminhar, falar, fazer, cozinhar... e a desvantagem que eu coloquei é que a mulher é muito fofoqueira, homem quando da pra ser fofoqueiro, é, mas a muulher tambem é...vantagens de ser homem, é que homem faz muito amigo, é mais amigo do que a mulher. A mulher se uma vai la e fica com um e com outro, elas ja brigam...O homem continua sempre parceiro..

JOANNA - todo mundo diz isso: que a mulher não se arruma pro homem, ela se arruma pra outra mulher

MADONNA- e uma desvantagem do homem é ser descuidado.. o cara não presta atenção nas coisas, se ele esta te magoando....

Bom pessoal, a nossa sessão de hoje esta terminando e o que eu vou fazer agora com este material... eu vou organizar e assim que tiver alguma coisa a gente vai rediscutir isso....

Obrigado por hoje.

TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL PRODUZIDO

IDENTIDADE DO HOMEM E DA MULHER NA REGIÃO DA CAMPANHA

MOROCHA

MOROCHA NÃO

<p>REBECA</p> <p>MOROCHA</p> <p>A idéia de homem abordada nesta música, retrata um homem machista, dominador, único possuidor de desejos e vontades. Aquele que manda, exige, diz o que pensa e não admite ser contrariado. Confunde virilidade com machismo. Neste contexto a mulher é vista como um objeto sem importância e onde o trato grosseiro e sem respeito é a única coisa que lhe cabe. A mulher é um ser subjugado e sem nenhum valor.</p> <hr style="border-top: 1px dashed black;"/> <p>MADONA</p> <table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="width: 50%;">Homem</td> <td style="width: 50%;">Mulher</td> </tr> <tr> <td>Rude</td> <td>submissa</td> </tr> <tr> <td>Violento</td> <td>servil</td> </tr> <tr> <td>Primitivo</td> <td>vagabunda</td> </tr> <tr> <td>Rústico</td> <td></td> </tr> </table> <hr style="border-top: 1px dashed black;"/> <p>JOANNA</p> <table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="width: 50%;">HOMEM</td> <td style="width: 50%;">MULHER</td> </tr> <tr> <td>Machista</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Dominada</td> <td></td> </tr> </table>	Homem	Mulher	Rude	submissa	Violento	servil	Primitivo	vagabunda	Rústico		HOMEM	MULHER	Machista		Dominada		<p>MOROCHA NÃO</p> <p>Esta música retrata o homem como um ser gentil, que sabe valorizar o universo feminino. Apresenta um homem sensível que sabe entender a essência de uma mulher. Neste contexto a mulher é apresentada como pessoa digna de ser respeitada, amada e valorizada.</p> <hr style="border-top: 1px dashed black;"/> <p>MADONA</p> <table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="width: 50%;">Homem</td> <td style="width: 50%;">Mulher</td> </tr> <tr> <td>Rústico</td> <td>dama</td> </tr> <tr> <td>Amoroso</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Atencioso</td> <td></td> </tr> </table> <hr style="border-top: 1px solid black;"/> <p>JOANNA</p> <table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="width: 50%;">HOMEM</td> <td style="width: 50%;">MULHER</td> </tr> <tr> <td>Sensível</td> <td>amor</td> </tr> <tr> <td>Respeitador</td> <td>vida</td> </tr> </table>	Homem	Mulher	Rústico	dama	Amoroso		Atencioso		HOMEM	MULHER	Sensível	amor	Respeitador	vida
Homem	Mulher																														
Rude	submissa																														
Violento	servil																														
Primitivo	vagabunda																														
Rústico																															
HOMEM	MULHER																														
Machista																															
Dominada																															
Homem	Mulher																														
Rústico	dama																														
Amoroso																															
Atencioso																															
HOMEM	MULHER																														
Sensível	amor																														
Respeitador	vida																														

<p>Grosso Submissa Agressivo Insatisfeita Dominador</p> <p style="text-align: right;">triste</p> <hr style="border-top: 1px dashed black;"/>	<p>Companheiro feliz</p> <hr/>
<p>EDUARDO</p> <p>A letra da música Morocha representa os extremos do pensamento que por muito tempo esteve em vigor na sociedade altamente machista de nosso estado, onde a mulher sempre foi vista com um certo ar de inferioridade, e tendo que se submeter aos caprichos do homem, hora de seu pai e hora de seu marido. Sendo lhe atribuído só os papéis de serventia e submissão e nunca podendo manifestar-se ou simplesmente expor seus anseios. E por muito tempo este tipo de visão declarada na música em questão, coloca de maneira lírica a visão reinante nessa cultura.</p> <hr style="border-top: 1px dashed black;"/>	<p>EDUARDO</p> <p>Já nesta letra da música Morocha não, é posta uma outra visão, uma visão que felizmente esta sendo paulatinamente sendo agregada na nossa cultura nos tempos atuais. O que vai com o tempo levando a mulher a ser vista com outro tipo de consciência, podendo tomar as rédeas de seu próprio destino. E não sendo mais vista e aceitando a submissão e já contando com o apoio de seu companheiro, felizmente.</p> <hr/>
<p>FRANCISCA</p> <p>Homem, mulher, na primeira música, a mulher é tratada como ou comparada a um animal xucro e o homem o dominador, ou melhor, o que manda e a mulher obedece. Ele dita as ordens. Machista.</p> <hr/>	<p>FRANCISCA</p> <p>Ao contrário da primeira, trata a mulher com carinho e respeito, valorizando a mulher como criadora, geradora de vidas.</p> <hr/>
<p>PATRÍCIA</p> <p>O homem é grosso, que trata a</p>	<p>PATRÍCIA</p> <p>Homem que não é machista e sabe que somos todos iguais e por isso</p>

mulher como uma égua. Homem machista e quer provar ou mostrar para a mulher que só ele manda, e por ele ser homem ele é “melhor” que a mulher, porque ele aprendeu assim que tinha que tratar a mulher como um animal.

SIMONE

Na primeira música a mulher é figura decorativa e usável. Total submissão, serviçal, o que se pode abusar, desprezar, violentar, sem direito a nada.

O homem, ser absoluto, dono do espaço e do território, aquele que tudo pode, que tudo conquista e quando não o quer, joga fora.

Nada mais parecido com animal, sem voz ativa, assim nesta música se contempla a figura da mulher, um bicho, não só animal, mas, sarnento, substituível e manipulável.

LAURA

**HOMEM GARRAS
MULHER MOROCHA**

Perfil de um homem machista que trata a mulher como um animal

temos que ser tratados igualmente, e quem em mulher não se bate nem com uma flor, é um homem que quer respeito e igualdade perante todos, mas, enfatizando sempre que a mulher deve ser tratada com respeito e amor.

SIMONE

A mulher, ser sensível, companheira, que equilibra o território, usa sua sensibilidade e se dá o direito a todas as igualdades.

O homem para ter uma companheira antes de tudo deve saber que o lado feminino é o pulsar das veias de qualquer macho que se dê o respeito, para isso só se tem amor quando se recebe e antes de tudo ao se amar precisa descobrir ao pé da letra o que isso significa para não correr o risco de ficar na primeira música machista, grosso e ignorante.

LAURA

HOMEM

Além de estar respondendo as grosserias do homem machista, ele esta valorizando a mulher dizendo: “mulher é tudo vida e amor” Só mesmo um bicho do mato criado pelas macegas, pode tratar como igual quem nos dá vida e amor.

MULHER

Valorizada, tratada com carinho e

	respeito					
<p>ELIANE</p> <table border="0"> <tr> <td data-bbox="212 478 602 520">HOMEM</td> <td data-bbox="602 478 781 520">MULHER</td> </tr> </table> <p>Dominador submissa Cruel Convencido assanhada Desinteressado Estúpido Sem limite machista</p>	HOMEM	MULHER	<p>ELIANE</p> <table border="0"> <tr> <td data-bbox="781 449 1105 491">HOMEM</td> <td data-bbox="1105 449 1357 491">MULHER</td> </tr> </table> <p>Bagual Grosso</p> <p>faceira</p> <p>animal meretriz</p>	HOMEM	MULHER	<p>amada segura Delicada</p>
HOMEM	MULHER					
HOMEM	MULHER					
<p>VALQUÍRIA</p> <p>Mostra um homem machista, violento e autoritário. Aquele a quem todos devem se submeter, demonstra atitudes como a quem doma um animal. Para ele a mulher é quem lhe deve obedecer e lhe proporcionar prazer, não tendo a mínima importância além disso.</p> <p>Apresenta uma mulher submissa, calada e comandada pelo homem, a quem o mesmo pode usar e depois simplesmente abandonar, tirando especulações de virilidade sobre a situação.</p>	<p>VALQUÍRIA</p> <p>Apresenta um homem que reconhece a importância do amor, do respeito e do cuidado. Trata a mulher como um ser humano, mostra uma mulher com estalo de participar, e especialmente com alto valor materno.</p>					
	ALICE					

ALICE			
		HOMEM	MULHER
HOMEM	MULHER	Sensibilidade	carinho
Rude	faceira	Carinho	ternura
Grosseiro	rude	Afeto	amor
Mandão	respeito	Respeito	delicada
Decidido	objeto	Gaúcho	
Carinhoso			
Bagual			
machista			
<hr/>		<hr/>	

Sessão 4

□□Tópico de discussão: homofobia – exposição do tópico e levantamento das idéias a respeito. (10 min)

□□Proposição de atividade: distribui-se trechos do livro “Todas as histórias do Analista de Bagé” do autor Luis Fernando Veríssimo, que trata de literatura regional com descrição do perfil do homem da campanha e de seus conceitos e pré-conceitos sobre a sexualidade. Após a leitura e reflexão das frases, cada integrante registra num cartão o seu entendimento e tenta descrever alguma situação homofóbica que já tenha presenciado. (25 min)

□□Discussão a respeito das situações descritas. São observados os aspectos de recorrência entre as situações e analogias com o que foi lido. (45 min)

□□Questionamentos possíveis:

O que é homofobia?

Quais as situações de homofobia presentes na escola?

Como são tratadas na escola, as crianças cujos pais são homossexuais?

Como os educadores podem trabalhar o conceito da homossexualidade em sala de aula?

□□Finalização. Agradecimentos (5 min)

Ali - o nosso tema que nós vamos trabalhar hoje, é a questão da homofobia, como a gente já tinha discutido, já tinha comentado anteriormente nas nossas aulas, o que é a homofobia, homofobia é todo pânico ou todo medo ou toda fobia como o próprio nome já diz das pessoas que assumem uma postura homossexual ou que são homossexual propriamente dito e que declaram isso, são todos os gestos, as atitudes as palavras que servem para rechaçar ou humilhar ou pra prejudicar a imagem dessas pessoas são chamadas de atitudes homofóbicas, este é o tema que nós vamos trabalhar hoje. E por que eu escolhi o Luis Fernando Verissimo com o Analista de Bagé, um dos motivos é que ele é um escritor gaúcho e como escritor gaúcho ele trabalha com o regionalismo cultural que retrata muito bem esta questão do homem de Bagé, toda a obra dele que fala do homem de Bagé e esta outra que nos vamos trabalhar que são as outras histórias do analista de Bagé, contam, descrevem o típico homem da fronteira com

os seus conceitos e pré-conceitos e lógico que por toda uma questão cultural ele é extremamente homofônico, ou seja ele reprime e ele tenta através da sua análise e através de sua terapia concertar todos os sujeitos que chegam com jeitos diferentes ou jeitos estranhos ao seu consultório. Em função disso, eu escolhi seis trechos do livro dele desse livro das outras historias do Analista de Bagé, onde num primeiro momento vocês vão analisar, fazer a leitura, são trechos distintos e vocês vão num segundo momento colocar a posição de vocês qual a interpretação de vocês a respeito do que esta escrito no trecho e descrever alguma situação que vocês tenham presenciado que vocês saibam de uma pratica homofobica. Depois disso a gente abre para um debate por que teremos algumas questões para responder em cima do que vocês vão ler e vão colocar. Está bem?! Quem são as duplas?

HA NESSE MOMENTO UM PEQUENO IMPASSE NA FORMAÇÃO DAS DUPLAS... E HA UMA TENDENCIA A FAZEREM O GRUPO MAIOR, EM TRIOS... FALTOU MADONNA E MARIELE NESTE DIA UM GRUPO FICA COM DOIS TRECHOS PARA ANALISE - VALQUIRIA E FRANCISCA COMEÇAM A LER OS TRECHOS E COMEÇAM A RIR...

Tu vê a interpretação do analista e dai tu colocas a tua interpretação, tudo o que ele diz, que tipo de pratica homofobica há neste texto, depois disso tu vais descrever alguma situação que tu já tenhas presenciado que tu caracteriza como pratica homofobica.

PATRÍCIA - os veados vem de fora... aqui em Bagé não tem...

EDUARDO- Na verdade, na teoria dele é que não tem gaúcho que seja veado, estas coisa vem de fora... essas viadagens.

SOPHIA - Homofobia pode ser também não só por palavras ou por gestos, mas eu por sentir alguma coisa, uma repulsa eu posso ser homofobica

ALI - Não é que tu tenhas que adorar e amar a achar tudo lindo, mas o fato de tu ser contra, não gostar, o fato de tu isolar e não querer conviver gera uma atitude homofobica.

Tem duas coisas que vocês tem que fazer com este texto, o primeiro é ler o texto e fazer uma analise do texto, e dizer o que vocês enxergam de homofobico neste texto, Depois vocês vão tentar retratar uma situação em que vocês tenham vivido ou presenciado. Não precisa ser uma situação parecida com esta, mas que vocês caracterizam como homofobica. Quando vocês estiverem fazendo a analise, analisem sempre vinculando a nossa realidade, identificando com a nossa cultura local....

OS ALUNOS ANALISAM OS TRECHOS E TECEM ALGUNS COMENTARIOS ENTRE ELES... houveram muitas conversas paralelas o que impossibilitou a transcrição destes trechos...

JOANNA - a gente tem esta coisa que o gaúcho é macho, que tem que ser macho... bem macho...

PASSADOS 15 MINUTOS...

ALI- vamos fazer as análises e comentários para o grupo do trecho de cada um... cada dupla tem um trecho diferente, então vocês contem um pouquinho da historia e coloquem a interpretação de vocês...

LAURA - um senhor se aposentou e foi lá no analista da Bagé e ele conta pro doutor: doutor eu me aposentei, mas desde que eu me aposentei e eu estou com vontade de pintar o cabelo, estou sentindo umas coisas diferentes.. gosto de andar de camisa aberta mostrando um medalhão e o analista bem de lado, com a bomba de mate, respondendo pra ele...enrolou, enrolou e ele perguntou pro analista: doutor, por favor me diga se eu virei homossexual...

PATRÍCIA - porque agora eu estou gostando de rapazes, de ver rapazes...

LAURA - o analista respondeu que não, porque aqui na nossa terra não tem estas coisas vindas de fora, não tem homossexual... E a gente colocou no relato que foi tudo por ele estar em função de pintar o cabelo, de usar medalhão de usar camisa aberta, ele fica taxado como se fosse homossexual, ele estava achando que tivesse o preconceito mas que já que o analista deixou bem claro pra ele que isso aqui não existia, que gaúcho tem que ser macho... homem não pode chorar...

PATRÍCIA- bem da nossa cultura... que isso são correntes "que vem de outras bandas"... hahah aqui ninguém nasce assim.. gaúcho é sempre macho e o mais macho é o de Bagé...

A situação que nós temos para descrever é a seguinte: Estes dias eu estava vindo para a faculdade, peguei um ônibus para vir, ai eu cheguei mais cedo na parada e tinha duas moças sentadas no banco juntinhas, deveriam ter uns 18 anos ou 19... bem mocinhas assim, se beijando, se tocando o tempo todo como se fosse um casal... me chamou a atenção e todo mundo que estava esperando o ônibus e eu fiquei chocada porque até então eu ... a gente sabe que tem mas até então ser tão declarado, tão exposto assim...se beijando todo tempo até meio por gosto eu acho, pra chamar a atenção e eu achei que eu não era preconceituosa e eu vi que aquilo me chocou,eu me senti mal, desconfortável... eu não queria nem olhar para aquelas duas gurias... eu tinha como se eu não fosse preconceituosa.. mas ate tu ver isso é muito fácil de tu falar na teoria... mas na pratica quando tu te depara num primeiro momento, é muito chocante... eu fiquei toda errada por elas... e se eu já achei aquilo chocante, imagina as outras pessoas mais velhas que estavam ali, eu fiquei muito chocada, eu achei muito horrível... Eu não pensei que eu ia me sentir assim, eu achei que estivesse preparada.

REBECA - O nosso é uma entrevista que o jornal faz com o analista de Bagé e ai ele pergunta qual seria a reação dele diante de uma paciente que chega cuspidando fumo nos seus pelegos, calçando 44 bico chato e dizendo que joga na zaga na posição central do Guarani e ai ele diz assim que desabotoou a bragueta e colocou o careca pra fora, se ela quer competição, então vamos ao que interessa...

A gente analisou o seguinte: se refere a posição de uma mulher e pra ela é natural querer ocupar uma vaga num time masculino mas pra ele.. fica claro que ele

pensa que futebol é coisa de homem, não coisa de mulher e ai pra ele, o homem é que tem o "compadre" e se ela quiser disputar com ele, ela vai ter que mostrar também que pode ser macho como ele é.. porque na cabeça dele, futebol não é lugar de mulher...

SOPHIA- a situação que eu vou contar foi parecida com a que a Patrícia contou...foi no carnaval há dois anos atrás.. foi lá até no Cacheiral...e ai a gente estava dançando assim e dai ha pouco eu vejo aquele grupo assim de meninas..eu até fui homofóbica falando MACHORRA...que é um termo que se usa... mas umas meninas homossexuais e tudo pareciam uns guris... umas gurias bonitas mas pareciam uns meninos mesmo e elas estavam assediando outras meninas, depois uma chegou e, sei lá se a outra estava bêbada...que não era homossexual, estava bêbada e ficou com ela... ai aquilo me deu um nojo... não sei por que, é que nem a Ana, eu achava que eu não era contra, mas ai eu me enojei daquilo, ai que nojo, sabe... eu não sei e tem esta diferença também, o homem homossexual é diferente, o homem não é assim, não extravasa tanto como a mulher, eu pelo menos nunca presenciei um homem beijando outro homem, mas mulher eu já vi um monte beijando outra mulher, mas homem não, não sei se o homem é mais reservado neste ponto e ai eu fiquei, ahhhh (demonstrando nojo).

JOANNA - mas tem muitos que tu olha e são João, mas de noite...soltam a franga..

ALICE - O nosso trecho é de um paciente que sonhava frequentemente que estava correndo nu pelo campo com guirlanda de flores na cabeça, a passos largos com um relatório da Farsul embaixo do braço.. qual seria a terapia indicada a este paciente? o analista diz que o sonho é fácil de interpretar, o índio velho, obviamente se identifica com as classes produtoras gauchas que não param de "levar"... enquanto for só sonho, ta louco de especial, no dia em que ele me aparecer aqui no consultório, dou-lhe um tranco de virar a cadeira... da Farsul, os produtores são todos machões...

Podemos ver aqui que o analista não aceita que um homem gaúcho, possa ter sonhos ou ate mesmo pensamentos afeminados ou mais assim extravagantes, ele acredita que o gaúcho é um homem macho e portanto ele não deve ter nenhum tipo de sentimento mais sensível...o interessante é que aparece a questão da violência como forma de correção, se aparecer aqui assim, apanha pra endireitar... sempre como uma atitude de contenção, de mudança, de querer botar dentro da norma, do modelo... Tem que ser macho, se tu não for macho tu vai virar macho de qualquer maneira...

JOANNA - A experiência é de uma menina que foi descoberto no final do ano que ela tinha uma preferencia homossexual ela foi invadida assim, o diário dela foi lido pela família, ficou trancada em casa, sem internet, sem telefone.. só no quarto, ela não podia ver ninguém, só encerrada... isso ela passou três meses trancada, tanto que a família, o pai principalmente, a mãe não, mas o pai tinha um horror, que queria mandar ela embora, pra bem longe, pra que ninguém soubesse, porque ele tinha muita vergonha, bah, ter uma filha assim... porque a outra era bem diferente, era bem feminina... mas ela é também bem feminina, ela se vestia tudo bem feminina, só a preferencia dela era por uma mais masculina, ela era bem feminina, se tu olhar pra ela tu não diz nada...Eles ficaram tão horrorizados, o pai e a família que eles tentaram exorcizar ela no quarto dela... Eles diziam, ele, dizia

que ela tinha o demo no corpo, ele ficou bem louco assim... um dia ela me contou apavorada: - Tia, ela me chama de tia, ai acharam que eu estava com o demonio dentro de mim, o que é isso que fizeram comigo... A coisa mais horrível o que fizeram com esta guria, agora ela esta estudando em Pelotas, mas fizeram horrores com ela... ela ficou com um trauma... E ela é tão amiga deles, e a outra que eles endeusavam o pai principalmente... que é uma pessoa mais delicada mais feminina assim, que eles acham porque não tem este problema.. hoje em dia é que eles estão tendo problemas com ela... ate um dia, uma pessoa, uma amiga da família que é minha amiga também, comentou comigo que falou com ele: quem sabe esta que tu estas excluindo da tua vida hoje um dia vai te ajudar.. tu acha que é a tua mimosinha...E hoje em dia ele se da super bem com a guria...

VALQUIRIA - nós temos duas situações aqui, uma delas e que o analista de Bagé sustenta que gaúcho, que não existe gaúcho homossexual mas ele acredita que embora, quem não nasceu em Bagé, corre sérios riscos...Mas pode ser aquele sujeito que vai e não vai, feito cavalo xucro.. então este precisam de um empurrãozinho na direção certa...então ele conta o caso do compadre Clarindo... ele estava indo na charrete pra estancia e foi recebendo algumas informações sobre o compadre Clarindo que diz que estava usando vestido de prenda... ai ele chegou na casa dos compadre e foi cumprimenta e tinha as gurias e os guris, cumprimentou todos os 6 guris e as 5 gurias e perguntou cadê o compadre Clarindo? Ai foi informado que o compadre Clarindo era uma das gurias, que já tinha estranhado o bigode mas que ele nunca tinha imaginado...e ninguém queria falar nada pra não melindrar o compadre Clarindo... e dai o analista conversou muito com o compadre Clarindo debaixo de uma figueira e de repente eles desapareceram pro mato, quando voltaram, o compadre Clarindo foi correndo vestir as bombachas... Ai perguntaram pro analista o que ele tinha feito, como tinha acontecido aquele milagre e ele respondeu: _ Bueno, charlamos um pouco e ele me contou que achava a roupa de prenda mui linda e que seu sonho era usar um vestido... dai eu disse, tens que aguentar a outra parte também, fomos ate o mato e eu mostrei meu argumento pra ele... e ele saiu correndo....

Nós colocamos assim, que para o analista, o homossexual não esta na direção certa, precisa ser colocado na linha, ser macho... sendo que para isto basta um empurrãozinho do analista... Bastou o analista colocar as partes e mostrar as desvantagens que ele mudou de idéia, arrepiou...e isso reforça a ideia de que todo gaúcho tem que ser macho, reforçando a ideia de que esta é uma cultura vigente na nossa sociedade.

FRANCISCA - Lindaura é a secretaria do analista de Bagé e é ela que recebe os pacientes, segundo ele, ela é eclética porque recebe e dá...e quando chegam os pacientes no consultório, ela faz um teste pra ver como ele é... ela deixa um pedacinho de veludo em cima da mesa da sala de espera, se o vivente passa a mão e baba, se o vivente coloca um pedacinho de veludo na frente e se olha no espelho pra ver como esta.. ela vai passando pra o analista estas informações... Um dia chegou um paciente de Não-me-toque e ela escreveu: viu o pedacinho de veludo e recuou horrorizado...

Então isso demonstra que o arreganhado não merece ser tratado da mesma forma... porque se entra um arreganhado já recebo a tapa, isso demonstra o conceito que o analista não aceita o comportamento dos homossexuais, tanto que

já colocava o teste para detectar esta realidade, reforçando a ideia da homofobia ao negar-se aceitar as pessoas como elas são e querer corrigi-las...

A Valquiria já comentou que presenciou uma situação de homofobia, onde um menino que sofria por parte dos colegas, um aluno provocava e diante do fato precisou-se fazer um trabalho com a turma enfocando o respeito às diferenças...

VALQUIRIA - mas reforçando isso, no início quando ele foi pra escola e a gente percebeu que ele tinha um perfil diferente... sendo bem sincera, o que passou pela minha cabeça, tenho que arrumar um psicólogo para orientar a criatura, endireitar este guri... só que depois tu vai percebendo que não é o caso, que era uma coisa dele, do jeito dele mesmo... então o que passou pela minha cabeça primeiro foi isso... pegar e fazer um trabalho com a turma, mas lá no fundinho a gente tem aquela coisa, é engano..., é que tu quer ter uma solução...quer indicar o caminho, quer colocar do lado certo, na direção normal... a nossa sociedade, preconceituosa como é, acha que existem dois caminhos, o de homem e o de mulher, ou tu é um ou tu é outro, não existe um terceiro... e tu nasceu assim, nascendo menino tem que ser menino... confundindo a biologia com a cultura.

ALI - a biologia nos faz ter características definidas físicas e biológicas de macho e de fêmea, só que a cultura nos proporciona que n's tenhamos identidades sexuais diferentes daquilo que a biologia nos prega...

SIMONE - o nosso trecho fala de um pedaço da entrevista do analista e pergunta qual é a explicação para o veadismo que campeia o rio grande? o analista responde: - Não quero falar mal, mas tem entrado muito uruguaio ultimamente e é preciso entender que gaúcho marica sempre houve. Tem gaúcho ai sem bigode e de costeleta curta como estribo de anão que nem por isso é veado, mas esta ali, ali.. Marica é marica. Nem todo mundo corta a unha com facão. Agora este negocio de homossexualismo que anda por ai é frescura. Uma vez um índio velho disse que estava apaixonado por mim, a tal de transferência. O Freud disse que devia se deixar sempre um revólver carregado a mão para os casos extremos..

EDUARDO- A interpretação que a gente faz é que deixa bem explicito que gaúcho, gaúcho, não tem gaúcho veado, até tem as correntes migratórias, que não é daqui de Bagé... não quero falar mal mas tem entrado muito uruguaio ultimamente e o texto deixa bem claro isso, esta visão de que se é veado não é gaúcho...ainda mais se é de Bagé... ele sofreu alguma influencia lá de Pelotas ou de outros lados.. e esta é uma visão que de certa forma predomina na nossa cultura, não estamos longe disso.. que gaúcho que é gaúcho não é veado, se é veado é porque sofreu alguma coisa, alguma influencia que desvirtuou o cristão...

SIMONE - E aquilo que a gente já falou, que homem macho é macho, sem vírgula... caso tiver já desvirtuou... estas são as coisas apregoadas ao gaúcho...

EDUARDO - a visão é a que para ser homem, tem que seguir aquele estereótipo de gaúcho: grosso, que não valoriza muito a mulher, que ele que detém o poder, sem muito refinamento, não pode ser romântico, não pode chorar...tudo o que fugia a isso, o vivente estava em perigo...

SIMONE - a situação que eu descrevi esta na minha família, onde os avós paternos com seus netos, quando as crianças são educadas ou ficam mais tempo com as mães ou aqueles desfiles que tem com meninos e meninas, ele tem prazer nas reuniões de família, nas confraternizações dizer: que bonitinho o putinho...ou então: esta coca é fanta, no meio dos brinquedos, mas sempre larga este tipo de

comentário nestas situações.. e as mães e os pais ficam sem graça.. mas mais com as mães... porque as mães é que vão buscar na escola, as mães que colocam no karate... ele diz: ah, karate é coisa de fresco... tem é que levar soco na cara, karate é coisa de boiola e tu convives constantemente, os meninos da família...

EDUARDO - eu também já presenciei varias e varias vezes e no período em que eu estive no exercito.. agora eu não sei, mas antes era comum, chegavam os viventes lá que tinham um jeito diferente, já em seguida mandavam verificar se não era, mandavam assediar pra ver se o vivente tomava um rumo na vida... e, se era um cara graduado pedia pra ir embora

SOPHIA - não faziam o teste da farinha? tem no quartel, aquele teste que se coloca farinha e o cara tem que sentar, se não tiver prega na farinha... o cara é... hahahahaha

ALI - algumas coisas bem pontuais que me chamaram a atenção nas falas de vocês... a questão da homossexualidade masculina já não nos agride tanto quanto ainda esta nos agredindo a homossexualidade feminina...

nós temos três questionamentos para responder, que não dará tempo para a gente concluir hoje mas a gente pode concluir na sessão que vem mas eu gostaria que vocês fizessem por escrito...

O primeiro deles, quais as situações de homofobia que estão presentes na escola... o segundo, como os educadores podem trabalhar o conceito da homossexualidade em sala de aula? e o terceiro, como são tratados na escola, pelos colegas e pelos professores, as crianças cujos pais são homossexuais?

PATRÍCIA - se a gente fosse bem trabalhada desde a infância, desde a escola, as coisas seriam diferentes... eu pensava que meus pais não fizessem mais sexo, porque eles já tinham dois filhos, por que iam fazer... isso é o que a gente aprendia... tudo isso é tabu, é preconceito...

VALQUIRIA - Quanto a homofobia na escola é como eu coloquei antes...quando surge uma criança que tem características homossexuais, sempre vai aparecer um coleguinha que vai chamar ele de bixinha, sempre vai aparecer alguém que vai questionar ou que vai mexer pra ver a criança se agitar pra ver, porque a criança tem um gesto diferente, tem uma reação diferente... ate mesmo crianças do mesmo sexo, muitas vezes...deboches, principalmente os meninos...

ALI, Bom pessoal, o nosso encontro esta chegando ao final e eu espero que vocês reflitam sobre o que a gente discutiu e nós retomamos no próximo encontro... Obrigado e boa noite!

TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL PRODUZIDO

TEXTOS

1. Lindaura, a recepcionista do analista de Bagé (segundo ele,"uma recepcionista eclética,pois recebe e dá"), faz o possível para preveni-lo

sobre os pacientes novos antes de entrarem no consultório, pois, como diz o analista: “ se me entra um arreganhado, já recebo a tapa”. Lindaura deixa um pedacinho de veludo vermelho ao alcance do paciente na sala de espera. Depois escreve na sua ficha: “Não ligou para o veludo” ou “Passou a mão e começou a babar” ou “Botou na frente e foi ver no espelho se ficava bem”. Na ficha daquele cliente novo, de Não-me-toque, ela escrevera: “Viu o pedacinho de veludo e recuou horrorizado”. Era obviamente um paranóico. (p.25)

2. Outra vez entrou um senhor no consultório, deitou no divã e contou que ultimamente estava se comportando de modo estranho.

_ Me aposentei, doutor. E um dia, não sei por que, me deu vontade de pintar o cabelo de caju.

_ Sei _ disse o analista de Bagé, sem tirar a bomba de chimarrão da boca.

_ Comecei a usar roupas assim. Camisa aberta até aqui embaixo...

_ Tô ouvindo.

_ Medalhão no peito...

_ Pensei que fosse devoção.

_ E me deu esta vontade de só andar com rapazes...

_ Sim.

_ Me diga, doutor. Eu sou homossexual?

_ Não existe gaúcho homossexual.

_ Mas a gente vê tantos por aí...

_ São as correntes migratórias... (p.30)

3. *Coojornal*: _ Se um paciente sonha frequentemente que está correndo nu, com guirlandas de flores nos cabelos, as faces rosadas e um relatório da Farsul debaixo do braço, qual é a terapia indicada?

Analista: _ O sonho é fácil de interpretar. O índio velho obviamente se identifica com as classes produtoras gaúchas, que não param de levar. Enquanto for só sonho, está especial. No dia em que ele me aparecer assim no consultório, dou-lhe um tranco de virá cadeira. (p.32)

4. *Coojornal*: _ Qual a sua reação diante uma paciente que chega cuspiendo fumo nos seus pelegos, calçando 44 bico chato e dizendo que está disputando posição na zaga central do Guarani?

Analista: _ Desabotô as braguetas e boto o careca pra fora. Se ela quer competição, então vamos ao que interessa, tchê. (p.32)

5. *Coojornal*: _ Qual a sua explicação para o veadismo que campeia no Rio Grande?

Analista: _ Não quero falar mal, mas tem entrado muito uruguaio ultimamente... E é preciso entender que gaúcho marica sempre houve. Tem gaúcho aí sem bigode e de costeleta curta como estribo de anão que nem por isso é veado. Se bem que tá ALI. Marica é marica. Nem todo mundo

corta a unha com facão. Agora, esse negócio de homossexualismo é frescura. Uma vez um índio velho que eu tava analisando disse que tinha se apaixonado por mim. A tal de transferência. O Freud disse que devia se deixar sempre um revólver carregado à mão para os casos extremos... (p.33)

6. O analista de Bagé sustenta que não existe gaúcho homossexual, embora como diz, “quem não nasceu em Bagé ta se arriscando”. O que existe, segundo o analista, “é quem não sabe se vai ou não vai, como cavalo xucro pra cruzar a sanga”. Estes precisam de um “empurrãozinho” no más, na direção certa. Foi o caso do compadre Clarindo:

(...) Na charrete para a estância, o peão deu mais algumas informações sobre o caso.

_ É o compadre Clarindo...

_ O que tem?

_ Pues não é que deu pra se vestir de prenda?

Na estância, o analista de Bagé foi apresentado pros de casa e pros de perto, seis homens e cinco gurias, e depois perguntou:

_ E o compadre Clarindo?

_ Tu acabas de cumprimentar...

Era uma das gurias. O analista bem que tinha estranhado os bigodes. Foi conversar com o dono da estância e o capataz. Os dois elogiaram muito o compadre Clarindo, índio louco de especial, gaúcho tipo exportação, mas que tinha dado para aquelas coisas. Ninguém queria falar nada pra não melindrar o moço. Podia até pensar que estavam pensando que ele era veado.

(...) Conversaram muito embaixo da figueira e teve uma hora que os dois desapareceram nuns matos. Quando voltaram, o compadre foi correndo trocar a roupa de prenda pelas bombachas. O analista de Bagé foi cercado. Como conseguiu o milagre?

_ Bueno, charlamos um pouco. Ele me contou que achava roupa de prenda mui lindo e que seu sonho era usar tranças, tchê. Daí eu disse: “Tem que agüentar a outra parte”(...) Fomos até o mato e eu expus meu argumento... Aí ele saiu correndo. (p. 41-42)

LINDAURA...

FRANCISCA E VALQUÍRIA

O texto demonstra que um “arreganhado” não merece ser tratado da mesma forma que outra pessoa. O analista não aceitava e/ou atendia homossexuais, tanto

que colocava já na entrada pistas para detectar esta realidade. Isto demonstra que o analista era homofóbico, pois, nega-se a tratar ou atender este público. Já presenciei u aluno com características homossexuais, sendo que sofreu homofobia por parte dos colegas que o provocavam. Diante do fato a escola precisou fazer um trabalho com a turma enfocando o respeito às diferenças.

OUTRA VEZ ENTROU UM SENHOR NO CONSULTÓRIO...

LAURA E PATRÍCIA

Por que sentiu vontade de pintar o cabelo, medalhão no peito, camiseta aberta até aqui embaixo, vontade de andar com refazer.

Por isso ele perguntou se era homossexual, e o gaúcho falou que não existe homossexual aqui, porque gaúcho é macho, a cultura do gaúcho, diz que homem não chora não pode demonstrar sentimentos, ou tem que ser autoritário.

Bom, era uma vez.....heheheheh!!!

Patrícia que achava que não era preconceituosa...

Estava andando no ônibus e na sua frente, estavam duas meninas trocando carícias e beijos a todo momento.

Todos se olhavam dentro do ônibus espantados, admirados com aquela pouca vergonha. Fiquei desconfortada com aquela situação, tamanha era meu preconceito.

COOJORNAL: - SE UM PACIENTE SONHA FREQUENTEMENTE...

ALICE E JOANNA

Podemos concluir que o analista não aceita que um homem “gaúcho” possa ter sonhos ou até pensamentos mais afeminados e/ou extravagante.

Acredita que o gaúcho é um homem “macho” e portando não deve ter nenhum tipo de sensibilidade.

Exemplo:

Uma menina, que ao ser descoberta sua preferência sexual na véspera de fina de ano, foi trancada em seu quarto, sem internet, celular, sem, contado algum com o meio exterior, Ficou vários meses sendo vigiada, tendo até mesmo seu diário investigado. A homofobia de sua família era tanta que tentaram inúmeras maneira de fazê-la mudar de idéia, até chegaram a exorcizá-la.

COOJORNAL:- QUAL A SUA REAÇÃO DIANTE UMA PACIENTE...

REBECA E SOFIA

Analisamos que o trecho acima se refere a uma mulher homossexual desejando ocupar uma posição onde só é permitido homens. O analista se defrontando com esta situação é enfático em dizer que ela terá que comprovar sua masculinidade, pois, na concepção dele o homem só é homem, se apresentar as características físicas masculinas, e no futebol não é lugar de mulher.

Experiência homofóbica: em uma festa de carnaval me deparei com várias mulheres homossexuais assediando outras mulheres que estavam na festa. Até algumas delas obtiveram sucesso na presente situação. Até algumas delas obtiveram sucesso na presente situação. Diante do acontecimento me senti constrangida e tive repulsa das mesmas.

COOJORNAL: QUAL A EXPLICAÇÃO PARA O VEADISMO...

SIMONE E EDUARDO

O texto deixa explícito que há o preconceito eminente, traduzindo literalmente a visão machista predominante em nosso meio, onde, homem macho é macho, sem vírgula, se caso tiver “desvirtuou”.

É aquele que apresenta características apregoadas ao gaúcho sendo:

grossura
ignorância
voz forte que prevalece
poder
pouco respeito ao sexo feminino
preconceito

obs: Se tiver posicionamento diferente deste para ele com certeza vem de outra região....

SIMONE

Já vivenciei situações de homofobia na família

Os avós paternos ao verem seus netos ao brincar quando educados, em situações de descontração, sempre, pejorativamente se dirigem ao demais ironicamente

“AI!!!! QUE BONITINHO O PUTINHO”, “ESSA COCA É FANTA”, risos irônicos...

EDUARDO

Eu por várias vezes vivenciei situações homofóbicas no período em que estive a serviço do exército. Quando vinha servir um militar de outra região que possuía hábitos diferentes dos nossos, éramos instruídos a tornar a vida deles mais difícil ainda, até o ponto de forçados, irem embora.

O ANALISTA DE BAGÉ SUSTENTA QUE...

FRANCISCA E VALQUÍRA

Para o analista quem é homossexual não está na direção certa, precisa ser colocado na linha (ser macho), sendo que para isso basta um empurrãozinho do analista de Bagé, ou seja, para o analista todo o homem é macho.

Diante da realidade ainda se observa este comportamento em nossa sociedade.

REFLEXÕES A RESPEITO DA HOMOFOBIA

HOMOFOBIA

1-Quais as situações de homofobia presente na escola?

2-Como os educadores podem trabalhar o conceito de homossexualidade em sala de aula?

3-Como são tratadas na escola as crianças cujos pais são homossexuais?

VALQUÍRIA

1- As situações se apresentam através de meninos com características femininas ou vice-versa. Muitas vezes envolvem uma caminhada de aceitação e respeito a serem percorridos por toda a escola. Traz presente a condição de que o educador aprenda a lidar com a situação. Muitas vezes a criança pode se sentir rejeitada.

2- Deve envolver a aceitação da sexualidade do colega e a questão da identidade da criança. Também é importante trabalhar sobre os sentimentos e os valores humanos importantes para a convivência, como respeito, humildade, diálogo e ajuda mútua.

- 3- Nunca vivenciei esta situação, porém acredito que seria uma situação delicada devido a nossa realidade cultura.
-

ELIANE

- 1- Penso que toda a fobia não vem a ser algo bom, e uma situação de homofobia em uma escola, pode trazer alguns desagradados, como passar por situações constrangedoras e de muito preconceito.
 - 2- Primeiramente o educador deve aprender a lidar com o diferente após deve ensinar que os homossexuais são diferentes pela sua opção sexual, mas, são pessoas e merecem ser respeitados.
 - 3- Este assunto eu desconheço, pois, nunca presenciei pais homossexuais, mas, em minha opinião até mesmo pela nossa cultura essa dita criança iria ser vítima de preconceitos e até mesmo desrespeito por colegas, pais e até mesmo professores.
-

SIMONE

- 1- Eu ainda não presenciei uma situação de homofobia na escola, mas, em meninos e meninas já observei que ao perceberem que algum colega tem “jeito” afeminado caem em cima, com risos, apelidos, deboches etc... e isso causa um grande constrangimento não só para a criança que está sendo ridicularizada mas para os professores também, sendo que, na maioria das vezes não sabem o que dizer.
- 2- Penso que este tema deva ser trabalhado desde cedo com as crianças, mesmo na educação infantil, podemos dizer que “todos somos iguais mesmo que sejamos diferentes uns dos outros”. Eu já estive a frente por dois anos numa turma de Pré-semi-internato somente de meninos de quatro e cinco anos e se observa que em uma turminha grande sempre tem um menino que ainda não se encontra na sua sexualidade, nessa hora já se pode certamente trabalhar tanto individual como coletivo, observando suas preferências, conversando informalmente para que se tenha certeza sobre o assunto e o mais importante no meu pensar, o envolvimento com a família que já deve acontecer para que se tenha uma resposta positiva e

que se consiga ajudar essa criança para que tenha o melhor de um desenvolvimento saudável.

- 3- Também não tenho muito conhecimento na prática, mas penso que antes de tudo somos seres humanos, o carinho, o amor e o caráter de uma criança, de uma família, independe de preferências sexuais. Para criarmos filhos com valores positivos, com fé e respeito pelo próximo jamais podemos esquecer que antes de tudo **“somos seres humanos”**.
-

EDUARDO

- 1- Não tenho muito conhecimento sobre a presença de homofobia na escola, mas, também não podemos encarar como um fato inexistente. Sabemos que os professores tratam Laura assuntos com muita cautela, muitas vezes fingindo que nada está acontecendo, na grande maioria das vezes com medo de intervirem e se envolverem em um tema muito delicado.

A lembrança que eu tenho deste assunto é de quando eu era ainda muito pequeno, e na minha turma tínhamos um colega que era homossexual, ele era em relação a turma já bem mais velho e bem mais alto que o restante da turma, só isso já servia para destacar aquela pessoa no meio de uma turma de crianças, ele era alvo de brincadeiras, de apelidos que na grande maioria das vezes eram de cunha depreciativos. Ele sempre procurava se isolar do resto da turma, e mesmo sabendo de tais acontecimentos as professores nunca tomaram uma atitude para poupá-lo das situações vexatórias ou mesmo tentar integrá-lo a turma.

2-Creio eu que os professores para poderem trabalhar tal conceito, primeiro têm que ter muito tato e um olhar pelo menos o mais desprovido de pré-conceitos possível.

Dependendo da série e da maturidade da turma, creio que se deva começar por temas não diretamente ligados ao sexo propriamente dito, mas, com temas que tratem de afetividade, trabalhar o tema até que a turma comece a se dar conta que todos têm direito a fazerem suas escolhas. E que na verdade o importante é sermos felizes na vida.

Que esse direito de escolha, de credo religioso, político e sexual também estão assegurados por lei, e quem o desrespeitar pode ter que responder pelos seus atos perante a lei.

3- Também não tenho subsídios suficientes para responder. A única vez em que tive conhecimento de tal fato, foi quando um aluno que era oriundo de uma família homossexual, mas, sempre me pareceu transcórrer tudo na maior normalidade, tanto por parte dos colegas como da parte dos professores. Eu pelo menos nunca fiquei sabendo de nada que abalasse a convivência deste aluno no meio escolar.

PATRÍCIA

- 1- As situações mais comuns são quando nos deparamos com meninos e meninas com hábitos diferentes do dito "normal". As pessoas têm certo receio de ficar perto ou até mesmo amigo de homossexuais, pois, nossa sociedade é extremamente machista e não aceita com normalidade esse fato que está cada vez mais presente no nosso cotidiano.
- 2- Em primeiro lugar o educador deva estar ciente de que sua sexualidade e respeitar a do próximo. O educador deve trabalhar com seus alunos a importância do respeito e a opção sexual de cada um. Somos livres e todos temos o direito de fazer uma escolha na via seja ela qual for, a final temos o direito de sermos felizes ou procurar a felicidade e se a felicidade está em gostar de pessoas do mesmo sexo, temos que aceitar ou pelo menos entender. O educador pode ser de grande valia para que o preconceito seja banido de nossas vidas.
- 3- Sinceramente eu não sei, por que não trabalhei em nenhuma escola que tivesse esse caso, mas, deveriam ser tratados como todos são, ou melhor, como alunos comuns, normais etc...

LAURA

- 01- Acredito que sejam todos os apelidos pejorativos dados as crianças, insinuando que seja coisa de "bichinha " ou de "sapatão".
- 2- Em primeiro lugar mostrando a todos o quanto é necessário respeitarem os limites uns dos outros. E mostrando de forma tranqüila as diferenças, que não irão afetar na amizade das crianças, trabalhando o preconceito desde a infância.
- 3- Não tive contato com nenhum caso ainda.

JOANNA

- 01- As situações que podem ocorrer nas escolas podem ser: a evasão escolar, desistência dos estudos.
- 02- Deve-se passar trabalhos demonstrando respeito e aceitação das muitas identidades sexuais tanto nos outros como em si mesmo.

03- Geralmente elas omitem isso, fazem segredo sobre a sua vida no lar. Não se expõem totalmente em aula, para que a verdade não se mostre, não por preconceito, mas, por medo de ser maltratado.

SESSÃO 5 – 03/11/2009

Sessão 5

Tópico de discussão: educação para a sexualidade – exposição do tópico e levantamento das idéias a respeito. Distribuição do/as participantes em duplas. (10 min)

Proposição de atividade: distribuí-se charges do cartunista Francesco Tonucci (Frato) que abordam a questão da Educação Sexual vista por vários olhares, tanto das crianças, quanto dos pais e por fim do/as professores/as para que os/as participantes analisem e elaborem as suas impressões a respeito das mesmas sempre fazendo uma correlação com as situações vivenciadas no cotidiano da escola em suas realidades, registrando numa ficha os tópicos principais. (25 min)

Discussão a respeito das situações descritas. São observados os aspectos de recorrência entre as situações e analogias com o que foi lido. (45 min)

Questionamentos possíveis:

Que tipo de curiosidade as crianças apresentam sobre sexualidade?

Como os educadores podem trabalhar as questões da sexualidade na escola?

Finalização. Retomada dos tópicos principais (5 min)

SESSÃO 05 - 03/11/2009

TIVEMOS QUE TROCAR DE SALA POIS A CHUVA INUNDOU A BRINQUEDOTECA E IMPOSSIBILITOU A REALIZAÇÃO DO ENCONTRO LÁ.

ALI - Hoje nós vamos trabalhar a questão da educação para a sexualidade propriamente dita. O que nós vamos fazer? A proposta é analisar em duplas, algumas charges retiradas do livro do Francesco Tonucci, mais conhecido como Frato, ele é um italiano e ele desenvolve um trabalho onde ele retrata o mundo através dos desenhos com olhos de criança. Então todo o trabalho dele é em desenho e nestas charges, ele tem várias considerações a respeito do mundo adulto e neste livro tem um capítulo especial que fala sobre a sexualidade da criança e eu escolhi especialmente algumas que eu considero importantes com o que nós estamos trabalhando. Num primeiro momento vocês vão analisar e dizer o que salta aos olhos de vocês, analisando cada uma destas charges. Que

impressões vocês tem analisando cada uma delas, o que elas representam...se esta adequado ou não, elaborando assim, uma critica em cada uma delas...
Vocês façam as anotações que vocês acharem necessárias buscando analisar a estrutura do desenho, a linguagem utilizada, quem são os atores envolvidos, se são pais, se são professores... o que aparece e como é tratada a questão pelo desenho...

CADA DUPLA RECEBE UMA CHARGE DIFERENTE PARA ANALISAR ...

MADONNA E ELIANE
EDUARDO E JOANNA
SIMONE E VALQUIRIA
REBECA, ALICE E FRANCISCA
PATRÍCIA E SOPHIA

DURANTE A ANALISE DA CHARGE, O COMENTÁRIO GERAL NAS DUPLAS FOCA A QUESTÃO DO DISTANCIAMENTO ENTRE A ESCOLA E AS QUESTÕES VOLTADAS A SEXUALIDADE, DEMONSTRA A FALTA DE CONHECIMENTO E DESPREPARO TANTO DE PAIS COMO DE PROFESSORES SOBRE O QUE FALAR, COMO FALAR E QUANDO FALAR EM SEXO COM AS CRIANÇAS...

ALI- é a leitura da mensagem que vocês têm que fazer, desvendar o que esta por trás do desenho...

Bom pessoal,podemos retomar? Todo mundo leu, discutiu e interpretou?? Então vamos começar as colocações a respeito do que vocês analisaram. Vou pedir para as gurias começarem, elas trabalharam com a pagina 105 do livro e elas vão descrever para vocês o que tem no desenho e se quiserem o desenho pode passar e elas vão contar o que que tem, quais são as impressões que elas tiveram da charge que elas analisaram...

ELIANE- bom, aqui tem uma professora ensinando seus alunos, só que os alunos, não sei se dá para perceber, mas são de pré-escola, primeiro ano, segundo, não mais que isso, são crianças e o linguajar que o professor usou: "os espermatozóides produzidos pelos testículos do homem entram através do pênis na vagina da mulher onde encontram o óvulo produzido pelos ovários e o fecundam"... Aí as crianças saíram da aula pensando: humanóides por fascículos com angina para o óvulo desenfreado... este é o pensamento dele, foi o que ele entendeu que a professora falou. Aí quando ele chegou em casa, a mãe pergunta o que a professora ensinou na escola hoje? Ai ele respondeu:" Os capítulos do ombro, a bruaca provoca anginas, dos matazoos no vestibulo, fecundam o cozido com ovos". ele trocou tudo ...

MADONNA - ai a gente colocou que é uma escola com uma relação aluno e professor muito adulta, se passa numa sala de educação infantil ou primeiro ano, as crianças saíram de lá assustadas, confusas... a linguagem é inadequada, muito técnica, não apropriada para a idade das crianças... e quando chegou em casa, a criança não conseguiu explicar para a mãe o que tinha aprendido, na realidade ele não aprendeu nada...

ELIANE - Até mesmo porque este tipo de linguagem aqui, enquanto nós estávamos analisando, não é uma linguagem para criança, talvez nem para adolescentes... ele pode até não dizer nada na hora mas não vai entender absolutamente nada...

SOPHIA E PATRÍCIA - (pg 108) o nosso desenho, a nossa charge é do menino que chega para a mãe e pergunta como ela teve o maninho, e ela está com o bebê no colo... ela responde que foi no jardim e encontrei embaixo de uma Elianeira... aí o menino fez uma carinha e disse assim: - e eu, como você me teve? bom, disse a mãe, eu também fui ao jardim e te encontrei embaixo de um gerânio... aí o gurizinho olhou pra ela e perguntou: - mas mamãe, você não fez nenhum parto normal??

PATRÍCIA - isso mostra que a criança, muitas vezes está mais bem preparada do que a mãe para falar neste assunto, mais naturalmente...

SOPHIA - Aqui nesta situação mostrou uma coisa contrária, a professora do outro falou de uma forma tão científica e esta mãe fantasiou demais..

ELIANE - a mãe fantasiou demais e este filho aprendeu aonde?

PATRÍCIA - na escola, na rua ou na TV também, pode ser sido na TV

SOPHIA - a gente até colocou que a mãe não foi trabalhada nem na escola nem na família, por isso ela tem esta dificuldade de falar sobre o assunto... virou um tabu...

EDUARDO E JOANNA - (pg 107) o nosso é uma conversa entre o pai e o filho, mais necessariamente o filho indagando do pai... _Mas exatamente, como se faz um bebê? pergunta o garoto.. _Bem meu amor, o pai vai contar para você: o pênis do homem, sabe.. acontece que ele cresce e cresce e fica duro, quando está bem duro, penetra na vagina da mulher e se move para dentro, mexendo pra frente e pra trás... Aí o guri arremata: _ E a mulher então ficará anestesiada, certo?!!...

JOANNA - a criança pergunta como se faz um bebê só...

EDUARDO - nós identificamos que a pergunta da criança é uma pergunta bem simples, tem um objetivo bem simples de saber como é que se fazem os bebês, só que o olhar do adulto, o olhar do pai no caso já um olhar voltado para outra coisa, voltado para o ato sexual em si... ele responde mas não sana o questionamento do filho...

JOANNA - na verdade ele não respondeu...

MADONNA - é um pai com o filho?

JOANNA - é, pai com filho, eu estava dizendo que ele explicou de uma forma técnica...

MADONNA - sim e a criança é bem pequena...

EDUARDO - eu vi uma vez uma psicóloga falando que quando a criança é pequena faz uma pergunta é sinal que ela está preparada para receber a resposta... não adianta a gente ficar de rodeios.. é claro que a gente não vai fazer como o cara do desenho explicando o pênis fica duro e entra e sai e não sei o que.... claro que isto não tem a menor necessidade de entrar nestes termos, tu não precisa chegar a isto...

ALI - mas a maior dificuldade do adulto é entender que nível é a pergunta da criança, pra tu não dar uma resposta nem muito curta e nem muito longa..

EDUARDO - é o que caracteriza exatamente esta questão...

JOANNA - é o medo dos pais em falar sobre isso, é muito tabu em relação ao sexo...

VALQUIRIA E SIMONE - aqui no nosso, a criança faz a pergunta de como o homem faz para fecundar o óvulo... pergunta para o pai ou para uma pessoa adulta, não fica bem claro quem é o personagem... Aí a pessoa diz: eu te explico: o pênis do homem entra na vagina da mulher... e a criança responde: Que nojo!!!

SIMONE - nós estávamos falando que há uma diferença, uma distancia muito grande do mundo adulto e do mundo infantil... e não é a criança que não consegue chegar no mundo adulto, é o adulto que não consegue dar a volta...para a criança, o conhecimento exposto de uma forma muito formal, dito por um adulto, se torna algo pejorativo e sujo para ocasião... não é aquilo que ela perguntou, ela perguntou, ela fez uma determinada pergunta que o homem de maneira alguma conseguiu responder... e o sorriso de confiança do pai ao falar sobre este assunto ficou tão seco e até por falta de um melhor preparo por deixar um sentido errado e não apropriado para a ocasião, a criança precisa de uma informação dentro de um contexto de acordo com a sua idade, simples, da maneira melhor mas mais simples e não com tantos detalhes, tantas informações desnecessárias...

VALQUIRIA - E aqui na fisionomia dele mostra todo um pai sorridente, orgulhoso pelo interesse precoce da criança em saber destas coisas e feliz em responder aquilo para o filho... quando a criança diz que nojo, ele ficou triste e também percebeu que não alcançou o objetivo.

SOPHIA - posso colocar uma situação?

ALI - pode sim...

SOPHIA - agora falaram em nojo e eu me lembrei do meu guri que tem 8 anos... estes dias ele chegou e me perguntou o que era boquete...eu pensei e agora o que eu vou dizer...e o meu marido é grosso, bem machista... já disse pro guri que era a mulher chupando o pau do cara... e eu disse assim, vou te explicar direitinho: é assim, quando estão apaixonados, tanto a mulher quanto o homem podem fazer a mesma coisa, para a mulher é como se fosse um pirulito gostoso... mas e tem gosto, ele perguntou... tem o gosto que é do próprio local...e ai ele não perguntou mais...

JOANNA - te garanto que ele foi pro banheiro passar a mão e lamber...

ALICE, FRANCISCA E REBECA - (pg 103) o nosso desenho é um pai que esta conversando com a filha e a criança já esta imaginando um monte de coisas ao longo da historia: Olha o papai vai contar como nascem as crianças: _ já reparou que as abelhas vão de flor em flor? sim? bem o que elas fazem é tomar o pólen dos estames e levam para... a criança já vai ficar imaginando o que acontece, só que a criança imagina um homem e uma mulher deitados se amando.. e o pai ainda quer explicar a abelhinha... totalmente diferente do que ele tinha explicado.

SIMONE - a sessão da tarde mostra este tipo de coisa...

REBECA - E é o que a colega falou, o difícil é saber realmente o que a criança esta querendo saber, pois aqui foi utilizada uma linguagem fantasiosa e estilizada, inadequada para a maturidade que a criança já estava...

ALICE - tem que ver o que a criança já sabe... neste caso ela já sabia.

SIMONE - eu acho ate que é uma falta de observação, de interação com o próprio filho, de saber o motivo de aquilo estar interessando a ele na época, porque se tu não tem aquela percepção do teu filho, tu não sabe se ele esta um pouquinho mais avançado na adolescência dele ou um pouco mais avançado em conteúdo... e ai da estes furos grandes, sem saber direito como a criança esta, falando de abelhinha... e a criança é bem mais direta...

FRANCISCA - eu vejo que as crianças de hoje são muito diferente das de antigamente... onde este assunto de sexualidade não entrava na escola... e hoje esta tudo tão mais liberal e a criança, busca, ela quer saber...

SOPHIA - e a diferença que a gente percebe que o pai quando fala com o filho é de um jeito bem machista, agora quando é o sexo oposto o pai falando com a filha... ha uma fantasia, a mãe falando com o filho também..

ALI - muito bem, eu adorei as colocações de vocês mas agora vamos trazer para a nossa realidade, como acontece conosco, dentro da nossa casa, dentro da nossa sala de aula, se nós tivermos que enfrentar uma situação destas, uma criança chega e pergunta, o que a gente faz, como a gente responde?

VALQUIRIA - ai tem uma dificuldade porque na mesma sala de aula, a gente vai ter muitas diferenças, tem crianças que sabem mais, tem crianças que sabem menos... vai ter umas que a mãe já conversou, vai ter outras que nunca ouviram falar, que ainda não despertaram pra isso...então eu acho que passa pela questão da atenção do que eles estão querendo saber mesmo, se é um grupo e não todo mundo... porque são formas diferentes de manifestar...

SIMONE - ou então parar a aula e começar do zero com uma única linguagem para todos, de repente que cada um saiba, mas de conversar da melhor maneira possível, apropriada a situação uma aula didática sobre a situação que eles estão querendo saber mas já pedindo que todos que sabem alguma coisa ou os que sabem mais e que sabem menos esperem os que ainda não tiveram estas informações, pra ficar um pouco mais nivelado na turma..

VALQUIRIA - ou quem sabe a gente seguir questionando pra ele, o que ele entende pelo assunto, até pra ver de onde veio a duvida...

MADONNA - eu acho que uma coisa importante é comunicar os pais deste trabalho, porque eles vão chegar em casa e vão falar...

ALICE - uma coisa que é legal é levar no laboratório de anatomia humana pra ver as partes do corpo, o coração, pulmão e todo o corpo.. e depois foca no que se quer mostrar... faz todo um contexto, faz uma aula, trabalha ai depois tu leva..

VALQUIRIA - temos que ter um cuidado de não passar informações deturpadas, erradas, pela metade porque depois da margem a imaginação...

EDUARDO - o brabo é que a gente, as vezes, também não sabe um monte de coisas e ai eu penso como eu vou passar alguma coisa... tu pode achar que esta fazendo um grande beneficio e esta fazendo uma bobagem...

SIMONE - isso aconteceu comigo lá no estagio do magistério, onde tinha umas meninas virgens, outras grávidas, outras iniciando com o namorado pela primeira vez, onde a professora se viu numa situação e ter que dar uma aula de sexo pra todas, independente das que sabiam mais ou que sabiam menos...tinha gente de campanha também...que acreditavam que quando se esta menstruada não poderia se lavar os cabelos, tomavam banho de paninho.... Então a professora, naquela situação, foi obrigada a dar uma aula, na verdade foram varias aulas de sexo porque todo mundo estava querendo... e as mais velhas instigando as mais novas...

ALI - o que vocês acham, que é importante ter uma aula, ou um programa de educação para a sexualidade na escolas, com datas pré-estabelecidas, com atividades fixas ou o que vocês pensam a respeito disso.. se as atividades devem ser planejadas de acordo com a necessidade...

SIMONE - eu acho que tem que entrar no currículo, mas eu acho que não é todo mundo que esta preparado..

EDUARDO - eu acho que deveria ter lá no comecinho, mas sabe como é brasileiro, fica pra quando surgir a necessidade, ai a necessidade surge e ninguém sabe o que fazer e não trabalha aquele assunto que acaba ficando de lado...

JOANNA - eu acho que tem que ter, mas eu acho que tem que ser com alguém que entenda, que goste de fazer isso, que goste de ensinar porque é importante mas não é qualquer pessoa que pode entrar na aula e falar..

ALI - o que vocês entendem como conteúdo que deveriam ser trabalhados nestas aulas, o que deveria ser abordado?

MADONNA - a higiene, o conhecimento do corpo, prevenção as fases do masculino e feminino... as partes tanto interna quanto externa, o que sofre no desenvolvimento do corpo.

PATRÍCIA - eu acho que uma educação, desde o inicio, como matemática e português vem desde o inicio, desde a alfabetização, isto também tem que acompanhar...

SOPHIA - lá no colégio mesmo, as crianças de dois anos e as gurias me perguntam por que o fulaninho faz xixi em pé... um estava uma menina e tirou a roupinha e ficou em pé sem as calcinhas no banheiro e eu perguntei o que ela estava fazendo e ela respondeu: - vou fazer xixi como o coleguinha... Ai ela perguntou por que ele fazia e ela não.. eu falei que tinha a torneirinha que as meninas não tinham e ela me olhou e disse: meu papai é menino e ele faz sentado... ai eu expliquei que o papai faz o coco também e por isso ele senta....

SIMONE - eu já peguei dois meninos de quatro anos no banheiro se esfregando e isso são coisas que eles viram na própria casa...

PATRÍCIA - mas como abordar, levar alguém especializado pra falar no assunto?

VALQUIRIA - não, ai vai do como abordar, tu não vais num prezinho levar um ginecologista pra falar... tu vai começar exatamente porque com 4 anos eles já tem noção do corpo, da parte sexuada do corpo mas tem outros que não se dão conta...eles já se olham mas é um descobrimento sem maldade...

SOPHIA - acho que tem que ser a professora, se tu levar alguém estranho pode confundir ainda mais a cabeça da criança ao invés de esclarecer aquilo pra ela...

VALQUIRIA - mas é isso que eu quero dizer, de acordo com a idade deve haver um planejamento de quem e o que falar... pode começar pelo corpo, pela higiene, mas depois tu vai abordar o aparelho reprodutor...pra cada criança que tu tem na mão tem uma abordagem de esclarecimento mas pra isso o professor tem que estar preparado.. lá na quarta serie, tu não vai falar só da higiene tu pode aprofundar, mas pra isso tem que saber o que trabalhar...

SIMONE - SIM, vai ter um planejamento.. porque o jeito de abordar a situação varia de acordo com a s crianças que tu tens na mão. Por exemplo, na educação infantil que vem desde os quatro meses de idade eles já vão para as escolinhas, então quando começarem a se descobrir, ai entra a professora...porque estará na fase, na idade...porque a criança esta se desenvolvendo, começam a se tocar, se conhecer, porque menininho se toca, se puxa, quando ele vai no banheiro e esta fazendo xixi, ele puxa o tiquinho pra olhar...

ALI - O QUE PODERIAMOS ENSINAR PARA AS CRIANÇAS NESTAS AULAS?

REBECA - eu acho que o se conhecer, o se cuidar, que a sexualidade é uma coisa natural, que faz parte de todos nós...um esclarecimento no sentido de que

diante de tantos problemas que nós estamos tendo agora de pessoas mais velhas que se aproveitam disso e abusam das crianças, ensinar também a este tipo de cuidado para a pedofilia que pode vir mais dentro de casa do que da rua muitas vezes...são maneiras da criança aprender a se cuidar, serem mais abertas com seus pais e se defender...

SIMONE - o que acontece com uma criança que for violentada, ela se perde e fica com aquele medo, aquela repressão o medo da ameaça, de que aconteça de novo ou medo de morte, porque eles dizem eu volto e vou te matar se tu contar.. se já tiver uma prevenção, ajudar a diminuir e evitar isso ai, esses casos...

VALQUIRIA - uma das coisas que tem que se cuidar é não passar a sexualidade com este conhecimento científico como teve numa das charges, porque a sexualidade vai muito além das questões científicas, ela é corporal... trabalhar também os conceitos de valores, porque hoje esta muito forte esta questão de machucar a criança e ai ela tem que saber se cuidar, se defender...tem que sentir quando tem um problema e ela tem que ter liberdade para se abrir ate com o professor ou professora..

EDUARDO - talvez a gente possa começar a trabalhar pelas questões do afeto, do amor, da solidariedade...começar por ai já....

VALQUIRIA - porque não é só a questão sexual....

EDUARDO - a sexualidade não envolve só o ato sexual propriamente dito, é o todo, é o jeito de tu se portar, o jeito de andar de se vestir...

ALICE - as vezes na escolinha eu pegava os meus alunos do maternal e levava para o berçário para eles verem trocar fraldas, como se cuida de um bebe... e assim tu começa a trabalhar desde pequenininho...

ALI - e nós acadêmicos, o que nós teremos que aprender no curso de formação, nós que somos pedagogos, e amanhã estaremos lá dentro das escolas, fazendo um trabalho onde poderemos estar influenciando outras pessoas... o que que a nós, alunos do curso de graduação, precisaríamos aprender??

ELIANE - seria muito importante nós termos uma disciplina como este trabalho que a gente fez contigo, seria vital isso pro curso para gente discutir sobre como lidar com as crianças diante de determinadas situações...

ALICE - eu acho que além de uma disciplina, nós teríamos que ter uma pratica com as crianças para entender melhor as reações delas, saber o que elas vão perguntar sobre estas coisas, o que elas já sabem, como nós vamos nos apresentar nestas situações...

ALI - como seria esta pratica, tu chegarias lá e proporias um assunto??

ALICE - acho que teríamos um período de observação e reflexão e a professora da classe teria mais ou menos em mente quais os temas e ai eu organizaria um material aqui na universidade com a minha professora pra ir la aplicar... pra ver o que realmente acontece...

EDUARDO - Eu já acho mais, acho que nós deveríamos passar pelo mesmo processo que nós estamos propondo para as crianças porque, em virtude da nossa criação, a gente não teve esta abertura para poder conversar sobre a sexualidade... começando lá pelos mesmos processos que incluísse a afetividade, valores, esta coisa toda, passando por palestras...com pessoas que possam vir nos orientar e esclarecer nossas duvidas... porque só a partir do momento que a gente conseguir sanar as nossas duvidas, nós poderemos sim desenvolver um trabalho deste tipo.. porque a gente não teve isso...

SIMONE - sim uma metodologia onde a gente se conhecesse também, porque nós não tivemos isso...cada um de nós tem uma vivencia, tem um desenvolvimento...cada um de nós tem uma crença, tem uma educação...que nos ensinou de uma certa maneira e a gente absorveu...

ALI - o que a gente aprendeu?

PATRÍCIA - na família que sexo é pecado, que o menino pode mas a menina não, senão vai ficar falada..

SIMONE- Eu já não aprendi isso, eu não aprendi que sexo era feio, eu aprendi que a gente tinha que se cuidar...como menina a gente tem que se cuidar muito e que se um estranho chegar perto e começar a tocar no ombro da gente, não deixar ele descer a mão...

JOANNA - não pode ensinar colocando medo naquilo... que tudo é feio e é errado...

ALI - o que nós aprendemos sobre sexo na nossa criação, na nossa casa, quais são os conceito aprendidos sobre sexualidade?

PATRÍCIA - eu não aprendi nada...só depois que eu casei é que eu aprendi... porque o meu pai disse que eu tinha que casar virgem... conversar com um rapaz estranho, jamais... e qualquer coisa que eu perguntasse eles já queriam saber de onde eu estava tirando estas coisas...

ELIANE - Eu aprendi vendo, quando nós morávamos em Santa Maria, a casa era um chalé que tinha um enorme buraco na madeira, então do meu quarto e da minha irmã dava pro quarto do pai e da mãe e então a gente espiava... eles nem desconfiavam porque a gente era pequena...e na verdade eu nem sabia o que era aquilo... depois que eu fui entender...

EDUARDO - o que se ensinava é que sexo era feio e o homem, o menino tudo podia... mas a mulher nada.. tinha que casar pura e virgem...

JOANNA - faziam até um teste pra saber se as moças eram virgens...quando eu era adolescente tinha uma pessoa bem antiga, bem velha, que fez comigo... não era meu parente...sabe que depois que eu já tinha casado eu fui fazer o teste de novo porque eu achei que ele tinha me passado a conversa... porque ele dizia sempre quem era e quem não era e eu fui fazer com quem eu tinha certeza que era e de que não era e dava certo... O teste era assim, tem uma glândula no pescoço e quando deixa de ser virgem, se dilata e tu fazes o teste assim: façam que vocês vão ver que dá certo... pega um cordão e dobra ao meio, fecha no pescoço e dá um nozinho nas duas pontas, ai bota as pontas na boca com os nós na boca, se passar no pescoço é virgem, se não passar não é mais... podem fazer que da bem certinho...

PATRÍCIA- com certeza se o meu pai soubesse disso, tinha feito em mim.... heheheh...

ALI - eu queria agradecer a participação de vocês no encontro de hoje e queria fazer algumas considerações:em todas as colocações de vocês, ha não ser pela colocação da Valquiria que falou na questão dos valores, ninguém falou na questão da cultura do sexo, todo mundo falou pelo viés biológico.. é o se cuidar, a higiene, a gravidez, é o útero, a trompa, a vagina, o pênis, as doenças ... o ser gay ou ser lésbica, o tema das identidades... ninguém falou nisso... e nós também temos estas questões na nossa sala de aula, não só na sala de aula mas nos curso de formação tem que trabalhar isso porque amanhã nós vamos estar la na nossa escola e vai ter uma criança apresentando alguma característica de

homossexualidade ou então, que os pais são homossexuais, são um casal homossexual... e isso não é biologia... isso nós temos que trabalhar nos cursos de formação e nas escolas.... Então como a gente foi preparado e o pouco que a gente sabe ainda é o viés biológico estritamente... a gente não se preocupa com a questão das diversidades e que são muito mais comuns dentro da escola do que nós imaginamos... Isso nós temos que considerar, pois se nós vamos trabalhar com uma educação para a sexualidade e eu uso este termo ao invés de educação sexual ou orientação sexual é porque nós queremos educar para o exercício pleno da sexualidade e não só do sexo, independente de ser homem ou ser mulher... é sem gênero, é como tu vai ver estas questões independente do que seja...

POR HOJE MUITO OBRIGADO... ATÉ O PRÓXIMO ENCONTRO!!

ANÁLISE DAS CHARGES

PÁG 103

ALICE, REBECA E FRANCISCA

Os atores envolvidos na charge é o pai e a filha. O pai vai explicar para a filha como nascem as crianças, para isso usa uma linguagem infantilizada e fora do contexto do que a criança já sabe, ou, imagina ser, diante dos fatos da realidade escolar, muitos professores acabam tendo atitudes iguais à deste pai, transformando a realidade em fantasia e acabam esquecendo que a clientela escolar da atualidade é bem diferente das crianças de antigamente, que eram mais reservadas e preservadas de certos assuntos relacionados à sexualidade.

PÁG 105

MADONA E ELIANE

ESCOLA
ALUNOS/PROFESSOR
EDUC. INFANTIL 1º ANO
LINGUAGEM ADULTA TÉCNICA
OS ALUNOS FICARAM ASSUSTADOS, CONFUSOS
NÃO ESTÁ ADEQUADO A TECNOLOGIA USADA

O ALUNO NÃO CONSEGUIU EXPLICAR PARA A MÃE O QUE A PROFESSORA ENSINOU.

PÁG 106

SIMONE E VALQUÍRIA

Para a criança o conhecimento exposto de forma muito formal, dita por um adulto, se torna algo pejorativo e até sujo (feio).

O sorriso de confiança do adulto ao falar de modo seco e até por falta de um melhor preparo, pode deixar um sentido errado e não apropriado para a ocasião, pois, a criança necessita de informações dentro de um contexto de acordo com sua idade.

PÁG 107

JOANNA E EDUARDO

Um menino no auge de sua curiosidade normal sobre como se faz bebês, pergunta ao pai. O pai na vontade de sanar a dúvida do filho ele explica de uma maneira não muito didática, fugindo um pouco do questionamento verdadeiro do filho, pois como, criança tem um pensamento mais puro, ficando sem resposta para a sua pergunta, pois, o pai respondeu mais com um olhar para o ato sexual em si.

PÁG 108

PATRÍCIA E SOFIA

Observamos que a mãe da criança não tem nenhuma preparação para falar sobre sexualidade com seu filho. Provavelmente essa mãe não teve esclarecimento sobre o assunto “sexualidade” na família e também na escola, tornando-a incapaz de falar ou conversar com seu filho naturalmente sobre o mesmo.

Notamos que a criança possui um maior discernimento do assunto, do que a própria mãe. Com certeza essa criança é trabalhada na escola, mas, infelizmente esse assunto não é abordado no meio familiar. A mãe respondeu para o filho de forma fantasiosa, pois, sabemos que a sociedade em geral tem uma grande dificuldade de falar sobre essa temática, devido ao “TABÚ”, que até hoje prevalece em nosso cotidiano.

PERSONAGENS:

MÃE, FILHO MAIS VELHO BEBÊ

ASSUNTO: NASCIMENTO DOS BEBÊS.

Olha, o papai vai contar como nascem as crianças... Já reparou como as abelhas voam de flor em flor? Sim? Bem, o que elas fazem é tomar o pólen dos estames e levam para...



FRATO94

Mamãe,
como teve
o maninho?

Ah, eu fui ao jardim e
o encontrei embaixo
de uma linda roseira.



E eu,
como
me
teve?

Pois eu também
fui ao jardim e o
encontrei embaixo
de um gerânio.

Mas mamãe,
você não fez
nenhum parto
normal?



FRATO88

Os espermatozoides produzidos pelos testículos do homem entram através do pênis na vagina da mulher onde encontram o óvulo produzido pelos ovários e fecundam...



Humanóides por fascículos com angina para o óvulo desenfreado...



Os capítulos do ombro. A bruaca provoca anginas. Dos matazoos no vestíbulo. Fecundam o cozido com ovos.

O que a professora te ensinou hoje?



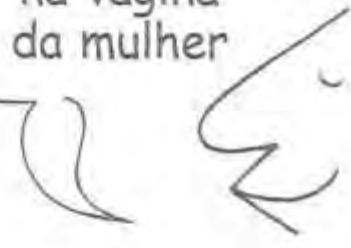
PFFF

FRATO 78

Mas, como
um homem faz
para fecundar
o óvulo?



Eu te explico,
querida:
o pênis do
homem entra
na vagina
da mulher



Que nojo!



FRATO 88

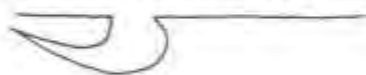
Mas,
exatamente,
como se faz
um bebê?



Bem meu amor, o papai vai
contar para você ...
O pênis do homem, sabe?
Pois acontece que ele cresce
e cresce e fica duro. E quando
está bem duro penetra na
vagina da mulher e se move
para dentro com força,
para a frente e para trás...



E a mulher, então, ficará
anestesiada, certo?



FRATO 87

SESSÃO 6 – 18/11/2009

Hoje nós chegamos a principio ao nosso ultimo encontro, claro que depois das analises feitas algum ponto pode ter ficado em aberto, mas nós teremos a possibilidade de retomar se isso for necessário. Mas a principio hoje é o nosso ultimo encontro pra gente debater o que foi este trabalho. Hoje ele tem um cunho muito mais avaliativo propriamente do que um trabalho de discussão, nós vamos discutir algumas coisas também. Mas de início eu gostaria de deixar três questionamentos para vocês:

O primeiro deles é: O que vocês já tinham pensado sobre educação para a sexualidade antes dos nossos encontros?

o segundo: O que vocês aprenderam aqui, ou seja como vocês pensam a educação para sexualidade depois destes encontros e por ultimo: A pergunta básica: A partir do que a gente discutiu o que nós podemos pensar num currículo para trabalhar a questão da educação para sexualidade?

Estes são os três questionamentos que vocês devem colocar na ficha de vocês e aí depois nós vamos fazer as colocações para o grande grupo.

Patricia - O que a gente pensava?

Ali - Sim o que vocês pensavam antes de estarem aqui..

Madonna_ Antes nós pensávamos, e o que agora a gente pensa...

Ali - Sim, naquele momento, qual era a ideia primeira que vocês tinham? O que vocês pensam agora sobre este trabalho depois que a gente fez tudo isso? e a partir disso como nós poderíamos propor um currículo ou como poderíamos pensar um currículo que trabalhasse as questões de educação para a sexualidade. Aí vocês podem citar desde os conceitos que foram discutidos e que não eram conhecidos e o que isso gerou em vocês. Que tipo de pensamento vocês tem hoje que vocês não tinham antes destas questões, destas discussões.. O que agregou em vocês?

Eliane - A gente não pensava nisso...

Madonna- Eu estou colocando exatamente isso...

Patricia - eu quero dizer que eu não pensava nisso mas eu gostei muito de discutir...

NESSE MOMENTO O GRUPO FICA ESCREVENDO NAS FICHAS SEUS APONTAMENTOS POR UM PERIODO DE 15 MINUTOS...

ALI- Vamos começar, questão numero 1: O que tu pensava antes a respeito da educação para sexualidade?

SIMONE - No meu ponto de vista era necessário um maior estudo, desde antes de eu vir pra cá, que fosse aplicado para as crianças desde que fossem pequenininhos sobre sexualidade e que a criança deveria trazer de casa os tabus daquilo que ela aprendeu dentro de casa, daquilo que é dito pelo censo comum, da religiosidade familiar e tudo mais que são passados por certas famílias...e pra que fosse feito sobre o feio, o proibido, o isso não pode... isso deveria começar antes, lá na tenra idade...

ELIANE - O que eu pensava antes? Eu pensava que era muito fácil chegar pra uma criança ou chegar para uma pessoa mais velha e falar sobre tais assuntos, muitas vezes conversava e era mal interpretada por não entender, por não

compreender até mesmo aquilo que estavam falando, então pra mim era uma coisa normal, muito normal mas tem jeito pra falar sobre sexualidade, tem maneiras, com um filho tu chegar e conversar com ele é uma coisa normal tu chegar e conversar já é diferente tu chegar e conversar com um filho de uma pessoa estranha e falar dentro de uma sala de aula, no caso, sobre sexualidade. eu pelo menos tenho aquela liberdade de chegar pro meu filho e falar, já pra outras crianças dentro de uma sala de aula é diferente porque ela pode chegar em casa e falar pra mãe, falar pro pai e aí gera uma... é como aquelas folhinhas (refere-se as figuras de FRATO) pode distorcer uma coisa sem necessidade, aí muitas vezes os pais não aceitam... Eu pensava que era fácil e não é.. Não é fácil...

MADONNA: O que eu penso, o que eu pensava... eu não pensava que isso fosse um ato tão complexo e que as respostas dadas pelos colegas iam constranger e intimidar e ia ter gente que ia ser tão contra os valores e a cultura uns dos outros... a gente percebe na hora.. Isso é o que eu via antes.

JOANNA: Eu... mesmo sabendo que sexo é uma coisa natural.. na minha cabeça eu tinha que sexualidade era o ato sexual, que era feito de uma maneira ou de outra... que a sexualidade tem uns... como é que eu vou dizer... mais liberais... pensava que a sexualidade era uma educação mais voltada para o ato sexual, mesmo sabendo que era uma maneira de ser, de demonstrar seus gostos, suas preferencias, seus conceitos da vida... Achava assim oh, que era um ato que tem diversos tipos, né... que eu sei que tem... então tem uns mais assim, uns mais glamorosos e tem outros que são mais comuns... glamorosos assim, os que tem mais charme.. A gente conversa muita coisa... tem gente que acha que.....(???)

PATRICIA - Eu vou ser bem sincera: eu pensava que sexualidade, que falar em sexualidade e falar em sexo era a mesma coisa, sinceramente eu já ligava uma coisa a outra e isso foi muito bom por que eu tive a oportunidade de ver que é bem diferente, eu não imaginava que seria tão diferente...

ALI - Tem sempre que pontuar que nós estamos trabalhando com a educação para a sexualidade... O que a gente pensava que era isso antes e o que a gente pensa que é a partir do que vimos.... Educação para sexualidade, que tipo de educação é esta?

PATRICIA - E imaginava que a educação para a sexualidade fosse do sexo pra gente saber transar, se prevenir das doenças, de uma gravidez... não é isso ou é isso também.. Eu tinha na minha cabeça e acho que a maioria tivesse aqui.

ALICE - Eu tinha uma visão mais fechada sobre determinados assuntos, algumas duvidas com relação a sexualidade e muita curiosidade para saber o que fazer em uma sala de aula, como sanar as duvidas e questionamentos dos alunos, saber se o que eles estão perguntado é realmente aquilo que eu estou pensando para responder...

EDUARDO - Sou obrigado a dizer que antes eu nunca tinha pensado nisso, neste assunto dentro da sala de aula, porque já parte do principio de que eu nunca fui informado disso dentro da sala de aula. Era uma coisa que não me ocorria... Ocorria sim ter que saber em certos momentos, como já me aconteceu, ter que falar sobre sexo, sobre alguns assuntos desta área mas não necessariamente voltado para a sexualidade que tem uma diferença bem grande entre sexo e a sexualidade que engloba um todo, engloba muito mais.. e até porque não tive esta

vivência nem como aluno nem como futuro profissional da área da educação, eu nunca tinha pensado, nunca tinha sido dirigido a pensar nesta área da sexualidade, isso não me ocorria.

SIMONE - Nós não tínhamos esta informação... No sexto ano eu era aluna de um colégio de irmãs e só tínhamos professoras mulheres e nunca foi abordado... No sexto ano nós tivemos um professor de educação física, o professor Mario e ele era nosso professor de vôlei e ele foi o primeiro a falar em relação a nossa sexualidade, nós eramos jogadoras e então ele dizia: - "Meninas, nós não temos este problema, mas vocês tem seio, vocês precisam usar soutien e tem que ser bem firme para que vocês possam jogar..." Então aquilo chocou a maioria de nós, porque nós estudávamos no colégio de irmãs e nunca nenhuma professora, nenhuma irmã tinha falado conosco deste jeito. E o nosso professor de educação física, quando nos preparamos pra receber a bola ele disse isso: -"Meninas, pra homem a gente não precisa falar porque homem não tem, mas vocês tem seios, tem que usar soutien e tem que ser bem firme pra se proteger, pra não levarem um boleio, pra que não se machuquem..." e aquilo nos deixou vexada. Nós até então não tínhamos ouvido falar e foi um professor homem que falou numa coisa proibida... nunca as irmãs tinham falado nisso, nunca!!! A única coisa que elas se preocupavam era se a altura da jardineira estava no joelho. Tinha que ter quatro centímetros acima do joelho, tu chegava e elas colocavam os quatro dedos e se estivessem mais curto tu voltava pra casa mas na aula tu não ia... isso já era uma coisa bem marcante...

CRISTIANE - Bom, o que eu pensava... Claro, antes da pesquisa, quando eu me deparei com questões de sexualidade no estagio, eu pensava que era só a questão corporal, a questão biológica... Saber que a menina tem vagina que o menino tem pênis mas não pensava na questão toda social, a questão toda cultural que envolve uma criança e que envolve uma pessoa, porque a gente não é só corpo, a gente tem corpo, tem mente... e nem sempre o que acontece na minha casa é o que acontece na casa do outro... eu pensava que era isso, que educação para a sexualidade era ensinar apenas a questão biológica, como se prevenir que tem hora, tem tempo pra tu aprender alguma coisa sobre sexo e que o corpo é inerente ao crescimento da gente... era o que eu pensava antes da pesquisa...

ALI - A partir dos nossos encontros, de tudo o que foi discutido e com certeza nós poderíamos seguir discutindo e sempre teríamos mais assuntos para abordar, o que que hoje vocês veem como educação para a sexualidade?

SIMONE- Com tudo o que foi trabalhado ficou muito mais claro a necessidade que a educação passa ao procurar proporcionar maior entendimento em vários sentidos sobre a sexualidade, sobre aulas de sexualidade e buscar mais uma competência sobre o assunto visando desenvolvimento, a informação, a pesquisa científica, sem esquecer jamais do conhecimento próprio que cada pode e necessita ter de si mesmo.

ELIANE - Eu coloquei aqui, o que que eu percebo, que eu aprendi coisas que eu nem sabia, coisas que eu desconhecia e até mesmo coisas que até hoje é um tabu na sociedade, como o homossexualismo, então hoje eu vejo que é uma coisa normal, mas pra muita gente ainda é complicado, tem a cabeça fechada, não abre, não adianta. Então eu percebi que cada um tem o seu jeito, o seu direito de

escolha, a sua opção sexual... Até mesmo aquele dia (referia-se a uma situação onde o grupo estava lamentando sobre um menino que era lindo e era gay, como um desperdício) -Ah, vocês estão há quanto tempo fazendo isso e eu disse "virou bixinha"... mas isso aí não é só aqui... isso existe muito ainda.. o mesmo que aquela que é linda, que é maravilhosa e tem uma namoradinha, vive com outra mulher. Tu vê só aquela lá linda, deixou do marido pra ficar com outra mulher... então isso é preconceito.. isso dá pra perceber, eu percebi que isso é um preconceito nosso e ainda existe isso porque as vezes a gente olha assim e já fica perguntando sobre.. pode até não comentar mas existe muito e isso eu acredito que não se deve fazer isso aí, que cada um tem o seu jeito, seu direito de escolha, tem a sua opção, não adianta...

SIMONE- Em relação a preconceito, a gente vive e é criado num meio preconceituoso. Eu não lembro sinceramente que eu fui criada num meio preconceituoso mas eu vivo na atualidade num meio preconceituoso em relação ao gênero: menina é menina e menino é menino e se te sem algum trejeito é veado, é bixinha, é boneca... isso é uma coisa que eu convivo muito e já me deparei pessoalmente com este problema porque eu tenho um menino e três meninas, mulheres já... e o meu menino por problemas pessoais dele ele tem um trejeito feminino... foi pra chamar a atenção foi em função de problemas na vidinha dele e eu sofri preconceito na família chamando ele de bixinha, porque a gente pode até pensar seu eu tivesse um filho assim eu não me incomodaria ou então me incomodaria muito com aquilo se eu tivesse, já dizendo, né... mas o homem, geralmente diz "Deus me livre"... e eu já senti isso na carne entoa eu acredito que se meu filho viesse a ser mesmo, tivesse preferencia feminina por homem, não querendo ser mais homem e querendo ser mulher, diante das coisas que eu já passei em relação a ele, vivendo tudo o que nós já passamos, eu não teria este problema.. não sei se porque eu passei o preconceito na pele.. Até hoje com 14 anos ele tem a voz fina e eu não tenho vergonha nenhuma em dizer que os avós paternos tem pavor dele em função disso e chamam de putinho até hoje, então é uma coisa que nós passamos grande, é muito triste isso, só que faz eu ver como futura profissional, educadora em relação ao preconceito que tem muito mais coisas além, é o próprio ser humano...

PATRICIA - Tem cultura também, a gente diz: eu não sou preconceituosa mas a gente ensino os meninos a falarem grosso desde pequeno...

MADONNA - Eu penso que agora, os preconceitos ainda existem, ainda de uma forma mais amena, talvez ou uma forma mascarada diante do grupo mas ainda existem.. e que deveria ser trabalhado por varias disciplinas... porque se não for trabalhado vai ser esquecido... porque quando a gente convive em casa, no lar, cada um no seu ambiente, volta todo aquele pensamento antigo de novo... foi bom pra dar uma mexida mas se não continuar, volta aquilo que era...

JOANNA- Eu mudei muito assim, o conceito de falar sobre sexo, de explicar... não do que é certo ou errada ou o que é feio... porque eu passei isso com os meus filhos, não sobre o que é feio ou errado, mas explicando assim, se vocês fizerem isso, acontece isso e isso, isso tem tempo pra fazer, se tu fizer... Com a minha filha que é a mais velha, eu e meu marido conversamos e a gente concordava...e lá pelos 9, 10 anos a gente explicava as coisas mais amenas e dos 12 em diante a gente começou a explicar com o menino e a menina o que acontecia, se fizesse,

poderia acontecer uma gravidez, uma doença....ai o que ia acontecer, a gente explicava que as amigas já tem preconceito...naquela época, porque ela já esta com 24 anos, então eu sei porque teve umas meninas da idade dela que engravidaram e os pais não deixavam mais sair com aquelas gurias... a tua vida de adolescente, já não vai poder sair da maneira que tu poderás sair, já vais ter um filho ou vai pegar uma doença, é complicado.... não dizia que não podia, que era feio... tanto é que ela tem uma cabeça muito boa pra hoje... Pra mim me abriu muito sobre o aluno, saber explicar o que o aluno quer saber realmente, não é tu chegar e explicar tudo direto... primeiro é perguntar o que tu quer saber, sobre o que tu quer saber...falar sobre sexualidade e sobre sexo e entender os comportamentos e reações, porque as vezes acontece umas coisas na volta da gente que tu não entende... então pensar a partir de...

PATRICIA - a partir dos nossos encontros me abriu um leque muito grande, me abriu bem a mente porque eu tinha muita dificuldade em falar sobre isso... sobre a sexualidade.. e a partir destes encontros, eu também aprendi a respeitar as diferenças, que cada um tem um modo de pensar e que eu tenho pela minha cultura, pela minha criação, muitos tabus ainda, mas pra mim foi de grande valia e acredito que eu não vou esquecer, eu vou procurar estudar mais, pra melhorar mais ainda... pra eu poder me abrir mesmo, realmente... è muito difícil, mas é bom.. eu adorei este assunto, eu adoro estes desafios, tanto que a minha monografia vai ser sobre isso... porque é bem complicado tu pegar um aluno e tu não esta preparada pra aquilo ali e fazer com que o aluno tenha a tua ideia, porque a gente vê muito isso e esclarecer as coisa sem tu impor e isso é muito difícil.. mas estes encontros pra mim foram maravilhosos e eu hoje eu tenho outra cabeça...

ALICE - ao longo destes encontros debatemos muito, procuramos esclarecer duvidas e confronta-las com a realidade, realidade esta que muitas vezes não somos preparados, principalmente nos cursos de formação e no curso de pedagogia para lidar em sala de aula. Creio que hoje, após tudo o que foi trabalhado, começo a ver o mundo com outros olhos e ter conceitos bem diferentes. Penso que não existe diferença entre as pessoas e sim pensamentos diferentes...

ALI - eu me sinto feliz porque alguma coisa mexeu com o que vocês pensavam...

ALICE - muito... principalmente a questão da adoção entre dois sexos iguais... muito, muito, muito...

ALI - eu e a Alice tivemos uma experiência onde nós conseguimos conversar com a professora que tem este caso de adoção aqui em Bagé e por uma questão ética, já que ela pediu isso, nós não trouxemos pro grupo o depoimento dela, mas eu lamento que isso ficou só entre eu e a Alice em função da riqueza do depoimento, da emoção no diálogo... vocês não tem ideia do que foi.. e a Alice teve o privilégio de presenciar isso...

ALICE- mais eu penso que não existe diferença entre as pessoas mas existem pensamentos diferentes... a gente tem preconceitos e ai quando tu conhece a realidade das pessoas, tu o que elas são capazes, tudo o que elas conseguiram, tudo o que elas passaram pra chegar onde chegaram a gente conclui que a opção sexual das pessoas não nos diz respeito, não interfere em nada daquilo que elas

são... Eu convivia com determinadas pessoas que eu não imaginava o que eram e que tinham uma vida bem bonita por traz...

PATRICIA - o caráter não tem nada a ver se tu é machão ou se tu é gay... quando fala em gay, e isso é uma coisa cultural mesmo, se pensa assim, que gay só quer festa e bebedeira e que eles não querem nada com nada, então a gente tem este pensamento, é claro que não é assim...

EDUARDO - eu coloquei que nossos encontros mudou meu olhar, mudou o meu enfoque, mudou meu olhar totalmente e algumas coisas ficaram simples pra mim...que eu pra falar em educação para sexualidade, mudou meu pensar porque eu notei que podia aprender que não era só aquele negocio de tu falar sobre sexo e prevenção, que não era só isso... que tem muito mais e que por trás disso tudo eu constatei que vou ter que me informar muito mais, como eu não fui instruído eu pude notar que também sei muito pouco e que o professor pra trabalhar ele tem que ter principalmente um olhar sem preconceito, tem que mudar a visão dele pra ele ser diferente, trabalhar com estes assuntos e fazer um trabalho que seja eficiente e que seja bom.. um trabalho bem feito, de qualidade, sem este olhar preconceituoso... senão tu vai estar carregando isso, porque tudo o que tu faz, tu carrega as tuas intenções, tudo aquilo que tu acha certo ou errado... e se eu for la tratar deste assunto com um olhar preconceituoso é claro que eu também vou estar direcionando o assunto... isso pra mim ficou bem evidente que eu tenho que me informar mais e não ter o olhar preconceituoso sobre estas questões.

MADONNA - não se trata apenas de conhecimento corporal, mas sim da formação social do nosso aluno... e que as opções sexuais das pessoas não interferem em suas ações.. isso é uma questão cultural, não é o corpo e sim as pessoas com os seus valores...

ALI - Bom, a nossa ultima questão de hoje é uma questão que nós já temos discutido muito mas ele esteve presente durante todos os encontros ate porque ela é o foco da pesquisa.. então a partir de tudo isso, como trabalhar, como propor, o que propor de se trabalhar para que realmente a gente tenha uma educação para a sexualidade? que critérios a gente tem, como poderiam ser os currículos, como poderiam ser as aulas... se deveriam ser atividade pontuais, isoladas ou continuas, sistemáticas...

PATRICIA - Eu acho que deveriam ser trabalhadas desde cedo... desde as séries iniciais e todas as matérias deveriam abordar... não só como se trabalha hoje, pela biologia ou pela ciências que trabalham esta parte assim mais voltada pra isso...e acima de tudo tinha que ter profissionais, uma formação para trabalhar com a sexualidade porque eu acho que a gente não tem, a gente vê muito pouco...nem tem eu acho..

SIMONE - poderiam ser mais trabalhados estes assuntos, deveriam ser criados mais fóruns na universidade, independente dos cursos no quais os alunos estivessem matriculados.. porque o que se trabalha é o ser humano e isso perpassa todas as áreas de formação...independente do curso que fosse dado, teria que ter uma disciplina para sexualidade, porque todos trabalham, seja o advogado, seja o nutricionista, seja um biólogo..seja o que for, trabalha com ser humano também.. então a gente tem que ter esta clareza, tem que ter esta vivencia pra poder trabalhar posteriormente com tudo isso... poderiam ser inseridos no currículo uma disciplina exclusiva para educação na formação em

educação para a sexualidade, que todos os professores fossem bem mais trabalhados, principalmente em pedagogia a ponto de incluírem durante os 4 anos um melhor modo de trabalhar este assunto com os nossos alunos... Porque a gente nota que o professor que nós tivemos, não sabe trabalhar com este assunto, quando se toca num assunto, qualquer um, por menor que seja.. tem uma barreira, tem um lugar fechado e não é trabalhado.. porque eles também não foram trabalhados, não houve formação.. e ele não esta livre dos seus preconceitos... independente do que tenha acontecido na sua vida, ele tem que ser bem resolvido, bem desenvolvido, bem trabalhado pra poder trabalhar o novo com os novos...

ELIANE - eu creio que deve começar primeiro na universidade, com um professor especializado passando pros novos como a Simone disse...primeiramente tem que começar é aqui... como é que tu vai chegar e passar numa escola se tu não tens nem noção do que esta acontecendo...eu acho que a partir de nós, nós podemos pensar numa escola novo, mas atrás de nós tem muita gente que também precisa aprender... de repente fazer um trabalho voluntario de formação, quem sabe ir nas escolas e fazer.. um projeto.... mas é preciso querer..

JOANNA - tem a questão da religião mesmo.. tem coisas que não tem explicação... eu perguntei já pra um padre, pra um pastor e ninguém sabe me responder, ninguém me responde... esta historia que Deus criou o mundo e criou Adão e Eva que tiveram dois filhos, Caim e Abel... Caim matou Abel e ficaram só os três, como o mundo evoluiu, como se procriou? Caim andou com a mãe dele?

ELIANE - não, Adão e Eva tiveram outros filhos...

JOANNA - então procriaram entre irmãos? e ai o incesto não era pecado? mas a igreja diz que é pecado!!! o padre me respondeu que isso não é pergunta que se faça... o evangélico me disse que eles tiveram muitas filhas e filhos mas que não dava pra escrever o nome de todos na bíblia... se não era pecado por que agora é?

SIMONE - não, o incesto é uma coisa cultural, foi depois de Roma que veio isso...depois do cristianismo...

MADONNA - a partir disso eu penso que a educação para a sexualidade deveria ser ministrada por profissionais especializados.. não podia ser por qualquer um... acho que tem que ter uma especialização...porque é uma disciplina com assunto bem complexo...

PATRICIA - Acho que esta disciplina tinha que estar no primeiro semestre... ai as pessoas se davam conta que também tem que saber sobre isso... porque o professor pra entrar na sala de aula tem que saber que vai se deparar com estas situações...sem preconceito nenhum...

MADONNA - eu acho complicado por exemplo, no currículo, o professor tem que dar todas as matérias mais a sexualidade, fica complicado.. isso passa pela formação do professor.. eu tenho medo que ao invés de melhorar isso piore ainda mais..

JOANNA- Eu coloquei que, inicialmente quero dizer que o professor deve estar preparado para desenvolver este tipo de assunto, alguém que leve ate aos alunos de uma maneira natural sem tabus e sem preconceito, depois deve se partir do principio de que os alunos não tem nenhuma maldade com o assunto e explanar o que realmente os alunos estão preparados para ouvir... tens que saber o que eles

querem saber, o que eles já sabem e explicar de uma maneira que eles entendam, bem simples.. o que realmente eles querem saber.. porque as vezes eles fazem uma pergunta e não é tudo aquilo que tu pensa, é uma coisa simples..e este é o problema que tem nas escolas, que os professores não sabem o que vão dizer..ai não explicam nada...

ALICE - Os cursos de formação para professores devem rever seus currículos e conceitos e evoluir pois a realidade escolar é bem moderna e necessita que seus educadores estejam preparados para lidar com todos os tipos de assunto ou problemas..

EDUARDO - eu coloquei mas na verdade, sou obrigado a confessar que eu tinha que parar mais tempo, varias vezes pra pensar no assunto antes de propor um currículo. Eu acho a principio que deve se começar lá pela base, deve se começar com os pequenos, lógico que com os pequenos eu não vou começar falando em sexo mas vou começar falando sobre amor, sobre companheirismo, sobre valores que estão também envolvidas na sexualidade, fazem parte, que se pode trabalhar muito bem e que a partir desta idade, partiríamos desde a biologia até mostrarmos o restante todo, tentando mudar a visão das pessoas, quebrando os tabus, mostrar que a cultura tem uma grande influencia, que ela arraigada e carregada de pré-conceitos e que isso influencia a visão a nossa visão sobre sexualidade...

PATRICIA - é aquilo que eu falei, eu acho que no primeiro semestre de pedagogia, tem que ter uma disciplina de educação para a sexualidade porque dai a gente vai sair melhor preparado, porque tu já vai fazer toda a faculdade sabendo que tu vai trabalhar com isso e quando tu sair da faculdade tu sabe que tu vai formar opinião... sabe que o professor é espelho pro aluno e isso influencia, se eu mostrar os meus preconceitos, eles serão preconceituosos... é importante que tenha nos cursos de professores desde o primeiro semestre, não só no de pedagogia, mas no de matemática, de letras... nos outros também... Tem que ter um currículo dinâmico, que aborde a questão cultural, e nas escolas tem que trabalhar com dinâmicas, com brincadeiras...

ALI - pessoal, muitíssimo obrigado pela colaboração e pela presença de vocês, do fundo do meu coração eu gostaria de agradecer as pessoas que vieram, que participaram, nem todo mundo pode vir a todos os encontros e agente sabe que é assim mesmo.. mas eu queria agradecer a Cristiane por ter me acompanhado nos encontros e por ter auxiliado na sessões...e queria agradecer e dizer que vocês não tem ideia do quanto vocês contribuíram pro meu curso, pra minha formação e pra minha tese e assim qual é o meu objetivo com tudo isso, que a gente possa realmente contribuir com alguma coisa na nossa área da educação e propor um currículo realmente novo...Obrigado mais uma vez!!!!

TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL PRODUZIDO

PERGUNTAS

- 1- O QUE PENSÁVAMOS ANTES DOS NOSSOS ENCONTROS SOBRE EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE?**
- 2- O QUE PENSAMOS AGORA?**
- 3- A PARTIR DISSO COMO PODERÍAMOS PROPOR UM CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE?**

JOANNA

- 1- Eu pensava que era uma educação voltada para o ato sexual, mesmo sabendo que sexualidade é a maneira de ser e demonstrar seus conceitos, gostos e preferências.
- 2- Agora depois dos nossos encontros muita coisa se abriu e hoje eu vejo e entendo muitas reações, comportamentos e gosto que as pessoas (jovens, crianças e adultos), demonstravam e eu não sabia explicar.
- 3- Primeiramente deve-se ter professores preparados para desenvolver esse tipo de assunto, alguém que leve até os alunos de uma maneira natural, sem tabus ou preconceitos. Depois se deve partir do princípio de que os alunos não tem nenhuma maldade com o assunto e explanar o que realmente eles estão preparados para ouvir.

EDUARDO

- 1- Sou obrigado a falar, que antes dos nossos encontros eu nunca tinha parado para pensar no assunto. Era um assunto que não fazia parte da minha vivência, muito menos dos meus trabalhos como professor, Um assunto negligenciado por desconhecimento da minha parte, pois em momento algum na minha vivência como aluno ou profissional, me foi passado algum tipo de ensinamento a respeito do assunto, há não ser só no aspecto preventivo mais focado para a área da saúde.
- 2- Após todos os nossos encontros, meu olhar se modificou totalmente, agora eu sei que para começar eu tenho que me informar mais sobre o assunto, que a educação para a sexualidade não é só falar sobre o ato sexual. Que tem muitas outras coisas que tem que serem abordadas junto ou até mesmo antes de podermos abordar o assunto sexo. Que nós professores temos que ter muito tato a um olhar sem preconceito, para partirmos para o trabalho.
- 3- Creio que para montarmos um currículo sobre o assunto, devemos começar da base, partindo da área biológica, a parte da fecundação até a tentativa da criação de uma nova visão em nossos alunos. Trabalhar conteúdos que explorem assuntos relacionados com a sexualidade, a quebra dos velhos Tabus, expondo os assuntos de maneira clara e o mais desmistificadora

possível. Mostrar que em primeiro lugar todas as pessoas têm o direito de fazerem suas escolhas. Mostrar que nossa cultura está arraigada e carregada de “pré-conceitos” e que ainda influencia e muito em nossas vidas.

MADONNA

- 1- O que pensei de uma educação para sexualidade é que os professores ou aqueles que vão interagir com os alunos de uma escola devem estar preparados para lidar com questionamentos vindo desses alunos e que educar para a sexualidade significa ajudar o aluno a compreender sua formação de corpo, deixando de lado “preconceitos” e “tabus” que cercam este tema.
 - 2- A partir de agora penso que educar para a sexualidade significa muito para o desenvolvimento de nosso aluno, pois, não se trata de apenas conhecimento corporal, prevenção de doenças ou uma gravidez indesejada, mas, sim a formação social de nosso aluno, a compreensão de diferenças existentes entre os seres humanos e que opções sexuais das pessoas não interferem nas suas ações como “humanos”.
 - 3- Um currículo dinâmico que abordasse assuntos e temas não só como sexualidade, mas diferenças de gêneros, as culturas existentes e o que aborda cada uma dessas culturas, isso no caso da formação de professores.
Nas escolas seria proveitoso um currículo em que as questões de gênero e de sexualidade fosse abordada de uma forma sucinta e de fácil entendimento aos alunos, mas, para a inserção desse assunto é necessário que os professores estejam preparados e livre de tabus que o bloqueiam de falar sobre o assunto.
-

PATRÍCIA

- 1- Bom! Eu pensava que sexualidade era o ato sexual propriamente dito, que era falar de sexo eu não entendia bem o assunto.
- 2- Agora eu tenho uma outra visão, graças a oficina,, os encontros proporcionados, aprendi muito, aprendi que a sexualidade é tudo na vida da gente, e que a sexualidade começa desde o nosso nascimento, quando somos acariciados e afeitos por nossa mãe.

- 3- Com certeza tem que ter um currículo de educação sexual, desde o começo da nossa vida escolar ou educação sexual, tem que ter em todas as matérias curriculares, mas, para isso tem que ter a preparação dos professores para esse entendimento.
-

ALICE

- 1- Tinha uma visão mais fechada sobre determinados assuntos, algumas dúvidas com relação a sexualidade e muita curiosidade para saber o que fazer em uma sala de aula, e como sanar as dúvidas e questionamentos dos alunos “saber se o que foi perguntado é realmente aquilo que estou pensando para responder”.

- 2- O que pensamos agora;;;

Ao longo desses encontros, debatemos muito, podem-se esclarecer dúvidas e anseios confrontados com a realidade, realidade esta que muitas vezes não somos preparados no curso de Pedagogia para lidar em sala de aula.

Creio que hoje, após tudo que foi trabalhado, começo ver o mundo com outros olhos e ter conceitos bem diferentes. Penso que não existe diferença entre as pessoas e sim pensamentos diferentes.

- 3- Como poderíamos propor um currículo para a sexualidade...

Os cursos de formação para professores devem rever seus currículos e conceitos e evoluir, pois, a realidade escolar é bem moderna e necessita que seus educadores sejam preparados para lidar com todos os tipos de assuntos ou problemas.

ELIANE

- 1- Eu pensava que era muito fácil explicar os assuntos sobre a sexualidade para crianças e que era uma coisa muito normal.

- 2- A partir dos nossos encontros, hoje percebo que é um pouco complicado falar sobre sexualidade, principalmente dentro de uma sala de aula, os professores devem ter uma orientação, ou preparação sobre o assunto em questão, e também penso que cada um tem sua própria escolha, ou seja, opção sexual.
 - 3- Primeiramente o currículo sobre sexualidade deveria começar nas agências de formação (universidades) com um professor especializado no assunto.
-

SIMONE

- 1- No meu ponto de vista sempre pensei que seria necessário um maior estudo para ser aplicado com crianças desde a tenra idade, sobre sexualidade.
Que a criança deveria se desfazer dos tabus, dos ensinamentos de senso comum, religiosidade familiar e tudo mais, para que fosse desfeito o sentido de “feio”, “proibido”, “isso não pode”.
 - 2- Com todas as oficinas trabalhadas, ficou muito mais claro a necessidade que a educação passa ao procurar maior entendimento em vários sentidos sobre a sexualidade, sobre aulas de sexualidade e buscar mais uma competência sobre o assunto, visando o desenvolvimento, a informação, a pesquisa científica, sem esquecer jamais do conhecimento próprio que cada um pode e necessita ter sobre si mesmo.
 - 3- Poderiam ser trabalhados, criados, mais fóruns sobre sexualidade na Universidade, independente dos cursos nos quais os alunos estivessem matriculados. Poderiam ser inseridos no currículo uma ou mais disciplinas inclusive educação para a sexualidade.
Que todos os professores fossem bem mais trabalhados principalmente em Pedagogia a ponto de instruírem durante os 4 anos, o melhor modo para se trabalhar esse assunto com nossos alunos.
-

MADONA

- 1-** Não pensava que este assunto fosse tão complexo. Notei que várias vezes, as respostas dadas por algum colega constrangia, intimidava ou ia totalmente contra as suas crenças, valores e cultura.
 - 2-** Percebo que preconceitos existem e devem ser trabalhados em uma disciplina específica.
 - 3-** Creio que educação para sexualidade, deveria constar no currículo, desde a educação infantil. Por meio de um professor especializado no assunto.
-